

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

**Escalada Tradicional e Imaginário:
Devaneios da Experiência**

Eric Sioji Ito

São Paulo
2020

ERIC SIOJI ITO

**Escalada Tradicional e o Imaginário:
Devaneios da Experiência**

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração:
Estudos Socioculturais e
Comportamentais do Movimento
Humano

Orientadora:
Prof^a Dr^a Ana Cristina Zimmermann

São Paulo
2020

Catálogo da Publicação
Serviço de Biblioteca
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Ito, Eric Sioji

Escalada tradicional e o imaginário: devaneios da experiência /
Eric Sioji Ito. -- São Paulo : [s.n.], 2020.
191p.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e Esporte
da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profª. Dra. Ana Cristina Zimmermann

1. Escalada 2. Fenomenologia 3. Corpo 4. Imaginário I. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Autor: Ito, Eric Sioji

Título: Escalada Tradicional e Imaginário: devaneios da experiência

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Data: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

*Dedico este trabalho à memória de Gustavo Ferreira,
Aquele me instigou a refletir.*

AGRADECIMENTOS

À CAPES, que por meio do programa de bolsas possibilitou as diversas horas de dedicação exclusiva, sem as quais este estudo não seria possível.

À minha orientadora Ana Zimmermann, que me guiou neste labiríntico caminho do mestrado.

Aos professores Marcos Ferreira Santos, Soraia Chung Saura e Alcyane Marinho, pelas diversas orientações durante toda minha trajetória.

Aos meus pais, Jorge e Virginia, pelo apoio incondicional.

Ao meu irmão Lincoln Ito, pelo suporte sempre concedido.

À Lucia Tateishi Destro, companheira de todos os momentos.

Ao grupo de estudos PULA pelo companheirismo e amizade.

Ao Rafael Campos Veloso, amigo e parceiro de agonias acadêmicas.

A todos os meus alunos, que me ensinam diariamente.

À Tatiana Souza Cândido Oliveira, terapeuta junguiana, que me ajuda a percorrer os tortuosos caminhos da vida.

À todas as amigas e amigos escaladores, em especial ao parceiro Paulo Koji Hino, que me acompanhou na pesquisa de campo e se tornou parte fundamental deste trabalho.

Aos meus mestres de montanha e parceiros de escalada: Alberto Vasquez Mayoral, Richard Bierbauer, Ian Muñoz, Marcos Bernardes e Carlito Perez.

Aos amigos Max Ave Penas e Adrian Gonzalez pela calorosa hospedagem em San Carlos de Bariloche.

À todas e todos que gentilmente me concederam as entrevistas que compõem este trabalho, e que com o tempo vieram a se tornar bons amigos.

RESUMO

ITO, E. S. *Escalada tradicional e o imaginário: devaneios da experiência*. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo. 2020.

Ao partir para as montanhas, o escalador é provocado pelo ambiente e num movimento intrinsecamente humano, lhe atribui significado simbólico. Esse simbolismo se relaciona diretamente com as imagens constituintes em seu imaginário. Esta pesquisa, de viés fenomenológico, tenta responder a seguinte questão: Quais imagens presentes na experiência do escalador, de escalada tradicional, o inspiram na relação com o mundo? Para isso nos debruçamos primordialmente sobre o referencial teórico dos estudos do imaginário de Gaston Bachelard e Gilbert Durand. Estruturamos nossa pesquisa no estilo mito-hermenêutico da jornada interpretativa. Percorremos um trajeto metodológico que contou com uma pesquisa exploratória a partir de relatos de escaladores; e estudo de campo em pontos de alta frequência de escaladores de múltiplas nacionalidades, iniciantes e experientes, sendo eles: Frey, na Argentina, e Cochamó, no Chile. A pesquisa de campo foi realizada por um participante-observador, o que propiciou ao pesquisador uma intensa vivência, tanto na base das montanhas, quanto nos próprios paredões rochosos. As observações foram registradas em diário de campo e por meio de recursos fotográficos. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 14 participantes de 6 diferentes nacionalidades, entre homens e mulheres, de diversos níveis de experiência em escalada. A análise destes dados permitiu apurar que algumas das imagens vividas nas encostas rochosas se enredam em um pulsar dinâmico entre sístoles, imagens tensionadoras, diástoles imagens acolhedoras. Tais imagens, a depender da corporeidade do escalador, se ligam à potência da montanha sagrada dos mitos ancestrais, espaço com o acesso difícil, porém protegido e resguardado das agonias de sua temporalidade. As imagens da mestra, do ninho, e da imensidão labiríntica são recorrências simbólicas que foram evidenciadas nesse processo e que nos auxiliam na compreensão do mesmo. Estes são os principais elementos que constituem esta pesquisa, elaborada por densas descrições e reflexões a respeito do fenômeno da escalada tradicional que apaixona tantos escaladores por diversas eras na história da humanidade.

Palavras-Chave: *Escalada em rocha; Imaginário; Fenomenologia; Hermenêutica; Experiência.*

ABSTRACT

ITO, E. S. *Traditional climbing and imaginary: daydreams of experience*. 2020. Dissertation (Master of Science) – School of Physical Education and Sport, University of São Paulo. 2020.

When one leaves for the mountains, the climber is provoked by the environment and in an intrinsically human movement, attributes symbolic meaning to what unfolds before him. This symbolism is directly related to the images that make up his imaginary. This research, with a phenomenological bias, tries to answer the following question: Which are the images in the climber's experience, one of traditional climbing, inspire him in his relationship with the world? In order to do this, we focused primarily on the theoretical framework of the studies of the imaginary by Gaston Bachelard and Gilbert Durand. We structured our research in the myth-hermeneutic style of the interpretive journey. We also followed a methodological path that included exploratory research based on reports of climbers, and field study at high frequency points for climbers of multiple nationalities, beginners and experienced, namely: Frey, in Argentina, and Cochamó, in Chile. The field research was carried out by a participant-observer, which provided the researcher with an intense experience, both at the base of the mountains and up the rocky walls themselves. The observations were recorded in a field diary and also made use of photographic resources. Semi-structured interviews were carried out with 14 participants of 6 different nationalities, between men and women from different levels of climbing experience. The analysis of the data allowed us to ascertain that some of the images lived on the rocky cliffs are entangled in a dynamic pulse between systoles, tensioning images, and diastolic, welcoming images. Such images, depending on the climber's corporeality, are linked to the power of the sacred mountain of ancestral myths, a space with difficult access but protected and guarded away from the agonies of its temporality. The images of the master, the nest and the labyrinthine immensity are symbolic recurrences that were evidenced in this process and that helped us in its understanding. These are the main elements that make up this research, elaborated by dense descriptions and reflections about a phenomenon of traditional climbing that has fascinated many climbers from different ages in the history of mankind.

Keywords: *Rock-Climbing; Imaginary; Phenomenology; Hermeneutic; Experience.*

SUMÁRIO

PARTE I - Os Contornos	10
MEMORIAL	11
INTRODUÇÃO	20
TRAJETOS METODOLÓGICOS	24
APRENDENDO A SE ENCORDAR:	40
Os nós teóricos: o imaginário e o desejo	41
O marco axial da escalada: ampliando horizontes	43
A montanha sagrada	54
A multiplicidade do cenário atual	62
A infância e a montanha: onde em nós mora a montanha?	71
O chamado da escalada: a tensão do ninho	79
PARTE II - A Experiência	82
Prólogo: o encantamento, o mestre e a montanha.	85
A sedução	87
Cultura da escalada: o conhecido dentro do desconhecido	93
Os portais	101
O ritmo das imagens	108
Os deuses do tempo	114
As Estórias no pé da montanha	120
Encordamento: a parceria na escalada	126
O momento ascensional: o pulsar da sístole-diástole	135
Devaneios sobre o silêncio: vislumbres a-pronominais	152
Da imensidão da montanha à imensidão íntima:	
os caminhos labirínticos e o complexo de jonas	159
O corpo íntimo: do caos ao cosmos	169
Epílogo: amor, a-mors, não morte	180
CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
REFERÊNCIAS	185



PARTE I
Os Contornos

MEMORIAL

OS MOVIMENTOS CONSTITUINTES

Para mim, o ato de escrever é fazer ressoar as vibrações internas. O ato de pesquisar é a necessidade de novas vibrações para si. A vivência no mundo ressoa em nós, e dessas ressonâncias ou por vezes dissonâncias, nos criamos. Pesquiso porque algo me falta. Escrevo para compartilhar o que aprendi. Uma pesquisa é sempre fruto de ressonâncias e dissonâncias do ser que a realiza, e tais ressonâncias sempre deixarão marcas, vieses e subjetividades. Esta não é diferente. É uma pesquisa marcada e imersa da subjetividade daquele que a escreve. E se estou a tentar compreender sentidos e significados dos escaladores, antes de mais nada gostaria de apresentar meus próprios sentidos e significados. Meus vieses. Minha subjetividade. Para que assim o leitor possa compreender melhor a perspectiva pela qual inicio esta pesquisa.

Para isso, opto por dividi-lo em quatro pequenos movimentos, a saber: a primeira sensibilidade; a construção da razão; a volta ao sensível e a primeira maturidade do encontro. Escolho a nomenclatura “movimentos” pela própria natureza dessas memórias. Ao tentar alcançar uma agarra, o escalador move braços, pernas e tronco. Mas apesar de se poder falar do movimento do braço separadamente do das pernas, ele não acontece se não for em um gesto único. Tampouco ele ocorre se os segmentos corporais obedecerem a uma ordem cronológica: primeiro se move as pernas, depois os braços e assim consecutivamente. Do mesmo modo esse texto, ainda que organizado em partes é como o movimento corporal: só adquire sentido quando considerado integralmente. Apesar de terem uma certa cronologia, os acontecimentos dos diferentes movimentos, por vezes, ocorrem de forma simultânea e se permeiam, sem podermos discernir o fim de um e começo de outro.

O primeiro movimento ao qual nomeio “a primeira sensibilidade” diz respeito a memórias em *flashes* de pequenos devaneios da infância. Momentos que me recordo ou que me foram recordados por meio de objetos ou cenas posteriores, mas que considero constitutivos e que me acompanham ao longo de minha história. Lembro-me especialmente de uma jabuticabeira no quintal da casa de meus pais, a qual ia sempre para me esconder do mundo. Subia de diversas formas, e em sua copa ficava por longos períodos. Lá me esquecia de tudo e entrava em um universo de devaneios do qual só saía quando o chamado de minha mãe vinha ao longe. Lembro-me também de uma cena específica, tinha cerca de 6 ou 7 anos, estava subindo um barranco íngreme de terra no qual procurava frestas na terra socada para encaixar minhas mãos. Não lembro do final destas escaladas, se conseguia atingir o topo ou se caía, mas a cena desse jogo entre o equilíbrio de pés e mãos procurando possibilidades junto a um barranco íngreme de terra com certeza me marcará.

Outra memória marcante é uma cena mais recente, já perto da vida adulta. Ao subir na laje embaixo do telhado da casa dos meus pais, que é acessado por uma abertura no teto do quarto principal, tive uma surpresa: encontrei diversos brinquedos infantis, velas, lápis de colorir. Lembrei-me que este era na minha infância meu local tranquilo na casa de meus pais. O acesso não era fácil para o meu tamanho na época, era necessária uma escada e ainda uma breve escalada para subir. De lá do alto, só com a tampa do buraco aberto, construía meus mundos, por vezes acendia uma vela com medo da escuridão e ficava lá, abrigado do mundo. Essas imagens da altura, da solidão, do desafio, pincelam minhas mais longínquas memórias.

O segundo movimento, a construção da razão, diz respeito a uma fase de certa negação de uma sensibilidade, em que ainda pequeno me afundei em uma estrutura lógica utilitarista. Lembro-me de um livro, Marcelo Marmelo Martelo, da escritora Ruth Rocha (1976). Era essencialmente a história de um menino questionador do mundo que queria saber a razão de tudo. Por que a cadeira chama cadeira, por que a colher chama colher? Mas de uma curiosidade sobre o mundo passei a uma visão utilitarista de mundo. Lembro-me de questionar minha mãe sobre as roupas que eu usava. Por que tenho que usar isso? “Porque fica bonito”, dizia ela. Mas para que ficar bonito se é desconfortável? Para que serve o belo? O mundo deveria ser útil, e o que não entrava nesta racionalidade lógica de pensamento, menosprezava a existência.

Com essa forma de ver o mundo adentrei ao universo da computação. À lógica de programação. Por um momento da minha vida me dediquei ao que estava ao alcance desse pensamento puramente utilitário. E em seu auge, ingressei no curso técnico de informática do Instituto Federal de São Paulo. Porém durante o ensino médio, fui estudar em uma escola no centro de São Paulo onde tive contato com diversas realidades e pensamentos. Desse contato com um novo mundo, minha estrutura de pensamento foi provocada. A lógica do mundo passou a não fazer sentido, e de uma razão utilitarista fui aos pensamentos de uma crítica social. Durante o segundo ano de colegial, uma cena me marca e me define. Boa parte dos meus professores que incentivavam o pensamento crítico social foram demitidos da escola com base em um argumento utilitarista: a escola deveria suprir uma ideia de demanda de mercado, ou seja, oferecer o que o sistema econômico necessitasse, e com isso pudesse gerar lucro. Com esse objetivo, a instituição passou por uma reestruturação de seu corpo diretivo e pedagógico. Em meio aos conturbados pensamentos sociais que me afligiam na época, eu e alguns colegas paralisamos as aulas questionando se esse deveria ser o objetivo de uma escola. Em meio a brigas e discussões, fui convidado a me retirar da escola. Porém, com uma boa dose de inocência juvenil, permaneci e um ano depois conseguimos que a diretora proponente dessa nova proposta “educacional” fosse retirada da escola. Desses diferentes encontros e provocações, em 2009 entro na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP), para tentar entender o que afinal era essa tal de educação que eu tanto questionava.

O terceiro movimento, sobre o qual irei me alongar mais, é o que chamarei de uma volta à sensibilidade. Volta no sentido de voltar a valorizar uma certa construção de sensibilidade. Depois de passar por um curso técnico em informática, de um momento de negação ao sensível, em que tudo que acreditava era o que perpassava uma racionalidade instrumental e utilitarista, surgiu uma falta. Talvez não uma falta única, mas uma enxurrada vinda de um mundo desconhecido e que não fazia sentido, mas que me brilhava aos olhos, pois tocava em um lugar em que essa racionalidade não alcançava. Nessa enxurrada participei de bandas juvenis, montagem de peças teatrais, passava as tardes embaixo da lona do circo. Depois me dediquei inteiramente a capoeira e a ginástica olímpica. Fiz viagens de bicicleta e longas travessias a pé, até que por fim conheci a escalada. Eram momentos intensos que me apresentavam uma outra perspectiva do mundo, na qual me sentia realizado.

A escalada foi um desses ingênuos encontros que tive na vida. Nessa ânsia de conhecer um mundo que havia abdicado por um tempo, procurava algumas atividades que me chamassem a atenção. Por algum motivo, ao saber da existência de um ginásio de escalada, tive de encontrar meios de conhecê-lo. Lembro-me de ir ao local sem intenção de permanência, já que era demasiado caro para minhas condições financeiras da época. Porém algo me atraía aquela atividade, uma mistura de medos e dificuldades, mas com novos aprendizados e uma nova forma de me relacionar com o mundo. Saía do ginásio e via o mundo como diversas opções a serem escaladas: portões, muros, grades; uma vontade de subir me tomava por completo. O que era para ser um mês de experimentação, viraram dois, três, e hoje me encontro como professor de escalada neste mesmo ginásio. Talvez se a minha visão de escalada se limitasse ao ginásio, uma hora teria parado, desanimado. Mas em determinado momento tive a oportunidade de conhecer a rocha, a escalada em ambiente natural. Foi um encontro forte. Lembro-me de estranhar a textura da rocha, lisa escorregadia, lembro da temperatura da rocha que ao mesmo tempo era quente pelo sol que a tocava, mas tinha um frescor próprio. Lembro-me do sol nas costas e da surpresa de quando terminei a via de escalada. Virei-me e avistei o lago e as montanhas que contornavam a rocha, as diferentes colorações das matas e as casas ao longe, foi um momento de suspensão marcado na memória.

Desde então não mais parei de tentar adentrar nesse mundo. Ia sedento aos lugares. Por mais inacessíveis que fossem, encontrava meios de ir, de escalar, de vivenciar tudo aquilo. Passava todos os dias da semana no ginásio e todos os finais de semana na rocha. A era do encantamento. Tudo me brilhava aos olhos, tudo me fascinava. Por uma questão de facilidade, me dediquei mais a escalada esportiva, fui à Serra do Cipó, Minas Gerais, Rio de Janeiro, e todo interior de São Paulo, atrás das mais variadas vias e locais de escalada. Revirando alguns escritos pessoais, encontro este datado de 2012: “Quando se está na parede, nada mais importa, somente o agora, só se pensa em estar lá, em sentir, em viver. É como se as aflições do mundo desaparecessem e só existisse o que realmente importa. Não se pode pensar em ser, só se pode ser”.

Com o tempo fui conhecendo outras modalidades da escalada, e me encantando pela escalada tradicional. Ao contrário da escalada esportiva, que se escala trechos de rocha, na escalada tradicional o objetivo é escalar a montanha em sua totalidade. Quanto mais experiência adquiria, mais confortável me sentia a adentrar o mundo dessas grandes paredes. Acredito que o ponto auge dessa entrada foi uma frustrante visita a um ponto de escalada na Patagônia Argentina.

Na época havia ido com a intenção de participar de um evento mundial de escalada que ocorreria em Chubut. Porém, como tinha tempo, fui visitar alguns pontos de escalada famosos da região. Entre eles, um local popularmente conhecido como Frey. Após longas 5 horas de caminhada com mais de 20 quilos nas costas, chegamos. Ainda lembro a sensação de pisar naquele local. Apesar do enorme cansaço, parei por alguns minutos, que me pareceram horas. Um vale com um lago de águas cristalinas de degelo ao centro. Em seu entorno centenas de agulhas rochosas, cada uma de um formato, com um relevo, em uma altitude. Agulhas a se perder de vista. E em cada agulha, a cada varredura do olhar, mirando possíveis trajetos, encontravam-se milhares de possibilidades. Fiquei extasiado, só podia sentar e contemplar. Sabia que lá era um local de escaladas tradicionais, mas achei, em minha inocência, que poderia escalar ao menos um pouco com o conhecimento e equipamentos que tinha. Lembro-me claramente da conversa que tive com o responsável pelo abrigo de escalada.

Eu perguntei: “Quais vias poderia escalar aqui sem precisar de peças móveis¹?”

Ele me respondeu: “Mas para que você quer uma via que se escale sem as peças móveis?”

Respondo: “Porque eu não tenho e nem sei usar”

E ele me arrasa: “E o que você veio fazer aqui?”

De mais de 500 rotas, pude escalar um oitavo de uma via. A única possibilidade de escalar sem as tais peças móveis. Aquele paraíso era inacessível. A potência de todas aquelas experiências no lugar mais belo que já havia estado, não poderiam ser realmente vividas. Fiquei acampando à beira daquele lago por 3 dias (Imagem 1). Olhava obcecado para todas as agulhas, uma a uma, querendo estar em suas paredes. Andava em seus arredores. Por fim, desci novamente à cidade. Mas não antes de prometer a um grande amigo que participava da minha agonia, que voltaríamos dentro de um ano, tendo estudado e aprendido a usar as tais peças, e que juntos iríamos vivenciar aquele local indescritível.

E assim foi. O ano que se seguiu foi de intensos aprendizados. Aprendia um pouco com um amigo, um pouco com outro, conseguimos até fazer um curso de colocação de peças móveis. Pude nesse tempo conhecer novas pessoas que pensavam a escalada de uma forma

1 Peças de escalada usadas para proteger o escalador em caso de queda. No caso da escalada esportiva as proteções são parafusadas na rocha e ficam fixas. As peças móveis são equipamentos presos provisoriamente nas fendas da rocha e são retiradas depois do uso.

diferente. Afastei-me da escalada esportiva e passei a me dedicar somente a escalada tradicional. Os dias eram intensos, acordávamos cedo para aproveitar a luz do sol, caminhávamos com intensidade em meio as mais diversas matas regionais, cada trecho de via era uma descoberta, a cada passagem, um festejo. Estava com grandes amigos, em lugares incríveis, vivendo as mais intensas emoções que aquela atividade podia nos proporcionar.

Após o fim do ano, como prometido, voltamos ao Frey (Imagem 2), agora equipados e com os conhecimentos necessários para aproveitar bem a estadia de 20 dias acampados na beira do lago. Foi um deleite de muitos novos aprendizados. Nunca havíamos escalado em fenda, pois no Brasil não há muitas opções desse tipo de escalada. A cada trecho, tínhamos que aprender um novo movimento para conseguir progredir na parede. A cada passagem diferente, urrávamos de prazer, gritávamos um para o outro, “Olha só isso!”. Aquelas agulhas que ficamos mirando na viagem anterior realmente guardavam muitas surpresas. Grutas a 150 metros de altitude, das quais só se saía por um buraco no teto, chaminés que escondiam as marcas dos primeiros a passarem por ali. Tetos com fissuras perfeitas para se escalar invertido, cumes tão estreitos que mal cabiam os dois em pé. A cada peça colocada, um suspiro de alívio, a cada curva que a rocha nos propiciava, era um novo mundo que se abria. Foram 20 dias intensos, ao final deles mal podíamos caminhar, o corpo já sentia o cansaço, mas a cada amanhecer à beira do lago, a cada banho em suas águas, a cada saída em direção às agulhas, era um encontro com minha sensibilidade. Era uma certeza de que estava vivendo e de que estava entendendo algo pela sensibilidade. E que não precisava de uma racionalidade para me explicar nada, eu sabia, estar ali era saber, conhecer, viver.

Os anos que se passaram foram de novas viagens, novas vivências, cada uma com suas características. Pude conhecer os monólitos chilenos, de mais de mil metros de granito branco, pude escalar cachoeiras de belezas exuberantes (Imagem 3), e outras vias icônicas brasileiras, todas sempre acompanhado de bons amigos e grandes parceiros a quem confiava minha vida. Todas essas experiências, todas essas vivências, me deixavam mais perto dessa sensibilidade à qual negara em parte da vida, e sobre a qual descobria na pele sua real importância.

Voltando aos movimentos sobre os quais me propus discorrer, chego então ao quarto e último: A primeira maturidade do encontro. Se de um lado uma certa racionalidade me levou à Pedagogia, a sensibilidade me levou à escalada. Esses momentos de encontros culminaram em dois pontos importantes que se tornam decisivos em minha trajetória. O primeiro, em 2014, quando na tentativa de unir minha sensibilidade e minha razão pedagógica, fundei, juntamente com amigos, uma das primeiras escolas exclusivamente focada no ensino da escalada para crianças e adolescentes em São Paulo. Com o intuito de compartilhar uma paixão, a escola foi aos poucos tomando forma, e com o tempo passei a pesquisar metodologias de ensino e os conteúdos que deveriam ser ensinados.

As referências que tínhamos eram demasiado focadas no desenvolvimento físico dos jovens, porém sabíamos que apesar de ser um ponto importante, não era por isso que estávamos abrindo a escola. Pensávamos em conseguir transmitir nossa paixão, aquilo que nos motivava a subir paredes congeladas, dormir em grutas, passar frio e fome, e mesmo assim continuar lá. Fomos então buscando meios através de histórias, relatos e de vivências, apresentar essa paixão para eles. Mas algo ainda me faltava, o meu lado da razão, o do entendimento clamava por mais. Via que o ímpeto de meus alunos se transformava bruscamente ao ouvir um relato de montanha. Via seus olhos atentos e vívidos ao ouvir a história. Podia sentir a intenção de seus corpos se transformando na relação com a escalada. Eram escaladores. Não tinham a mesma vivência que eu, mas tinham a mesma paixão. Lembrava-me de meus primeiros toques na pedra, minha primeira sensibilidade com a montanha. Essa relação me provocava, mas não me cabiam em palavras sua descrição.

Eis que na minha graduação, ouço algo a respeito de uma tal razão sensível, de um tal imaginário, sobre uma corporeidade, uma perspectiva que falava que a poética importava, que o mundo não era só esquadrinhamentos racionais cognitivos. Falavam-me sobre simbolismo e sobre os mitos, sobre as relações arquetípicas de imagem. Todas essas imagens, todas essas descrições tocavam minha história, minha racionalidade e meus sentidos. A racionalidade começava a alcançar minha sensibilidade e finalmente as sensações começavam a tomar forma de palavras. Terminei a graduação com um sentimento de falta. Faltava aprender algo a mais, apesar de pensamentos iniciais me tocarem, faltava um aprofundamento, faltava entender a fundo essa tal sensibilidade motivadora dos desejos, que eu sentia na escalada, mas não traduzia em palavras.

Deste modo, no início de 2018 entro no programa de pós-graduação da Escola de Educação Física e Esportes da USP (EEFE-USP), na tentativa de traduzir em palavras essa paixão, esse desejo perante a escalada, de encontrar na escrita uma tentativa de organizar essa pulsão que me movia a escalar e que passou a mover também meus alunos. Assim, é dessas ressonâncias internas que me vem a vontade de compreender um pouco melhor essa experiência do escalar. O que é isso que a escalada tem, que mesmo com tantas adversidades, nos convida sempre a voltar? Que significados essas experiências têm para esses escaladores que habitam as mais diversas paredes rochosas? Quais imagens traspassam o escalador ao ascender uma montanha? Com esse olhar, sob essa perspectiva, se origina esta pesquisa.



Imagem 1 – Beira da Laguna Toncek, Frey (Arquivo Pessoal – Foto de Richard Bierbauer)



Imagem 2 – Cume da Agulha Frey (Arquivo Pessoal)



Imagem 3 – Escalada na Cachoeira do Tabuleiro - MG (Arquivo Pessoal - Foto de Richard Bierbauer)

INTRODUÇÃO

Ao chegar no cume da parede do tempo², após escalar a via *Al Centro y Adentro*, sentei exausto e um pouco tonto. Não pensei em nada. Não podia. Sentei enquanto esperava Arthur dar segurança para meu outro companheiro, Paulo. Estava esgotado. Mal conseguia me mover. Por uns instantes, fiquei olhando para o horizonte, esperando que o sol se pusesse atrás das montanhas mais longínquas. Enquanto isso não ocorria, acompanhava o degradê de cores alaranjadas que tingiam as rochas. Lembrei de comer algo, alguns amendoins que restavam em meu bolso. E depois de uma longa sequência de rapéis, chegamos às 2 horas da manhã no acampamento à base da pedra, tendo saído de lá às 4:30 do dia anterior. Dormimos a céu aberto com algumas palhas de bambu abaixo de nosso isolante térmico para amenizar as pontas de pedra que haviam no solo.

No dia seguinte, o corpo inteiro doía, fiquei alguns minutos olhando para a rocha antes de levantar (Imagem 4). Meus dedos já não podiam tocar em nada devido a pele esfolada. Mas estava pleno, *lleno*, como dizem por lá. Estava cheio, alimentado. Passamos o resto do dia na base da pedra em volta de uma fogueira. Por vezes conversávamos, por vezes só nos olhávamos. No dia seguinte descemos a longa trilha até o acampamento de base, arrumamos as coisas e aproveitamos os últimos momentos com os novos amigos que acabáramos de fazer. Partimos, mas não antes de olhar para trás e ver as grandes montanhas que nos abrigaram por tanto tempo. Demos um último suspiro e partimos com essa incrível sensação de completude.

Assim encerrei a pesquisa de campo e assim inicio este escrito. Um dos escaladores ali entrevistados me disse que seu irmão, ao ouvir suas histórias de escalada, perguntou: “Por que fazem isso? Por que vão escalar por tanto tempo, com fome, com sede, com frio? Não encontro sentido” (Depoimento de Martin, Cochamó, 2019). Pois é em busca destes sentidos que partimos nessa jornada de pesquisa. Durante toda história da humanidade a montanha instigou os seres humanos. Diversos mitos aparecem em todas as partes do mundo atrelando um forte simbolismo à montanha. Hoje, diversas pessoas abdicam de uma certa noção de conforto e de segurança para adentrar no terreno incerto e se pendurar nas encostas dos paredões rochosos. O que os provoca a ter tal atitude?

Seguindo os passos dos estudos do imaginário, temos que “Imaginação e Vontade são dois aspectos de uma mesma força profunda. Sabe querer quem sabe imaginar. À imaginação que ilumina a vontade se une uma vontade de imaginar, de viver o que se imagina” (BACHELARD, 2001, p. 112).

2 Para melhor identificar o posicionamento das vias de escalada, cada setor da montanha recebe um nome. A parede do tempo é o nome do setor da montanha onde se localiza a via indicada.

Os estudos do imaginário ganham força no ocidente a partir dos trabalhos de Gaston Bachelard com a fenomenologia da imagem, e posteriormente de seu orientando acadêmico Gilbert Durand. Estes se debruçaram extensivamente a estudar as imagens que estão na base da existência humana. Existir no mundo tal como nos ensina a fenomenologia, é existir na relação. É na experiência concreta com o mundo que o humano dá sentido à sua existência. Ao que tange nossos estudos, o imaginário constitui uma das bases dessa experiência. Pois como diz Wunenburger:

A imaginação cerca suas imagens de cargas afetivas, atrativas ou repulsivas, que fazem do mundo sonhado um mundo de alta densidade emocional. É por isso que a imaginação pode sempre se orientar para devaneios felizes; porque ela é, no fim das contas, a resposta do querer-viver à dificuldade de viver na realidade exterior” (WUNENBURGER, 2015, p. 25).

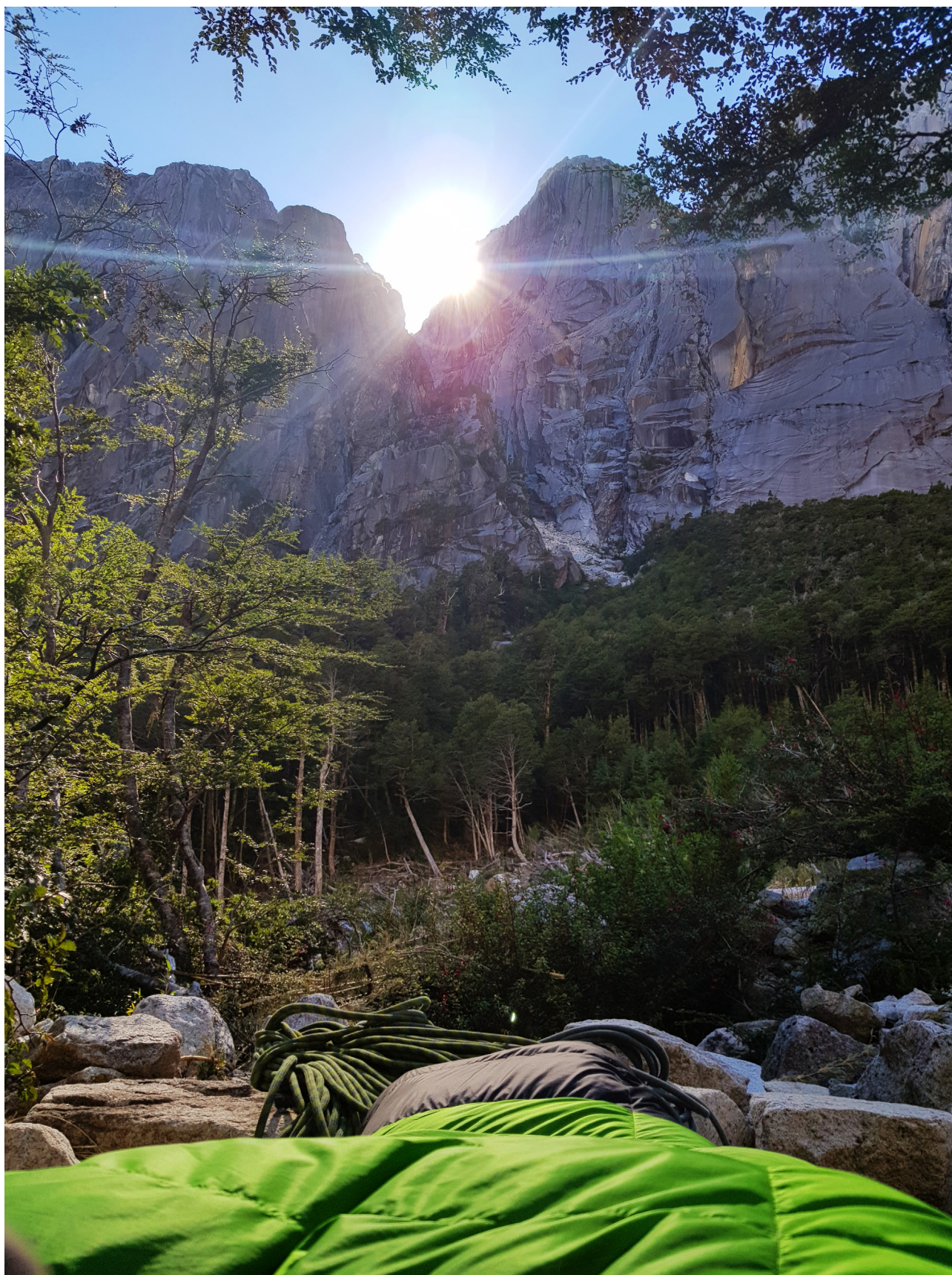
É com o foco nessas cargas afetivas, atrativas ou repulsivas, que seguiremos neste trabalho, porém não perderemos de vista que o imaginário não é uma faculdade mental. Ou seja, ele não parte de um pressuposto dicotômico corpo e mente. Assim como bem demonstrou Gilbert Durand (2012), o imaginário está intimamente relacionado com a experiência do corpo no mundo. Portanto, corroboraremos com a perspectiva de Merleau-Ponty (2011) ao entender o corpo como denominador comum das experiências, e que é a partir dele e por meio dele que existimos no mundo. Assim sendo, partindo desses pressupostos, tentaremos responder nossa pergunta primordial: Quais imagens presentes na experiência do escalador, de escalada tradicional, o inspiram na relação com o mundo?

Para isso, seguiremos no caminho fenomenológico, não buscando uma explicação causal sobre os fenômenos, mas uma tentativa de descrevê-los em profundidade, visando uma compreensão integral do fenômeno da escalada tradicional. Para tanto, fomos atrás dos escaladores em sua experiência concreta, imersos no ambiente montanhoso, e a partir desta experiência de campo, elaboramos uma descrição minuciosa, sempre em diálogo com a literatura pretendida.

Para cumprir estes objetivos, o presente trabalho foi estruturado em duas partes. Esta primeira, a qual chamei de “Os contornos”, pretende estabelecer os delineamentos da pesquisa, quais bases sustentam este trabalho, e qual entendimento desenvolvemos sobre o fenômeno. Assim, esta parte está dividida em: ‘Memorial’, onde explico minhas personalidades; ‘Introdução’; ‘Trajetos Metodológicos’, onde exponho os caminhos percorridos na pesquisa; e um grande capítulo chamado ‘Aprendendo a se encordar’, em que delimito todos os pressupostos necessários para o desenvolvimento da segunda parte.

A segunda parte do trabalho, nomeada “A Experiência”, se trata de uma descrição da experiência nas montanhas, expondo as imagens inerentes à prática da escalada tradicional. Nele, trago os elementos que suscitam a sedução pelas montanhas; a ambiência do lugar onde se inserem; as características peculiares da atividade; e uma transformação das imagens inspiradoras em contato profundo com o ambiente.

Assim construo os caminhos da pesquisa e espero com isso, pelo olhar do imaginário, ampliar a compreensão da experiência do escalar, de estar, como diz um dos entrevistados, despregado do chão, em lugares fantásticos, com pessoas incríveis.



*Imagem 4 – Vista ao acordar da Parede do Tempo, Cochamó
(Arquivo Pessoal de Documentação da Pesquisa de Campo)*

TRAJETOS METODOLÓGICOS

OS CAMINHOS PERCORRIDOS

Ao pensar em uma metodologia de pesquisa, a imagem de trajeto me vem à tona. Ao percorrer um trajeto em uma montanha, busco alcançar um determinado objetivo, que pode ser: chegar a algum lugar, procurar algo, ou simplesmente aproveitar o momento. Dependendo do objetivo, melhores estratégias são elaboradas. Porém, as estratégias são criadas em pensamento e não necessariamente correspondem ao que realmente irá ocorrer. Posso planejar chegar ao pé de uma montanha em duas horas. Mas ao longo do meu trajeto encontro a mata fechada e demoro mais de 10 horas. Posso inclusive precisar voltar para buscar outras ferramentas que irão me ajudar em certos trechos. Ao trazer a noção de trajeto metodológico, gostaria de evitar a ideia de método científico como algo rígido. O trajeto é cheio de idas e vindas, por vezes chegamos a um trecho intransponível e é preciso voltar, buscar novos recursos ou simplesmente encontrar novos caminhos. Deste modo construímos esta pesquisa. Com um objetivo em vista, porém com caminhos tortuosos a serem percorridos, caminhos esses que necessitaram de adequações e de novas estratégias de acordo com o que o próprio trajeto nos apresentou. A este trajeto de pesquisa dedico este capítulo.

Aguçando nosso olhar sobre a noção de trajeto, é possível recorrer aos elementos que compõem um caminho na montanha. Ao nos lançarmos em um trajeto, encontramos determinados tipos de solo, algumas vezes trilhas já marcadas, árvores, rochedos, rios, entre outros que nos acompanham e fazem parte de todo o percurso. Do mesmo modo, neste trabalho, tenho aqueles que são constituintes do caminho, que me ajudam, que realmente fazem parte integral dos resultados. Essas companhias de trajetória nos incitam, nos provocam e muitas vezes fornecem o chão necessário para se caminhar. A trilha onde caminho foi traçada por Gilbert Durand (1988, 1995, 2012, 2014) e Gaston Bachelard (1978, 1989, 2001, 2008, 2010, 2013a, 2013b, 2018, 2019), pois cada qual com sua contribuição estruturam as pesquisas matrizes sobre o imaginário.

Ao longo de meu trajeto, descubro que este solo também foi traçado por Mircea Eliade (1996, 2018) e René Guénon (2017, 1987), e são neles que me amparo para ampliar os rastros nessa trilha pelos simbolismos das religiões. Quando os passos desses grandes pensadores eram difíceis de acompanhar, aqueles que me deram a mão foram Jean-Jacques Wunenburger (2007), Danielle Perin Rocha Pitta (2017), Marcos Ferreira Santos com Rogério de Almeida (2012), Soraia Chung Saura (2014), Saura e Renata Meirelles (2015).

Nesse trajeto, enquanto percorria as trilhas da fenomenologia da imagem, caminhei por linhas paralelas que me ajudaram a vislumbrar esse universo do imaginário. Essa linha é a da Fenomenologia de Merleau-Ponty (2002, 2011, 2017), e para acompanhá-la, muitas vezes tenho que dar a mão a Ana Zimmermann (2010), Zimmermann e Saura (2017). Andando por esse solo em direção ao Imaginário da Escalada, passo por grandes árvores plantadas em terras tupini-

quins por Dimitri Wuo Pereira (2007, 2013), Altair Gomes Brito (2008), Alcyane Marinho e Heloísa T. Bruhns (2001a, 2001b), Vera Lucia Costa (2000) e Rogério Silva de Melo (2006) e as árvores em território internacional de Stephen E. Schmid (2010), Dianne Chisholm (2008), Leslie A. Howe (2008), Ian Heywood (1994, 2006), Jackie Kiewa (2001, 2010), Alfredo Jahn (1939), Maurice Herzog (1956), e Caber e Albayrak (2016). Cada qual me serve de orientação para caminhar por entre essa mata de teóricos que já se debruçaram sobre o tema da escalada. A partir desta base, outros elementos que constituem essa paisagem aparecerão ao longo do texto.

Nos primeiros momentos, em uma pesquisa exploratória, busquei relatos de escaladores que foram publicados em sites pessoais ou em revistas eletrônicas. Estes ajudaram a nortear o início dessa pesquisa, indicando a forte presença de algumas constelações de imagens (DURAND, 2002). Conforme a pesquisa bibliográfica foi avançando, registros de outras épocas foram encontrados possibilitando até a análise de um relato de ascensão de montanha datado de 1353.

Auxiliado, tanto pelos companheiros acadêmicos de jornada, quanto pela pesquisa exploratória, dois recortes foram definidos a fim de dar profundidade à pesquisa. Ao iniciar os trabalhos, o objetivo era compreender as imagens inspiradoras dos “escaladores”. Porém, essa nomenclatura grandiosa - “Escalada” - congrega diversos subgrupos e maneiras de se perceber esses momentos ascensionais. Se pretendêssemos abranger o imaginário de cada uma das modalidades, em todas as suas peculiaridades, correríamos o risco de não dar conta de sua complexidade. Se por outro lado escolhêssemos encontrar somente o que era comum em todas as modalidades, correríamos o risco de ser demasiado superficial. A opção então foi abranger somente a escalada tradicional, considerando a minha própria trajetória nesta modalidade. O capítulo “A multiplicidade do cenário atual”, assim como meu próprio memorial, auxiliam na compreensão desta escolha.

O segundo recorte realizado foi baseado principalmente nas pesquisas que compõem a paisagem de nosso trajeto. Ao abordar a escalada, podemos seguir por diversos caminhos. Um viés possível seria buscar as inspirações daqueles que se sobressaem em suas atividades, tal e qual fizeram Duits (2020) e Heywood (2006). Estes investigaram os ditos heróis de suas modalidades. Aqueles que superam os limites e rompem as barreiras até então alcançadas. Porém, como recorte de pesquisa, delimito que aquilo que busco nesse trabalho é o comum, o ordinário.

Durante a pesquisa de campo, fui atrás dos escaladores anônimos, que estavam, por vezes, literalmente escondidos embaixo de blocos de pedra. Estes quase unanimemente se recusaram a dar entrevista num primeiro momento. Falavam-me que não eram importantes, e nomeavam outros escaladores mais influentes para entrevistar. Somente depois de alguma insistência eles concordavam, quase sempre com muita vergonha, em dar a entrevista. Delimito portanto, que esta pesquisa não se trata daqueles que necessariamente se sobressaem na atividade. Aqui estou atrás do escalador anônimo, que não está em busca da fama ou do estrelato. Aqueles que compõe a maioria dos praticantes da escalada tradicional.

Desde o início de nosso trajeto, havíamos estruturado uma pesquisa de campo com entrevistas semiestruturadas para buscar uma maior aproximação com os escaladores. Porém por conta do recorte na escalada tradicional e do aprofundamento das questões metodológicas, a pesquisa de campo sofreu alterações. A primeira ideia seria realizar as visitas nos ginásios de escalada no Brasil entrevistando os escaladores que ali se encontrassem. Porém percebi ao longo da pesquisa que muitos escaladores desta modalidade não frequentam os ginásios de escalada. Desse modo estaríamos selecionando somente escaladores de escalada tradicional que frequentam ginásio. Portanto a solução foi ir diretamente aos lugares de escalada em ambiente natural. Tal resolução foi importante tanto para acessar uma maior diversidade de praticantes, quanto para ter um contato direto com a experiência, possibilitando, entre outras coisas, uma compreensão do fenômeno para além das limitações que a palavra pode oferecer (ZIMMERMANN, 2010; ZIMMERMANN; SAURA, 2017).

Os locais para pesquisa de campo foram selecionados considerando a possibilidade de uma multiplicidade de diferentes perspectivas e percepções sobre a prática. Desse modo, os lugares escolhidos foram pontos de referências em escalada tradicional na América do Sul, conhecidos tanto por abarcarem escaladores iniciantes quanto escaladores muito experientes. Também foi valorizada a variação de nacionalidade dos escaladores que frequentam esses locais, considerando a possibilidade de diversificadas nacionalidades. Visamos com isso uma percepção para além dos possíveis regionalismos de um único território.

Assim, primeiramente, apareceram quatro nomes de locais possíveis para essa pesquisa: Arenales, Frey e El Chaltén na Argentina, e Cochamó no Chile. Arenales, apesar de ter todas as características necessárias para a pesquisa, é um local mais distante dos demais pontos citados, dificultando a mobilidade da pesquisa. Frey, El Chaltén e Cochamó, são relativamente próximos e viabilizariam uma pesquisa de campo que passasse por todos esses locais. Porém identificou-se ao longo da pesquisa bibliográfica exploratória, que El Chaltén não é um local propriamente de escalada tradicional, e sim de escalada alpina, que apesar de ter grandes semelhanças, possui diferenças significativas para uma pesquisa que valoriza as mínimas peculiaridades do ambiente. Desse modo, os locais mais adequados para a pesquisa de campo foram Frey, na patagônia argentina, e Cochamó na patagônia chilena.

Organizei a pesquisa de campo da seguinte maneira: desembarquei em Bariloche no dia 6 de janeiro de 2019, passei 4 dias para organizar a logística para subir até o Refúgio Frey, onde fiquei acampado por 12 dias. Voltei à cidade e tive 5 dias para ir ao Chile organizar uma nova logística e subir novamente para as montanhas, dessa vez para o Vale de Cochamó onde fiquei por mais 20 dias acampado. Após este período, retornei à Argentina e no dia 18 de fevereiro de 2019 voltei ao Brasil, totalizando, assim, 44 dias de campo. Ao longo da pesquisa descobri que esse era um circuito comum entre os escaladores. Diversas pessoas que conheci na Argentina, ou tinham vindo do Chile, ou estavam indo. Alguns iniciavam a viagem no Frey e desciam até

El Chaltén. Outros, por conta das más condições climáticas, estavam retornando de lá. Durante os 44 dias, convivi com escaladores na montanha e na cidade. Todos esses momentos foram considerados para construção deste material.

O Frey (Imagem 5), como é popularmente chamado, é um local conhecido como Campo-Escola de Escalada Tradicional, ou seja, é um local escolhido por muitos escaladores para se iniciar na modalidade. Tanto suas trilhas de aproximação quanto o tamanho das agulhas de até 300 metros são consideradas baixas para a escalada tradicional, facilitando a presença de novos escaladores. O local se encontra próximo a cidade de San Carlos de Bariloche-Argentina, onde se pode tomar um ônibus de linha até a base de uma estação de esqui do Cerro Cathedral. De lá, se caminha por cerca de 10km por entre os vales da região até a chegada ao abrigo na beira do lago Toncek, onde comumente se arma acampamento para escalar nas agulhas que dão contorno ao vale. As agulhas ficam de 15 minutos a 3 horas de caminhada do refúgio. Todos os escaladores ficam concentrados no acampamento e partem diariamente para as agulhas.

Já Cochamó (Imagem 6), no Chile, é um local de escaladores mais experientes. Há diversos avisos sobre a dificuldade de se escalar no local nos sites de informação sobre a região. A cidade mais próxima é Puerto Varas no Chile, porém há um pequeno povoado chamado “Cochamó” antes do início da trilha de subida ao vale. A trilha que leva aos campings tem cerca de 12 km. O vale é rodeado de paredes de granito branco de até 1200 metros de altura. Os campings ficam na base de boa parte das montanhas, a vista é privilegiada e inspiradora para os que gostam de estar nas paredes rochosas. Os campings são bem organizados, o “La Junta”, tradicional camping de escaladores, conta com 2 “Fogons” (Imagens 7 e 8), que são espaços cobertos para cozinhar, com área interna para fogueira, mesas e torneiras. Além de diversos banheiros secos, um local para se banhar e lavar roupa (Imagem 9), e diversos pontos com bancos ao ar livre para fazer fogueira.

Diferente do Frey, é possível estar em Cochamó e não encontrar algum dos escaladores da região uma única vez. Isso ocorre pelo movimento entre vales. Para subir as montanhas da região, o mais comum é que os escaladores tomem um dia de aproximação até os pontos de bivak, acampamento sem uso de barraca. Lá ficam por alguns dias até que a comida acabe ou até que desejem trocar de ponto para escalar. Há basicamente 3 pontos principais para os escaladores: Trinidad, Anfiteatro e La Paloma. O *bivak* no Trinidad pode ser feito embaixo de um bloco de pedra mais afastado, no centro de um vale secundário entre o monolito Trinidad e outro maciço rochoso chamado Gorilaz, ou a céu aberto na base do próprio Trinidad (Imagem 10). No Anfiteatro há um local escondido das pessoas que vão somente para caminhar. Nesse local há diversos blocos de pedra nos quais é possível fazer o bivak (Imagem 11) para se abrigar da chuva. No centro desses blocos há um local para fazer fogueira. O camping de La Paloma é o menos frequentado e não tive a oportunidade de conhecer.

Durante o estudo de campo, para aprofundar a compreensão das imagens experienciadas pelos escaladores, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (BONI; QUARESMA, 2005). Foram entrevistados 14 praticantes³ dentre eles 9 homens e 5 mulheres⁴, com nacionalidades variando entre Brasil, Chile, Argentina, Estados Unidos, Inglaterra e Irlanda, rendendo o total 10 horas e meia de entrevistas. As entrevistas foram realizadas sempre nos acampamentos dos locais visitados e foram gravadas em vídeo por uma câmera estilo HandyCam com um tripé de apoio.

Para além das entrevistas, a vivência cotidiana junto aos escaladores tanto à base da montanha quanto nas próprias ascensões verticais orientou todo este trabalho. Em alguns casos foi possível escalar junto com os entrevistados, ou escalar rotas próximas, o que trouxe novas perspectivas aos discursos captados. As anotações de campo foram feitas sempre a posteriori dos eventos, usualmente ao final do dia, na privacidade da barraca do pesquisador. Optou-se por essa abordagem para que a presença física do caderno de campo não atrapalhasse a vivência com os escaladores. As fotos contidas neste trabalho foram captadas ou por uma câmera GoPro, instalada no capacete do pesquisador, ou pelo aparelho celular do pesquisador. Todos esses materiais obtidos foram organizados conforme sua recorrência simbólica, e junto com a literatura estudada compõem os capítulos desta dissertação.

Para apresentar os colaboradores e colaboradoras que concederam os depoimentos que compõe este trabalho, opto por uma descrição de como nos conhecemos, pois essa informação nos ajudará a entender o que iremos apresentar. Apesar de todos os entrevistados concordarem em ter seus nomes divulgados, mantereí o sigilo dos participantes por questões pertinentes às orientações do comitê de ética em pesquisa. Portanto os nomes aqui usados são fictícios.

Nos primeiros dias de campo, fiquei na base da montanha, tentando entrevistar algum brasileiro que estivesse na região. Como seria minha primeira entrevista, desejava que pudesse ser em minha língua materna para ganhar experiência antes de iniciar as entrevistas em outras línguas. Porém foram dias frustrantes. Sem conhecer as pessoas, logo perguntava se poderia entrevistá-los. E eles praticamente fugiam. Um dos escaladores disse que estaria em sua barraca pela tarde e que poderia entrevistá-lo. O encontrei acampado do outro lado do monte no Frey, em uma roda de conversa. Tentei chamá-lo para entrevista, mas sem sucesso. Fiquei por horas esperando, e quando anoiteceu, todos foram jantar, e eu novamente não consegui a entrevista.

3 A pesquisa foi aprovada no Comitê Ético de Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da USP, Projeto número: 04107018.8.0000.5391. Todos os entrevistados foram informados dos objetivos da pesquisa e autorizaram o uso das informações através do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (ANEXO 1).

4 Assim como aponta Chisholm (2008) a escalada ainda é uma atividade de predominância masculina devido a diversos fatores histórico-sociais de exclusão, tanto por cerceamentos sociais, quanto pela própria corporeidade dominante.

A primeira pessoa que consegui entrevistar foi Edmund, 41 anos, que apesar de ser colombiano, mora no Brasil desde criança. Ele estava em seu dia de descanso e foi tomar um chá conosco em nossa barraca. Aproveitei a oportunidade e pedi que me concedesse a entrevista. Com certa relutância, ele aceitou.

O segundo entrevistado foi Thomas, norte americano de 38 anos, atualmente residente no Alaska. Na segunda escalada que pude realizar no campo, o encontrei na base da agulha *Abuelo*, assegurando seu parceiro Patrick, também residente no Alaska. Conversamos um pouco e aproveitei para perguntar se poderia lhe entrevistar. Ele aceitou, e no dia seguinte apareceu em minha barraca para conversarmos sobre a via que havíamos escalado e para me dar a entrevista.

Arthur, Inglês de 25 anos, conheci exatamente no cume da agulha principal do Frey, estava com meu parceiro Paulo experienciando o cume, quando ele chegou escalando com outro brasileiro. Rapelamos juntos a agulha para otimizar a descida. Como o outro brasileiro estava partindo, ele escalou conosco muitas vezes desde então. Como criamos fortes vínculos, ele mudou seu itinerário de viagem para ir conosco para Cochamó. Três meses depois, ele veio até São Paulo para escalarmos juntos. Entrevistei-o entre os descansos da escalada no próprio Frey.

David, 35 anos e Bell, 26 anos, são um casal que vivem em Buenos Aires, ambos conheci no abrigo em um dia de frio que impossibilitava a escalada. Pela dinâmica do dia deles, entrevistei os dois ao mesmo tempo. Assim foi possível identificar uma certa influência em suas respostas. Porém ambos também trazem descrições únicas de suas vivências individuais.

Já Simone, 26 anos, é uma escaladora norte americana, mas que vive no Chile há poucos anos. A conheci quando eu rapelava a agulha *Campanile* no Frey, enquanto ela escalava a via *Imagine*, nos cruzamos em meio à parede. Nos encontramos novamente a base desta mesma agulha, expliquei a pesquisa, e ela gentilmente concordou com em ser entrevistada. Em um dia que ela aproveitava o sol no lago, paramos alguns instantes para a entrevista.

A chilena Nise de 22 anos, conheci a beira da lagoa, enquanto entrevistava Simone. Disse que a Simone havia comentado que eu estava procurando mais mulheres para entrevistar, e se disponibilizou a ajudar.

Mauricio é um brasileiro de 41 anos, que conheci na primeira roda de conversa. Aquela que foi um fracasso em termos de coleta de entrevista. Aquela era sua primeira viagem desde que quebrou os dois pés escalando no Rio de Janeiro. Por conta da lesão não ia todas as vezes com seus parceiros escalar. Em uma dessas oportunidades ele me procurou para me conceder a entrevista. Conversando com ele, descobri que já havíamos nos conhecidos no Brasil, uma vez que havia ido a Minas Gerais para escalar.

Hannah, de 21 anos, foi a última entrevistada no Frey, e a mais difícil. Ainda nos primeiros dias de campo perguntei no abrigo se havia mulheres que pudessem me conceder uma entrevista para pesquisa, e as pessoas que trabalhavam no abrigo me indicaram ela.

Falaram-me como encontrar sua barraca, mas quando tentei encontrá-la, cheguei a um desfiladeiro de pedra, e com medo voltei. Peguei novas informações, e com muito custo encontrei sua barraca isolada das demais. Porém ao pedir a entrevista ela se recusou com veemência. Desculpou-se, mas disse que era tímida, e que não queria se expor. Depois de alguns minutos de conversa, o que consegui foi um, ‘talvez eu apareça na sua barraca’. Ao final do dia, quando eu já havia perdido as esperanças, ela veio, e me concedeu uma impressionante entrevista de uma vida inteira nas montanhas.

Já em Cochamó, o primeiro entrevistado foi Jean, ele se juntou a uma roda de violão que eu participava, e começou a tocar incríveis músicas próprias, algumas inspiradas nas montanhas que ele tanto amava. Depois de muitas conversas, ele concordou em me conceder uma entrevista.

Ângela, de 23 anos, conheci no Frey, porém sem muito contato. Por sorte, nos encontramos novamente em Cochamó, e escalamos juntos em certa ocasião. Com muita timidez ela me concedeu uma entrevista no acampamento principal.

George, irlandês de 31 anos, estava escalando com seu amigo Brasileiro. Este me contou que George vivia em uma Van nos Estados Unidos, rodando os pontos de escalada de lá. Ele a princípio se recusou a ser entrevistado, disse não saber falar formalmente. Depois de alguma insistência, e algumas rodas de conversa, ele finalmente concordou em ser entrevistado. Durante boa parte da entrevista foi nítida a tensão em seu corpo e o desconforto com a situação. Mas ao contar suas histórias de montanha, relaxa e se solta, oferecendo ricas descrições de sua experiência.

Paul de 45 anos e Martin, 34 anos, trabalham no refúgio de Cochamó, e seriam os únicos que eu sabia que encontraria no campo, e que eu gostaria de entrevistar, pois além de possuírem muita experiência na área, tinham um grande contato com todos os escaladores que vão para o vale. Cada qual no seu tempo, me concederam suas entrevistas. Ambos bem ao final do campo, e com muitas interrupções, por estarem sempre ocupados com os trabalhos no acampamento.

O que se poderia chamar de uma análise dos dados, nesta pesquisa segue o estilo mitológico-hermenêutico da jornada interpretativa (FERREIRA SANTOS; ALMEIDA, 2012). Ou seja, não há análise posterior de dados nos moldes convencionais, e sim um constante ressoar de um caminho percorrido que vai desde a escolha do tema a ser pesquisado até o resultado final do trabalho. Para abordar o imaginário, os métodos tradicionais de pesquisa, hipótese e comprovação de hipótese, não podem ser aplicados, pois se trata de uma hermenêutica simbólica: um ser, imerso em sua temporalidade e com suas próprias experiências e narrativas, que faz uma leitura no tempo presente sobre a experiência e os simbolismos de outrem. Assim sendo, ela não é isenta e sempre carrega os traços daquele que a interpreta. Por esse motivo expus meu memo-

rial no início deste trabalho. Este trabalho se trata de uma compreensão sobre o fenômeno, e não de uma verdade universal. Porém, assim como coloca Ferreira Santos e Almeida, a jornada interpretativa não é um fiar dos meus caprichos individuais e percepções singulares:

A jornada interpretativa é, precisamente, esse momento antropológico em que eu deixo o gabinete, a comodidade do lugar-comum, o meu lugar, o meu locus (lugar) e domus (lar) e então viajo. Vou contemplar essa paisagem desde o seu interior, vou dialogar com as pessoas concretas lá. E aí, então, nessa explosão de sentidos, é que ocorrem as descobertas da constituição de nossa alteridade, numa reconstituição de sentidos (FERREIRA SANTOS; ALMEIDA, 2012, p. 44).

Portanto a jornada interpretativa expõe por meio de uma descrição de minha própria experiência as ressonâncias que encontro no contato direto com as pessoas concretas no fenômeno a ser estudado.

Ademais esta pesquisa carrega uma peculiaridade. Ela não foi realizada por um sujeito que adentra a um campo desconhecido para compreendê-lo. Eu sou escalador há cerca de 10 anos. E ao adentrar em campo fui reconhecido como tal. Isso trouxe duas dimensões a mais para pesquisa, que consigo agora mensurar. A primeira é a facilidade em receber o acolhimento da comunidade. Como relatei, no início do campo estava com uma certa dificuldade em conseguir as entrevistas. E ao encontrar com os escaladores em meio a parede, ou compartilhando histórias a base das montanhas, a aceitação era muito melhor. Também, ao final de uma das entrevistas, um escalador relatou que não gostava de dar entrevistas, que certa vez um repórter foi entrevistá-lo, e que conforme ele falava, tinha certeza de que o repórter não compreendia nada. Disse que aceitou meu convite por eu também ser escalador e que sabia que poderia falar de maneira mais fluida, sem ter de dar tantas explicações. Como relatarei ao longo do trabalho, por diversas vezes também fui acolhido na casa das pessoas, nas festas, nas refeições, nas escaladas, justamente por ser reconhecido como parte da comunidade, e isso definitivamente abriu caminhos para certos aprofundamentos.

Porém se por um lado ser parte da comunidade é um facilitador e pode ampliar as possibilidades de compreensão de um fenômeno, por outro lado pode se mostrar um desafio. Assim como identifica Marinho (2008) e Kiewa (2010), por vezes certas condutas são esperadas dentro de uma comunidade, o que pode ocasionar que somente um certo discurso se mostre. Portanto ao mesmo tempo que ser parte da comunidade amplia, também limita. Então reconheço como limite desta pesquisa o fato de que ela traz a perspectiva de um discurso de escalador para escalador. Aqui me concentro em trazer as imagens que aparecem nas relações cotidianas do escalador em seu ambiente.

Um último esclarecimento é sobre a forma como me colocarei nesta dissertação. Apesar de haver uma tradição na área das pesquisas qualitativas do uso da primeira pessoa do singular, não poderei fazê-lo. O trajeto desta pesquisa não percorri sozinho. Foram diversos os amigos

que me ajudaram e que contribuíram para a elaboração deste escrito. As correções tanto da banca quanto da minha própria orientadora também definem este trabalho. Assim como os entrevistados que se tornaram bons amigos. Essas pessoas são partes integrantes desta pesquisa, e de certo modo, coautores de escrita. Portanto somente utilizarei a 1ª pessoa do singular quando me referir a uma experiência individual, todo o restante do texto usarei a 1ª pessoa do plural, me referindo aos ‘coautores’ desta pesquisa.

Assim sob esses trajetos e pressupostos foi construída esta pesquisa. Com o objetivo de encontrar as imagens inspiradoras dos escaladores de escalada tradicional, percorremos caminhos com diversas idas e vindas em percursos tortuosos e por vezes labirínticos. Tais percursos revelaram as belas imagens escondidas nos vales montanhosos, que encantam e apaixonam os escaladores, e os inspiram a retornar ou até mesmo a nunca saírem de lá.



Imagem 5 – Refúgio Frey (Arquivo pessoal da documentação de campo)



Imagem 6 – Cochamó: Trinidad a esquerda, Gorilaz ao centro e Anfiteatro a direita (Arquivo pessoal da documentação de campo)



*Imagem 7 – ‘Fogon’ à frente, Cerro La Junta atrás.
(Arquivo pessoal da documentação de campo)*



Imagem 8- 'Fogon' à frente, Gorilaz atrás
(Arquivo pessoal de documentação de campo)



*Imagem 9 – Banheiros e duchas à frente, Anfiteatro ao fundo
(Arquivo Pessoal de documentação de Campo)*



Imagem 10 – Ponto de Bivak a céu aberto na base do Trinidad
(Arquivo pessoal de documentação de campo).



*Imagem 11 – Ponto de Bivak, Anfiteatro
(Arquivo pessoal de documentação de campo).*

APRENDENDO A SE ENCORDAR:

VISLUMBRANDO HORIZONTES

“[...] uma imagem poética pode ser o germe de um mundo, o germe de universo imaginado diante do devaneio de um poeta” (BACHELARD, 2018, p.1).

Encordar-se é o primeiro passo para iniciar uma escalada. É o momento que nos unimos a alguém, um escalador em cada ponta da corda. Escolhemos o nó mais adequado e o parceiro que queremos para aquela jornada. Mas só o encordamento entre escaladores não garante a segurança. É necessário que ao longo do trajeto os escaladores prendam a corda à montanha, pois no caso de uma queda, se soltos, ambos caem. É nessa tríplice união que a escalada ocorre. Escalador, Montanha, Escalador. Para cumprir o objetivo dessa pesquisa, me apoiarei também em um encordamento. Um encordamento no qual em uma ponta da corda estará o escalador com suas experiências, na outra ponta estarão os autores do imaginário dando suporte e segurança. Mas nada disso faz sentido sem a montanha, que é a base material em que a escalada ocorre. Desse modo, este capítulo é um aprendizado de encordamento. É aprender quais nós servirão para nos unirmos aos estudos do imaginário, quais nós servirão para nos unirmos à experiência do escalador, e em quais pontos da montanha iremos nos ancorar.

Este capítulo pretende então desenhar os contornos que tangenciam esta pesquisa. Contando um pouco sobre a teoria que nos apoia, qual é nosso entendimento sobre a escalada tradicional, e sobre qual dimensão da experiência do escalador em ambiente de montanha estamos falando.

Os nós teóricos:

o imaginário e o desejo

Antes de mais nada temos de definir os nós. Definir como nos prenderemos às teorias para iniciar a jornada. Se debruçar em uma teoria é antes de tudo um modo de olhar para o fenômeno, é encontrar por qual viés buscaremos compreendê-lo. A teoria faz reluzir certos aspectos do fenômeno. Mas não podemos perder de vista que o fenômeno continuará sendo um fenômeno independente da teoria que utilizamos para estudá-lo, a teoria é somente aquela que nos ajuda a ver (ZIMMERMANN; SAURA, 2019), que nos ajuda a distinguir certos aspectos, e seria um grande erro tentarmos moldar a realidade para se adequar a uma determinada teoria. Nesse sentido, Bachelard logo nos adverte “A imagem só pode ser estudada pela imagem, sonhando-se as imagens tal como elas se acumulam no devaneio. É um contrassenso pretender estudar objetivamente a imaginação, porque só recebemos verdadeiramente a imagem quando a admiramos” (BACHELARD, 2018, p.52).

Assim sendo apresentarei alguns elementos que considero importantes para a compreensão das principais opções teóricas, mas não pretendo me alongar muito no esmiuçar do referencial. Tentarei inseri-lo ao longo do texto à medida que as imagens as solicitem. Ao adentrar no universo acadêmico, me sinto andando no fio da navalha, se de um lado as imagens só podem ser estudadas pelas imagens, por outro a academia é local de organização e embate de saberes que tem uma linguagem própria e um modo de se organizar. O que pretendo aqui é delimitar o meu entendimento sobre essa linguagem, sobre esse olhar, estruturando-o minimamente em linguagem acadêmica, a fim de apresentar-me para o diálogo com os possíveis leitores.

Ao delimitar que a imagem só pode ser estudada pela imagem, Bachelard faz uma defesa de que esta não opera a um nível lógico-objetivo. Ela opera no que Merleau-Ponty vai chamar de ser-selvagem pré-reflexivo (MERLEAU-PONTY, 2017). Ou seja em uma camada pré-reflexiva do ser. Antes de pensar sobre o mundo, o ser experiencia o mundo e por um movimento intrinsecamente humano lhe atribui significado simbólico. É sobre esse significado que nos falam as imagens poéticas que Bachelard investiga. Quais sentidos atribuímos ao mundo quando o admiramos? Para isso Bachelard se debruçou por um longo período sobre as imagens literárias. As imagens que nos falam os poetas. Segundo ele “A façanha do poeta no clímax do seu devaneio cósmico é a de constituir um cosmos da palavra” (BACHELARD, 2018, p. 179). O poeta escancara os sentidos do mundo para além de uma compreensão racionalizada da palavra. Ele se comunica diretamente ao ser-selvagem de Merleau-Ponty. Por esse motivo que Bachelard cria esse postulado; só podemos estudar a imagem pela imagem. E para compreendermos o imaginário do escalador, devemos primordialmente estudar as imagens que trasbordam nos discursos e na experiência concreta.

Porém não é só o poeta de palavras que provoca as imagens. Nos estudos recentes sobre o imaginário, Ronnie da Silva demonstrou que o violeiro elabora as imagens pelo som e pela gestualidade (SILVA, 2019). Sirlene Giannotti sugere que a ceramista incorpora à sua criação suas imagens inspiradoras, ou seja, sua interioridade, suas afinidades, seus interesses, aspirações e valores (GIANNOTTI, 2008). Maria Hackerott buscou as imagens vividas pelos velejadores esportistas e tradicionais (HACKEROTT, 2018). Dentro desse contexto, aproximando a experiência do escalador aos estudos do imaginário, o escalador é um ser que quer viver as imagens na pele e se apaixonar pelo mundo, é aquele que se encanta com as dobras da montanha e suspira ao sentir sua imensidão. Quando falamos sobre um imaginário, estamos nos referindo a essas imagens da experiência humana de existir no mundo.

A imaginação simbólica de Durand, ou imaginação material de Bachelard, é essa faculdade humana de atrelar significado à materialidade do mundo. Ou como Bachelard coloca: “As imagens materiais, nos envolvem em uma afetividade mais profunda, por isso se enraízam nas camadas mais profundas do inconsciente. As imagens materiais substancializam um interesse” (BACHELARD, 2019, p. 3). Essas imagens são ao mesmo tempo imagens do mundo, mas que também nos colocam no mundo, nos dão direção e sentido, e é a partir delas que existimos no mundo. Desse princípio recíproco, ser-mundo, que Durand irá estruturar a noção de trajeto antropológico, a imaginação como gênese recíproca, ou seja uma “[...] incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (DURAND, 2012, p. 41). Portanto não podemos perder de vista que ao mesmo tempo que as imagens nos trazem um encantamento pelo mundo, são esses simbolismos que nos fazem ser no mundo. Ou nas palavras de Bachelard: “Assim, palavras cósmicas, imagens cósmicas tecem vínculos do homem com o mundo” (BACHELARD, 2018, p. 181). Dessa compreensão chegamos a uma conclusão: “[...] o imaginário é organizador do real” (FERREIRA SANTOS; ALMEIDA, 2012), é apaixonando-se pelas imagens que o homem se põe no mundo. Portanto, ao investigar o desejo do escalador de escaladas tradicionais, estaremos partindo em busca dessas imagens inspiradoras da ação no mundo. Tentaremos identificar as imagens tal e qual aparecem nos devaneios, porém iremos também em uma busca exaustiva das imagens universais, pois:

[...] para poder falar com competência do Imaginário, não podemos nos fiar nas exiguidades ou nos caprichos da nossa própria imaginação, mas necessitamos possuir um repertório quase exaustivo do imaginário normal e patológico em todas as camadas culturais que a história, as mitologias, a etnologia, a linguística, e as literaturas nos propõem (DURAND, 2012, p. 19).

Desse modo, sob esses pressupostos teóricos, sigo no caminho bachelardiano ao tentar sonhar com as imagens para assim me alimentar delas. Pois assim como Martin, um dos entrevistados, diz “A escalada é como alimento, ela te enche de algo” (Depoimento Martin, Cochamó, 2019). E é em busca dessas imagens que alimentam, que estão na origem da relação ser e mundo, na origem do desejo, que partimos nessa jornada.

O marco axial da escalada:

Ampliando horizontes

Ao longo da história da escalada muito se discutiu sobre qual é o marco zero de contagem dessa atividade (CABER; ALBAYRAK, 2016; DAFLON; DAFLON, 2016; FARIA, 2017; FRISON-ROCHE; JOUTY, 2017; HERZOG, 1956; JAHN, 1939; PEREIRA, 2007). Quando ela começou? A discussão formal⁵ gira em torno de quais parâmetros podem ser considerados para delimitar o que se considera uma escalada. Alguns defendem que as escaladas com fins militares, científicos ou religiosos não podem ser considerados marcos, pois a escalada hoje como se constitui é uma prática de lazer, portanto deve ter fins pessoais. Outros defendem que a primeira ascensão precisaria ser uma escalada técnica, ou seja, com técnicas mais avançadas de ascensão em montanha.

Aparentemente a opção mais aceita entre os historiadores como marco inicial da escalada moderna é a ascensão do Mont Blanc em 8 de agosto de 1786, pois além de atender as exigências técnicas e motivacionais que supostamente representariam essa forma de escalar, ela representa o início de uma suposta cultura da escalada. Segundo Frison-Roche e Jouty (2017) a partir da ascensão do Mont Blanc foi forjado no homem a paixão de estar no limite, em decorrência deste evento percebe-se uma mudança de paradigma e uma sede por conquista, pelo poder e notoriedade por ascender os cumes da montanha (FRISON-ROCHE; JOUTY, 2017). O Mont Blanc é considerado então, por um longo período, o marco axial, o início da escalada, o ponto de partida de uma história moderna.

Mas o que significa um ponto axial? Um ponto axial é o marco zero de contagem que organiza um calendário (RICOEUR, 2011). No caso de nossa sociedade ocidental cristã, é o nascimento de Cristo. No Japão, são os inícios dos reinados dos imperadores. Na Roma Antiga o ponto era a criação da própria cidade. Porém não podemos perder de vista que esse calendário que organiza uma temporalidade só pode ser estabelecido a partir da ideia de “[...] um acontecimento que rompe com a ideia anterior e inaugura um curso diferente de tudo que precedeu” (RICOEUR, 2011, p. 182). Ou seja, um calendário só pode ser definido a partir de um marco axial, um marco que organiza e estrutura uma linha temporal. Assim é estabelecido um passado e um futuro a partir desse ponto.

Porém ao pensarmos sobre um momento axial não devemos somente considerar os pontos macros e organizadores de toda uma civilização. Estes podem ser estipulados em âmbitos menores como por exemplo a queda do muro de Berlim: apesar da Alemanha continuar adotando o calendário cristão, se estabelece um momento antes e pós queda do

⁵ Assim como as discussões sobre a invenção do avião formalmente giram em torno de termos técnicos do que se considera voar, sabe-se que a discussão tem um fundo político nacionalista sobre a qual país pertence essa conquista da aviação.

muro, sendo considerado este um marco importante para aquela população. Podemos ainda minimizar o ponto, como um dia da vida de uma pessoa, ou o casamento em algumas civilizações, por exemplo. A partir dessa data organizamos nosso pensamento com um antes e depois. Após o casamento, teoricamente, damos um novo sentido à vida e iniciamos uma nova trajetória. Paul Ricoeur coloca que

O momento axial - característica da qual os outros derivam - não é nem um instante qualquer, nem um presente, embora compreenda ambos. É como nota Benveniste, um 'acontecimento tão importante que supostamente dá as coisas um novo curso' (RICOEUR, 2011, p. 183).

Ou seja, o ponto axial não é um marco qualquer na história, é um fato marcante que altera a trajetória de uma linha temporal. Altera a linearidade na relação presente, passado e futuro. Por exemplo, se o nosso ponto axial não fosse o nascimento de Cristo, provavelmente nossas noções de certo e errado, de pecado e dádiva seriam distintas das atuais. Ou ainda, se o muro de Berlin ainda existisse, outra noção de sociedade existiria naquela região.

Um outro ponto a ser considerado ao falarmos sobre o ponto axial é que, por vezes, ele não é definido no ato em si, ou seja, não foi no momento do nascimento de Cristo que a sociedade mudou. O ponto axial foi definido muito depois de ter ocorrido, no caso deste exemplo, mais precisamente 525 anos depois do nascimento de Cristo, a mando do Papa João I. Isso ocorre por um movimento de reconhecimento e de disputas de diversos âmbitos. Nesse sentido é possível crer que a definição desse marco, o nascimento de Cristo, possa ter causado descontentamentos para os religiosos de outras crenças, por exemplo.

Assim podemos concluir que o ponto axial é definido por tensões e visões de mundo. Considerar o ponto X ou o ponto Y como ponto axial tem um duplo sentido: determinar o que é importante até então e mudar o curso dos acontecimentos futuros.

Voltando ao caso da escalada, qual é então a problemática em torno de se considerar o ponto axial da escalada a ascensão do Mont Blanc nos Alpes em 1786?

Antes da escalada do Mont Blanc diversas montanhas já haviam sido escaladas: os povos Quéchuas ascenderam aos cumes acima dos 6000 metros para fazer oferendas (CERUTI, 2003; DAFLON; DAFLON, 2016). Um monge budista em 633d.C ascendeu até o cume do Monte Fuji (BEEDIE, 2015; DAFLON; DAFLON, 2016). O poeta italiano Petrarca subiu ao monte ventana em 1353, relatando por escrito seu feito, suas sensações e reflexões (DAFLON; DAFLON, 2016; MORRÁS, 2000). Estas e muitas outras ascensões documentadas ou esquecidas foram realizadas ao longo da história da humanidade. Mas por que essas ascensões não se tornaram pontos axiais?

Se seguirmos a lógica de pensamento de Ricoeur (2011), considerando que os pontos axiais representam uma mudança de rota, é inegável que a ascensão do Mont Blanc em 1786 foi um desses momentos, assim como a revista de escalada espanhola *Desnível* aponta:

A partir de 1786, nada mais parou a busca da beleza que existe nas montanhas. A primeira ascensão ao Mont Blanc foi um grito no cume cujo eco se estendeu por todo o mundo e que trouxe em seguida novas ascensões. [...] As repetições ao Mont Blanc e primeiras ascensões a cumes alpinos mais acessíveis, deram um passo a objetivos mais desafiantes. Mas acima de tudo, veio algo muito mais importante. Então, e não antes, se desencadeou um movimento que trouxe consigo um universo cultural próprio. Graças a ele, o alpinismo mundial se encheu de grandes obras pictóricas, literárias, fotográficas e cinematográficas. (DESNIVEL apud DAFLON; DAFLON, 2016, p. 11)

A partir da ascensão ao Mont Blanc, a escalada tomou novos rumos. Realmente uma troca de rota foi traçada. A escalada do Mont Blanc foi o que Ricoeur (2011) considera um acontecimento que dá novos rumos às coisas, e a partir dele os aspectos cósmicos e psicológicos do tempo recebem uma nova significação. Mas assim como a definição do marco axial cristão dependeu de um contexto político que se estabelecia na época de 525 d.C., a escalada também, no entanto qual foi esse contexto para a escalada? Utilizo uma questão colocada por Daflon e Daflon (2016) e a complemento: O que significa chegar ao cume de uma montanha icônica francesa três anos antes da Revolução Francesa, em plena Revolução Industrial, no cerne do pensamento Iluminista e da “Revolução Científica”?

Eric Hobsbawm, renomado historiador, define esse período, que ele chama de Era das Revoluções, como “[...] a maior transformação da história humana desde os tempos remotos quando o homem inventou a agricultura e a metalurgia, a escrita a cidade e o Estado” (HOBSBAWM, 1979, p. 17). Esse período tem o seu centro na Grã-Bretanha e França, e daí se expandiu para o mundo. Sendo que a Grã-Bretanha é um centro mais industrial e a França um território mais político (HOBSBAWM, 1979). Essa revolução, baseada nas ideias Iluministas, teve suas raízes formadas anos antes, no período que compreende os dois últimos decênios do século XVII até mais ou menos 1780. Tal período foi marcado por um forte crescimento do saber científico, do racionalismo e do empirismo, pensamentos oriundos principalmente do filósofo francês René Descartes e Baruch Spinoza (FORTES, 2004). Outras grandes marcas desse momento histórico foi a criação da grande Enciclopédia de Diderot e d’Alembert, e a crescente “[...] convicção no progresso do conhecimento humano, na racionalidade, na riqueza e no controle sobre a natureza [...] derivou sua força primordialmente do evidente progresso da produção, do comércio e da racionalidade econômica e científica” (HOBSBAWM, 1979, p. 36-37).

Assim podemos identificar um grande movimento originário principalmente da França, de um forte pensamento cientificista, o qual levou posteriormente ao desenvolvimento das vertentes positivistas de ciência. Nesse momento, a ascensão da burguesia era evidente, e havia um claro confronto entre o previamente estabelecido por uma vontade divina, em contraponto com as novas descobertas e vontades do desenvolvimento de um saber categórico, científico. Junto a isso, ideias liberais como as de John Locke e Adam Smith eclodem nessa época, evidenciando os pensamentos como o das conquistas individuais, do mérito próprio (FORTES, 2004). Ou como Hobsbawn define:

A grande revolução de 1789-1848 foi o triunfo não da 'indústria' como tal, mas da indústria capitalista; não da liberdade ou da igualdade em geral, mas da classe média ou da sociedade burguesa liberal; não da 'economia moderna' ou do estado moderno, mas das economias e Estados de uma determinada região geográfica do mundo [...] (HOBSBAWM, 1979, p. 17).

Assim destaco três pontos influentes no pensamento da época: um constante contraponto entre um saber racional contra o chamado “misticismo” das crenças e representações simbólicas, o início da ideia do homem controlando a natureza, assim como o início do capitalismo e seus ideais de méritos e conquistas individuais.

Se na antiguidade as crenças sugeriam que as montanhas eram deuses, ou que deuses e seres míticos lá habitavam (HERZOG, 1956), é possível que nesse momento histórico de soberania de um saber racional, científico e liberal, as montanhas fossem alvos de especulações e palco das “desmistificações” e conquistas. Portanto ao considerar essa lógica de pensamento é possível entender a força que o contexto político exerceu sobre o desenvolvimento da escalada. Foi nessa época de grande ascensão de um cientificismo, do capitalismo, que as montanhas foram exploradas e desenvolveu-se uma “cultura” que alguns historiadores da escalada consideram como marco histórico.

Cerca de setenta anos depois da ascensão do Mont Blanc, iniciou-se o que alguns historiadores consideram a corrida pela ascensão dos cumes de montanha, culminando na época de ouro do alpinismo, 1859 à 1865 (JAHN, 1939), exatamente no período conhecido como segunda Revolução Industrial. Uma verdadeira corrida para ser os primeiros a ascender às montanhas e ter a glória de tais feitos. A escalada como conquista começa a ganhar força e pertencer ao imaginário dos montanhistas. Uma montanha após a outra, cada vez picos com mais altitude (Imagem 12).

Considerando esse contexto amplo, podemos então identificar claramente dois momentos da escalada: um anterior e um posterior à escalada no Mont Blanc. Embora seja impossível e mesmo incoerente traçar uma linearidade absoluta acerca da forma como se percebe a montanha e a própria escalada, essa demarcação indica a forma como essa prática é predominantemente retratada nos registros históricos e discursos de grupos hegemôni-

cos ocidentais. Isso demonstra a forte presença do que Durand (2014) denominou “Bacia Semântica”, uma forte recorrência mítica presente no imaginário social de uma época, que se desenvolve e se encerra assim como a estruturação de uma bacia fluvial. “A inundação acaba por originar o rio embaixo do vale, rio que vamos nomear, que vamos canalizar, e que vai, finalmente, perder-se no delta, depois se lançar no mar até que um novo ciclo recomeça”(MAFFESOLI, 2004, p. 24) .

Michel Mafessoli, discípulo de Durand, caracteriza esse período específico da história pela presença das características apolínias, pelo individualismo, pela razão instrumental, por uma esperança no futuro através do desenvolvimento científico, ou em suas próprias palavras: “A exterioridade é fundamento da ação. Tudo é da ordem da ‘ex-tensão’. A realização, individual ou social, é uma conquista. Inscreve-se em um projeto mensurável, rápido, previsível racionalizante” (MAFFESOLI, 2003, p. 17). Tais recorrências são fortes marcas desse período histórico. Em consonância com o espírito da época, as montanhas passaram a ser campo da conquista do ser humano, marcado entre outros, por pesquisas de cunho científico. Nesse sentido em 1890 vemos surgir no Mont Blanc o refúgio Vallot, a 4252 metros de altitude, base de apoio para as pesquisas científicas do meteorologista e botânico Joseph Vallot (DAFLON; DAFLON, 2016), e a época de ouro do alpinismo, que é iniciada pelos alpes e depois expande-se para o resto do mundo. Assim é plausível entender o sentido dos primeiros “conquistadores” de montanhas⁶ serem os franceses e ingleses (JAHN, 1939), nacionalidades nas quais o pensamento liberal se inicia. A marca simbólica cravada no imaginário humano em decorrência dessa época pode ser vista na fala do escritor Teófilo Gautier, que ao observar os escaladores voltando da escalada do Monte Cervino, escreve:

Esta luta do homem com as montanhas, é, sem dúvida, poética e nobre. As massas, que tem um certo instinto para julgar grandes feitos, rodeiam cheio de respeito e admiração, a esses valentes e os ovacionam. Eles representam a vontade e protesto contra o obstáculo cego, e eles colocam nos lugares, a maioria inacessíveis, a bandeira da inteligência humana. (GAUTIER apud JAHN, 1939, p. 2, tradução nossa).

Podemos perceber neste excerto publicado nos jornais da época uma exacerbação das cargas positivas atreladas às ideias de conquista heroica. Nesse sentido que Durand estabelece: “Assim como um rio é formado dos seus afluentes, uma corrente nitidamente consolidada necessita ser reconfortada pelo reconhecimento, o apoio das autoridades locais e das personalidades e instituições” (DURAND, 2014, p. 110). Portanto a definição de um marco axial para escalada tem a mesma função de qualquer outro marco axial na história

⁶ Os primeiros conquistadores, no sentido da conquista da montanha empregado nesse momento histórico. Antes as montanhas não eram conquistadas, eram deuses, locais de contemplação. Ascensões eram realizadas, porém não eram nomeadas como conquistas.

da humanidade, delimitar o que é importante até então, e de mudar os rumos dos acontecimentos futuros, sempre em consonância à essa constelação de imagens mais fortes e pertencentes ao pensamento hegemônico da época.

Desse modo, podemos identificar as ressonâncias e consonâncias desse marco nos dias atuais. Apesar de atualmente, início do séc. XXI, os maiores picos já terem sido escalados, a busca pela glória na escalada continua a se manifestar. Tanto para os escaladores de base que buscam em seus feitos cotidianos serem reconhecidos em sua comunidade, quanto para os grandes escaladores mundiais que lutam para conseguir um lugar na memória coletiva. É possível identificar o prestígio das conquistas estampado em alguns exemplos das manchetes de jornais voltados para o público escalador: “Mishka Ishi de 13 anos se torna a pessoa mais jovem a mandar um V15” (MISHKA..., 2019); “Os Wide boys mandam a ‘Black Mamba’ (5.14b), possivelmente o mais difícil teto em fenda já escalado por eles” (WIDE..., 2019); “Felipe Camargo conquista a mítica via ‘Gancho Perfecto’ (9a+!!), na Espanha” (FELIPE..., 2018). Essas representações numéricas presentes nas manchetes são os graus de dificuldade da escalada. Apesar de ser uma escala objetiva, o grau representa um aspecto subjetivo. É comum em alguns âmbitos da escalada uma larga e calorosa discussão sobre qual é a graduação de determinada via. Alguns se ofendem por não ter conseguido realizar determinada via que é classificada com grau inferior, outros dizem que a via não merecia tal grau, pois é fácil demais, pois em certa medida, o grau é *poder*. Escalar um grau maior é ser mais respeitado em alguns âmbitos da escalada.

Quanto maior o grau escalado, mais força você tem, mais heroico você é. Seguindo os rastros das estruturas do imaginário (DURAND, 2012), o grau toca diretamente o arquétipo do herói nos escaladores. Mais especificamente o herói solar, portador do gládio, das armas, que vai combater a mortalidade usando sua força. E assim como o autor salienta, o gládio não pode ser dissociado do cetro, do poder. O grau nas escaladas atuais é a atualização da imagem de conquista das altas montanhas do marco axial. Ele assume a mesma simbologia: a busca pelo reconhecimento de feitos heroicos.

Porém, conforme mencionado, não é a escalada que passa a existir a partir da definição do marco, mas sim, o fortalecimento de uma determinada ideia sobre ela. E assim como a bacia semântica não possui somente as imagens da corrente principal (DURAND, 2014), o imaginário do escalador não pode ser resumido a uma constelação de imagens dominantes. Gilbert Durand, ao criar a noção de bacia semântica, já nos adverte que sua estrutura de bacia semântica é baseada em monumentos e documentos (DURAND, 2014). Junta-se à isso a discussão de Paul Ricoeur quando utiliza a noção de monumento de Le Goff: “O que torna o monumento suspeito, [...] era sua finalidade escancarada, a comemoração de acontecimentos que os poderosos julgavam dignos de ser integrados à memória coletiva” (RICOEUR, 2011, p. 200). Segundo o autor, os arquivos e documentos sobreviventes na história não são menos instituídos que os monumentos, ou seja, eles sempre revelam uma

intensão ao serem criados e conservados. Portanto uma historicidade da escalada baseada em documentos é uma perspectiva de realidade, uma versão. Assim o que passa a existir a partir do marco é a predominância de um pensamento dominante em consonância com a bacia semântica apolínea da época, e não a escalada como fenômeno humano.

Apesar de os historiadores defenderem a forja de um novo espírito humano, uma nova motivação para se ascender, há um aspecto faltante nessas imagens geradoras que pode ser encontrado na busca pelos vestígios que nos fala Ricoeur (2011). Ao ir a campo e ouvir os escaladores que não participam da história instituída, que não são famosos e nem o querem ser, encontro um outro registro simbólico:

Eu comecei na tradicional com rotas muito, muito fáceis. E me encantou estar na montanha. Essa parte me fascinou, como estar na altura, igual aproveitei a escalada de uma maneira muito diferente. Como antes era: Ya tenho que escalar 5.10, tenho que escalar 5.11, sempre nos graus, e estava mais como uma competição. E quando tive minha primeira experiência em tradicional eu me lembro fazendo o cume, e olhando tudo em paz nas montanhas, e eu tinha essa apreciação pelo lugar, e bom, que rico que tenho um pouco de habilidade e que posso aproveitar esse lugar. Creio que me ajuda. A natureza é bem importante para mim. Eu alcanço um nível de prazer e felicidade só de estar no lugar (Depoimento de Simone, Bariloche, 2019, tradução nossa).

Ou como diz Ângela:

Eu costumava ser motivada por fazer coisas difíceis, coisas longas, agora eu ainda gosto de me esforçar, mas agora sou motivada pelas pessoas que eu escalo junto, conhecer maravilhosas comunidades, e eu sinto que as melhores experiências que eu tive na montanha foram quando eu estava realmente presente com a pessoa que eu confiava, ou o condor passando, ou o pôr do sol que eu podia ver o Frey na paisagem. Você sabe, esses pequenos momentos que realmente fazem valer a pena (Depoimento de Ângela, Cochamó, 2019, tradução nossa).

Ou ainda como diz Hannah: “Para mim a escalada é muito mais que o físico e o técnico. Vai muito além do ‘*passito*’ do grau” (Depoimento de Hannah, Bariloche, 2019, tradução nossa). Ou Jean falando sobre sua motivação na escalada:

Mudou, primeiro era essa vontade, eu acho de escalar graus mais altos, você sabe, ir subindo os números, mas agora, a motivação é sempre a aventura e os amigos [...] no fim do dia, eu não ligo para as ascensões em livre, ou os graus. Eu me diverti (Depoimento de Jean, Cochamó, 2019, tradução nossa).

As falas dos escaladores evidenciam uma constante negação ao ‘grau’ como símbolo do poder heroico. Em contraposição vemos o destaque para imagens de contemplação e de amizade. Escaladores e escaladoras relatam admirar o pôr do sol em meio às montanhas, o condor voando ao vento, os parceiros em quem podem confiar. A negação ao grau é, de certo modo, uma negação à escalada como poder, uma negação às ambições e significações que representam a mudança de rota sugerida pelo marco instituído. A revelia do espírito conquistador defendido pelos historiadores, uma outra história existe nos vales montanhosos, e sobrevivem, como veremos⁷, na tradição oral. Este outro regime de imagens que surge nas falas dos entrevistados aponta para caminhos distintos dos indicados pela história instituída. Se o marco sugere uma mudança de rota, surge a dúvida: Qual era o significado atribuído às ascensões de montanha antes do estabelecimento do marco? Há mitos de muitas civilizações que relatam montanhas míticas, que chegariam aos céus e que seriam a relação entre os humanos e o divino. Há, por exemplo, segundo Christopher Dell (2016), o monte Meru na tradição hindu, ou Sumeru na budista, em que uma montanha em forma de ampulheta seria escalável somente para os puros de coração. No mito Xintoísta, o lar dos deuses Takaamahara se encontraria no cume do Monte Takachiho. Na tradição judaico-cristã, Moisés teria conversado com Deus no Monte Sinai, recebendo os dez mandamentos, ou nos evangelhos, que relatam que Cristo foi levado ao topo de uma montanha por Satã, para lhe oferecer tudo que ele pudesse ver. No cume do Llullallaco (6.723m) foram encontradas 3 múmias de crianças, possivelmente oferenda para os deuses, que estavam lá a pelo menos 100 anos antes da chegada dos colonizadores espanhóis (CERUTI, 2003).

Assim ascender a uma montanha era conectar-se ao divino, ao sagrado. Essa relação do sagrado com a montanha perpassando a experiência humana é o elemento que gostaria de destacar. Não é porque a ascensão ao Mont Blanc foi considerada um marco para a escalada, indicando uma mudança de contexto histórico, que a relação sagrada com a montanha se perdeu. Nas descrições dos escaladores à base da montanha, na corporeidade daqueles que habitam os paredões rochosos, as mesmas imagens primordiais aparecem, imagens oriundas da experiência, e que tem íntima relação com o sagrado (COSTA, 2001). Porém não é porque a ideia de conquista toma força a partir do momento axial da escalada que as imagens de superação não existiam antes dela. Assim como encontramos no relato do poeta italiano Francisco Petrarca, ao ascender o Monte Ventana em 1353:

Se eu não tenho poupado tanto suor e esforço para que meu corpo esteja mais perto do céu, que cruz, que prisão, que tormento deve assustar a alma quando esta se aproximar de Deus, inflamada e prestes a conquistar o ápice da glória e do destino humano? (PETRARCA apud MORRÁS, 2000, p. 35, tradução nossa).

7 Capítulo “Estórias no pé da montanha”.

A sensação de dificuldade e de superação ao se ascender a uma montanha sempre foi sentida nos corpos dos montanhistas, mas a criação da imagem do homem dominando a natureza pelos seus méritos é possivelmente uma imagem contemporânea pós instituição dessa bacia semântica, que contribuiu para a expansão da escalada moderna.

Como podemos então entender o imaginário do escalador a partir de uma análise do ponto axial da escalada? Voltemos a análise primordial de Durand do Imaginário como “gênese recíproca”, mas ampliando suas considerações mais recentes sobre a tópica socio-cultural do imaginário (DURAND, 2014). O imaginário teria diversas camadas, que vão desde uma instancia mais “profunda”, a qual o autor denomina “inconsciente específico”, ligadas aos esquemas arquetípicos, até uma camada superior que ele denomina “superego” da sociedade. E “este superego organizará e racionalizará em códigos, planos programas, *ideologias* e pedagogias, os papéis positivos do ‘ego’ sociocultural” (DURAND, 2014, p. 95, grifo nosso). A relação entre camada inferior e profunda e camada superior do ego sociocultural se dá num contexto de reciprocidade, em uma espécie de retroalimentação. É nesse jogo dinâmico do imaginário que podemos adentrar para considerar a definição de marco axial da escalada. As estruturas macro sociais de uma época afligem e influem no universo micro do escalador.

Desse ponto e dessas absorções do imaginário social de uma época é que o imaginário da conquista da montanha toma força, e o sentido de combate à natureza pela destreza humana origina, entre outros, as corridas para ser os primeiros a ascender aos cumes de montanha, enaltecendo, portanto, o aspecto de superação ao escalar. Mas assim como Durand estabelece, enquanto um mito dirigente é “atualizado”, outros são “potencializados”, ou seja, enquanto há predominância de uma determinada constelação mítica, outras estão em estado latente. “[...] o imaginário atualizado reprime e exclui o imaginário em potencial. A partir de então marginalizado, este entra na clandestinidade da latência e mal consegue classificar-se sob a denominação de um mito preciso” (DURAND, 2014, p. 99).

Aparentemente, na base das montanhas outras histórias são contadas e sobreviveram na clandestinidade, ali na beira da fogueira abrigado sob um bloco de pedra, um outro aspecto do imaginário dessa prática ancestral é preservado naqueles que a vivem. Portanto ao se considerar que a vontade do escalador é somente a sede por uma conquista é voltar-se somente às imagens presentes em discursos hegemônicos marcados fortemente por uma bacia semântica de época. Para encontrar as imagens que movem os escaladores contemporâneos é necessário também ir em direção ao que Ricoeur (2011) encontrou como ponto de sutura entre a intratemporalidade e o tempo vulgar de Heidegger, que é a própria ideia de vestígio. A partir dele se revelam as imagens mais primitivas da ascensão de montanhas, que perpassam eras e marcos.

Um marco axial representa uma mudança de rota do pensamento dominante, e não o nascimento do mundo. Assim como não é a partir do nascimento de Cristo que o mundo passa a existir, não é a partir do Mont Blanc que a escalada passa a existir. O que passa a existir é somente uma predominância da ideia sobre a escalada vinculada a bacia semântica de seu período histórico, essa ideia da conquista e superação dos limites. Aparentemente o Mont Blanc é definido como marco para dar notoriedade aos pensamentos da época. Porém assim como em nossa sociedade definida pelo nascimento de Cristo também cultua outros deuses, outras religiões continuam a existir, e outros pensamentos para além dos cristãos se perduram na humanidade, a definição de um marco axial da escalada só demarca o pensamento dominante e mais presente, mas não todos.

A escalada como encontro de si, como meditação ou como contemplação, se perpetua no imaginário do escalador para além das ideias de conquista, e sobrevive nos corpos dos escaladores que experienciam a ascensão de montanhas por eras. Os humanos sempre habitaram as montanhas, sempre as subiram usando técnicas pertinentes ao seu tempo histórico e suas possibilidades inventivas de cada época. Ao que aparenta, o Mont Blanc é somente mais uma demarcação colonialista e representativa da dominância eurocentrista do século das luzes de pensamento. E ao buscar as imagens inspiradoras dos escaladores contemporâneos não podemos nos limitar a um marco político, pois os significados das ascensões de montanhas tem raízes muito mais antigas que 1786.

LA DOMENICA DEL CORRIERE

Supplemento settimanale illustrato del nuovo CORRIERE DELLA SERA - Abbonamenti: Italia, anno L. 1400, sem. L. 750 - Estero, anno L. 2000, sem. L. 1050

Anno 56 - N. 33

15 Agosto 1954

L. 30.



Il tricolore sul K 2. Sabato 31 luglio la spedizione del Club Alpino Italiano all'Imalaia ha conquistato la seconda vetta del mondo (m. 8610). Sulla piccozza che i protagonisti della meravigliosa impresa alpinistica hanno piantato sulla cima della ciclopica montagna, più ardua anche dell'Everest, oltre alla nostra bandiera erano legati quella del Pakistan, nel cui territorio si trova il K 2, e il gagliardetto del Club Alpino. (Dis. di G. De Gaspari. Vedi articolo a pagina 7)

Imagem 12 – Ilustração evidenciando a conquista no Jornal “La Domenica del Corriere” sobre a primeira ascensão do K2. (Disponível em: <https://rivistanatura.com/mattia-conte-conquista-la-vetta-del-gasherbrum-ii/>. Acesso em 11 de julho de 2020).

A montanha sagrada

Ao tentar compreender a significação da montanha para antes do marco axial, buscaremos as primeiras organizações narrativas dessa experiência. Recorreremos aos mitos, assim como definem Ferreira-Santos e Almeida (2012, p. 48): “O mito é uma forma de conhecimento. Remonta aos primórdios da humanidade, constitui-se por meio de uma narrativa simbólica e aparece como a primeira formulação da experiência de existir no mundo”. As narrativas míticas são, entre outras coisas, expressões de uma existência. O senso comum, carregado de um racionalismo dicotômico, interpreta os mitos como mentiras, como vemos nas clássicas expressões: “mito ou verdade”, por exemplo. Mas as narrativas míticas não são histórias fantasiosas destituídas de verdade. Elas são um modo de expressão das experiências no mundo. Porém as narrativas míticas também nos revelam algo mais, para além de um modo de expressão.

A narrativa mítica é somente uma das formas que o mito se mostra no mundo. O mito é presente, como veremos, na essência da existência humana, e a narrativa mítica é uma maneira de organizar o conhecimento mítico. A narrativa mítica poderia ser comparada a um livro, enquanto o mito é conhecimento descrito pelas frases neste livro. Mas esse mesmo conhecimento pode ser expresso de outras formas: em uma dança, em uma poesia ou nos simples atos cotidianos. Assim Durand (2012) diz que os mitos são sistemas dinâmicos de símbolos e arquétipos, e estes por sua vez são as forças motrizes de todas as imagens do imaginário humano. Essas forças nos dão direção, sentido e se mostram através de símbolos. Ou ainda como Bachelard coloca: “Os arquétipos são, do nosso ponto de vista, reservas de entusiasmo que nos ajudam a acreditar no mundo, a amar o mundo, a criar o nosso mundo” (BACHELARD, 2018, p. 119).

Desse modo temos que as narrativas míticas são um certo conjunto de símbolos e arquétipos organizados em um discurso narrativo. E o mito é o que está contido na narrativa, “É a potência criadora e mediadora da vida individual e coletiva, está na base das atividades psíquicas, das narrativas biográficas, e rege a vida social, as formulações ideológicas, as narrativas histórias etc.” (FERREIRA SANTOS; ALMEIDA, 2012, p. 49). Portanto ir aos mitos para buscar uma compreensão de um significado das ascensões para além de um marco axial, é ir em busca dessa potência, desses símbolos e arquétipos estruturantes da relação ser-mundo.

Como então era representada a montanha para os povos tradicionais? Em diversas regiões do mundo, a montanha sempre foi retratada nos mitos de origem, estando presente sempre com um simbolismo muito forte ligado a alguns mitemas específicos. Nos mitos antigos da tradição hindu, temos uma montanha mítica que é retratada como o Monte Meru, o centro do mundo. Em seu cume vive Brahma, o deus da criação, e sua ascensão é possível somente para os puros de coração (Imagem 13) (DELL, 2016). Nos mitos Xintoístas no alto do monte Takachiho se localiza Takaamahara, o lar de todos os deuses. De lá partem Isanagi e Isanami, que teriam chegado a terra e construído um totem chamado “Amenomihashira”, que seria um caminho entre céu divino e a terra da paz-Wakoku (SEGANFREDO, 2011). Na mitologia grega temos o

Monte Olimpo, lar de todos os deuses (BRANDÃO, 2015). Na tradição árabe temos o Qâh ou Qâf, nome dado a montanha sagrada longínqua (GUÉNON, 2017), que é também relacionada como único ponto de pouso de Rukh, Roc ou até Simurgh, semelhante a Fênix. É também dessa montanha sagrada, segundo a tradição hindu ou persa, “[...] que provém o soma, que se identifica à ‘amrita’ ou à ‘ambrosia’, bebida ou alimento da imortalidade” (GUÉNON, 2017, p. 101). Também encontramos uma recorrência dessa montanha no Irã sob o nome de Haraberezaiti, e o Monte dos Países na Mesopotâmia (ELIADE, 2018, p. 39).

Para além dessas narrativas, temos que em diversas religiões as revelações sagradas são atribuídas ao ambiente de montanha. Assim como na tradição judaico-cristã Moisés teria recebido os dez mandamentos no alto do Monte Sinai (BRANDÃO, 2015). Meishu-Sama, senhor da luz na religião messiânica, teria recebido a revelação divina em meio ao Monte Nokoguri. Os povos Quéchua ascendiam até montanhas com mais de 6000 metros de altitude para fazer oferendas aos deuses (CERUTI, 2003). Guénon (2017), seguindo a tradição hindu, traz a relação de Satya-Yuga, era da verdade, e de Satya-Loka, lugar da verdade, este lugar da verdade sendo sempre o topo da montanha. Todos esses exemplos trazem a montanha como local sagrado, morada dos deuses ou local de acesso aos deuses.

Essas imagens ancestrais nos trazem símbolos recorrentes em diversos pontos do globo terrestre em diferentes momentos da história. A primeira recorrência simbólica que encontramos com ajuda de Eliade (2018) é que a montanha representa uma rotura, ou seja, uma abertura entre o divino e o terreno, essa rotura é uma recorrência encontrada em exemplos como Monte Meru e suas variações (Imagens 14 e 15), Monte Qâf, Monte Olimpo, entre muitos outros citados. Essa rotura, ou ligação entre o céu e a terra, primordialmente representada pela montanha, empresta sua simbologia para os totens religiosos. Esses eram construídos nas cidades para trazer a rotura para próximo de si, por exemplo, o mural tibetano em que o Monte Meru é representado em forma de totem (DELL, 2016), ou a Ziqqurat, construção recorrente entre os sumérios que habitam o sul da Mesopotâmia, que era “[...] propriamente falando, uma montanha cósmica: os sete andares representavam os sete céus planetários; subindo-o, o sacerdote ascendia ao cume do Universo” (ELIADE, 2018, p. 41). Nesse mesmo sentido também se estabelece o totem Amenomihashira nos mitos xintoístas do Japão. Essa rotura central de ligação também é encontrada sob forma de árvore em Yggdrasil na mitologia nórdica, ou sob o simbolismo da escada, por exemplo, o caso da escada de Jacó no cristianismo. Em todos os casos é a proximidade aos céus ou “o ponto de encontro entre céu e terra” que marca a simbologia da montanha, dos totens e das árvores sagradas. Aquilo que é alto, como as montanhas, acessa aos céus, e é no alto das montanhas, assim como a tradição hindu nos mostra, que acessamos o Satya-Loka, local da verdade, morada dos deuses.

Aprofundaremos a discussão trazendo uma potência atrelada a ideia da rotura da montanha sagrada, que é o simbolismo do centro. Em todas as variações do Monte Meru, Sumeru, Monte Watai, Monte Altae, Monte Thabor, encontramos que são montanhas que identificam o centro do mundo, o centro de uma cosmogonia. O centro, segundo René Guénon (2017), simbo-

liza antes de mais nada a origem. O ponto de partida de todas as coisas e também o ponto final. Ele é, segundo Guénon, o Alfa e o Ômega, princípio e fim de todas as coisas (GUÉNON, 2017). Seguindo essa ideia, o centro também é o eixo. O centro traz a imagem do ponto fixo no movimento, enquanto o todo se move, o centro permanece igual. Além do Monte Meru ser expresso como o centro do mundo ele também é seu eixo, como Guénon nomeia, é uma montanha polar, ou seja, é o polo do mundo. A montanha como eixo fixo exprime uma potência de imagem para os povos antigos que é do princípio imutável, origem de todas as coisas e a imagem da eternidade por excelência (GUÉNON, 2017).

Um mito hindu contado por Zimmer (1989), nos traz a história de um Indra que, enaltecido por seu triunfo, se apegou a construção de um palácio interminável, mas que desistiu de tal façanha após ter conhecido a temporalidade dos deuses: seu reinado duraria 71 éons, e assim que 28 Indras morressem, um dia e uma noite de Brahma teriam se sucedido. Cada mover de pálpebras de Vishnu, deus supremo, é uma vida de um Brahma. O centro traz essa potência: enquanto todo o resto se move, ele permanece inabalado. Ao buscarmos um caminho de análise bachelandiana de inspiração da matéria (BACHELARD, 2001, 2003, 2008, 2013, 2016) encontramos mais uma recorrência dos estudos de Eliade:

O rochedo revela-lhe qualquer coisa que transcende a precariedade de sua condição humana: um modo de ser absoluto. A sua resistência, a sua inércia, as suas proporções, tal como seus contornos estranhos, não são humanos: eles atestam uma presença que fascina, aterroriza, trai e ameaça. Na sua grandeza e na sua dureza, na sua forma e na sua cor, o homem encontra uma realidade e uma força que pertencem a um mundo diferente do mundo profano de que ele faz parte (ELIADE, 1993, p. 175).

Para os povos arcaicos, o rochedo, a montanha rochosa era algo que não pertencia à condição profana do homem. Era algo para além, era um território sagrado. Não por coincidência, as montanhas sagradas terem sido o eixo do mundo, imóveis, imutáveis, imortais. Ao tempo das montanhas, nossa duração é tão curta quanto a dos Indras perante Vishnu. As representações da montanha sagrada sempre tem uma ligação com o soma védico, ou a Amrita dos hindus, bebidas ou alimentos da imortalidade semelhante a ambrosia dos gregos (GUÉNON, 2017). A imagem da imortalidade é recorrente em diversas representações da montanha. No mito xintoísta, por conta do deus Ninigi ter escolhido a Konohana-Sakuya, deusa das flores, ao invés de Iwanaga deusa das rochas, o ser humano, descendente de Ninigi, é destinado a ser mortal e efêmero como as flores, e não imortal como as rochas. A montanha rochosa traz essa potência da permanência, de algo que transcende o tempo dos mortais, algo longínquo, duradouro, imutável. A solidez e a longevidade de uma montanha, que perpassa gerações, é expressa nessa potência do eixo do mundo nas montanhas sagradas.

Outro ponto recorrente que se relaciona com as imagens da montanha sagrada das civilizações antigas e se liga ainda mais à experiência da escalada é a ascensão aos céus pela verticalidade. Em alguns ritos como o do tronco sacrificial, yûpa, da Índia védica, o sacerdote sobe ao topo e grita: “Alcançamos o céu”, ou no xamanismo central e norte-asiático, o xamã sobe os nove entalhos feitos na árvore sagrada, e ao chegar no último também diz que subiu ao céu (ELIADE, 1996). Também nos sacrifícios Quéchuas se escalavam montanhas acima dos 6000 metros de altitude para realizar oferendas aos deuses (CERUTTI, 2003). Em todos esses exemplos está presente a ideia de uma experiência ascensional como algo que leva ao sagrado. Também é comum e com simbolismo semelhante, como já relatamos, a imagem da escada. Os egípcios conservavam nos textos funerários o escrito *asket pet*: *asket* seria degrau, e a expressão diz respeito à escada que unia Céu e a Terra. No livro dos mortos, também há escritos como: “[...] tenham instalado para mim a escada para ver os Deuses” ou “[...] os deuses lhe fazem uma escada para que, servindo-se dela, ele suba aos céus” (ELIADE, 1996, p. 46). Tanto pela escalada como pela escada, a ascensionalidade é simbolizada como uma transcendência, ou como melhor explica Eliade:

[...] a escada contém um simbolismo extremamente rico, sem deixar de ser perfeitamente coerente: ela representa plasticamente a ruptura de nível que torna possível a passagem de um modo de ser para o outro. [...] É por isso que a escada e a escalada desempenham um papel considerável tanto nos ritos e mitos de iniciação como nos ritos funerários, sem falar nos ritos de entronização real ou sacerdotal, ou nos ritos de casamento (ELIADE, 1996, p. 46, grifo nosso).

A ascensão sugere uma ideia de passagem, de um modo de ser para o outro. Chegar aos céus por uma ascensão era transcender da condição profana ao sagrado. Esse simbolismo aparece, por exemplo, na ascensão ao Monte Meru, somente possível aos puros de coração, ou o caminho ao Monte Qâh onde vive Simurgh, o pássaro mítico equivalente a fênix, como conta a história do século XII “A linguagem dos pássaros”. Nela um grupo de pássaros parte em busca de Simurgh, a ave lendária, para ser o seu líder. No caminho passam por 7 vales, cada qual com suas provações, dificuldades e aprendizados, muitos adoecem, morrem ou desistem, aos que passam pelo caminho, aprendem que são eles próprios Simurgh:

O sol da majestade emitia seus raios, e, no reflexo do rosto de cada um, os trinta pássaros (si-murgh) do mundo exterior contemplaram o rosto do Simurgh do mundo interior. Isso os espantou de tal maneira que não sabiam se ainda eram eles mesmos ou se se haviam transformado no Simurgh. Afinal, num estado de contemplação, compreenderam que eram o Simurgh e que o Simurgh era os trinta pássaros (ATTAR, 1991, p. 232).

Uma imagem talvez convergente seja a ideia apresentada por Guénon e Zimmer sobre Âtma e Brahman. Âtma reside no centro humano simbolizado pelo coração, e Brahman reside no centro do cosmos no alto do Monte Meru: “A ‘caverna do coração’ é o centro vital em que reside, não sójtvâtmâ, mas também o Âtma incondicionado, que na realidade é idêntico ao próprio Brahma”

(GUÉNON, 2017, p. 207). É importante ressaltar que para os povos tradicionais o macrocosmos é intrínseco ao microcosmos, ou seja, eles não são vistos como entes separados, mas como aspectos de um mesmo cosmos. Assim como em algumas culturas Brahma habita o centro, o Monte Meru, Âtma habita o centro do ser humano, no coração (GUÉNON, 2017). Zimmer coloca:

Brahman como poder supremo em altura e profundidade, último e transcendente, habitando os planos visíveis e tangíveis da nossa natureza, transcende não apenas o chamado “corpo denso” (sthlasarira) mas também o mundo interior de formas e experiências – as noções, ideias, pensamentos, emoções, visões, fantasias, etc. – do “corpo sutil” (suksmasarira). Como poder que transforma e anima tudo no microcosmos, bem como no mundo exterior, é o hóspede divino do corpo mortal e se identifica com o Eu (âtman); o aspecto superior daquilo que no Ocidente chamamos, de maneira indiscriminada, “alma” (ZIMMER, 2018, p. 66)

Por essa perspectiva é possível interpretar que o eixo do mundo, representado pela montanha, tem relação com o eixo de si. O centro é local de união do individual com o Universal (GUÉNON, 2017). Então o caminho para o monte sagrado ao mesmo tempo que é um caminho exterior, também é um caminho interior. O caminho, o trajeto, a ascensão aparecem com uma simbologia atrelada a imagem da montanha, mas acessar a montanha exterior, também é acessar a montanha interior. Dessa forma podemos compreender melhor o simbolismo da rotura entre o divino e o terreno. Possivelmente é nessa relação de caminho exterior e interior que a imagem de transformação ganha potência. Como escalador, ao passar pelos vales e ascender à montanha, não permaneço igual, me transformo. Chegando ao cume da montanha, Satya-Loka, local da verdade, chego ao centro do mundo e ao centro de mim, transcendendo da condição profana, me torno Simurgh, me reconheço em Brahman.

Ao se deparar frente a montanha, o ser humano sempre se sentiu instigado, seja pela altura, pela solidez, ou por sua magnitude. E essa provocação do mundo, provoca o ser humano desde os tempos mais remotos a criar significados perante um mundo que impõe sua presença. E como pretendo demonstrar ao longo desse trabalho, essa relação transpassa marcos e delimitações políticas. Apesar de ser fortemente influenciada pelas bacias semânticas de cada época, há algo que transpassa os modismos na experiência ascensional. Esses simbolismos ancestrais oriundos da relação do ser com o mundo são míticos, pois dizem algo essencial na relação ser e mundo, e que se atualizam a cada ascensão. A montanha como centro é a imagem primordial que perpassa as eras e se atualiza a cada escalador que a ascende, a cada escalador que a encontra consigo ao movimentar-se nas fendas, nos seus regletes e diedros, e que alcança seus cumes. Desse modo seguiremos por caminhos mais amplos do que aqueles ancorados na noção de conquista da escalada moderna. Consideramos a escalada como esse ato mítico provocado pela materialidade do mundo, que traz diversos desdobramentos para aqueles que experienciam a vida em meio às montanhas.

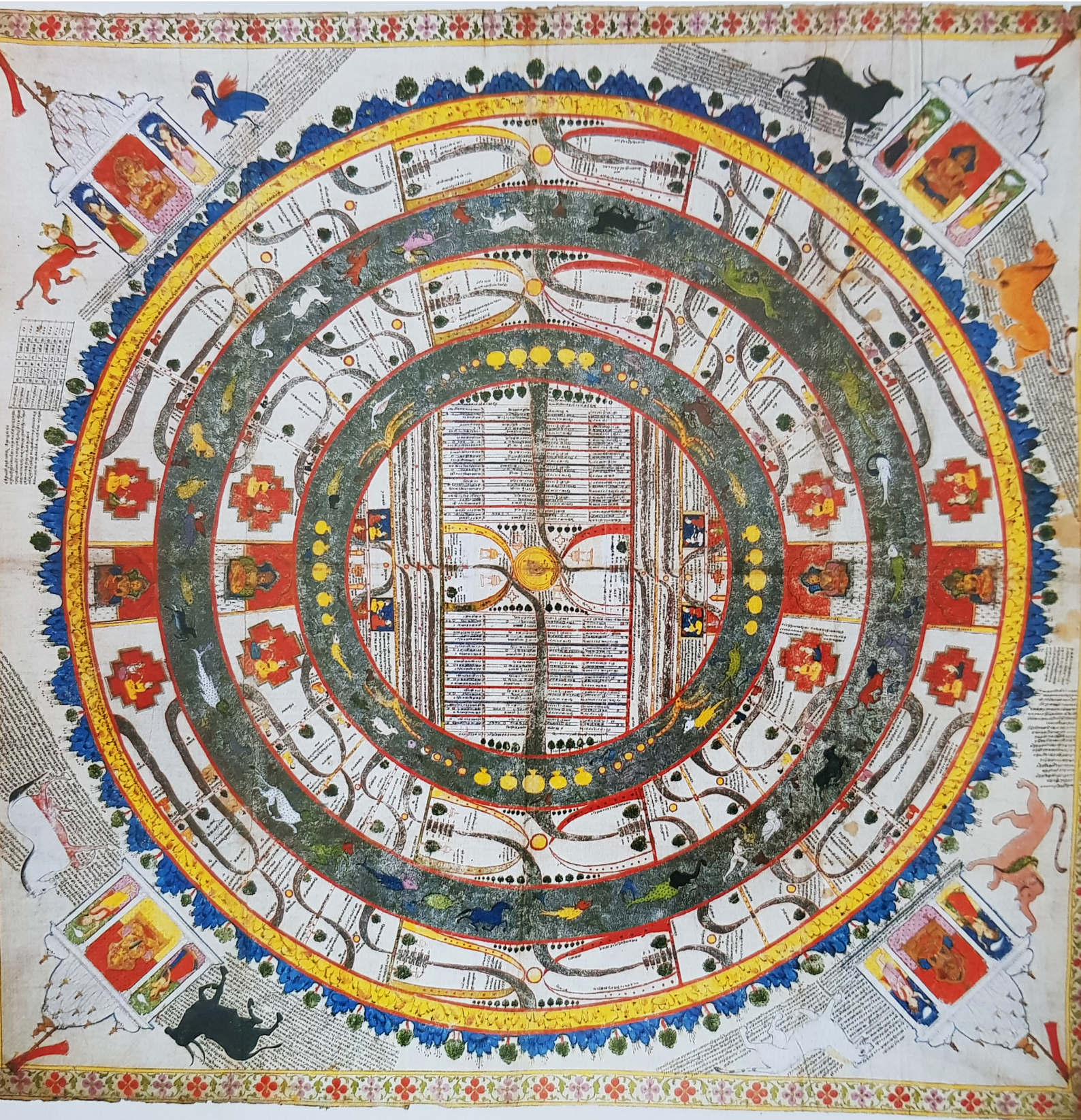


Imagem 13 – Plano cosmológico jainista. No Centro está o Monte Meru em cujo topo vive Brama o deus da criação.
Fonte: DELL, 2016, p.41



Imagem 14 – Tapeçaria chinesa do sec XIV. No centro o Monte Meru representado em forma de ampulheta.
Fonte: MetMuseum

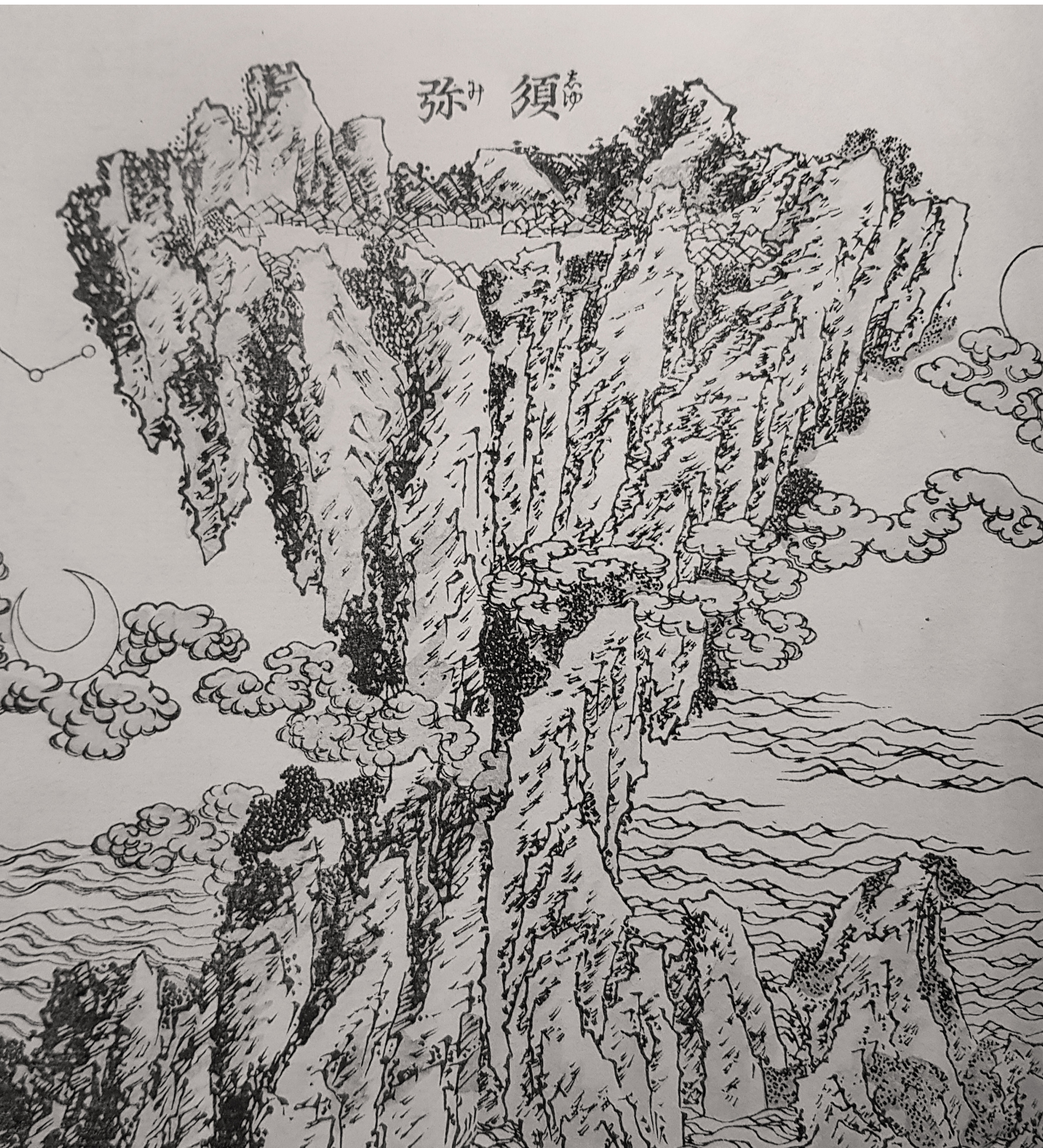


Imagem 15 – Monte Sumeru retratado por Hokusai

Fonte: DELL, 2016, p.94

A multiplicidade do cenário atual

Ao longo dos anos, mesmo a escalada considerada moderna foi se modificando. Cordas antes de sisal deram espaço para as tecnológicas das cordas de nylon. Os batedores e martelos abrem cada vez mais espaço para as furadeiras a bateria. Os pesados mosquetões de aço, dão lugar aos modernos mosquetões de alumínio, e não só mudanças tecnológicas são feitas, mas de modalidades que se desdobraram das ascensões de montanha. Com o tempo algumas brincadeiras que eram feitas pelos escaladores foram se desenvolvendo como modalidades independentes, e hoje são muito populares no cenário da escalada. Não mais somente ascensões de montanha são consideradas escalada, e nem mesmo o ambiente natural se torna tão essencial a algumas modalidades.

Tantas possibilidades também possibilitam que diferentes motivações e ímpetus sejam contemplados ao se adentrar neste universo. Há escaladores que mesmo depois de anos de prática, nunca se sentiram atraídos para escalar com corda em montanha, por exemplo. Desse complexo cenário de múltiplas possibilidades, se faz necessário uma delimitação de nosso escopo de pesquisa. Para tanto, precisarei algumas distinções básicas do que atualmente se considera escalar.

Para aclarar essas distinções utilizarei o referencial brasileiro exposto por Daflon e Daflon (2016) e Beck (1995), porém essas são tentativas de distinções de um fenômeno complexo de grandes enredamentos. Assim sendo, são somente delineamentos organizacionais. Apesar de haver nítidas diferenças entre elas, essas modalidades podem se misturar e se transpassar. As modalidades aqui diferenciadas são Boulder, Escalada Esportiva, Escalada Tradicional, Escalada Alpina, e Alta Montanha.

O Boulder (Imagem 16) se caracteriza pela ascensão de blocos de aproximadamente 2 a 4 metros de altura utilizando uma espécie de colchão para amortecer as quedas. Essa modalidade costuma atrair escaladores pela sua característica principal: o vigor físico. A relação entre força explosiva e movimentos corporais complexos são essenciais para sua prática. Os escaladores de Boulder costumam descrever a animação de escalar essa modalidade pela sua característica de “resolver problemas”, ou seja, se reorganizar corporalmente para conseguir ascender ao bloco rochoso. Às vezes a diferença entre a ascensão e a queda está em uma rotação de alguns graus no joelho.

Para resolver esses problemas os praticantes estão sempre juntos, se ajudando, tanto dando segurança para a pessoa que escala, estabilizando-a no colchão em caso de queda, quanto tentando descobrir os melhores movimentos para tentar atingir o objetivo. É comum que os locais de Boulder sejam curtos em aproximação. Apesar das ascensões serem individuais, a união de um grupo é um ponto forte dessa modalidade, pois todos estão no mesmo ambiente a poucos metros de distância uns dos outros.

A escalada esportiva (Imagem 17) é a escalada de trechos de rocha de até 40 metros⁸ de extensão, onde as quedas são protegidas por cordas e proteções fixas, ou seja, proteções parafusadas na rocha. Geralmente é realizada em falésias rochosas. A escalada esportiva se torna um jogo ascensional, no sentido em que regras são criadas para dinamizar a atividade. O “objetivo” dessa escalada seria conseguir escalar um trecho rochoso somente com a força do corpo, sem quedas ou necessidade de se apoiar em nenhum equipamento durante o percurso. Para isso as proteções são dispostas na parede de forma que proteja completamente o escalador de qualquer queda que sofra. O administrar da resistência física na ascensão de paredes geralmente negativas e uma certa relação com altura são pontos fortes dessa modalidade.

Já a escalada tradicional (Imagem 18) é a ascensão de uma montanha rochosa do chão ao seu cume⁹. Para isso os escaladores ascendem trecho por trecho. Ora o escalador assegura seu parceiro, ora é assegurado por ele. Normalmente é uma escalada demorada e uma única rota pode tomar um dia inteiro. É comum o uso de diferentes técnicas para essa ascensão: como a escalada em artificial, por exemplo, na qual se usa ganchos e fitas para ascender trechos muito difíceis. É comum também que a escalada possua o mínimo de proteções fixas possíveis, contando por vezes, só com proteções móveis, ou seja peças que são colocadas e logo em seguida são retiradas da montanha.

As escaladas tradicionais geralmente são realizadas em locais mais afastados, exigindo maiores caminhadas para chegar à base rochosa. Pela escalada se construir de acordo com o que a montanha lhe proporcionar no caminho do chão ao cume, é necessário o domínio de diversas técnicas para a ascensão. Os escaladores costumam preferir vias em que as dobras da parede rochosa ofereçam movimentos mais diversos. Quase sempre esse tipo de escalada proporciona vistas privilegiadas da região, além de uma grande sensação de altitude, pois geralmente é feita nas faces verticais da montanha.

Uma outra modalidade é a Escalada Alpina (Imagem 19). Pelo nosso clima e geografia não existem pontos brasileiros, porém há muitos escaladores que viajam a outros países procurando por essa modalidade. Trata-se de uma escalada tradicional com os adicionais de gelo e neve, exigindo que o escalador tenha domínio também dessas especificidades, porém as técnicas de ascensão são basicamente as mesmas. Em geral em pontos de escalada alpina a aproximação também é feita em gelo e neve, o que ocasiona um maior desgaste do que a caminhada em solo firme, além da necessidade de carregar maior quantidade de equipamento, tanto para ascender à via quanto para se abrigar do frio.

8 A escalada esportiva deve ser feita no limite da extensão de uma corda. Com os desenvolvimentos tecnológicos, essa metragem pode aumentar.

9 Há algumas vias de tradicional que não terminam no cume.

Já a ascensão de Alta Montanha (Imagem 20) são ascensões de montanhas de altitude, ou seja, onde o ar é rarefeito. Isso faz com que os escaladores tenham que se aclimatar aos males da altitude, indo e voltando dos acampamentos mais altos, até que o corpo se acostume para partirem para o próximo ponto. Geralmente não há paredes verticais de escalada, já que no ar rarefeito o simples ato de caminhar se torna um enorme desgaste ao corpo. Assim em linhas gerais, a escalada caracteriza-se por uma caminhada de alta dificuldade por montanhas de grande altitude.

Essas são somente algumas das modalidades e estas distinções podem auxiliar a compreensão sobre o fenômeno. Essas modalidades se enredam e atualmente existem, por exemplo, paredes de escalada tradicionais com abundância de proteções fixas e com movimentações que são predominantes da escalada esportiva, ou então vias de escalada que se iniciam como boulders, com a segurança sendo feita por colchões, e posteriormente sem que o escalador desça da parede, ele inicia a escalada com corda. Porém por mais que elas se traspassem de alguma maneira, há no discurso dos escaladores diferenças significativas entre elas. Mesmo que o escalador seja versátil em todas as modalidades, a motivação de cada atividade é distinta, como veremos nos relatos coletados na pesquisa de campo.

Ao perguntar a Edmund por que ele gostava da tradicional ele diz:

Porque eu gosto de subir, ficar escalando, escalando, na esportiva se procura o grau, a puf caiu, de novo, vai lá, desce. Eu quero ficar o dia todo escalando, ficar lá curtindo, olhando a paisagem, sei lá, mais aventura ali (Depoimento de Edmund, Bariloche, 2019).

Respondendo a mesma questão, Martin diz:

Primeiro não é igual a esportiva que a proteção está aí e vai proteger aí, cada pessoa pode escalar de diferentes formas e pode se proteger em qualquer lugar. O que você quiser, vai ser, protege onde você quiser. E depois, você vê que alguém passou ali, mas você está escalando uma via que está ali, ninguém a criou. E também, você pode estar todo um dia desligado, desgruda seus pés do chão e por um bom tempo... bom, aqui. Talvez em outros lugares é mais curto. Aqui sim se desconecta do chão por um tempo (Depoimento de Martin, Cochamó, 2019).

Mauricio também aborda a questão ao responder se suas motivações sobre a escalada mudaram ao longo do tempo:

Mudaram muito pouco, desde cedo o envolvimento com a natureza é o que mais me chamou sempre. Muito mais que a parte atlética era o envolvimento com a montanha, subi-la com tudo que ela envolve: abrir a trilha, se tiver que andar na neve, andar na neve. Nunca foi só a parte atlética (Depoimento de Mauricio, Bariloche, 2019).

Nesse mesmo sentido, Simone apresenta nitidamente uma mudança perceptiva em relação às modalidades:

Eu comecei na tradicional com rotas muito, muito fáceis. E me encantou estar na montanha. Essa parte me fascinou, como estar na altura, igual aproveitei a escalada de uma maneira muito diferente. Como, antes era: Ya tenho que escalar 5.10, tenho que escalar 5.11, sempre nos graus, e estava mais como uma competição. E quando tive minha primeira experiência em tradicional eu me lembro fazendo o cume, e olhando tudo em paz nas montanhas, e eu tinha essa apreciação pelo lugar, e bom, que rico que tenho um pouco de habilidade e que posso aproveitar esse lugar. Creio que me ajuda. A natureza é bem importante para mim. Eu alcanço um nível de prazer e felicidade só de estar no lugar (Depoimento de Simone, Bariloche, 2019).

E por fim, o sentido que Jean vê na escalada tradicional logo no início de suas escaladas:

Eu não comecei a escalar até eu ter 23 anos, tinha um amigo e viajavamos muito juntos, e ele começou a escalar. Eu acho que ele começou no colégio, mas ele queria que eu conhecesse a escalada para ir com ele nessas aventuras. E eu lembro da primeira viagem. Ele me levou lá, Smiths Rocks, em Oregon, um lugar muito famoso de escalada. E ele me mostrou o equipamento de escalada tradicional, era, você sabe, todos os cams¹⁰, os slings¹¹ e tudo mais, e ele apontou para a parede que não tinha nada, e ele disse: nós vamos pegar essas coisas escalar até lá seguramente, não deixar nada. E desde esta minha primeira experiência na escalada, eu fui puxado pela escalada tradicional por causa desse senso de: a montanha está lá, nós não temos que marcá-la, nós não temos que deixar nada, nós podemos só passar por ela por um pequeno momento no tempo. Isto é o que sempre foi especial para mim (Depoimento de Jean, Cochamó, 2019).

Considerando esses relatos, podemos identificar alguns elementos dissociativos entre as modalidades. Parte física e contato com a natureza. A duração de uma escalada, a importância da paisagem natural, e a não predominância das proteções fixas se tornam pontos fortes dissociativos, e como veremos ao longo do trabalho, tais diferenças são cruciais para o encantamento que os escaladores têm. Pois como vimos, há modalidades que não se relacionam com a montanha, há modalidades que valorizam certas demandas e não outras. Portanto a partir deste ponto na dissertação abordaremos exclusivamente as motivações dos escaladores na prática da escalada tradicional, para então buscar a compreensão das minúcias dessa atividade que encanta os entrevistados.

10 Tipo de proteção móvel.

11 Fitas de alta resistência utilizadas em conjunto com as proteções móveis.

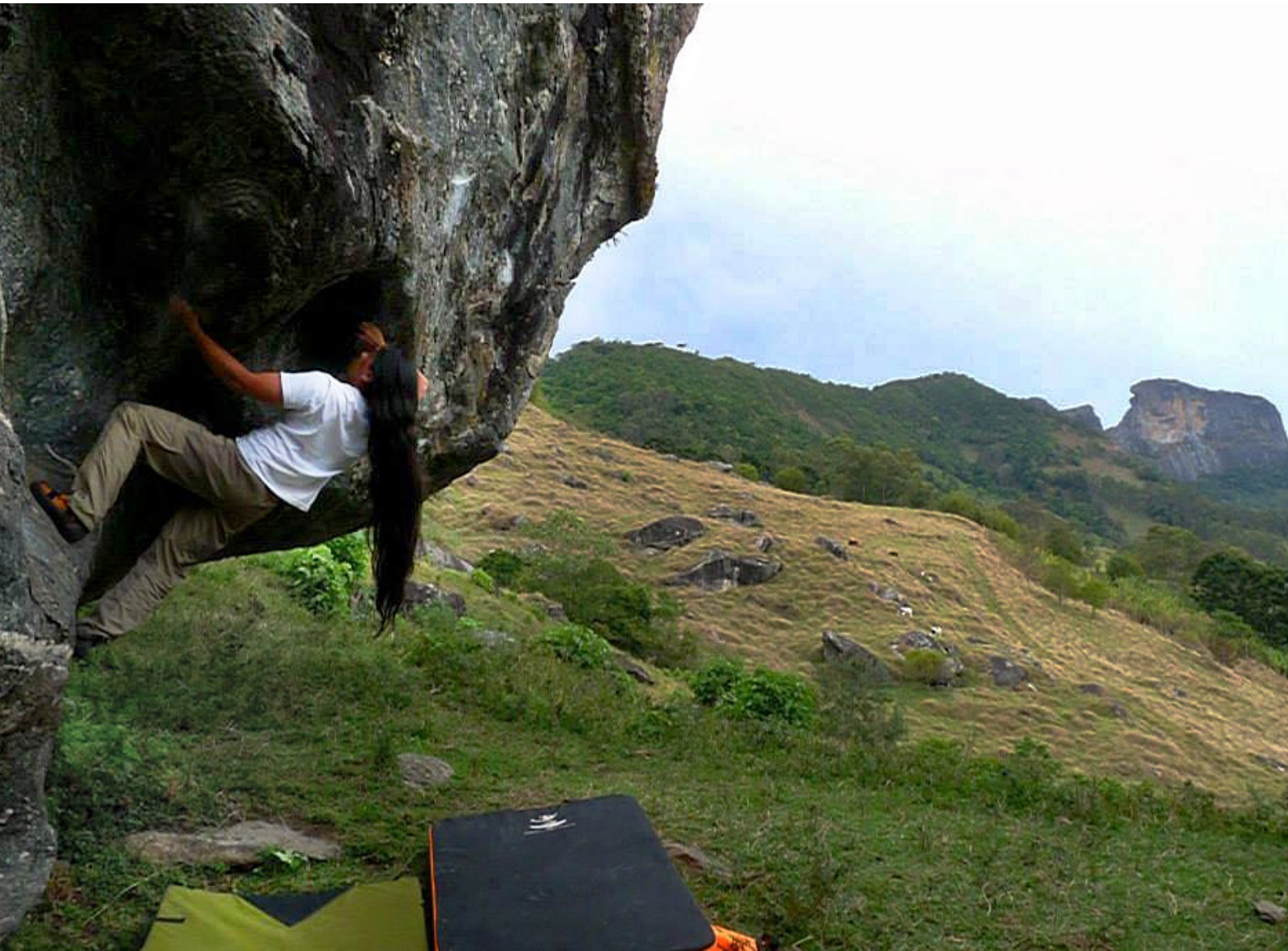


Imagem 16 – Escalada de Boulder. São Bento do Sapucaí
(Arquivo Pessoal – Foto de Alberto Vazques Mayoral)



Imagem 17 – Escalada Esportiva, Serra do Cipó-MG.
(Arquivo Pessoal – Foto de Fernando Lessa)



Imagem 18 – Escalada Tradicional - Cochamó
(Arquivo pessoal de documentação de campo)



Imagem 19 – Escalada Alpina
Fonte: Alpine Institute. Foto de Alasdair Turner



Imagem 20- Alta Montanha

Fonte: <http://www.onehealthmag.com.br/index.php/o-dono-do-topo/>

A infância e a montanha:

Onde em nós mora a montanha?

A montanha para os escaladores de escalada tradicional é algo primordial. Quando perguntei ao escalador Martin qual a relação dele com a montanha, ele respondeu: “Uff, é minha vida completa [...] não poderia viver sem a montanha, é o lugar que mais gosto e posso me desenvolver melhor [...] a montanha é grande parte da minha vida” (Depoimento de Martin, Cochamó, 2019). Martin vive há alguns anos em Cochamó, lugar que foi visitar uma vez e pouco tempo depois voltou permanentemente. Ele conta que desde pequeno vivia nos arredores de Bariloche, e que a montanha sempre o encantou, tanto para caminhar, pelo ski, ou somente para habitá-las.

Hannah, outra escaladora entrevistada, conta que apesar de nascida em Buenos Aires, sempre foi à Patagônia com seus pais: “Creio que desde meu primeiro ano de vida estou aqui. Sempre meus pais me levaram à montanha. Me criei mais na montanha do que na cidade” (Depoimento de Hannah, Bariloche, 2019). Thomas se lembra de, quando criança, cruzar de carro pelas montanhas em Wyoming e ficar extasiado, tanto que escolheu estudar lá em sua graduação, e apesar de se formar em engenharia, foi trabalhar de guarda-parque nas montanhas no Alaska. A montanha é uma imagem que mora nos escaladores, em um lugar profundo onde habitam as primeiras imagens.

Bachelard pondera algo valioso ao discorrer sobre a lembrança. Diz o alquimista: “O passado rememorado não é simplesmente um passado da percepção. Já no devaneio, uma vez que nos lembramos, o passado é designado com valor de imagem” (BACHELARD, 2018, p. 99). As lembranças são imagens que formamos e que perduram em nós por contem uma potência. Essas imagens-lembranças, assim como Bachelard diz, são um misto de memória e imaginação, e se constituem em nós como as raízes do devir. São muitas vezes as potências latentes que nos impulsionam ou nos freiam. Não quero sugerir com isso uma relação de causa e efeito. As imagens não são passados da percepção, ou como salientam Saura e Meirelles:

Isto é sobretudo importante: para reconhecermos as imagens, não precisamos termos visto ou vivido a cena anteriormente. Podemos nunca ter estado em terras pantaneiras, mas no eco de canções de boiadeiros, sentiremos saudade aguda dos tempos de vaqueiro. Nossa subjetividade em contato com as imagens poéticas, já nos garante uma vivência profunda (SAURA; MEIRELLES, 2015, p. 17)

Nem todo escalador terá uma memória de montanha, mas sua ligação com a montanha lhe despertará as potências adormecidas, as potências que o ligam a essa imagem. Por vezes, assim como salientam as autoras, essa imagem não será advinda de sua própria vida, mas de uma arqueomemória, uma memória ancestral (FERREIRA SANTOS, 2015). As

imagens guardadas no mais íntimo dos escaladores não revelam a origem do desejo, mas sim o lugar que habitam essas imagens nos escaladores dentro de sua cosmogonia, de seu universo simbólico. É em busca desse lugar que nos debruçaremos neste capítulo.

Para tal fim seguiremos as pistas de Bachelard: “Ao sonhar com a infância, regressamos *a morada* dos devaneios que nos abriram o mundo” (BACHELARD, 2018, p. 97, grifo nosso). Os devaneios que nos abriram o mundo são para nós nossa origem cosmogônica, são as moradas dos nossos inícios, e os encontraremos, como Bachelard diz, sonhando¹² com a infância. A infância para Bachelard já é um arquétipo por si só:

Ao meditar sobre a criança que fomos, [...] atingimos uma infância anônima, puro foco de vida, vida primeira, vida humana primeira. E essa vida está em nós [...], permanece em nós. Um sonho nos conduz até ela. A lembrança só faz reabrir a porta do sonho. O arquétipo está ali, imutável, imóvel sob a memória, imóvel sob os sonhos. E quando se faz reviver pelos sonhos o poder de arquétipo da infância, todos os grandes arquétipos das potências paternas, das potências maternas retomam sua ação. [...] Tudo o que acolhe a infância tem uma virtude de origem. E os arquétipos permanecerão sempre como origens de imagens poderosas. (BACHELARD, 2018, p. 120)

Ao ir em busca das nossas imagens de infância, não vamos ao encontro da infância empírica, vamos à essa infância cósmica, a infância em nossos devaneios. Sendo ela um híbrido de memória e imaginação que delimita a origem de um cosmos, de um sentido vital. Portanto ao ir em busca das imagens de infância, estaremos atrás dessa organização inicial dos escaladores. Isso pois:

Do devaneio poético diante de um grande espetáculo do mundo ao devaneio da infância há um comércio de grandeza. Assim, a infância está na origem das maiores paisagens. Nossas solidões de criança deram-nos as imensidades primitivas (BACHELARD, 2018, p. 97).

Para nos aprofundarmos no encantamento que os escaladores têm pelas montanhas, temos de ir em busca dessas imensidades primitivas, origem cosmogônica de nossas maiores paisagens. Ao ser perguntado sobre suas primeiras imagens, Jean diz:

[...] eu tenho uma casa no topo das colinas e em Seattle se pode ver ambas as montanhas. Eu penso que de alguma forma, eu nunca pensei sobre isso, mas crescer tendo toda noite, quando não estava chovendo, sempre chove em Seattle, quando

12 Bachelard ainda não faz distinção clara entre sonho e devaneio nesse texto, entendemos aqui sonho como devaneio e não como o sonho psicanalítico ou similares.

não tinha chuva, nós podemos ver o pôr do sol acima das montanhas, e me deu esse amor por pôr do sol. É minha parte favorita do dia, estar se movendo nas montanhas no pôr do sol é quando eu tenho a maior energia.

Entrevistador: você lembra o que sentia quando estava vendo as montanhas na sua infância?

Não. Não. Mas por um longo tempo era algo que estava somente lá, e em algum ponto eu aprendi que podia estar dentro dela. Não era um muro, era como um convite (Depoimento de Jean, Cochamó, 2019).

No mesmo sentido temos a história da Simone em seus mais profundos devaneios nas montanhas:

A irmã da minha avó me introduziu nos cavalos, e com ela andava a cavalo nas montanhas. [...] Quando tinha 5 anos, meus pais se separaram, e foi muito duro, muita tristeza naturalmente, e quando isso passou, ela se integrou fortemente na minha vida. Passei muito tempo com ela. Ela me convidou para um passeio pelo fim de semana, e creio que por isso tenho essa relação com os animais. Me levaram um espaço na minha vida que tinha tristeza, com minha família, com tudo que passou (Depoimento de Simone, Bariloche, 2019).

Nas imagens de Hannah, Martin, Thomas, Jean e Simone, a montanha faz parte de sua cosmogonia, ela está sempre presente e tem íntima relação com seu ser-no-mundo. Jean traz a importância das montanhas que o abrigaram nos diversos pores do sol em sua casa natal. Simone traz os seus acolhimentos em uma época de dor, nos passeios a cavalo nas montanhas. Para ambos a montanha é a que acolhe, é abrigo, refúgio. Impossível não ver semelhança com a imagem que o poeta Taigu Ryokan nos traz.

Caged Birds

Time and again
You, too,
Must long for
Your old nest
Deep in the mountain.

(RYOKAN apud KOWNACKI, 2004, p. 143, tradução de John Smith)

De novo e de novo, você também, quanto tempo levar, voltará para seu velho ninho, nas profundezas da montanha. A montanha é esse velho ninho, é essa casa primordial. É no pôr do sol na casa de montanha que Jean vai ao lembrar de sua infância, é para as cavalgadas em meio a montanha, que curaram suas dores, que Simone vai ao devanear com sua criança resguardada. Ao encontrarmos essas imagens de montanha originárias, não pode-

mos dissociá-las da potência do ninho: aconchegante, protetor e sinônimo de plenitude. O ninho como Bachelard apresenta é uma das imagens mais recorrentes no mundo, isso por ele conter uma potência essencial humana, em suas próprias palavras:

Como expressar melhor que a nostalgia é a lembrança do calor do ninho, a lembrança do amor acalentado pelo “calidum innatum”? A poesia do ninho, do aprisco não tem outra origem. Nenhuma impressão objetiva buscada nos ninhos entre as moitas jamais teria podido fornecer esse luxo de adjetivos que valorizam a tepidea, a doçura, o calor do ninho. Sem a lembrança do homem aquecido pelo homem, como uma duplicação do calor natural, é impossível conceber que amantes falem de seu ninho bem abrigado. O suave calor encontra-se na origem da consciência da felicidade. Mais precisamente, é a consciência das origens da felicidade (BACHELARD, 2008, p. 58).

O ninho é essa imagem que está na origem da felicidade, é o acalanto de mãe, é o aconchego do local protegido. O devanear do Jean adulto o leva à essa criança atemporal, que no profundo de suas imagens guarda a montanha ninho. Essa dinâmica nos traz um duplo arquétipo. Sob o arquétipo da infância temos nossa origem cosmogônica, sob o arquétipo do ninho temos esse berço acalorado. A montanha para esses escaladores mora na origem das felicidades, nas suas construções mais antigas. E como todo pássaro sempre retorna ao ninho, a volta à montanha de Ryokan, marca uma volta aos mistérios da felicidade.

Ao identificar as montanhas na origem das imagens de acalanto dos escaladores modernos, temos não mais a montanha a ser combatida, mas um lar, ou seja, ela não é o caos, assim como Eliade atribuiu sentido aos termos, ela é cosmos, portanto faz parte de seu interior sagrado (ELIADE, 2018). Em outras palavras, ela não é mais espaço, ela é lugar. Em 1932 Bachelard desenvolve um termo usado por poetas: Topofilia, amar o espaço. Posteriormente Yi-Fu Tuan se apropria do termo e o amplia criando a geografia romântica: “Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 1980, p. 5). Ferreira-Santos, atualmente retoma esse termo para o campo da educação a partir dos estudos tanto de Bachelard quanto de Tuan. Diz ele: Essa expressão diz respeito ao

[...] sentimento intenso de pertença e/ou freqüentação amorosa a um espaço, região, território que está na base do respeito ao equilíbrio de suas forças naturais, ao qual o ser humano, se integraria numa concepção mais harmônica (o que não quer dizer que seja isenta de conflitos) (FERREIRA SANTOS, 2012, p. 4).

O autor ainda completa: “É precisamente este mecanismo topofílico que transforma o espaço vivencial em um desdobramento da vivência subjetiva, na medida em que sua pertença ao espaço, amplia o alcance simbólico de suas experiências, transforma o espaço

em lugar...” (FERREIRA SANTOS, 2015, p. 5). Essa transformação do espaço geométrico em lugar habitável através de uma relação amorosa é aparente nestes discursos dos escaladores, pois assim como diz Bachelard:

Eu não sonho em Paris, neste cubo geométrico, neste alvéolo de cimento, neste quarto com venezianas de ferro tão hostis à matéria noturna. Quando os sonhos me são propícios, vou para longe numa casa na Champagne, ou nalgumas casas onde se condensam os mistérios da felicidade (BACHELARD, 2003, p.76, grifo nosso).

Sonhar com a montanha nos devaneios da infância é nitidamente colocá-la como lugar, e não como lugar qualquer, mas como o lugar primordial onde se condensam os mistérios da felicidade. Para esses escaladores a montanha não é uma forma geométrica esvaída de significado. Ela é um lugar repleto de cargas afetivas, cargas estas tão profundas que compõem suas mais longínquas imagens-memórias.

A imagem da montanha como o lugar se desdobra em diversas outras faces. Como vimos, a montanha é símbolo de estabilidade, de permanência de algo que transcende o tempo. Seguindo os caminhos de Gilbert Durand a respeito das *Schèmes*, encontro em Yi-Fu Tuan uma importante reflexão:

Se definirmos lugar de maneira ampla como um centro de valor, de alimento e apoio, então a mãe é o primeiro lugar da criança. A mãe pode bem ser o primeiro objeto duradouro e independente no mundo infantil de impressões fugazes. Mais tarde ela é reconhecida pela criança como o seu abrigo essencial e fonte segura de bem-estar físico e psicológico. Um homem sai de casa ou da cidade natal para explorar o mundo; a criança que engatinha sai de perto da mãe para explorar o mundo. Os lugares permanecem aí. Sua imagem é de estabilidade e permanência (TUAN, 2013, p. 42).

Se quisermos ir além, antes de sermos trazidos para o mundo, antes de nossos pulmões queimarem com o primeiro respirar, vivemos um estado de plenitude no útero materno. Essa mãe estável, é o lugar por excelência, assim como afirma Tuan. É nossa primeira casa, é nossa casa onírica, é nosso primeiro ninho acalorado e aconchegante. A montanha também é um símbolo primordial dessa estabilidade e permanência, assim como vimos no capítulo “a montanha sagrada”. Ela é, na cosmogonia jainista, o centro imutável. Ou em um exemplo mais sul-ameríndio, em diversas ilustrações Pachamama, a mãe-terra é representada sob a forma de montanha. Assim como nos lembra Ferreira-Santos:

As pessoas fazem parte da natureza e a natureza faz parte das pessoas, por isso Pachamama (a mãe terra) não é só uma representação, mas a mãe telúrica que cotidianamente, abriga e desafia seus filhos na tarefa diária de existir. Por isso, a paixão e o amor ao lugar singular de onde se é - a topofilia (FERREIRA SANTOS, 2015, p. 198).

As montanhas são para alguns escaladores esse lugar de nossas origens, não nossa origem empírica, mas nossa origem cosmogônica em que podemos nos encontrar com nossa criança devaneante. É esse lugar por excelência que habita nossas imagens mais profundas, e que fazem parte de quem nós somos. Não como espaço geométrico, mas como lugar que pertencemos, ou como disse Jean “[...] não como um muro, mas como um convite”. É poder reconhecer-se na montanha e reconhecer a montanha em si. É reconhecer o princípio do todo no uno. É talvez a semelhança entre Âtma e Brahman. Voltaremos a abordar este assunto no capítulo “o corpo íntimo”, por agora basta identificar que a montanha, para esses escaladores, é o lugar de onde se é, e por isso a guardamos nos nossos devaneios de infância, pois fazem parte da origem simbólica de quem nós somos.

O chamado da escalada:

A tensão do ninho

“Dêem-nos o jardim e o prado, a ribanceira e a floresta, e reviveremos as nossas primeiras venturas” (BACHELARD, 2001, p. 207)

A montanha é uma imagem provocante: suas formas, seus contornos, sua imensidão. Não à toa ela estar presente nas cosmogonias de diversas civilizações ao redor do mundo. A montanha tem provocado os corpos humanos por eras. Diante de uma montanha os mais diversos sentimentos nos tomam: encantamento, medo, desejo, repulsa. Há aqueles que gostam de admirá-las ao longe, mas há aqueles que sentem os corpos estremeçerem em um impulso arrebatador de seguir em direção às montanhas. Em sentir o toque da rocha na pele, sentir as pernas arderem de caminhar pelas constantes inclinações, em beber as águas que escorrem de suas geleiras e poder se encontrar nas alturas com o vazio abaixo dos pés atados a montanha, com o silêncio que só a imensidão pode nos trazer. Assim como identifica Thomas, “escalar é um chamado” (Depoimento de Thomas, Bariloche, 2019).

Nos percebemos convidados pelas montanhas para adentrar seus vales, porém, assim como diz Ferreira Santos (2015) sobre Pachamama: ela é a mãe que cuida, mas também é a que nos desafia. Ao mesmo tempo que a montanha nos oferece o ninho acalorado, também nos oferece o vazio. Sobre isso nos fala Bachelard ao descrever os escritos de Jack London:

Mas, enquanto eu assim repousava no meu ninho, acometia-me sempre a sensação de um espaço terrível escancarado abaixo de mim. Nunca o havia visto, nunca olhara por cima das bordas do meu ninho; mas conhecia a existência desse espaço vazio, aberto logo abaixo de mim, que me ameaçava sem tréguas como a goela de algum monstro devorador (BACHELARD, 2001, p. 216).

A montanha que nos acalanta, que habita a origem de nossas imagens, também nos desafia e pode nos aterrorizar. É uma imagem de constante tensão, mas é justamente essa tensão que faz o que ela é. Só a imagem do ninho acalorado não contempla a magnitude da escalada nas fendas dos gigantes monolitos brancos, ela é, assim como define Martin: “[...] uma necessidade de despregar-se do solo” (Depoimento de Martin, Cochamó, 2019). É se encontrar pendurado em meio a imensidão vertical de rocha, a 500 metros de altura, com o horizonte a perder de vista. É sentir o corpo estremeçer ao segurar em um filete de pedra e tentar se equilibrar para não cair. A tensão entre o exuberante e o aterrorizante, entre desejo e medo, é sempre em uma relação de *coincidentia oppositorum* (FERREIRA SANTOS; ALMEIDA, 2012), opostos que se complementam e que definem a escalada.

Caminhando em busca das primeiras imagens dessa relação nos escaladores, encontro algo inesperado. Durante as entrevistas, perguntava se eles lembravam como tinha sido a primeira experiência escalando, esperando que fossem imagens tão fortes que constituíssem fartas lembranças. Porém ao contrário disso Hannah me diz que: “Sim, oficialmente escalando com equipamento sim, mas não era nada tão novo e tão diferente porque sempre estive assim, trepando por todos os lados” (Depoimento de Hannah, Bariloche, 2019, tradução nossa). Assim como Martin:

[...] me chamam de ‘Mono’ desde pequeno porque claro, justamente sempre estava trepado em alguma coisa. [...] tenho um monte de fraturas pelo corpo por cair de árvores, muitos acidentes assim. Assim, claro, a escalada para mim, quando comecei a escalar, foi como: posso cair e não tocar no chão! [...] e claro quando foi o contato com a parede meu corpo já a sentia diferente, ele se sentia com muita confiança no momento de escalar. [...] como mover-se porque nas arvores se está sempre assim... (Depoimento de Martin, Cochamó, 2019, tradução nossa).

Desses relatos me vem uma dúvida: Será que o chamado para a escalada é somente para os corpos adultos adentrarem às montanhas cheios de equipamentos de segurança? Ou este ímpeto se manifesta para além da imagem clássica do escalador moderno?

Hannah, ao relatar que a escalada com corda não foi “nada tão novo”, pois desde pequena estava trepando por todos os lados, nos diz sobre um outro aspecto da experiência de escalar. A experiência da ascensão, de subir, de estar no alto, já era sentida no corpo de Hannah desde seus poucos anos de vida, e como não parou de fazê-lo até iniciar a escalada com equipamento, não sentiu nenhuma grande diferença do que já fazia anteriormente.

Martin relata que a única diferença era que agora suas quedas não quebravam seus ossos, pois estava com uma corda. O equipamento que os escaladores usam, ao que parece, apenas potencializa uma experiência que pode ser vivida muito antes do domínio de um conhecimento sistematizado ou do uso destes equipamentos específicos. A escalada vive no corpo do escalador antes dele comprar caríssimas sapatilhas ou mosquetões ultraleves. Ao que parece são potências primitivas que não podem ser só relacionadas ao uso ou não de equipamentos. Portanto seguiremos as dicas dadas pelos escaladores. O que são essas escaladas infantis, tão significativas em suas memórias?

Saura et al (2019), estudando as manifestações infantis, salienta a potência da árvore e da ascensão para as crianças. Para elas a árvore é um “equilíbrio entre sensibilidades”.

Para essas crianças as árvores são provocações e desafios de sensibilidades guerreiras e corajosas, elas enfrentam o pavor da queda. Sobem um pouco, lentamente, estudiosas e cuidadosas. Sobem cada vez mais, e a cada vez, um pouco mais. E deste modo, vencem medos e crescem mais. Sempre em cautela e presença, nunca distraídas (SAURA; ECKSCHMIDT; ZIMMERMANN, 2019, p. 11)

E completa:

Já para outras crianças, as árvores são provocações de acolhimento. O abrigo no mundo. O ninho protegido das feras. Este ninho deve estar no alto para ser verdadeiramente um abrigo. A cabana suspensa, o castelo de sonhos. Galgam buscando um confortável galho, onde aninham-se sonhadoras. Embalam-se com os murmúrios das folhas ao vento (SAURA; ECKSCHMIDT; ZIMMERMANN, 2019, p. 11)

As árvores são provocações, provocam os corpos das crianças, oferecem abrigo e desafio, são chamarizes de olhares curiosos e instigam aqueles que querem vivenciar o mundo. As crianças, provocadas pela materialidade da árvore, pela magnitude de sua copa, pela rigidez de seus galhos procuram caminhos para se aventurar nas alturas. Ali podem se desafiar nos caminhos ascensionais, ou abrigadas nas forquilhas dos galhos, podem se perder nos mais diversos devaneios. Mas não só nas árvores as crianças encontram abrigos e desafios. George, escalador irlandês relata: “Na Irlanda você sempre está perto da costa não importa onde você viva, então eu e meus pais andávamos muito pela costa, e eu subia muito nos blocos de pedra, estava sempre subindo, escalando” (Depoimento de George, Cochamó, 2019). Ou então nas grandes cidades, desprovidas de árvores ou pedras, os muros, grades, portões, são sempre objetos de desejo, de tentativas de ascensões. Assim como o símbolo ascensional nas culturas tradicionais encontra diversas representações: montanha, árvore, cipó, escalada, totem (ELIADE, 2018), os corpos infantis encontram diversos meios de expressar essa vontade de elevar-se.

A mitologia é farta dessas representações: As relações entre a árvore, a montanha ou a pedra não são ao acaso, nem recentes. Guénon afirma “Existe uma estreita relação entre a árvore e a rocha, equivalente à montanha, ambos símbolos do eixo do mundo; e de forma mais geral, existe um paralelismo constante entre a pedra e a árvore na maioria das tradições” (GUÉNON, 1987, p. 43). Como já ressaltamos, a simbologia do centro do mundo encontra diversas representações em cada civilização.

Nas culturas nórdicas o centro do mundo é a Yggdrasil, identificada como a árvore do mundo, nas culturas védicas o centro do mundo é o Monte Meru, e a pedra, que embora não seja só isso, também é identificada como uma versão reduzida da montanha. Ambas: árvores ou montanhas, reduzidas ou não, exprimem o mesmo simbolismo de centro, de eixo fixo no tempo, começo e fim de todas as coisas, ligação entre céu e terra, entre o profano e o sagrado. A árvore e a montanha são correlatos simbólicos, pois imprimem sobre os corpos as mesmas potências. Segundo Durand todo imaginário humano, ou seja “[...] o conjunto das imagens ou relações de imagens que constituem todo capital pensado pelo homo sapiens” (DURAND, 2012, p. 18) é uma troca recíproca entre ser e mundo desde suas primeiras experiências. Desse modo esse conjunto de imagens ascensionais são tão fortes na humanidade, pois “A imaginação continua o impulso postural do corpo” (DURAND, 2002, p. 131).

Se adentrarmos à teoria de Gilbert Durand, a dominante de “posição” é um dos reflexos primordiais humanos sensíveis aos recém nascidos. Dessa percepção primordial, Durand, partindo de Bachelard, busca caminhos entre psicanalistas, reflexologistas e psicologistas genéticos, confirmando essa tônica axiomática e dominante da verticalidade. A dominante postural responsável pela percepção da verticalidade em oposição a horizontalidade é uma das estruturas *a priori* necessárias para interpretação do movimento, ou como Saura et al coloca “[...] o movimento de elevar-se é central para a criança” (SAURA; ECKSCHMIDT; ZIMMERMANN, 2019, p. 9). Segundo Durand “É portanto natural que esses esquemas axiomáticos da verticalização sensibilizem e valorizem positivamente todas as representações da verticalidade, da ascensão à elevação” (DURAND, 2002, p. 127). Se contrapormos essa perspectiva com a noção de provocação material de Bachelard, em que a materialidade do mundo nos dá um “pretexto” para imaginar, temos de um lado uma valorização positiva às representações de verticalidade, e por outro um mundo que nos convida.

Para a criança ou para o adulto, para os modernos ou para povos os ancestrais, sob a árvore ou sob a montanha, a escalada exprime essa necessidade de elevação, talvez não tão diurna como Durand (2012) sugere, mas como uma tensão crepuscular de uma dominante rítmica. A tensão do ninho: abrigo e abismo se revezando em uma constante pulsação cíclica de ímpetos e repousos. Ao subir uma árvore a criança mira o próximo lugar que deseja ir, mas sempre imaginando seu ponto de repouso e equilíbrio, geralmente de uma forquilha a outra. Ela mira, estuda as possibilidades, e se lança à incerteza com a coragem que vem de dentro (SAURA; ECKSCHMIDT; ZIMMERMANN, 2019). Sua pulsação dispara e ela avança até chegar em seu destino. O escalador adulto, preso ao ponto de ancoragem, inspira e se solta, vai se movimentando conforme o que rocha vai lhe possibilitando, mas sempre mirando seus pontos de repouso. Por vezes em trechos muito longos e exaustivos, ele acelera com movimentos rápidos, precisos e vigorosos, até encontrar um platô de pedra, onde respira aliviado e pode contemplar a vastidão da paisagem. Nas próprias representações tradicionais essa dualidade aparece:

No simbolismo chinês, existe uma árvore cujas ramas estão dispostas de tal forma que seus extremos se unem dois a dois para significar a síntese dos contrários, ou a resolução da dualidade na unidade; e também se encontra uma árvore única que as ramas se dividem e voltam a se unir assim mesmo por meio de suas ramas (GUÉNON, 1987, p. 41)

O impulso que provoca os corpos dos escaladores adultos que sobem as mais altas montanhas chilenas é, portanto, o mesmo impulso que provoca as crianças a buscar os galhos mais altos das árvores e que levava os povos ancestrais a encontrar o divino nas montanhas. É talvez o mesmo impulso que leve os bebês a buscar a verticalidade do corpo. Na materialidade do mundo, encontramos o ambiente para fluir nossas potências, de um galho a outro, de uma agarra à outra, ou somente brincando com a gravidade para ficar em pé. Ali nos expomos à presença

do vazio, da possibilidade da queda, mas aquilo que nos amedronta também nos instiga em um movimento inerente do humano. Ao mesmo tempo que nos aterroriza também nos fascina. É provável que dessas pulsões e desses tensionamentos, o ser humano buscou as mais diversas montanhas para habitá-las ou para se encontrar com os deuses.

Portanto ao dizer sobre um “chamado da escalada”, não podemos dissociá-lo da pulsão da busca infantil às alturas, e dos povos primitivos à ascensão nas experiências religiosas. O impulso que os conduz é o mesmo. Nessa confluência entre risco e segurança, abismo e abrigo, é onde encontramos o imortal e o perene. Estar em um platô em uma montanha chilena ou na forquilha de uma árvore diz sobre o mesmo ímpeto humano. A sensação provocada perante o vazio do mundo que instiga nossos corpos à dualidade complementar do ninho. O chamado da escalada como aqui pretendemos é esse convite do mundo, essa provocação. Convite esse que foi aceito por diversas civilizações que fizeram das montanhas seus templos para ascender aos céus. No mundo moderno e contemporâneo, a escalada permite ao adulto, por vezes cético, sério e responsável, encontrar abrigo do mundo e poder legitimar seu retorno aos devaneios ascensionais de criança. Não mais no alto da árvore, mas entocado no alto das montanhas, longe de tudo e de todos, expostos ao silêncio do mundo, abrigado e acalantado em seu ninho desafiador.



PARTE II
A Experiência

Certa vez um repórter perguntou ao escalador George Mallory por que ele escalava. Sabendo que o repórter estava se referindo a utilidade daquilo que ele fazia, lhe deu uma célebre resposta que é repetida até hoje pelos escaladores: “Porque está lá!” (SCHIMID, 2010, p.1, tradução nossa). Nenhuma explicação utilitária daria conta do impulso dos escaladores em partir para as montanhas. Assim como diz Bachelard: “A conquista do supérfluo produz uma excitação espiritual maior que a conquista do necessário. O homem é uma criação do desejo, não uma criação da necessidade” (BACHELARD, 2008, p.25). Depois de me contar sobre alguns acidentes que teve e que quase o fizeram parar de escalar, perguntei ao Mauricio o que fez ele voltar.

É estranho né? De onde o escalador tira essa vontade? Parece que o escalador tem memória curta. Porque ele passa uns perrengues e fala: parei velho, vou ficar só na esportiva, aí chega no carro e fala: e aí, qual vai ser a próxima? Pra onde a gente vai? Não sei, eu não consigo ficar longe da montanha não, não tem jeito, ficar perto da montanha implica em ter que escalá-la. [...] Enquanto eu conseguir eu quero estar em contato com a montanha e com a escalada (Depoimento de Mauricio, Bariloche, 2019).

O escalador é esse ser apaixonado, que não escala por um motivo instrumental, escala por uma paixão. Assim sendo falharíamos, tal como o repórter, se tentássemos encontrar razões utilitárias em suas motivações. Portanto para buscarmos compreensão sobre o fenômeno da escalada através do imaginário, temos de ir à sua experiência, às imagens vivas, atualizadas na pele ao contato com a montanha, e que se mostram nos gestos e nos discursos dos escaladores. Não para explicá-la, mas para descrevê-la, tal como nos ensina a fenomenologia (ZIMMERMANN; SAURA, 2019).

Mas a experiência na montanha não pode ser resumida a uma única singularidade. A ideia de uma experiência demanda uma duração temporal. E, para este trabalho, corroboraremos com a visão bachelardiana da duração, como uma sequência de instantes. Ou como melhor explica o próprio autor: “A duração é feita de instantes sem duração, como a reta é feita de pontos sem dimensão” (BACHELARD, 2010, p.22). A experiência em toda sua complexidade é uma sequência de pontos interconectados, são diversos instantes que a constitui como tal. Portanto para aprofundar a compreensão desse fenômeno iremos a esses diversos instantes da experiência do escalador, compreendendo-a como uma atividade ampla e de múltiplas facetas, mas que tem uma íntima relação com o ancestral.

Acompanhando Bachelard ao dizer que “A imagem só pode ser estudada pela imagem” (BACHELARD, 2018, p.52), ao falar sobre as experiências do escalar, trarei antes de mais nada, imagens. Se os estudos do imaginário se debruçaram por tanto tempo sobre as imagens literárias, nada melhor do que a linguagem literária para trazer as imagens dos escaladores. Desse modo me inspiro em Nietzsche na obra “Assim falou Zaratustra” (NIETZSCHE, 2012) que de uma forma única realiza uma construção filosófica utilizando-se de um enredo narrativo

de um mestre das montanhas. Também busco inspiração nos Contos Biográficos, heurística utilizada pelo amigo e estudioso do imaginário Rafael Campos Veloso, que usou esta técnica sensível de exploração das imagens para trabalhar as narrativas biográficas dos atletas olímpicos. Portanto no início e no fim de cada capítulo apresento uma narrativa, a história de um mestre das montanhas e um aprendiz, que partem para uma viagem em busca das montanhas longínquas. Acredito que desse modo possa trazer à tona as imagens da experiência dos escaladores, sem destituí-las do seu valor de imagem. Assim deixando transparecer as minúcias da experiência a fim de amplificar a semântica imagética presente nos múltiplos instantes da prática.

A opção de uma trama arquetípica mestre-aprendiz se dá sob a perspectiva de meu próprio processo como pesquisador. A cada história ouvida, a cada experiência conjunta vivida, aprendia com esses mestres que habitavam a montanha naquele momento. Estes, por sua vez, compartilhavam comigo não só sua própria experiência, mas também aquelas aprendidas dos seus mestres, em um movimento cíclico próprio da experiência da escalada. Portanto as imagens expostas nesta narrativa serão um enredamento entre minhas experiências vividas na pesquisa de campo e as diversas histórias confiadas a mim pelos escaladores. Buscamos com isso uma descrição que condense alguns aspectos comuns da experiência nas montanhas.

Desse modo, este capítulo pretende trazer as imagens vividas pelos escaladores nos diversos instantes constituintes da experiência com a montanha, para assim podermos buscar uma maior compreensão sobre esse fenômeno que tem inspirado os seres humanos por toda história da humanidade.

PRÓLOGO:

O encantamento, o Mestre e a Montanha.

Bateu meio dia no relógio da praça central da pequena cidade. De um carro carregado de muitas malas desceu um menino franzino, de pele queimada, com olhos tristes. Olhou para praça, e não a reconhecia. Lá não se encontrava sua sorveteria preferida que vendia o precioso sorvete de limão. A igreja que ali se encontrava não tinha as marcas de pés no muro, de quando subia em suas paredes. Ao olhar para as pessoas não reconhecia ninguém.

Bateu uma saudade da cidade que deixara. Sabia que estavam se mudando, pois a vida estava difícil, e esta nova cidade prometia melhores oportunidades para seus pais. Mas isso não deixava a vista menos triste. Enquanto seus pais resolviam alguns problemas, o menino se sentou em um banco, e ficou olhando para a árvore que lhe provia sombra. Lembrou de sua árvore favorita de outrora, uma mangueira com galhos baixos, que a deixava convidativa para subir em sua copa. Lembrou que gostava de passar as tardes escondido sob a densa folhagem e que em alguns meses do ano, quando seus galhos carregados de frutos desciam até quase o solo, era possível se lambuzar com os dentes cheios de fiapo, lá no alto sem que ninguém o visse. Lembrou também da vez que tentando chegar até a mais vermelha das mangas, caiu quebrando seu braço direito. Mas não tardou até que mesmo com o braço engessado voltasse a se empoleirar na altura protegida de seus ramos. Mas aquela que agora mirava não era sua árvore. Não era sua mangueira. E novamente um semblante triste tomou conta de seu rosto.

Lá ficou, sentado, olhando para a paisagem. Não era como sua cidade, mas era uma bela paisagem. Os contornos dos morros delineavam o horizonte. Alguns mais baixos abrigavam um verde mais denso, outros mais distantes um verde um pouco amarelado, parecia uma plantação. Mas algo se destacava nesta paisagem. Dentre os tantos morros, um era mais alto, um tanto mais imponente. Sua cor também se distinguia das demais. Tinha umas partes alaranjadas, e as formas não eram arredondadas, eram pontudas com quebras retas e disformes. Fixando seu olhar na imagem, percebeu que não era bem um morro, era uma montanha rochosa com uma manta de vegetação que cobria parte de suas encostas. Nunca havia visto algo assim. Não pessoalmente. Ficou intrigado.

Com o passar do tempo, o menino foi conhecendo melhor a região. A vista já não era estranha, os contornos da paisagem começaram a lhe trazer um certo conforto. Caminhar pelas matas passou a ser seu passatempo predileto. Adorava adentrar as densas florestas que se revezavam entre as plantações. Certa vez, se perdeu da trilha que estava, e tentando encontrar o caminho de volta, descobriu uma cachoeira desconhecida, deliciosa para um mergulho em dias quentes.

Outro dia, como de costume, foi caminhar pelas matas, e encontrou uma trilha que não conhecia. Seguiu por ela, para ver onde dava. Era uma passagem estreita, parecia que era de algum animal. Não deveria ser muito frequentada, pois estava bem fechada. Depois de alguns minutos caminhando, a trilha foi se tornando mais íngreme, e alguns blocos de pedra começaram a se mostrar. Uns pequenos, que davam para ser saltados, outros tão grandes que tinham de ser contornados. A trilha se tornava cada vez mais e mais íngreme. Até que...

O menino chegara abaixo de um paredão de rocha, uma parede rosada que avançada sobre ele quase que fazendo um teto. Era como uma grande boca de rocha que seguia para cima, até onde seus olhos podiam ver. Sua textura era porosa, mas extremamente firme. As quebras constantes na linearidade da parede marcavam toda sua extensão. Não havia um pedaço de rocha igual a outra. O menino ficou extasiado com o que estava vendo. Como poderia existir um lugar assim?

Aquele passou a ser seu local favorito. Ia sempre que podia, ficava lá, deitado abaixo das paredes rochosas abrigado das chuvas, e do mundo. Porém um dia chegando próximo a rocha ouviu um murmurar de vozes. Quem será? Nunca tinha visto alguém ali. Ao se aproximar, viu duas pessoas. Ficou ali parado quase que escondido, olhando para ver o que elas estavam fazendo. Eram dois senhores. Um mais alto e outro um pouco mais baixo. Ambos de cabelos grisalhos e com um pouco de barba. Estavam abrindo suas mochilas e tirando de lá capacetes, cordas e muitas ferragens. Foram prendendo tudo aos seus corpos e quando acabaram, se cumprimentaram, e começaram a subir. Subir! Dava para subir naquelas paredes! O menino ficou deslumbrado, um novo mundo de possibilidades se abriu a sua frente.

Ele ficou lá sentado na base da rocha, ficava olhando para as dobras da montanha e se imaginando lá. Como seria se pendurar nas fissuras daquela imensidão? Algumas horas depois, os senhores jogaram uma corda lá de cima e desceram por ela. O menino ficou lá olhando atentamente o que eles faziam. Depois de descerem os senhores puxaram a corda, a guardaram e foram embora. Pegando a trilha de volta viram o menino ali sentado. O menino, tímido, não disse nada, não sabia o que dizer, só ficou olhando para os dois senhores com um olhar de encantamento. Os senhores o cumprimentaram e desceram.

Nos dias que se seguiram o menino ia sempre lá ver se os senhores apareciam novamente. Às vezes os senhores estavam, às vezes não, mas sempre que os senhores chegavam, lá estava o menino.

Em um determinado dia, como de costume, os senhores apareceram e lá estava o menino, com aquele olhar curioso, aguardando-os para os ver subir. Porém suas mochilas pareciam ligeiramente maiores desta vez. De dentro dela não tiraram dois capacetes, mas três. Viraram para o menino e perguntaram:

- Você quer subir também?

A SEDUÇÃO

Com o passar dos anos o menino foi aprendendo cada vez mais sobre essa fascinante atividade de subir montanhas. Mas após algum tempo restara somente um dos senhores e o menino. Esse, a cada dia lhe ensinava novas coisas. O menino foi crescendo e se tornando um rapaz forte e com uma certa experiência. O local de escalada antes sem movimentação alguma, passou a ter alguns frequentadores. E cada vez mais escaladores passavam pela região.

Uma dessas pessoas que passou por lá presenteou o menino com uma revista. Era uma revista antiga de escalada, que mostrava alguns lugares no mundo possíveis para prática, alguns novos equipamentos inventados, e as grandes conquistas no meio da escalada. O menino não se atentou muito nem para os equipamentos nem para as conquistas, mas na página 24 da revista ele viu uma foto que lhe tirou o fôlego. Uma foto frontal de um gigantesco monolito branco em meio a um vale repleto de outras tantas formações rochosas. Na página que se seguia, uma foto de uma pessoa escalando uma fenda perfeita de punho em meio a uma enorme face de granito. Mais imagens iam se seguindo com pessoas se entalando nas fendas das mais variadas formas, e a rocha, ora pontuda, ora arredondada, ora fendada ou lisa como se tivesse sido escovada. A matéria contava sobre um paraíso perdido no meio das montanhas chilenas, com paredes de mais de 1.000 metros em meio a uma floresta cheia de alerces¹³ milenares. O menino na mesma hora correu para casa do mestre: Mestre, Mestre, nós temos que ir lá! Veja só isso!

Assim como Hackerott identifica ao estudar os velejadores, “antes da experiência há um chamado, uma provocação” (HACKEROTT, 2018, p.47). Antes de tocar na rocha, antes de sentir suas texturas, antes da experiência carnal, o escalador é seduzido, algo o atrai, algo faz com que seus olhos encham de paixão ao olhar determinados maciços de rocha. Como vimos no capítulo “O chamado da escalada”, a paixão ascensional não se dissocia da paixão infantil de habitar o alto das árvores. Abordaremos agora um outro viés desta paixão pelas montanhas: a sedução de locais específicos. O que seduz os escaladores a ir a determinadas montanhas?

Antes da difusão da internet com suas rápidas conexões virtuais, as revistas de escalada se espalhavam pelo mundo. Era um modo muito comum de os escaladores terem seus primeiros contatos com montanhas mais longínquas. A minha própria ida para Cochamó pela primeira vez não foi diferente. Lembro de estar no abrigo do Frey em um dia de tempo ruim, no qual rajadas

13 Árvore típica na região da patagônia chilena.

de vento patagônicos tornavam a escalada impossível. Assim como todos, fui me abrigar dentro do refúgio à beira do forno e tomar um chá quente. Lá, olhando uma estante de livros que pessoas deixam como doação, encontrei uma dessas antigas revistas de escalada. Ali vi o monolito de granito branco (Imagem 21) e as fendas perfeitas. Imediatamente chamei meu parceiro e disse: nós temos que ir lá.

Curiosamente quando fui a Cochamó como pesquisador para realizar a pesquisa de campo visitei a sucinta biblioteca do refúgio e encontrei a mesma revista. Descobri que a matéria havia sido escrita pelo Paul, um dos escaladores entrevistados para este estudo, que de tanto amor pelo lugar, se mudou para região e abriu um camping no local. Assim ele inicia sua matéria:

Debaixo desta vista andina, aparece o verde profundo do bosque valdiviano. Cachoeiras e grutas cintilam através da folhagem e das águas cristalinas do rio Cochamó, que corre de este a oeste. Mais ao norte pálidas paredes de granito nos refletem como espelhos gigantes. Cada uma só tem um punhado de rotas e as profundidades do vale guardam incontáveis paredes mais (SEELIGER, 2008, p.24, tradução nossa).

Como não se sentir seduzido pelo lugar? As fotos e a descrição da paisagem por vezes fazem nossa respiração acelerar, como se estivéssemos prestes a subir a montanha. Ao ser perguntada como é que geralmente se dá a vontade de ir a uma determinada montanha, Ângela diz: “Muitas vezes eu vi fotografias [...] ver uma imagem poderosa para mim faz com que eu queira ir para algum lugar” (Depoimento de Ângela, Cochamó, 2019). Por vezes uma imagem fotográfica já é suficiente para sentirmos uma vontade irresistível de partir, por vezes uma vista longínqua também nos atrai, assim como relata Arthur:

Bom, antes havíamos ido em um ginásio de Buenos Aires e tinha um livro do Frey, e o vi – ‘oh que bueno’ - e não pensei nada mais. E quando estivemos em Bariloche perto do lago, onde pode-se ver todas as agulhas na parte alta, eu pensei: que bom seria escalar lá. Aí minha namorada veio para Argentina pra um doutorado e eu pensei: tem o Frey! E faz um ano era meu plano vir para cá, para as agulhas. (Depoimento de Arthur, Bariloche, 2019)

E também Simone quando perguntei o que a havia motivado para estar no Frey:

Eu vi as agulhas lá de Cochamó. Vi do Trinidad, [...] eu estava perguntando para um amigo de outros lugares para escalar e ele me disse desse lugar e eu lembro de ver fotos e disse óbvio que eu quero ir, de toda maneira eu quero ir. É precioso, me encanta (Depoimento de Simone, Bariloche, 2019).

As formas pontudas das agulhas do Frey se destacam na paisagem. Perto do centro de Bariloche, na parte alta do lago, se vê no meio de uma paisagem de montanhas arredondadas as agulhas pontudas do Frey, que dão contraste ao relevo. Simone o viu de Cochamó, lado chileno da cordilheira. Do cume do Cerro Trinidad se pode ver na cordilheira mais distante as pequenas agulhas que também dão contraste à paisagem. As formas das montanhas são impressionantes e provocam os escaladores, mesmo que visto de longe, por fotos, ou até mesmo por descrições verbais. Como não lembrar também do relato da infância de Thomas, em que cruzando o país de carro com seus pais, fica apaixonado pelas montanhas de Wyoming, tanto que resolveu fazer sua graduação lá (Depoimento de Thomas, Bariloche, 2019). As montanhas com os seus mais diversos formatos encantam os escaladores.

Mas não são as formas por sua geometria que atraem os escaladores pura e simplesmente. Bachelard diz: “Antes de ser um espetáculo consciente, toda paisagem é uma experiência onírica. Só olhamos com uma paixão estética as paisagens que vimos antes em sonho” (BACHELARD, 2013a, p. 5). Só nos apaixonamos pelas paisagens que dizem aos nossos devaneios. As formas nos instigam, pois antes de tudo dizem respeito a nós próprios. Diversas pessoas olham para as montanhas, mas nem todas se sentem atraídos por ela. Para algumas é só algo para ser admirado de longe. Para outras é uma necessidade de imersão. As formas da rocha trazem uma profundidade onírica que instiga os escaladores. Segundo Bachelard a materialidade do mundo provoca nossos devaneios. Pois assim como dizem Ferreira Santos e Almeida, “É a relação de nossa corporeidade com os elementos líquidos, com os elementos aéreos, com os elementos ctônicos e com os elementos ígneos que se encontram na raiz da força imaginante” (FERREIRA SANTOS; ALMEIDA, 2012, p. 35).

Ao perguntar a George como foi sua atração por Cochamó, ele descreve:

Alguns escaladores chilenos que foram para américa disseram que era muito bom e pensei que seria bom vir aqui e escalar com pessoas diferentes, e eu gosto de rotas longas, e eu gosto de granito, então é perfeito. Você prefere granito do que outras rochas? Sim. Porque é escalada em fenda, mas com algumas coisas diferentes, você pode escalar um pouco de escalada de face, e as vezes você tem que fazer uns movimentos mais interessantes do que arenito ou outras rochas, eu não sei, eu escalo em todo tipo de rocha, mas definitivamente o granito é o que mais gosto, ele é muito sólido (Depoimento de George, Cochamó, 2019).

Não é a forma somente, é a forma rochosa, é o granito com sua extrema dureza, ou para outros o arenito com suas fendas perfeitas, ou até o calcário com suas formas arredondadas. A forma instiga, pois diz respeito à corporeidade da escalada. Quais possibilidades de relação a dureza do granito nos oferece? A profundidade que devemos compreender ao nos debruçarmos sobre as formas que nos atraem é, sob uma perspectiva fenomenológica, da relação ser e mundo. As formas das montanhas não são formas que podem se traduzir em assépticos ângulos e números geométricos, são formas que dizem sobre nós. São formas que provocam nossa cor-

poreidade, nossa relação com o mundo. Pois “imaginação e vontade são dois aspectos de uma mesma força profunda. À imaginação que esclarece o querer, une-se uma vontade de imaginar, de viver aquilo que se imagina” (WUNENBURGER, 2015, p. 24). A contemplação de uma foto adquire profundidade, pois dialoga com nosso querer. A imagem que nos atrai, assim o faz, pois instiga uma relação. George também descreve essa vontade ao falar sobre algumas coisas que o atraem na escalada:

Você poder experienciar estar em um lugar que você pode ver do chão, e você pode escalar aquela imagem. E é totalmente diferente quando você está lá, ver as coisas de perspectivas diferentes. São paredes impressionantes, coisas que parecem um desenho, uma ilustração, essas coisas parecem divertidas de escalar (Depoimento de George, Cochamó, 2019).

As formas para George são possibilidades de relação. Não é a “forma-em-si”, mas a forma que desejo habitar. Olhar para a montanha por fotos ou por silhuetas não é a contemplação de uma imagem plana, mas uma imagem profunda, assim como Jean diz que em algum momento percebeu que as montanhas que olhava em Seattle quando criança não eram um muro, eram um convite (Depoimento de Jean, Cochamó, 2019). A provocação material é uma provocação à corporeidade, é um desejo de imersão na matéria. Durand diz: “para o espírito pré-científico, a substancia tem um interior, melhor, é um interior’ e o alquimista, como o poeta, só tem um desejo: o de penetrar amorosamente as intimidades. (DURAND, 2012, p.257). Se seduzir por uma imagem é desejá-la. Mauricio diz: “logo nessa época em 93, [...] vendo álbum de fotografia, vi umas fotos do baiano, e falei ‘cara, que lugar doido’. Eles estavam abrindo a via. Falei, ‘porra, será que um dia eu consigo subir essa montanha?’ ” (Depoimento de Mauricio, Bariloche, 2019).

Anos depois Mauricio chegou até essa tão sonhada montanha, hoje é um dos escaladores que mais vezes à escalou e diz: “Eu vou ao baiano todo ano da minha vida enquanto eu conseguir ir. Faço questão de subir naquele cume, de passar uns momentos lá, sou aficionado por essa vista do baiano que tem uns contornos diferentes. Só quem teve lá, que conhece, que sabe” (Depoimento de Mauricio, Bariloche, 2019). No mesmo sentido, após contar sobre uma de suas mais marcantes escaladas, Jean diz: “Nós falamos por cinco anos sobre aquela escalada, ‘maybe one day’, maybe one day’ e quando esse dia chega, é especial” (Depoimento de Jean, Cochamó, 2019). As imagens são as faíscas do desejo. O combustível é a corporeidade do escalador. É um desejo carnal pela experiência na montanha. O escalador é aquele que não se contenta em contemplar a foto, a imagem bidimensional. Como dissemos anteriormente, o escalador é o poeta que quer viver as poesias. Sentir o calor do sol na pele, sentir o cansaço no corpo ao penetrar a montanha. O desenho da rocha, suas formas, seus contornos se tornam um convite à interação. Para os escaladores, ver uma imagem potente é sonhar em estar lá, é desejar a experiência. Experiência a qual abordaremos nos seguintes capítulos.

Assim antes de viver as imagens, sonhamos com elas, as desejamos. Assim como nos romances, antes de qualquer coisa, trocamos olhares, admiramos suas formas. O desejo dos escaladores por montanhas específicas tem o mesmo compasso romântico. A montanha com suas formas e suas cavidades, com suas dobras e repisas nos instiga. Que histórias posso viver com esse ser tão monumental e provocante? Hoje não mais as revistas de escalada são as principais fontes de sedução para escaladores a procurar os mais diversos lugares no globo terrestre, outros meios de comunicação existem. Mas ainda são algumas imagens específicas que provocam com suas formas e materialidades, que fazem os corpos vibrantes dos escaladores partirem sedentos para viver uma poesia vertical.

Ao ver o menino tão animado, entusiasmado, falando sobre a vontade de ir para terras longínquas conhecer montanhas em locais remotos, o mestre abriu um sorriso no rosto e disse:

- Sim, vamos!



*Imagem 21 – Trinindad visto da base.
(Arquivo pessoal da documentação de campo)*

CULTURA DA ESCALADA:

O conhecido dentro do desconhecido

Um ano se passou com o menino sonhando estar naquelas montanhas. Preparou tudo cuidadosamente, pesquisou as rotas de escalada, as trilhas e os equipamentos necessários. Preparou tudo até que finalmente chegara o momento.

Encontrou o mestre no dia marcado no aeroporto. Embarcaram, e no voo o menino perguntou:

- Mestre, onde vamos nos hospedar quando chegarmos na cidade? Você reservou algum lugar? Eu anotei algumas opções de pousadas aqui, gostaria de ver?

- Não se preocupe, está tudo certo.

- Oba, você já reservou um lugar para ficarmos?!

- Não.

- Você conhece a cidade? Já esteve lá?

- Não.

- Você pesquisou algum lugar pelo menos?

- Não.

- ?

Ao aterrissarem na cidade, pegaram as pesadas mochilas e foram caminhando para fora do aeroporto.

- Para onde estamos indo? Perguntou o menino.

- Vamos para fora para não pagar o estacionamento.

- Mas não estamos de carro!

O mestre seguiu andando. Ao chegar do lado de fora do aeroporto, pararam e esperaram. O rapaz sentou com o mestre, confiando, mas desconfiando ao mesmo tempo. Cerca de 30 minutos depois um carro parou ao lado deles. Saiu de dentro um rapaz baixo, careca, e pelo modo que falava dava a entender que era um escalador. Deu um enorme abraço no mestre, aparentemente eram amigos de longa data. Os três entraram no carro e seguiram.

O rapaz foi dirigindo pela estrada, chegaram até o centro, mas passaram direto. Seguiram na estrada até que viraram em uma rua residencial. As casas eram majoritariamente feitas de madeira, algumas maiores, outras menores. Finalmente pararam em frente a uma pequena casinha. Era inteira de madeira com grandes vidraças triangulares abaixo do teto. Ao entrar o simpático rapaz mostrou o lugar. A casa se resumia a um único

cômodo com uma escada que levava a um mezanino. Na parte superior da casa havia um colchão no chão de madeira. Na parte de baixo um único armário, uma pia, um frigobar, um aquecedor a lenha, e uma porta que levava ao banheiro. Embaixo da escada havia diversos equipamentos de escalada, capacete, moveis, corda, todos amontoados no canto.

- Não é grande, mas cabemos todos. A casa é de vocês, na parte de cima da casa é mais quente para dormir. Mas se quiserem dormir aqui em baixo fiquem à vontade. Devem estar cansados, tomem uma ducha que vou cozinhar algo para vocês comerem.

Enquanto o mestre tomava um banho, o menino ficou a conversar com seu anfitrião. Perguntou de onde conhecia o mestre. E ele contou que não o conhecia pessoalmente, mas que um amigo dele fizera uma viagem ao norte da Argentina. E que escalaram juntos lá.

- Achei que se conhecessem.

- Pessoalmente não, mas meu amigo me contou as histórias que eles viveram lá em Arelanes, que escalaram juntos e tal. Fizeram umas vias muito legais por lá, ele te contou?

- Não.

O rapaz então foi contando as histórias que conhecia, depois contou suas próprias histórias e assim se seguiu, uma noite com muitas histórias, uma comida deliciosa, sempre regado de um bom vinho regional.

Nos dias que se seguiram o rapaz apresentou seus locais preferidos da região, trilhas em meio a vegetação úmida, praias em lagos com paisagens deslumbrantes, só ao centro turístico que ele não foi, por não gostar de ir para lá de maneira alguma. Segundo ele, era o pior lugar da cidade.

Quando chegou o dia anterior de subir para as montanhas, o rapaz lhes apresentou um pequeno centro comercial perto da casa e disse que era o melhor lugar para comprarem as coisas. Indicou que era costume na região comprar tudo que desse nos pequenos comerciantes, pois eram produtos melhores e mais baratos, e só o que faltasse para comprar no supermercado.

Seguindo o conselho local, eles passaram na casa de queijos, na farmácia, até que chegaram na tenda de verduras. Naquele momento o menino se deu conta que a tarefa não seria fácil. O que eram aquelas coisas marrons e arredondadas? Ou aqueles pimentões compridos e esbranquiçados? Onde estavam os legumes que ele estava acostumado a comer? Confuso perguntou ao mestre:

- Você sabe o que são essas coisas?

- Não, respondeu o mestre.

- Como faremos então?

- Assim.

O mestre foi em direção a uma senhora que estava fazendo compras também, e começou a conversar. Depois de cerca de 5 ou 10 minutos de conversa o mestre volta.

- Pronto, já sei exatamente o que precisamos.

Mesmo sem saber direito o que eram cada uma das coisas que estava pegando, o rapaz confiou que se alimentaria bem com esses novos legumes.

E depois de cerca de 5 horas, após calcularem peso, preço, tempo de duração sem refrigeração, eles finalmente voltaram para casa com as mochilas carregadas de suprimentos.

Chegar em um país novo para escalar, ou até mesmo chegar em uma região diferente de seu próprio país é sempre conhecer algo novo, adentrar em uma outra cultura. Mas ao mesmo tempo que adentramos em uma outra cultura sempre temos uma ligação com os lugares, que se dá por meio da cultura da escalada. Assim como define Hannah, a escalada é o conhecido dentro do desconhecido:

A escalada em um lugar é como o conhecido dentro do desconhecido, porque sempre sabemos, a escalada é sempre o mesmo, sempre o mesmo passo a mesma onda, é como um pequeno refúgio dentro do que não conhece que é outro país outra cultura. Sempre a cultura de escaladores é a mesma, e é muito lindo viajar assim. Viver um lugar dessa maneira (Depoimento de Hannah, Bariloche, 2019).

O desconhecido são as culturas locais, que adentramos sempre com uma enorme vontade de conhecer mais. O que se come naquela região, como se vestem, qual língua é falada. No acampamento de Cochamó, conheci um casal de guias de montanha do Alasca. Eles estavam de férias e vieram conhecer as montanhas chilenas. Em um momento na pesquisa de campo, os encontrei pedindo ajuda à um rapaz chileno para preparar um mate. Eles haviam comprado todo equipamento necessário para prepará-lo. Em uma conversa que tivemos, me contaram que normalmente tomam muito café, e que nunca haviam provado o mate, mas como estavam vindo escalar no Chile desistiram de levar o café para as montanhas, para assim poder experimentar esse costume da tradição local.

Em outro momento cozinhando com os escaladores, percebo que todos tinham um pacote de um condimento vermelho. Merkén. Um tempero tradicional Mapuche. Muito usado nos pratos típicos, como peixes e outras iguarias. Esse tempero não faltou em nenhum kit de culinária de qualquer que fosse o escalador, não importando sua nacionalidade, pois todos esta-

vam querendo conhecer um pouco da cultura local. A escalada, a rocha e suas movimentações não são as únicas coisas que atraem os escaladores, a chance de vivenciar outras culturas é um fator importante na atração.

Assim que cheguei ao Chile para pesquisa de campo, encontrei alguns escaladores brasileiros que estavam na cidade. Cozinhamos juntos naquela noite e eles nos apresentaram dois escaladores locais, que haviam conhecido anteriormente. Esses escaladores chilenos imediatamente nos convidaram para comer mariscos em sua casa, pois haviam acabado de pegá-los no mar, e iam reunir suas famílias para comer. Fomos então na noite seguinte até sua casa, eles nos receberam com vinho, fizeram uma fogueira, e acima dela colocaram uma tela metálica, onde apoiaram uma panela de ferro. Lá colocaram os mariscos com legumes e os regaram com muito vinho branco. Disseram ser uma receita de família. Nessa oportunidade conheci a filha de um dos escaladores, seus pais e avós. Passamos a noite a festejar e ouvir as incríveis histórias de sua cultura. Martin diz que “a escalada te abre portas” (Depoimento de Martin, Cochamó, 2019) ao se referir às pessoas que conhece por meio dela, e essas portas permitem acessar uma cultura mais profundamente.

Essa vivência se dá tanto pelo contato com os moradores locais, quanto com os demais escaladores assim como Bell salienta: “Para mim também é isso, serve para abrir minha cabeça a muitas outras culturas, porque todos vêm com algo seu. Desde do Brasil, Alemanha” (Depoimento de Bell, Bariloche, 2019). Bell fala das tantas pessoas que conheceu por meio da escalada mesmo em seu próprio país. Contou das múltiplas trocas que ocorrem, e de uma vez que conheceu um alemão numa montanha argentina, que conhecia um amigo em comum, pois haviam escalado juntos no Canadá. Essa troca cultural entre os escaladores de diferentes regiões, ou entre as culturas dos locais visitados, são sempre uma motivação a adentrar nos mais diversos territórios do globo para escalar.

Mas a escalada também é, segundo Hannah, estar no conhecido. É um refúgio. É uma mesma cultura que se atualiza não importa qual país você esteja ou qual nacionalidade você pertença. Aprofundaremos um pouco mais a descrição sobre a cultura da escalada.

Ao chegar em Bariloche para a pesquisa de campo, fui recebido por um conhecido espanhol que mora na cidade. Ele foi me buscar no aeroporto e me recebeu em sua casa (Imagem 22). Assim que um amigo brasileiro, que iria me acompanhar no campo, chegou na cidade, mudamos para casa de um amigo dele, um escalador colombiano, que também morava por lá. Constantemente os escaladores citaram em suas entrevistas esse sentimento do conhecido. De saber que qualquer que seja o local do mundo onde estiverem, não importa de que nacionalidade seja seu anfitrião, vão sempre ter algum escalador para lhes receberem. Assim como relata David ao falar sobre o que é ser um escalador:

[...] é como um estilo de vida, é como: Bariloche, por exemplo, é uma cidade muito cara, e esse estilo de vida me permite chegar em Bariloche sem falar com ninguém e poder escolher onde ficar, sem custos, nas casas de meus amigos escaladores. E quando eles forem a Buenos Aires o mesmo ocorre com eles. Não sei se conheceu Alpana um refugio aqui, nós hospedamos ele em Buenos Aires, porque o conhecemos na vez anterior que viemos, e cheguei outro dia e ele me abraçou e me deu cerveja e doce e se eu quiser ficar na sua casa em Bariloche eu posso sem avisar, simplesmente bato em sua na porta [...] (Depoimento de David, Bariloche, 2019)

Ou assim como diz Jean relatando o que lhe ocorreu em El Chaltén:

Eu conheci um amigo em Chaltén, e ele descobriu que eu estava indo para Bariloche. Estávamos no bar, não conhecíamos uns aos outros, e ele disse: você pode ficar na minha casa em Bariloche, eu não estou lá, aqui é como você pode encontrar a chave, assim você pode entrar. Eu faço isso para escaladores que precisam de lugar (Depoimento de Jean, Cochamó, 2019)

Esse sentimento de pertencer a uma comunidade acolhedora é constantemente relatado nas entrevistas. Tanto pela possibilidade de abrigo nas casas em qualquer lugar do mundo, quanto pelo carinho com que o grupo te recebe. Assim como diz Ângela:

Honestamente minha última viagem para Cochamó foi uma viagem muito importante para mim. Foi a primeira viagem de escalada internacional que eu fui sozinha, eu vim aqui sozinha, eu sabia um pouco sobre o lugar, mas não muito. E eu tinha a habilidade necessária para fazer as escaladas que eu gostaria aqui, mas ainda assim era intimidador. Porque essas paredes são enormes, [...] e eu cheguei aqui e tive experiências tão incríveis, realmente desenvolvi fortes parcerias, a comunidade aqui é tão receptiva, e disse ok, eu facilmente posso me encaixar aqui. E a comunidade de escalada é tão calorosa e quente aqui, e muitas partes da viagem foram maravilhosas (Depoimento de Ângela, Cochamó, 2019)

Os escaladores se reconhecem como uma comunidade unida, e essa comunidade se torna presente nas imagens que os escaladores relatam. O conhecido dentro do desconhecido é a perfeita descrição dessa relação. A sensação de poder estar em qualquer lugar do mundo e ser recebido por um total desconhecido cuja cultura é completamente diferente da sua, mas ser abraçado como um velho amigo. Por vezes se manifesta no acolhimento em casa, por vezes em uma troca cultural, ou por vezes com uma gentileza.

Em um dos dias de campo, quando estávamos subindo para o anfiteatro pela última vez, cruzou em nosso caminho um grupo que - pelo seu sotaque na língua inglesa - pareciam alemães. Ofegantes pelo cansaço, trocamos poucas palavras em um inglês confuso. Entre as palavras trocadas, um “free food” foi reconhecido. Não entendi bem o que significava, até que cheguei ao ponto de bivaque dos escaladores. Lá uma enorme sacola escrita “free food”

continha queijos, grãos, cereais, massas, vegetais, entre outras coisas que alegrariam qualquer escalador que conta cada grama carregada nas costas ao subir a montanha. Essa é uma prática comum entre os escaladores. Antes de ir embora, repartem o que restou de comida com os escaladores que ficam. Assim podem ajudá-los a prolongar ao máximo o tempo na montanha, sem ter de baixar para buscar mais alimento.

Por vezes o fazem só por uma vontade de não carregar esse peso montanha abaixo, mas por vezes, como vi ocorrer em muitos casos, essas comidas são trocadas por lixo. Alguns escaladores que baixavam perguntavam se alguém tinha algum lixo que queria que baixassem da montanha. Ou por vezes alguns que iam para cidade e voltavam traziam suprimentos em suas mochilas para os acampantes que ficariam mais tempo sem descer. E também, não só por gentilezas se manifesta esse espírito de grupo, mas por preocupações.

Em outro dia de campo, estávamos no acampamento e já era tarde, porém um grupo de escaladores não havia voltado de sua escalada, que teoricamente deveria demorar menos tempo. Eles deveriam ter voltado ainda de dia. Mesmo que soubéssemos que eles tinham total capacidade de sair de qualquer situação que acontecesse, naquele cenário um murmurar de perguntas sobre a segurança deles tomou brevemente o fogón, e só cessou com a sua chegada. No caso de um acidente, a comunidade se junta para tentar resgatar os acidentados. Como no caso que relatou Mauricio, quando se acidentou no Rio de Janeiro quebrando os dois pés.

Na ocasião os bombeiros foram acionados, mas mesmo assim um grupo de escaladores se mobilizou para acompanhar o resgate que durou 3 dias. Os escaladores, primeiros a chegar no local, mesmo sem se conhecerem disseram ao Mauricio: “Oh, os bombeiros tão vindo aí, eles vão tomar conta da situação, é o jeito deles, mas eu estou contigo o tempo inteiro, sacou, não vou te deixar, falou desse jeito comigo” (Depoimento de Mauricio, Bariloche, 2019). Durante o resgate diversas situações demonstraram um certo despreparo dos bombeiros, e uma das noites do resgate o deixaram sem comida e sem coberta.

[...] os caras se embrulharam nos cobertores de alumínio, foram dormir e ali eu fiquei sem comer, não trouxeram nada, eu não conseguia nem pedir. Aí os montanhistas, os escaladores vieram conferir se tava tudo bem comigo. Os bombeiros já estavam todos embrulhados. Eles passaram na trilha assim olharam e falaram: que isso? E aí Mauricio você tá bem? Você comeu? Falei: não velho. Comi não. Não te deram comida ainda? Cadê a marmita? Aí já disseram: eu tenho uma aqui, já abriram a mochila pegaram a marmita, gelada, aí eu comi e falaram: velho, não te embrulharam? Vamos arrumar um cobertor pra você, já buscaram na mochila deles, me embrulharam lá, trouxeram água. Aí eu agradei e tal (Depoimento de Mauricio, Bariloche, 2019).

O documentário “El Mono de Cochamó” (PASTENE, 2015), mostra o momento de um resgate no vale. Lá não chegam equipes de resgate, eles são feitos pelos próprios escaladores. Em um determinado momento se vê Martin carregando o escalador nas costas montanha

abaixo. E em outro momento um grupo de escaladores limpando um campo de pedras para o pouso do helicóptero de resgate. Assim que o helicóptero levanta voo e leva o escalador em segurança, é possível ouvir uma grande comemoração.

Essas imagens do refúgio, do conhecido dentro do desconhecido, são sempre presentes nos discursos dos escaladores e permeiam todas as descrições sobre a prática, pois:

Ser escalador é fazer parte de uma comunidade, e para ser identificado nessa comunidade você tem que ter aceitado certas responsabilidades, porque tem uma ética, nós não deixamos coisas, pegamos o que trazemos. [...] ser escalador é fazer parte de uma comunidade que tem objetivos muito diferentes (Depoimento de Jean, Cochamó, 2019).

Assim ao adentrar o universo da escalada, o escalador se depara com uma dupla relação: o conhecido e o desconhecido. O conhecido seria essa cultura da própria escalada, que adquire os sentidos das imagens de refúgio e de abrigo. Mas ao mesmo tempo temos o desconhecido que traz as imagens do novo, da aventura, de adentrar terras longínquas de outras línguas e de outros costumes. E essa dupla relação se torna um dos pontos de forte marca simbólica na prática do escalador.

Antes de ir embora o menino agradeceu e se despediu, não antes de oferecer sua própria casa ao rapaz que lhe recebera tão calorosamente.



Imagem 22 – Casa de Escalador.
(Arquivo Pessoal de documentação de campo)

OS PORTAIS

Feitas as malas, tudo pesado e dividido entre as mochilas, os dois dormiram somente deixando para fora as roupas que seriam usadas no dia seguinte. Acordaram cedo, exatamente às 5 horas da manhã, pois o ônibus passaria exatamente às 6:15 no ponto. Tomaram um rápido café da manhã e partiram. Entraram no ônibus e permaneceram em silêncio. Talvez por um pouco de sono, mas também pelas sucessivas mudanças de paisagens. Alguns minutos depois de partirem, as casas e construções foram se dissolvendo e abrindo espaço. À beira da estrada foram aparecendo pequenas árvores arredondadas, sem nenhuma folha, mas inteiramente preenchidas de suas flores amarelo ouro. Aos poucos elas foram ganhando volume até que toda extensão da estrada se encontrava repleta delas. Elas somente desapareciam para dar espaço aos imensos lagos azulados de águas translúcidas. E quando estes se mostravam, era sempre a oportunidade de ver ao fundo as montanhas que compunham o horizonte. Assim se seguiu a estrada, porém não só a paisagem mudava. Conforme iam se afastando da cidade o rapaz sentia seu corpo sendo tomado por uma sensação diferente. Era como se seus músculos relaxassem, sua respiração ficasse tão lenta que quase parasse. A não ser pelos constantes suspiros exalados toda vez que os lagos apareciam.

Depois de algumas horas chegaram ao ponto final do ônibus. Ficaram embaixo do toldo do ponto de ônibus para se abrigarem do sol, deixaram as pesadas mochilas no canto, comeram umas barrinhas de cereais, alongaram um pouco e partiram. A trilha começava em um terreno plano com uma terra bem batida que demarcava o local de passagem. Apesar do calor do sol estar forte, a trilha passava por um campo de finos bambus amarelados, que forneciam sombra para os caminhantes. Os primeiros quilômetros foram de constante adaptação. Os quase 30 kg da mochila nos primeiros passos causavam uma sensação de estranhamento. Mas assim que o tempo foi passando o corpo foi se acostumando. Animado, o menino aumentou o ritmo, estava se sentindo bem e disposto.

Depois de aproximadamente 2 horas do início da trilha, a paisagem mudou, a floresta de bambus foi minguando e desaparecendo. À medida que caminhavam, o lago a beira da montanha se revelava. À direita eles puderam ver que estavam contornando um comprido monte, à esquerda um barranco descia o morro e desembocava à beira de um imenso lago azul. Do outro lado do lago, diversas montanhas se revezavam na paisagem.

Pouco tempo depois, se depararam com uns blocos de pedra que teriam de ser traspostos, tomando uma trilha a direita. Assim que o passaram, o menino olhou para cima e viu. Lá estava, por entre a mata verde, bem lá no alto, as pontas das montanhas que o menino passara o ano todo admirando em fotos. Ele não tinha dúvidas, eram elas. Uma excitação correu por todo seu corpo, estava tão perto delas, e sem perceber aumentou ainda mais o ritmo da caminhada. Queria chegar logo. Queria ver de perto aquelas

magníficas montanhas. Mas à medida que caminhavam, o terreno antes plano, começava a mostrar suas inclinações. O peso da mochila, que já incomodava um pouco, começou a fazer arder suas pernas. O mestre sugeriu uma pausa, mas o menino queria prosseguir. Queria chegar logo. Cerca de 50 metros adiante, o menino sentou e pediu ele mesmo a pausa. Quando tiraram as enormes mochilas que carregavam, o menino sentiu que flutuava. Voltou a se sentir animado. Encheram os cantis em um veio de água que corria perto da trilha, e novamente o menino quis partir. Mas não passou nem 10 minutos de trilha e o menino viu uma enorme escadaria feita com troncos de madeira, que são usados para parar a erosão da terra em terrenos muito íngremes. Cada degrau parecia quilômetros de caminhada. Sentiu seu coração palpitar fortemente. As pernas começavam a dar sinal de fraqueza. O menino pensou que talvez depois daquela escadaria o terreno plainava novamente. Porém não havia descanso, a trilha que se seguia era cada vez mais íngreme. Sem mais degraus, mas com caminhos que de tão íngremes eram feitos em ziguezagues.

Os quilômetros que se seguiram foram de mal a pior, quanto mais próximos ficavam das montanhas, mais o terreno inclinava. Até que chegaram a um trecho com grandes blocos de rocha que necessitavam quase que uma pequena escalada para passar. Já sem força o menino disse ao mestre:

- Bem que a estrada poderia chegar até aqui! Não aguento mais andar. Minhas pernas estão tremendo e meus pés já estão esfolados de tanto caminhar com esse peso todo!

O mestre sorriu e disse:

- Será que seria a mesma coisa se houvesse uma estrada que chegasse até aqui?

A trilha é relatada inúmeras vezes nos discursos dos entrevistados e por vezes como algo penoso: as íngremes trilhas em terrenos arenosos, onde a cada passo dado, se escorrega meio passo para trás; ou então o apelido que os escaladores dão a Cochamó por suas longas trilhas: ‘Aproxamó’ se referindo ao termo ‘aproximação’, caminho a pé até a montanha. Mas a trilha nunca é vista como desnecessária. Ao contrário, ela é algo que faz o lugar o que é.

Martin, ao falar sobre quando foi ao Yosemite¹⁴ pela primeira vez, diz:

14 Local de escalada na Califórnia, Estados Unidos.

Yosemite? Espero que nunca chegue aqui. Não, é uma loucura, tem uma estrada! Imagina isso com uma estrada? Não. Horrível. Como lugar de escalada é incrível, é todo vertical, é muito mais vertical que aqui, as fissuras são bem definidas, são perfeitas. Mas você nunca vai se perder porque sempre vai ter alguém na sua frente. Todas as cordadas, você vai ter que esperar. Risada. (Depoimento de Martin, Cochamó, 2019).

A estrada que facilita o acesso também degrada a paisagem e tira algo importante da relação do escalador com a montanha. A estrada que o escalador relata haver no parque de Yosemite levou todo um outro modo de se viver às montanhas. Com o acesso por estradas, as construções antes pequenas e artesanais, deram espaço a enormes e luxuosos hotéis e centros de compras. A paisagem antes só de áreas verdes foi tomada por carros e trens turísticos. A relação com o lugar passou a ser permeada pelo consumo. A simplicidade desapareceu e o luxuoso demarcou a paisagem.

Apesar de parecer uma crítica ao capitalismo, esta observação vai muito além. Bachelard nos diz que a matéria, o mundo, nos convida a imaginar, a viver as imagens (BACHELARD, 2013a, 2018). O escalador no caminho da cidade às montanhas sente seu corpo mudar, à medida que a cidade se afasta se afastam também, em certa medida, as provocações desses locais. As imagens de poder e consumo provocadas por mansões e resorts abrem espaço para o natural e selvagem. A mudança da paisagem não é só uma mudança visual, é uma mudança de estado de ser. É um convite a um devaneio cósmico, assim como Bachelard nos ensina:

Os devaneios cósmicos afastam-nos dos devaneios de projetos. Colocam-nos num mundo, e não numa sociedade. Uma espécie de estabilidade, de tranquilidade, pertence ao devaneio cósmico. Ele nos ajuda a escapar do tempo. É um estado (BACHELARD, 2018, p.14)

O nosso estado de ser é em certa medida inspirado pelo mundo material que nos con-torna. Partindo em busca do que atrai os escaladores para pontos de escalada tradicional, uma recorrência simbólica se evidencia: o remoto, o distante. Ângela explicita isso ao descrever o porquê de sua preferência sobre a escalada tradicional:

Porque é menos sobre a parte física, a escalada tradicional te leva a alguns lugares, te leva a escalar em lugares tão remotos, ou a montanhas que você não acessa de outra maneira. Escalada esportiva é divertido eu recentemente fiz uma viagem para escalar esportivas, mas a tradicional te leva a lugares remotos.

A estrada retira a característica do remoto. Aquilo que se distingue do estado de ser em grandes cidades, por exemplo. Para ser remoto é preciso que esteja afastado. Nos parece incabível pensar em algo remoto dentro de um centro urbano. E esse afastamento dos centros urbanos marca uma outra possibilidade de existência.

Mas essa distância nem sempre é uma medida de metros ou minutos, ou outra medida numérica. O que tange essa pesquisa é a referência corporal. O centro comercial de Bariloche fica a apenas 16km em linha reta do refúgio Frey. Se percorrêssemos essa distância de carro, não levaríamos mais do que 30 minutos e pouco mais de 2 litros de gasolina. Mas assim como quando crianças percebemos um determinado espaço como “grande” e quando crescemos percebemos esse mesmo espaço como “pequeno”, ou quando vamos pela primeira vez em um lugar o consideramos “longe”, e depois de repetir inúmeras vezes o trajeto passamos a considerá-lo “perto”, nossa percepção do espaço sempre perpassa nosso corpo-próprio (MERLEAU-PONTY, 2011). Aquilo que é longe, o é porque meu corpo se desgasta para chegar. É longe porque é difícil o acesso. É longe porque sinto em meu corpo essa distância, no queimar de minhas pernas, no coração bombeando, na falta de ar, e no peso da mochila em minhas costas por horas a fio. E é sobre as imagens do distante que reinam as imagens da escalada tradicional. Sem as trilhas ou algo que dê significado a essa distância, o local parece não ter a mesma magnitude, pois a ideia do longínquo demarca uma passagem.

Nas culturas antigas a passagem é sempre representada, seja pelo símbolo da ponte, seja pelo símbolo do portal. Nos templos religiosos os portais demarcam o espaço sagrado que separa o mundo profano e dá acesso ao território sagrado (ELIADE, 2018). Nos mitos de diversas culturas, a ponte significa ligação. Guénon, baseando-se nos estudos de Luisa Coomaraswamy, nos explica a potência desse simbolismo:

Trata-se do sentido original da palavra sêtu, que é o mais antigo dos termos sânscritos para designar a ponte e o único que se encontra no Rig-Vêda. A palavra sêtu deriva da raiz si, ‘atar’, ‘prender’, significa essencialmente uma ligação; e de fato a ponte deitada sobre o rio é o que liga as margens entre si. [...] As duas margens representam simbolicamente dois estados diferentes do ser, o que torna evidente que a corda em tal caso, é a mesma coisa que o ‘fio’ que une esses estados entre si, isto é o próprio sùtrâtâmâ. O caráter de tal ligação, ao mesmo tempo fina e resistente, é também a imagem adequada de sua natureza espiritual. [...] Essa estreiteza torna evidente o caráter ‘perigoso’ do caminho em questão, que é aliás, o único possível, mas que nem todos têm êxito em percorrê-lo, sendo mesmo bem poucos aqueles que o conseguem sem ajuda e com seus próprios meios (GUÉNON, 2017, p.387)

A trilha para os escaladores assume o papel da ponte nos simbolismos antigos. Ela é a demarcação de uma passagem, e mais do que uma passagem física, uma passagem de um modo de ser a outro. Arthur, ao tentar explicitar o que o atraía na escalada, esbarra nessa questão:

Quando eu comecei era escalar duro e ser bom nisso. Dedicar meu tempo e tentar de verdade. E eu acho que com o tempo está sendo mais sobre participar de uma cultura, eu não sei, é como um espírito livre, ter as pessoas em volta de você e você se encaixar no movimento das pessoas. É muito difícil de dizer.

- O que é esse espírito livre? (Entrevistador)

É que todo mundo esquece de tudo. Quando você está em um lugar nas montanhas escalando... mas na montanha. Quando você está escalando esportiva ou Boulder você está lá, mais aí você desce e volta a sua rotina de trabalho, eles estão lá por duas horas ou três horas no dia, estão muito focados e então vão embora. Quando você está na montanha, todo mundo aqui esquece todo o resto e tudo se torna mais profundo, todos param de pensar, ainda tem ego mas muito parece que se dissolve e as pessoas ficam muito abertas umas com as outras. É uma conexão muito rápida das pessoas umas com as outras. Quando eu estou viajando, indo para locais de escalada [...] uma das coisas que são muito persuasivas para ir é porque os lugares são sempre bonitos e as pessoas são sempre fantásticas, todos são extremamente livres, e não estamos falando de coisas muito superficiais, é só um tipo de ... é só a felicidade de quando está somente um silêncio e não há preocupações (Depoimento de Arthur, Bariloche, 2019).

Ao que parece estar perto da cidade e vivenciar a escalada por duas ou três horas por dia não te dá esse outro estado de ser, é nas montanhas que esse estado se evidencia. Essa montanha longínqua, marcada por uma mudança, por uma transição, que vai do urbano ao remoto, da civilização ao selvagem. Passar pelo caminho, pelos portais ou pela ponte, são marcas simbólicas que levam a esse estado, ou melhor, a esta felicidade ao estado silencioso do ser.

Esse outro estado de ser, marcado por uma passagem, teve uma grande representação cinematográfica sob a direção de Frank Capra em 1937. Adaptando a história de James Hilton para as telas, *Horizonte Perdido* conta a história de um lugar, Shangri-lá¹⁵, um paraíso perdido em meio às tempestuosas montanhas do Himalaia. Lá, assim como na descrição de Arthur, as pessoas são extremamente livres, vivem em paz e harmonia. Isoladas das agonias do mundo elas podem desfrutar desse outro estado de ser.

A relação desse filme com Cochamó não é recente. Em 1990 quando os primeiros escaladores Estado Unidenses conheceram o vale diziam ter encontrado Shangri-lá (SEELIGER, 2008). Em um determinado momento do filme, depois de sofrerem um acidente e serem resgatados pelos moradores do vale, o grupo de resgatados passa por um portal. O protagonista para exatamente entre o vale protegido e o tempo tempestuoso fora do vale. Olha diversas vezes para dentro e para fora, sem acreditar que possa haver um lugar assim, isolado de todo exterior. Sem comentar detalhes para não estragar o filme para quem por ventura queira assisti-lo, o protagonista sai do vale, e tem de passar por toda uma tempestuosa jornada que quase lhe tira a vida, para que assim possa voltar finalmente ao paraíso.

15 Shangri-lá atualiza o mito tibetano de Shambhala, cuja tradução significa “fonte da felicidade”, um lugar místico onde as pessoas vivem longas vidas em harmonia (ZNAMENSKI, 2011).

A trilha que leva a esses lugares remotos nos quais se pode viver um outro estado de ser é para os escaladores de escalada tradicional uma travessia (Imagem 23). Não só física, mas que altera as imagens. Não é sobre a imagem daquilo que é próximo e acessível que vigora a potência dos escaladores. É sobre a imagem daquilo que é longe e remoto. Porém não é ao remoto torturante, tal e qual as descrições heroicas, como as terríveis batalhas em ambiente hostis, mas sim, um remoto ligado ao paraíso sagrado. De encontrar sua Shangri-lá. E a trilha, por vezes tortuosa e impenetrante, se torna símbolo de proteção, ela marca uma passagem simbólica para os que tentam adentrar seus portais. Assim como na história persa, a linguagem dos pássaros, é no trajeto difícil e com diversas provações que os pássaros se tornam Simurgh (ATTTAR, 1991). E mesmo que por vezes nos pegamos incrédulos de poder existir no mundo tal lugar de tamanha magnitude, estamos sempre em busca dele. Um lugar não só belo como paisagem, mas que transforma os seres que o habitam.

Depois de descansar um pouco o menino prosseguiu, mas com o corpo extremamente fadigado. As pausas para descanso estavam cada vez maiores. Mas por fim, depois de se pegar pensando na tal da estrada por várias vezes, chegaram ao abrigo.

Uma graciosa brisa os recebeu, aliviando o calor dos corpos. Deixaram as mochilas e imediatamente foram lavar os rostos encharcados de suor nas águas cristalinas do lago que refletia as montanhas. Ali, sentado à beira deste lago, o menino não podia crer que existisse um lugar como aquele. E quando ele acreditava que não podia ficar melhor, o pôr do sol lambeu com uma cor vermelho alaranjada lentamente as montanhas até sumir do outro lado do vale. Comeram, celebraram, e dormiram tendo certeza que estavam em um paraíso escondido nas montanhas.



Imagem 23 – Escalador Paulo Hino entre dois alerces que marcam a trilha de acesso ao Trindad. (Arquivo Pessoal de documentação de campo)

O RITMO DAS IMAGENS

Com o calor do sol que batia na barraca, o menino foi aos poucos despertando de seu sono revigorante. Abriu o zíper da porta, e sem sair de sua barraca viu o local que se encontrava. Não estava mais sonhando com o lugar, estava realmente lá. Saiu de sua barraca e olhou para os arredores. Algumas pessoas que iam embora desmontavam calmamente suas barracas. Outras pessoas preparavam os equipamentos de escalada em frente ao fogón. Ao olhar para o céu, percebeu o voar de um pássaro. Mas não de qualquer pássaro. Um condor de mais de dois metros de envergadura sobrevoava os céus com um voo lento e majestoso. O som que se ouvia no local era só do vento que tocava as rochas e das águas que corriam pelos rios.

O menino foi até o píer à beira do lago e lá ficou respirando a paisagem, talvez por horas, ou talvez minutos. Quando deu fome, foi até sua barraca buscar umas frutas que trouxe na mochila. Estava acostumado a tomar café pela manhã, mas como decidido na cidade, pegaram o fogareiro para esquentar a água para o mate. Sentaram na mesa improvisada com pedras, uma tábua e se saciaram. Durante a refeição, o mestre sugeriu ao menino:

- É melhor mover sua barraca, o local onde está não está bom.

O menino olhou e com uma enorme preguiça de se mover disse:

- Não precisa, está bem ali. Esta noite dormi tranquilamente.

O dia se seguiu, os dois prepararam calmamente os equipamentos e foram escalar uma via curta e próxima, já que estavam cansados ainda do dia anterior. Chegando a base da via, o mestre encheu seu cantil de água, se encordaram e iniciaram a subida. O menino ficou deslumbrado com a textura da rocha e suas possibilidades de entalamentos. Mas subiram poucos metros e já desceram pelo cansaço que tomava seus corpos da caminhada do dia anterior.

Já na descida o céu começou a se fechar. Ao olhar para água não mais se via o reflexo das montanhas, somente fortes marolas dos ventos do sul. Os pássaros sumiram do céu, e os dois caminhantes apertaram o passo. Chegaram no acampamento, cozinham dentro do abrigo, pois o vento estava forte e foram dormir.

Durante a noite, o rapaz entendeu o que o mestre lhe falara. Ele armara sua barraca no lugar em que o vento afunilava e vinha com maior força. A barraca parecia que podia levantar voo a qualquer instante. O som do bater da lona era ensurdecido. Tanto que o menino mal pregara os olhos a noite toda, toda vez que estava quase a dormir, uma nova rajada de vento tornava a balançar a barraca. No dia seguinte, o menino com os olhos cheios de olheira perguntou ao mestre:

- Me ajuda com minha barraca?

Escalar em um vale não é somente subir os maciços rochosos, é experienciar toda a vida que o vale nos fornece. A trilha, neste contexto, marca a passagem, uma passagem de uma realidade a outra. Qual é então essa realidade que adentramos ao passar pelos portais? Ao perguntar o que atraía os escaladores nos locais para ir viajar, constantemente eles apontavam para a paisagem, mas não a paisagem como uma bela fotografia, mas uma paisagem da qual faziam parte e à qual se sentiam conectados. Jean, ao responder essa questão comenta:

Para mim esse lugar é especial não por causa da escalada, quer dizer, é fantástico passar a semana escalando essas paredes tão incríveis, mas só o lugar é... esse vale é único, eu acho que no mundo. O sentimento de não ser comercial e não ter tantas pessoas. Esse lugar tem um coração e você pode sentir isso (Depoimento de Jean, Cochamó, 2019).

O lugar tem um coração, um coração que bate, que tem um pulso. No ser humano, o coração é símbolo da emoção, e podemos sentir nossa pulsação alterar conforme o andamento da vida. Todo um regime de imagens é relacionado ao batimento cardíaco da mãe (FERREIRA SANTOS; ALMEIDA, 2012). O simbolismo do coração é emoção e é pulsação. A montanha tem um pulsar. E você pode senti-lo. Este ritmo da montanha constantemente aparece no discurso dos escaladores contraposto aos ritmos da cidade. Bell relata a volta à cidade após passar uma temporada em um ambiente de montanha:

É terrível quando você volta para cidade e se engancha em voltas. É como: você tem um período de paz e tranquilidade, vem com toda energia da montanha, calmo e de repente ui, tudo está girando muito rápido. Não sei o que passou. Isso não está bom. (Depoimento de Bell, Bariloche, 2019).

A cidade também tem um ritmo. São Paulo, por exemplo, é conhecida por ser a cidade que não para. As pessoas andam agilmente pelas ruas, estão afoitas para chegarem aos seus destinos. O tempo dos carros, ao mesmo passo que provoca uma imagem de velocidade, encontra a com a lentidão dos engarrafamentos. Os sons que dão o andamento do dia não são mais do que as buzinas e os escapamentos. Apesar de se encontrar alguns refúgios em meio a isso, esta é uma percepção constantemente relatada pelos escaladores. David, ao falar sobre o que é uma viagem de escalada para si, não pestaneja e diz firmemente: “É a desconexão com a cidade” (Depoimento de David, Bariloche, 2019). Ele conta que vive em Buenos Aires, e, certa vez voltando da montanha, se deu conta do tempo da cidade:

Ano passado quando voltei para cidade, saí do meu apartamento e andei por uma quadra. Vi como as pessoas se empurram, trocam insultos, os carros que freiam e buzinaam, esse ruído, todos muito acelerados, e eu que vinha daqui via todos quase como de fora (Depoimento de David, Bariloche, 2019)

A paisagem que habitamos passa a fazer parte de nós. Por isso os escaladores frisam tanto que o distante é importante. Hannah ao falar de sua paixão pelo Ártico diz: “Mais que Ártico, é o longe e longe de tudo. Fomos com um aviãozinho. Ele aterrissou em um banco de areia. É o selvagem, é o longe e o remoto” (Depoimento de Hannah, Bariloche, 2019). O remoto para os escaladores é a outra margem do rio das mitologias sobre a ponte. Pois, entre outras coisas, no remoto podemos vivenciar outros tempos, outros ritmos. A conexão e desconexão que os entrevistados relatam é ser parte do próprio lugar e assim adquirir seus tempos e pulsações. A paisagem nos impele quase que como a percussão em uma música. Ela nos dá o andamento. Caminhar em outro ritmo é sentir-se fora do ambiente. Descompassado. Se caminharmos lentamente por um centro comercial, como fez David, nos tornamos um empecilho no meio da passagem. Assim adentrar ao selvagem e ao remoto é adquirir seus próprios tempos, ritmos e pulsações.

O condor que voa nos ares, o correr da água no rio, o vento que bate nas rochas são os metrônimos da paisagem. E nenhuma imagem se dissocia de seu compasso. As imagens, assim como Bachelard define, são dinâmicas (BACHELARD, 2001), tem movimento, e como tudo que se move tem pulso, ritmo. A conexão sobre a qual falam os escaladores, em parte se dá quando o pulsar de seu ser se conecta com o pulsar do coração do lugar.

Jean fala um pouco sobre essa conexão quando descreve sua paixão ao ir para um desses lugares:

Pegamos tudo que precisávamos para um mês e me apaixonei por esses lugares selvagens, a conexão que você tem com o lugar quando você vive lá, você sabe, você pesca no rio, você bebe água direto da fonte, e isso passou a fazer parte de quem eu sou. Eu preciso sair das cidades, ter o tempo e o espaço para ser um pouco mais livre (Depoimento de Jean, Cochamó, 2019).

Estar conectado com o lugar é vivenciá-lo em seu próprio ritmo, mas vai para além disso, é uma conexão com o pulso, mas também é com uma temporalidade específica. Como vimos, esses lugares prescindem a imagem do remoto. Ao procurar no dicionário a palavra remoto, encontro algo curioso: “Que aconteceu há muito tempo; antigo. Que se encontra longe no tempo e/ou no espaço; distanciado: território remoto” (REMOTO, 2020). O remoto pode significar algo que aconteceu há muito tempo. Pode ser um lugar que se encontra longe espacialmente, mas também temporalmente, não só em ritmo, mas em épocas distintas. Os ambientes de escalada são descritos muitas vezes com características de um outro tempo, de uma outra época. Beber a água direto da fonte, direto do leito do rio, por exemplo, não é uma prática comum mesmo em zonas rurais, já que a água chega pela torneira.

Conversando informalmente com Martin, ele me contou que construiu toda a estrutura do camping somente com uma motosserra. Apesar de hoje possuírem mais algumas ferramentas, todas as casas foram construídas quase que inteiramente por tábuas de madeira, e estas foram todas retiradas uma a uma com o olho e mão servindo como métricas. Na Argentina, o

refúgio Frey foi construído com pedras do próprio local, pedra em cima de pedra, tal e qual as construções dos povos antigos. Para bloquear o vento das barracas, os escaladores têm que fazer muralhas de pedra, carregando uma por uma e empilhando-as de uma maneira que suporte a força do vento. Não são usados grandes recursos tecnológicos para isso, é uma aproximação aos modos de existência mais primitivos.

De alguma maneira, os ambientes da escalada tradicional nos levam a uma vivência que nos aproxima de uma experiência com o mundo característica de uma outra era. E nessa relação, o que está principalmente em jogo é uma outra forma de se relacionar com a matéria. Sem grandes mediações, o contato passa a ser direto: corpo e matéria. A muralha se forma porque a força do meu corpo move a rocha ou a madeira, é um contato mais direto do corpo com a matéria do mundo. Essa vida por outros meios nos provoca e nos convida a outros devaneios. Paul relata isso com muita precisão.

[...] acho que pra mim é mais estar conectado com a natureza. Porque estar conectado com a natureza é estar conectado com nascimento e morte, e eu realmente creio que, como construir essa casa, a maioria das árvores nós pegamos, mas tivemos que cortar algumas árvores e todos nós vivemos sobre esse teto, e sempre algo está vindo de algum lugar. E quando você vive aqui, você é quem está fazendo isso. Você que vai lá fora e para comer pega a faca e o laço de cowboy e diz: ok eu corto o pescoço da ovelha. Você sabe, você está conectado com tudo. [...] você está conectado com o círculo todo. Quando você vive na cidade você não percebe. Aqui você sabe que está afetando a natureza cortando a árvore, mas está usando para construir sua casa. Para colocar um teto sobre sua cabeça. Assim todo lugar que você escala está muito conectado com natureza também. E Cochamó te faz andar pra caramba pra chegar na base e você acampa lá, você bebe a água direto do rio, sem tratamento ou nada, é uma vida muito mais conectada com a natureza (Depoimento de Paul, Cochamó, 2019).

Estar conectado com a natureza é estar conectado com tempo e com a materialidade do mundo. É em contato com a matéria que Paul diz estar conectado com o nascimento e com a morte, com todo o ciclo da vida. E é sob esse tempo cíclico que se baseiam as imagens dos ambientes de montanha. É o nascer e o morrer. É a construção que ao mesmo tempo mata, mas conserva a vida. Aqui a concepção de tempo e espaço, carne e matéria se veem enredados. O espaço constituído da materialidade do mundo se une ao tempo cíclico de vida e morte. Assim a percepção do tempo da vida e do tempo das coisas também se unem. Perceber o tempo do correr do rio se liga ao tempo de crescimento das árvores e ao tempo do ciclo do dia. O sol que bate na barraca acorda o ser (Imagem 24), o sol que se esvai atrás das montanhas indica o tempo do sono. Esse mesmo sol é o que queima a pele dos escaladores e que dita o fluxo das águas. A água que hidrata os corpos que escalam vem das geleiras do alto das montanhas.

Ao buscar água no fim de janeiro, há quase um córrego, em meados de fevereiro resta só um filete e em poucas semanas se esgota totalmente. Nos anos mais quentes a água se esgota mais rápido, nos anos mais frios há água por mais tempo. A paisagem dá o ritmo da vida, e

quando esta se altera, também se alteram os corpos. O sopro do vento forte sobre as montanhas deixa o corpo em ritmo de alerta. A penumbra das nuvens de chuva que cobrem as montanhas acelera os corpos que estão nas faces rochosas. Já o sol escaldante dos dias abertos retarda todos os movimentos. Viver na montanha é ritmar tempos e movimentos, não sob o tempo do relógio, mas na batida do coração do lugar que nos falou Jean.

Nos remotos vales montanhosos, esse outro tempo e contato com a materialidade do mundo passam a reger o universo do escalador. Não há carros e buzinas, mas pássaros e ventos, não de reservatórios e torneiras, mas a água do rio que corre das geleiras. Sem construtoras ou tecnologias digitais, mas o contato direto da força humana com a resistência do mundo. Outros ritmos, outras percepções, outras imagens.

Depois de moverem a barraca de lugar e a protegerem com um muro de pedras, esperaram o vento acalmar para refrescar os corpos com um mergulho no lago. Usaram esse dia para tirar o cansaço dos músculos fadigados pelas inclinações do lugar.



*Imagem 24 – Acampamento no Frey.
(Arquivo pessoal de documentação de campo)*

OS DEUSES DO TEMPO

O menino foi dormir, depois de passar o dia contemplando as montanhas.

- Amanhã sim, tudo estará perfeito para finalmente escalar.

Mas no meio da noite o rapaz ouve um tintilar na capa de sua barraca. “Não pode ser, é chuva? Bom, logo deve passar”. Mas com o passar do tempo o que antes eram poucas gotas, viraram muitas, o som do balançar das árvores foi tomando o ambiente sonoro. O menino acordava de tempos em tempos, na esperança de ouvir o tempo acalmar, mas os pingos não cessavam. “Será que essa rocha seca rápido? Com certeza amanhã estará seco...” pensava o menino.

Ao amanhecer, os ruidosos barulhos da chuva haviam cessado, o menino chegou até a ouvir o som de alguns pássaros por perto. Porém quando saiu de sua barraca e olhou em direção às montanhas, viu o que mais o preocupava: um mar de nuvens encobria o topo dos paredões, as partes de rocha que se podiam ver por entre o manto de garoa que caía estavam brilhando pela água que escorria pelas suas encostas. Não havia um centímetro de rocha seca. Desiludido, o menino foi para o fogón tomar café da manhã.

Lá chegando, encontrou seu mestre tomando um mate em uma roda de pessoas, ao som de um violão e uma voz que cantava repentes de improviso. Mas nada disso foi percebido pelo menino, que logo foi lamuriar com o mestre.

- Mestre, será que vamos poder escalar hoje? Será que vai parar de chover? O mestre só sorriu e continuou a tomar seu mate que passava na roda. O menino se calou, mas continuava aflito, querendo desesperadamente ir para as montanhas.

O dia foi passando e nada da chuva parar. A tarde o menino sem se conter foi até o refúgio do outro lado do rio. Sabia que lá poderia perguntar a alguém sobre a previsão do tempo, já que eles tinham uma rudimentar internet e rádio. O menino foi sozinho, chegou até os cabos da tirolesa que era usada para travessia. Preso ao cabo de aço, um carrinho de madeira com um sistema de polias era usado para cruzar. Fazer a travessia sozinho era difícil, principalmente em tempos de chuva em que a corda se molha. Mas o menino estava determinado. Com muito esforço foi se puxando até o outro lado do rio. Percorreu a trilha e chegou ao abrigo. Chegou lá molhado e logo foi entrando. Imediatamente uma senhora lhe pediu para se retirar.

- Está molhado, deixe as roupas molhadas do lado de fora. Conserve o abrigo em ordem. O menino envergonhado saiu e tirou as roupas de chuva junto com seus calçados. Voltando encontrou a senhora limpando a água que ele trouxera com suas roupas.

- Desculpe, disse ele.

- Não há problema, respondeu a senhora. O que deseja?

- *Gostaria de ver a previsão do tempo.*

- *Ixi, vai ter de esperar o Paul voltar, só ele sabe disso. Mas sente-se, gostaria de água quente para um chá?*

- *Mas eu não tenho chá.*

Um rapaz que estava sentado em uma das mesas disse que tinha e que poderia pegar.

- *Pronto resolvido. Vou pegar a água quente para vocês.*

- *Sente menino, disse o rapaz. Vi você com um senhor indo para o La Junta. Gostou da via?*

- *Gostei sim, mas escalamos muito pouco, estávamos cansados.*

- *É uma via muito bonita, vale a pena tentar fazê-la até o fim. A primeira vez que vim aqui, também não consegui de primeira, mas fiquei uma semana tentando. Acho que entrei umas 3 vezes até conseguir chegar ao final.*

- *Você ficou uma semana tentando uma mesma via? Por quê? Por que não foi conhecer as outras vias?*

- *Eu em geral não faço isso mesmo, mas estava querendo aprender. A via me ensinou muito. Cada vez que eu entrava, aprendia algo novo.*

O menino ficou conversando com rapaz, ouvindo suas histórias, uma mais instigante que a outra. Até que chegou Paul, e o menino finalmente descobriu a previsão dos próximos dias. 5 dias de chuva consecutivos. Aquilo que ele vira até agora era só o começo. O menino voltou devastado para o camping.

- *Mestre! Irá chover 5 dias consecutivos! 5 dias! Que iremos fazer? Vamos descer e ir para outra montanha! Vamos perder 5 dias aqui!*

O mestre sorriu.

- *Por que esta sorrindo? Você não quer escalar?*

- *Mas é claro que eu quero, mas, você está vendo aquele rapaz tocando violão? A primeira vez que ele veio para cá ele passou um mês aqui. Todos os dias choveram. Ele voltou para casa dele nos Estados Unidos sem escalar uma única vez. Já faz 5 anos consecutivos que ele vem para cá. Sabe aquele rapaz que trabalha no camping? Ele foi certa vez para El Chaltén, ficou um mês e meio, e conseguiu só fazer as trilhas de aproximação. Os outros dias só tempo ruim.*

- *Mas o que vamos ficar fazendo esse tempo todo?*

- *Novamente o mestre sorriu. Você descobrirá o que fazer.*

O desespero dos escaladores com o clima é constantemente relatado na fala dos entrevistados. Mas os escaladores mais experientes aprendem sobre si e sobre o respeito à montanha nessa relação. Ângela ao falar sobre sua relação com a montanha explicita esse momento:

Acho que muda [a relação com a montanha]. Acho que é fácil você vir para esses lugares e só procurar algo para escalar, algo para tirar desses lugares, para mim, eu comecei a sentir um grande senso de cuidado com a montanha, esses lugares que eu viajo, esses lugares que eu conheço, o lugar, as pessoas, não só escalar e ir embora, mas realmente passar tempo para conhecer o lugar e poder sentir um sentimento de pertencimento com o lugar. A montanha como eu disse, é minha maior professora, às vezes ela te derruba, e sua relação é frustrante: por quê está chovendo? Ou por quê está tão frio? Você amaldiçoa a montanha, mas eu acho que te aproxima com o senso de pedir permissão para as montanhas para estar lá e estar aberto para todas as experiências que vierem. Mais do que essa ideia de conquistar a montanha, esta outra é mais representativa da minha relação (Depoimento de Ângela, Cochamó, 2019).

Ao habitar as montanhas com o que Ângela chamou de senso de pertencimento, não é a luta que prevalece em suas potências imagéticas, é a mestra, professora. A quem se deve pedir permissão, e não brigar para estabelecer sua própria vontade. O contato com a montanha é difícil, e com certeza todos os escaladores já passaram por isso em algum momento de sua trajetória; a frustração com a chuva ou com o frio ou até mesmo com os dias de sol escaldantes.

Ao viver em ambiente natural, os escaladores têm de se relacionar de outra forma com o mundo. Na cidade o clima tem um papel menor dentro da rotina das pessoas, por exemplo, quando há chuva é um incômodo, mas as rotinas seguem normalmente. Entretanto nos ambientes de escalada o próprio clima é quem dita o andamento do dia. Assim como dissemos, de certa forma, as características do remoto nos locais de escalada ditam um outro ritmo para vida, e as imagens passam a se assemelhar cada vez mais com as representações de um outro tempo.

Os povos ancestrais sempre representaram o tempo por divindades. Susanoo, deus dos mares e das tempestades na mitologia xintoísta, é filho de Isanami e Isanagi, irmão de Amateratsu, deusa do sol, e de Tsukuyomi, deus da lua. Susanoo é rebelde e tempestuoso e está sempre a provocar sua irmã sol (SEGANFREDO, 2011). Na mitologia grega é Poseidon o responsável pelas tormentas (BRANDÃO, 2015). Mas a relação com o clima é sempre uma relação com o sagrado, com os deuses. E como tal, não é uma relação de confronto que se estabelece, mas o que Ângela traduz como “sentimento de pedir permissão”. Os que passam muito tempo na montanha começam a se sentir parte de um todo maior do que si, e passam a aprender com os deuses do tempo. Tal e qual os povos ancestrais.

Mas não só a chuva e a tempestade podem ser desagradáveis. Eliseu Frechou conta no filme Harmatan (FRECHOU, 2012) a experiência de escalar em solo africano no escaldante deserto de Sahel, Mali. Neste local somente podia escalar em determinados horários em que

o sol era mais ameno, pois no sol a pino, tal como com chuva, era impossível de escalar. Em Cochamó encontrei dois escaladores brasileiros, que tiveram de descer de uma escalada, pois o sol estava muito forte. Quando se está na montanha, se está exposto às questões climáticas, mas mais do que isso, assim como Ângela explicita, são as próprias questões climáticas que fazem da montanha o que ela é. E vivenciar essa experiência como aprendizado, e não como conflito, é um senso de pertencimento a montanha.

Estar em meio à montanha é uma luta se eu decidir lutar. Mas a luta é opção daquele que escala. Para Ângela, assim como para outros tantos escaladores entrevistados, a montanha é a que ensina. E o tempo ameno, assim como tempestuoso, são faces de uma mesma experiência, e devem ser respeitados, pois não são adversários, mas companheiros de jornada. A face das chuvas e das tormentas (Imagem 25) é a que abre espaço para o chá e as conversas (imagem 26), para a música e as trocas no pé da montanha. Pois estas são tão constituintes da escalada quanto o ato ascensional. Susanoo, Amateratsu e Tsukuyomi são juntos o equilíbrio no mundo, e o aprendizado ocorre quando assim os percebemos.

Mas o que houve com o menino aprendiz?

Não aprendeu de pronto, nenhum aprendizado é instantâneo na montanha, mas ao começar a escutar as músicas cantadas, a compartilhar boas histórias à beira da fogueira, ao cozinhar junto com pessoas que nunca havia visto na vida, começou a entender o que o mestre lhe falara.



*Imagem 25 – Anfiteatro encoberto por nuvens
(Arquivo Pessoal de documentação de campo).*



Imagem 26 – Roda de música em dia de chuva. Na mesa a esquerda: Paulo, Ângela, Jean. A direita: Simone e Judith (Arquivo Pessoal da documentação de Campo).

AS ESTÓRIAS NO PÉ DA MONTANHA

No primeiro dia de chuva o menino ficou inquieto, estava impaciente, queria que a chuva passasse logo. Não parava em lugar algum, ia à sua barraca, ia ao fogón, voltava à sua barraca. Ficou horas olhando o guia de escalada da região, até pensou em descer caminhando ao povoado para pegar sinal de internet. Ouviu falar que se sair bem cedo é possível baixar, enviar algumas mensagens e subir no mesmo dia. Porém ao sugerir essa ideia ao mestre, ele disse:

- Sente-se aqui conosco. Tome esse mate.

O menino se sentou, tomou o mate, mas logo quis sair para sua barraca.

- Fique mais um pouco. Insistiu o mestre. Simone, como é mesmo a região que você mora?

- É um lugar cercado de montanhas, não como aqui, são montanhas mais finas, parecem barbatanas de tubarão. Mas é muito bonito. No outono as árvores dos vales ficam amarelo ouro. Parece que brilham. As vias que tem lá são muito boas também, há muitas chaminés e offwiths, mas também temos algumas cordadas de fendas pura de dedo. E o cume é a melhor parte. Se pode ver todo o campo de neve da região, e ao fundo dá para ver os lagos, que no outono ficam azul celeste, é precioso.

Os olhos do menino se arregalaram, e sentiu o coração palpitar. Sentiu as mãos suarem e o corpo se excitar.

Nesse momento um outro assunto tomou conta da roda, era a história de um brasileiro, que quando estava abrindo uma via em uma região de Minas Gerais, encontrou um enorme platô no meio da via.

- Era um platô enorme, e que dava acesso a uma gruta na qual cabiam umas 3 pessoas deitadas. Estávamos acho que na décima cordada mais ou menos, a 500 metros do chão. Foi uma via incrível. Aí na segunda vez que repetimos a via, queria celebrar de algum modo, então sem contar para meu parceiro, levei 3 latinhas de cerveja na minha mochila para comemorar no platô. Quando cheguei lá mostrei as latinhas para meu amigo achando que ele ficaria feliz com a surpresa. Mas no mesmo momento ele tirou mais 5 latinhas de sua mochila. Fizemos a maior festa! Foi um dia memorável.

O menino riu e ficou com vontade de conhecer esse magnífico platô que eles falavam. Ficou lá conversando com esse brasileiro para tentar combinar de escalar juntos essa montanha. Até que ouviu uma outra história que seguia na mesa, era um casal do Alaska, contando como foi o natal deles:

- Nós fomos passar a virada do 24 pro 25 em um monte perto do abrigo de montanha que trabalhamos no Alaska. Mas a noite estava muito fria, então cavamos uma caverna na neve. Ficamos lá cerca de duas ou três horas cavando com a picareta de gelo. Primeiro tivemos que cavar uma galeria de cerca de 1 metro para dentro da parede, depois cavamos o teto do final dessa parte. Assim que conseguimos ficar de pé, cavamos uma outra galeria que é o local onde ficamos mais abrigados do frio. Nós fizemos uns furinhos na neve para poder respirar, mas no meio da noite ficou muito frio, acho que fora estava batendo -30°C. Então tivemos que tampar os buraquinhos que tínhamos feito, porque começou a entrar um vento muito gelado. No dia seguinte quando tentamos sair da caverna descobrimos que tinha dado uma pequena avalanche do lado de fora e estávamos presos, tivemos que ficar mais um tempão cavando até sair da caverna. Foi nesse instante que decidimos que queríamos vir para um lugar mais quente nessas férias.

O casal riu e mostrou umas fotos deles na caverna. E ao contrário do que o menino achava, que tivesse sido terrível e torturante, eles estavam rindo e se divertindo na situação.

O dia seguiu e quando o menino se deu conta já era noite. E dessa vez não cozinham só ele e seu mestre, mas compartilharam comida com todos os que estavam trocando histórias. Cada um fazia um prato e passava para os demais.

Naquela noite quando foi para a barraca, o menino estava leve, parecia que tinha vivido efetivamente aquelas histórias que ouvira. Mas ao mesmo tempo, passou a noite sonhando em ir para aquelas paisagens magníficas, em viver aquelas épicas histórias que lhe contaram.

Todas essas histórias aqui relatadas foram ouvidas nas diversas rodas de mate ou ao redor das fogueiras durante a pesquisa. Anotei-as em meu caderno de campo, mas mesmo sem o caderno não teria dificuldades em contá-las a qualquer momento. São histórias que agora fazem parte de mim, assim como tenho certeza que fazem parte de todos os escaladores que estavam na roda. As rodas de histórias a princípio parecem um modo de se passar o tempo enquanto não se pode escalar que somente existem por uma falta do que fazer. Porém, ao observar os corpos daqueles que ouvem a história, percebi que definitivamente se tratava de algo mais. Corpos atentos, vibrantes, olhares devaneantes como se estivessem vivendo a história no exato momento que ela era narrada.

Durante as entrevistas sempre pedia para que os escaladores relatassem uma história que viveram. E sempre, ao final, eu estava com a mesma reação. Sentia que ao longo das narrativas me instigava a querer partir, a querer vivê-las também. Essas histórias definitivamente

não eram só um passatempo. Refletindo sobre isso percebi que a maioria das histórias que eu conheço de montanha nunca foram escritas. As conheço, pois ouvi de outros escaladores, e as conto para diversos outros. Há histórias que posso contar como se eu próprio as tivesse vivido. São histórias que habitam em mim, e mais do que isso, me fazem ser quem eu sou. Logo quando comecei a escalar, um amigo me contou uma história de um escalador que se acidentara, pois tinha tomado o caminho errado na montanha. Ele contou que ao subir para resgatá-lo, o desviou de ponta cabeça e o sangue escorreu de dentro de seu capacete. Eu nunca vi o tal escalador, mas posso sentir o cheiro de sangue sempre que me recordo dessa história. E sempre que estou na parede em dúvida de para onde ir, essa imagem me toma.

Rubira se baseando nos estudos de Shah traz:

Por sua própria natureza, a maioria das sociedades tribais e nômades não possui um sistema de escrita. No final das contas, são abençoados. Dependem uns dos outros para obter entretenimento e estímulo. Reunidos ao redor da fogueira, os contadores de história transmitem a sabedoria coletiva da tribo (SHAH apud RUBIRA, 2015, p.143).

As histórias contadas ao redor das fogueiras ou das rodas de mate (Imagem 27), assim como nas sociedades tribais, são uma forma de transmitir a sabedoria da própria escalada. As histórias não são banais, são atualizações míticas. Por meio delas ocorre a união do passado, presente e futuro. Uma história do passado que ouço no momento mítico presente, e que instiga ao devir. Ou como melhor escreve Rubira (2015, p. 186):

[...] na narração de estórias, a fala que materializa a estória, é nosso ponto de encontro, onde passado presente e futuro convergem para uma existência plena. Para um centro de energia revigorante, no qual mergulhamos e restabelecemos o nosso pulsar primordial. Nesse lugar não há interior ou exterior, nem sagrado nem profano, nem real ou imaginário, os contrários se dissolvem, se unem e se articulam, completando-se. No entanto, as distâncias não são eliminadas, são fraqueadas para que as ressonâncias possam nos permitir vibrar, pois não há reverberação sem vibração e é essa reverberação que manterá viva nossas vozes narrativas que nos eternizam.

São nas histórias na base da montanha que as maiores lições são passadas - sem pretensão - de um escalador a outro. Bachelard diz: “Ao falar o homem quer guardar a experiência das mãos” (BACHELARD, 2013b, p. 163), narrar uma história é guardar na memória coletiva as experiências sentidas. É compartilhá-las, e assim provocar outros corpos. Pois “As imagens nascem diretamente da voz murmurada e insinuante” (BACHELARD, 2001, p. 99). Narrar uma história é repetir um gesto ancestral de transmissão de saberes.

Apesar de haver cursos de escalada, eles se limitam a ensinar as técnicas de segurança necessárias. A reverberação se dá nas falas, nas histórias. Todo escalador é um narrador. Algo que não se ensina, mas que todos sabem, pois faz parte de uma cultura. E me atrevo a dizer que a cultura da escalada, sem a narração de histórias nas bases das montanhas, não mais existiria, ou ao menos seria muito distinta.

Ao se reunir em uma roda, acalentado pelo fogo, fogueira ou o fogo simbólico, mate, o escalador repete esse gesto ancestral. A forma tradicional da transmissão de saberes de uma geração a outra. Os conhecimentos que tocam o fundo do espírito dos escaladores foram aprendidos pelas narrativas. E por mais que as histórias troquem o protagonista, troquem de certo modo a paisagem, a atualização mítica está sempre lá. Um modo de ser e se relacionar com mundo é vivenciado pelas narrativas. As histórias de festas são sempre recorrentes, seja pela cerveja no platô de escalada, o salmão fresco dos lagos patagônicos, que rendeu um festival de sushi em meio às montanhas chilenas, (Depoimento de Edmund, Bariloche, 2019), ou as histórias de acidentes, como a queda que fez o sangue do escalador escorrer por seu capacete, ou Mauricio que conta como quebrou os dois pés escalando no Rio de Janeiro.

Também as histórias românticas de quando Paul foi para sua primeira viagem de escalada com sua atual esposa, na época se conheciam há pouco tempo e ficaram presos na parede sem agasalho e sem lanterna. Anoiteceu, começou a nevar e a corda deles havia ficado presa. Ela, extremamente lúcida e organizada o tempo todo, mesmo na mais adversa das situações. Ao chegar ao chão, Paul conta que estava perdidamente apaixonado (Depoimento de Paul, Cochamó, 2019). Ou a história de Martin, quando escalou com sua namorada uma via em Cochamó e compartilharam a noite em um pequeno platô de rocha com o céu repleto de estrelas (Depoimento de Martin, Cochamó, 2019).

Histórias também de aventura, como os raios que pegaram na piqueta de gelo presa na mochila da namorada de George, enquanto escalavam no Canadá (Depoimento de George, Cochamó, 2019). Ou as histórias de Arthur, perdido em meio à montanha sem conseguir encontrar o caminho de descida, teve de dormir na rocha e esperar o dia seguinte para poder enxergar novamente (Depoimento de Arthur, Bariloche, 2019). Todas elas são histórias que ensinam, que transmitem um modo de ser, uma cultura da escalada. Essa cultura não é transmitida de outro modo se não pelas imagens narradas ao pé da montanha, em um ressoar de corpos e experiências, assim como apontou Rubira.

Desse modo, no título deste texto, utilizo a mesma provocação de Rubira ao escrever Estórias ao invés de Histórias. Para ela é uma marca simbólica: “Ao me dedicar ao estudo da narração de estórias, naquele momento eu ‘abdiqueei do ‘h’ das horas, do tempo cronológico linear que nos devora, em favor do ‘e’ da eternidade que nos imortaliza” (RUBIRA, 2015, p. 19). As estórias que os escaladores contam, apesar de não serem exatamente histórias da tradi-

ção, são estórias que marcam uma eternidade. Que se perpetuam no tempo. A tradição oral faz parte da escalada. Tal e qual nas culturas tradicionais, as histórias são narradas e são elas que inspiram a ação no mundo.

Portanto ser um escalador é ser também um narrador de Estórias, que ao narrar uma história “sua” está narrando um modo ancestral de ser nas montanhas. A Estória que hoje eu conto de minha vivência tem a trama mítica da Estória que me foi contada, e que inspirará outras experiências e outras tantas Estórias.

Com o tempo o menino até quis compartilhar umas histórias suas sobre a montanha que havia perto de sua casa e a história de como conheceu seu mestre.

Assim que as chuvas cessaram, de tantas histórias que haviam ouvido sobre a região, já sabiam exatamente qual via gostariam de escalar. Se prepararam e partiram cedo para aproveitar o máximo de tempo de sol possível.



*Imagem 27 – Roda de conversa envolta da fogueira. Bivak do Anfiteatro
(Arquivo pessoal de documentação de campo)*

ENCORDAMENTO:

A parceria na escalada

Na base da montanha, depois de encontrar a via que gostariam de subir, comeram um rápido lanche e começaram a se equipar. Pegaram os equipamentos da mochila, separaram quem iria guiar qual parte, passaram a corda para que ela não se enroscasse no meio da escalada e se encordaram, cada um em um ponta.

Ao olhar para aquela cena, ele, atado a alguém por uma corda, na base daquela gigantesca montanha, o rapaz perguntou para seu mestre:

- Mestre, você escala com pessoas que não conhece?

- Por que da pergunta?

- Lembra daquela menina que conversamos ontem? Ela estava indo escalar com um rapaz que ela nunca havia visto antes na vida. E iam escalar aquela montanha que chamam de "O Monstro". Não sei se gostaria de escalar com quem não conheço. Há tantas coisas que podem dar errado na escalada, e é uma parede grande, o que acontece se as pessoas não se dão bem?

- É uma boa pergunta. Às vezes dá certo, às vezes nem tanto. Lembra do homem que nos recebeu em sua casa? Ele é amigo de um rapaz com o qual escalei em Arenales. Não o conhecia, e nem tudo correu bem em nossa escalada. Ficamos perdidos no rapel, já era noite, e não conseguíamos encontrar o ponto de descida. Tivemos de dormir na pedra para continuar a busca no dia seguinte. Apesar de não o conhecer por muito tempo, aquela experiência nos uniu como se fôssemos amigos há anos. Podíamos ter brigado, muita coisa podia ter dado errado. Como você irá descobrir, nossas melhores qualidades e nossos piores defeitos vem à tona quando escalamos nestes lugares. Por vezes estamos com fome, com frio, extremamente cansados e ainda por cima com muito medo. Nessas situações ninguém consegue controlar seus demônios. Perdemos os filtros. E nisso revelamos nosso cerne aos nossos parceiros. Isso, às vezes é bom, às vezes nem tanto. No meu caso, ganhei um grande amigo que sinto como se conhecesse melhor que muitos amigos que tenho por um longo período na cidade. É uma conexão vertical, muito profunda e por um curto tempo.

- Não sei, se acontece algo na montanha é só com essa pessoa que você pode contar. Tenho medo.

- Todos têm. Tem pessoas que nunca escalam grandes montanhas com quem não conhecem bem. Primeiro escalam coisas leves, e depois com o tempo se propõe a algo mais, mas tem pessoas que se dão bem logo de cara. Você acha que se daria bem com algum dos escaladores que conheceu por aqui?

- *Hum...Acho que escalaria com aquele rapaz de Wyoming.*

- *Por quê?*

- *Ah, ele parece legal, não sei explicar, é só o jeito dele. Não sei, acho que me daria bem escalando com ele.*

- *Quem sabe algum dia dessa viagem ainda vocês não dividem uma cordada. Agora vamos escalar que tem muita parede para subir antes que o sol nos deixe.*

O encordar-se para escalar paredes tradicionais, é um atar-se. Unir-se intimamente a alguém. É como alguns escaladores definem: um cordão umbilical. Não é só um encordamento de segurança, é uma união entre seres. A parceria da escalada é uma das falas mais recorrentes dos escaladores. O parceiro de escalada é definido como aquele em quem se pode confiar. Na parede vertical sempre colocamos nossa segurança nas mãos da outra pessoa, assim como a outra pessoa coloca sua segurança em nossas mãos (Imagem 28). Entretanto não só necessitamos do corpo físico como contrapeso no caso de uma queda, nem só de seus músculos para guiar as cordadas que lhe couberem, mas precisamos de sua presença. Precisamos existir juntos.

Ao perguntar para Simone o que mais a encantava na escalada, ela diz: “Poder compartilhar a experiência com as pessoas me encanta muito. Esse tipo de relação, que há confiança para fazer essa coisa tão bonita juntos” (Depoimento de Simone, Bariloche, 2019), e ainda Jean diz: “Pra mim a escalada vai ser sempre pelo senso de aventura e as amizades que vem com ela. Eu escalo mais com um amigo, o nome dele é Dan, ele me ensinou quase tudo. E a parceria é tão importante para mim quanto a escalada e a montanha” (Depoimento de Jean, Cochamó, 2019). Ao abordarmos a experiência do escalador, não podemos deixar de lado a relação interpessoal, pois a escalada é sempre uma relação permeada pela existência conjunta em meio a montanha.

Na escalada, mais especificamente a escalada tradicional, é imprescindível a parceria. Apesar de sempre se ter um parceiro para lhe dar segurança na escalada esportiva, a realização é individual, quando se diz que alguém encadenou uma via, é um feito pessoal, nunca coletivo. No Boulder a mesma coisa, apesar da motivação e a segurança no caso de quedas serem feitas por outras pessoas, o ser que chega ao topo do bloco, o faz sozinho. Isso não existe na escalada tradicional. Ao chegar no cume de uma via tradicional, a realização é sempre de ambos escaladores. Apesar de haver técnicas que permitam que o escalador escale sozinho, são exceções quando praticadas. A escalada tradicional é feita em sua maioria em duas ou três pessoas. Essa relação interpessoal se torna pressuposto para a prática. E justamente essa relação irá permear a imagem de todos os escaladores de escalada tradicional. Ao descrever sua experiência no Ártico, Hannah conta:

Estávamos totalmente incomunicáveis, a única coisa que tínhamos não era um telefone satelital, mas mensagens satelitais, podíamos enviar mensagens, e podíamos receber a previsão do tempo. Dos próximos 3 dias sempre assim. Bom, tivemos uma janelinha de tempo bom, e eu e minha companheira tínhamos visto um diedro gigante. Uma parede que se chamava Battle Ship. Que haviam posto assim antes. Que nunca ninguém tinha escalado. Assim fomos ver que onda, e estive lindíssimo as primeiras cordadas, cordadas assim de plaquinha, depois de fendas, depois de uma chaminé enorme. Que bom, nos deu muito medo, mas estávamos assim motivadas. E bom ao final, caiu um bloco gigante. Eu estava pisando em um platô que caiu, que não estava muito firme. E minha corda roçou com um canto, e quase. Ou seja, atravessou a capa e atravessou 3 almas¹⁶. E eu estava ali presa. [...] e me assustei muito, fiquei ali segurando um ferrinho com um corte na corda na metade. E estava suficientemente perto da parada, para pegar um pedaço de corda e descer. E bom, aí primeiro com minha companheira nos abraçamos e choramos, e rimos, estávamos super alteradas. Decidimos descer, mas, foi um momento super forte para nós. Com muito medo. Bom, o medo eu tenho agora, no momento não tinha medo. Bom estou aqui presa, estou viva. Está tudo bem. Mas agora que eu penso, foi uma loucura que fiz. (Depoimento de Hannah, Bariloche, 2019, tradução nossa)

Os parceiros de escalada serão aqueles que juntos irão rir, chorar, festejar, ou se desesperar. Escalar uma parede tradicional é ter sempre uma dependência de um outro ser, a escalada se dá sempre em uma relação interpessoal, e essa junção, essa dependência do outro irá estabelecer uma relação distinta com a montanha. A descrição de Hannah é iniciada por algo essencial “Estávamos completamente incomunicáveis”, às vezes não são tão extremos como nesse caso, mas mesmo assim, a sensação de estar em um lugar remoto marca as descrições dos escaladores. E se na base da montanha essa sensação já é forte, na parede onde você se encontra, longe do solo, essa sensação é amplificada. E a única pessoa que você poderá contar é aquela que está com você naquele momento.

Ao perguntar o que é ser um escalador para David, ele responde: “Escalador é quem é autônomo, que não depende de nada mais, vai e escala. Sem depender de nada mais que seu parceiro, fora isso pode ser qualquer um” (Depoimento de David, Bariloche, 2019). A questão da autonomia é recorrente na fala dos escaladores. Para que a imagem do distante seja forte é necessário que haja de certo modo um isolamento, e para isso é necessária autonomia, que a relação não perpassa nada mais que você e seu parceiro e o ambiente em que se encontram. Percorrer o caminho escolhido na montanha é de certa maneira abdicar de um ambiente controlado e confiar em suas habilidades e nas de seu parceiro para experienciar o trajeto. Escalar é ser autônomo sobre seus próprios caminhos. É estar bem, mesmo distante das facilidades do mundo moderno.

16 As cordas de escalada são confeccionadas com duas partes, as almas e a capa. A capa é o tecido externo da corda que protege as almas. As almas são tranças de corda independentes no interior da capa. A quantidade varia de corda para corda, mas ficam entre 12 e 13 almas.

Essa sensação de autonomia e isolamento amplificam a questão da alteridade. O parceiro é descrito como aquele com quem se pode contar. Com quem dividirá as alegrias e as angústias. A companheira de Hannah não estava na mesma situação de estar na ponta da corda cortada, ela estava ancorada, mas mesmo assim sentiu sua própria vida ser ameaçada pela pedra que partiu a corda. O encordamento, o cordão umbilical, amplia a percepção dos seres.

Nos estudos sobre o hábito, Merleau-Ponty usa o exemplo da bengala do cego para abordar uma percepção ampliada do mundo. O cego passa a expandir a percepção do mundo, como se a bengala fosse parte integrante de seu próprio corpo. Ou em suas próprias palavras “A bengala é o apêndice do corpo, uma extensão da síntese corporal” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 211). A corda também é uma extensão da nossa síntese corporal, porém, diferente da bengala, a corda liga um ser a outro ser.

Para Merleau-Ponty não nos relacionamos com o outro como nos relacionamos com os objetos, pois o outro também é um corpo, e assim “Não me contento mais em sentir: sinto que me sentem, e me sentem enquanto estou sentindo, e sentindo esse fato mesmo de me sentirem” (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 168). Ao me relacionar com alguém, de certo modo, desloco o centro de mim, pois percebo que no outro também há um centro, e então “A esse infinito que eu era, algo ainda se acrescenta, um rebento brota, desdobro-me, engendro, esse outro é feito da minha substância, e no entanto não é mais eu” (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 168). O outro passa a ser um algo a mais do que eu mesmo. Merleau-Ponty ainda completa:

Se o outro é realmente um outro, é preciso que num certo momento eu fique surpreso, desorientado, e que nos encontremos, não mais no que temos de semelhante, mas no que temos de diferente, e isso supõe uma transformação tanto de mim mesmo quanto do outro: é preciso que nossas diferenças não sejam mais como qualidades opacas, é preciso que elas tenham se tornado sentido (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 177).

Apesar de Merleau-Ponty estar se referindo a todas as relações humanas, podemos com cautela utilizá-lo para direcionar nossos estudos. Os escaladores que topam a parceria só o fazem se reconhecem no outro uma similaridade. Merleau-Ponty diz que essa similaridade é a espécie humana, mas podemos reduzi-la ao universo da escalada. A similaridade entre os escaladores é reconhecida no corpo. É no gesto, na fala, são nas histórias, é no reconhecimento de um universo de imagens em comum. É reconhecer o outro como um igual, um igual apto para ascender aos paredões rochosos. Mas Merleau-Ponty também salienta que para o outro ser verdadeiramente o outro, não pode ser uma réplica de mim, há de ter uma surpresa, há de se reconhecer no outro um diferente.

Apesar de reconhecer aquilo que nos é semelhante, o outro me traz o novo. O desconhecido a mim. Mas que com o tempo deixam de ser qualidades opacas para se tornarem meus próprios sentidos. Se encordar é de certo modo trazer a experiência do outro para mim. Parceiros de longa data sabem o que o outro está passando pelo simples movimentar da corda.

A sensação de dar segurança ao parceiro e saber que ele está em dificuldades é, por vezes, uma sensação agonizante. A corda se torna a ponte entre ambos, em alguns casos as conversas não são possíveis e nem necessárias, a corda, assim como a bengala do cego, é um amplificador de existência, mas ao contrário do cego que sente objetos na ponta de sua bengala, na ponta da corda está um outro ser com quem me relaciono, e que dilata meus sentidos. De certo modo, na ponta da corda, está o ser que me doa seus sentidos, sua existência, suas imagens inspiradoras, ampliando assim minha própria existência no mundo.

Porém essa relação - por ser especificamente em ambiente de montanha - expande seus significados. Como vimos, escalar é ter autonomia. Estar por seus próprios meios no mundo. E por vezes isto significa que nos encontremos com fome, com frio, com medo. Tais condições expõem o ser a se relevar no mais íntimo de si mesmo. Assim como Ângela diz, suas piores qualidades vêm à tona quando ela escala. Seus maiores medos, suas maiores angústias. Também conta Arthur ao se encontrar em uma de suas primeiras escaladas:

Esta era a primeira vez que escalávamos junto, eu ainda não havia escalado com ele ainda. E depois de um certo momento, ele não queria mais guiar, e falava para eu guiar todas as cordadas. Acontece que eu estava com umas botas gigantes e muito pesadas e eu nunca tinha escalado com botas antes. Eu comecei a guiar as cordadas, fui escalando, escalando e em um determinado momento eu não sabia mais onde ir. Comecei a ficar um pouco preocupado e comecei a ficar muito indeciso na escalada, e não estava escalando bem. Quando juntamos na parada o cara que estava comigo disse: você está surtando e aí eu pensei merda, eu estou surtando. E eu não tinha pensado ainda, mas assim que ele falou eu pensei, eu estou mesmo surtando. E ele disse: você está surtando, porque está surtando? Você está surtando e está me fazendo surtar. E aí eu pensei, merda, eu estou aqui em uma posição muito séria. Bem longe de qualquer coisa, com um cara que eu nunca tinha escalado na vida, com a merda dessas botas grandes. E eu estava: eu estou em perigo? Eu estou pondo ele em perigo? Será que eu falei muito da minha escalada? Isso está indo longe demais, eu acho que eu não deveria estar aqui (Depoimento de Arthur, Bariloche, 2019).

Estar na situação de escalada autonomamente muitas vezes revela de maneira brusca nossos receios e angústias. Porém não estamos sós. Estamos unidos a alguém, e desse encontro entre infinitos nem sempre a relação ocorre bem. Nosso corpo é uma síntese de nossas experiências, de nossas imagens. Nós existimos no mundo por nosso corpo. Ao nos encordarmos com alguém, expomos nosso cerne, nossas experiências passadas e as imagens que nos fazem existir no mundo. Porém nem sempre essa relação intercorpórea é prazerosa. Expor o íntimo de si dessa maneira é nos colocar nus diante do outro, por vezes desprovidos de nossa coragem, de nossas certezas e das máscaras que escondem os nossos temores.

Essa delicada condição pode criar situações como a que Arthur relata. É como se as peças não se encaixassem, e a existência do outro se tornasse um fardo. Por isso há a preocupação dos escaladores em escalar grandes paredes com pessoas desconhecidas. Assim como diz

Merleau-Ponty: “É no mais íntimo de mim que se produz a estranha articulação com o outro; o mistério de um outro não é senão o mistério de mim mesmo” (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 169). Estar em uma parede é compartilhar o mais íntimo de si com um outro, e receber o mais íntimo do outro para si, sendo ele como for.

Porém nem todas primeiras experiências são ruins, como Ângela revela:

O ponto alto da viagem foi escalar *la presencia de mi padre* no monstro. Que foi a escalada mais longa que eu fiz até o momento. Uma experiência tão bonita. A pessoa com quem eu escalei eu nunca tinha visto antes, foi nossa primeira via juntos. E nós tínhamos essa parede, e nós nos divertimos tanto e trabalhamos tão bem juntos e foi tão difícil e me mostrou o que se pode fazer com um bom parceiro. Toda experiência foi “eu estou apaixonada por Cochamó”, é por isso que estou aqui de novo e, acho que mudou minha perspectiva da escalada. Você sabe, escalar para mim é, eu não sou obcecada por graus e fazer coisas difíceis todo o tempo e escalar as mais longas rotas, é mais sobre as pessoas que você passa um tempo junto e a conexão que você faz com esse lugar (Depoimento de Ângela, Cochamó, 2019, tradução nossa).

A escalada revela o pior, mas também pode revelar o melhor de nós. O “bom parceiro” que Ângela relata é aquele que consegue não ser um completo estranho, mas parte de si. Que escalador nunca respirou aliviado ao sentir pela corda ou pelos gritos de alegria que seu parceiro conseguiu passar aquela parte exposta da montanha? Que escalador que na ponta da corda não sentiu o temor de seu parceiro ao assegurar-lhe a vida? Ao se encordar com alguém, mudamos nossa relação com mundo. A imagem que os escaladores trazem da corda sendo um cordão umbilical é uma excelente construção. Quando atado à barriga da mãe, o cordão umbilical é a ligação com mundo. A experiência da criança perpassa a experiência da mãe. O que a mãe come, o que a mãe sente é transferido para o filho. A relação na escalada não é de mãe para filho, mas entre iguais. É em uma reciprocidade que a existência de um permeia a existência do outro. Não sou eu que estou vivendo as angústias da ponta da corda, mas posso sentir no palpitar em meu peito a angústia de meu parceiro. Ângela descreve um pouco mais sobre a experiência de parceria:

[...] a pessoa que eu escalei junto foi o Tomas, e nós nos falamos no Mountain Project¹⁷, eu enviei uma mensagem e ele disse, talvez eu apareça, talvez não, mas ele apareceu aqui e queria escalar junto. Choveu. Nós nunca tínhamos escalado nada menor, e nós dissemos: Vamos tentar o Monstro. E eu não sabia muito sobre ele, mas... O monstro tem mais de 1000 metros de altura, uma escalada realmente longa, 28 cordadas, tem uma aproximação de 7 horas, com um campo de neve no cume, então é realmente uma escalada longa e que demanda muito. Então é um grande risco ir com alguém que você não conhece, mas nós fomos. E primeiro depois de caminhar 7 horas, esca-

17 Site para troca de contatos e informações entre escaladores. Frequentemente usado nos Estados Unidos e Europa.

lamos em simultâneo¹⁸ as primeiras 8 cordadas, dormimos em um platô. E no dia 1 nós não conhecíamos um ao outro e estávamos dividindo um único saco de dormir, e estávamos sem comida, nós só tínhamos bolachas e doce de leite para toda escalada. Mas tem esse senso de parceria. Nós dividimos tudo, nos preocupamos com o outro, se ele tinha o suficiente para comer, o suficiente para beber, então o dia 1 foi muito bom. Então o outro dia escalamos as outras 20 cordadas. E tinha mais neve do que tínhamos previsto. As duas últimas cordadas estavam com muita neve. Neve funda. E foi muito assustador. Tínhamos duas picaretas de gelo para passar, mas foi uma experiência realmente intensa que nos uniu muito rápido um com outro, e depois dessas 20 cordadas voltamos para nosso acampamento, foi a mais desafiante via da minha carreira de escalada, fiquei realmente orgulhosa, e nós escalamos juntos desde então (Depoimento de Ângela, Cochamó, 2019, tradução nossa).

A parceria é muito importante na fala dos escaladores, pois é algo central na experiência (Imagem 29), já que não é a experiência de um único corpo. É a síntese dos corpos que faz a escalada o que é. E vai ser ela, essa parceria que ampliará nossas imagens. Se a parceria for bem sucedida, a vivência daquela experiência não terá um centro individual, mas o centro em um ponto de intersecção entre corpos. O centro da experiência não está em um “eu”, mas em um “nós”. O parceiro é aquele que não sou eu, mas com o qual experiencio o mundo de uma outra forma. Ao frisar que a parceria é algo primordial para a escalada, os escaladores dizem sobre essa experiência conjunta, que se intensifica pelo contexto dos corpos. Pela exposição que a montanha traz e que faz dos movimentos uma transcendência, não individual, mas coletiva.

18 A escalada em simultâneo é uma técnica mais arriscada na escalada, pois os dois escaladores escalam simultaneamente, caso um caia, o outro será puxado e muito provavelmente derrubado da parede.



Imagem 28 – Escalador Paulo, dando segurança para Arthur: Via: Objetivo Luna, Agulha Cohete Lunar - Frey. (Arquivo pessoal de documentação de campo)



*Imagem 29 – Final da via No Hay Hoyes. Paulo, Eric e Ângela
(Arquivo pessoal de documentação de campo)*

O MOMENTO ASCENSIONAL:

O pulsar da sístole-diástole

Depois de encordados e prontos, o mestre iniciou guiando as primeiras partes para que o menino se acostumassem com aquele tipo de escalada. A via iniciava à esquerda da montanha, em uma parte já vertical da rocha. Um sistema de grandes trincos na rocha marcava o lugar. As fendas não eram constantes, mas haviam muitas, então, assim que uma estava para acabar, outra próxima já se mostrava convidativa. A rocha era sólida, não mostrava sinais de esfarelamento, o que dava confiança aos dois. Mas ao contrário de seu mestre, o menino não estava acostumado à escalada de entalamento. Na montanha perto de sua casa não há grandes fendas, então a gestualidade se torna outra. A todo momento ele procurava frisos na rocha para poder segurar, mas nunca os encontrava. Ao lado das fendas, a rocha era completamente lisa, em alguns lugares parecia que tinha sido polida. Além do entalamento de mãos e pés, nada mais havia para oferecer sustentação. Isso fez com que o menino se estremecesse nas primeiras cordadas da via. Pensava ele: Ainda bem que meu mestre está guiando. Eu não teria condições de fazê-lo.

Mas logo na terceira cordada da via, seu mestre diz:

- Agora é com você. Esta parte é mais fácil, está na hora de você guiar.

O menino ficou relutante, mas confiava em seu mestre. Pegou as proteções móveis, olhou o mapa com atenção para saber o caminho que iria percorrer, respirou fundo e se soltou da parada. Essa parte da via os escaladores apelidaram de relâmpago. Era uma fissura perfeita que riscava a parede em forma de um relâmpago com pouco mais de 40 metros. Logo nos primeiros metros o menino percebeu que seu punho encaixava perfeitamente na fenda, e que se torcesse seu pé também teria uma sensação de segurança boa. Depois de pouco mais de 5 ou 6 movimentos, o menino começou a encontrar um ritmo. Aos poucos começou a se movimentar com agilidade e precisão. Quando se sentia muito exposto, colocava uma nova proteção para segurá-lo de uma possível queda. Esse trecho se encontrava em uma face da montanha levemente positiva, assim sendo o peso do corpo ficava mais apoiado sobre seus pés do que sobre suas mãos, o que facilitava um pouco a escalada. O menino se sentiu bem, sentiu que seu corpo se moldava perfeitamente a rocha. E em pouco tempo, ele havia percorrido tranquilamente os 40 metros de fenda, e logo se encontrava assegurando seu mestre para que chegasse até ele.

A cordada que se seguiu foi guiada pelo mestre, pois era um pouco mais difícil. Era uma continuação do relâmpago, mas nesse ponto a fenda se estreitava um pouco, sendo possível somente entalar a ponta dos dedos e a ponta da sapatilha. Ao final dessa fenda, a rocha inclinava positivamente um pouco mais, porém a fenda terminava, e o que se mostrava era somente uma rocha lisa sem fissuras, que para escalar

seria necessário confiar na aderência da borracha da sapatilha sobre a lustrosa rocha branca. Nesse ponto até o ritmo do mestre abaixou, e cada movimentar era lento e preciso, qualquer movimento brusco poderia retirá-lo da parede.

Ao se juntar a seu mestre, recebeu a pergunta:

- Você aceita um desafio maior?

Ao olhar para cima, o menino viu que uma nova fenda se mostrava, porém a parede ficava quase que invertida, e depois de uns 15 metros a fenda seguia para direita, abaixo de um grande teto, na junção entre a parede vertical e a horizontal. O coração do menino disparou só de olhar para aquele teto. O menino não recusou, nem aceitou a proposta do mestre, mas silenciosamente foi pegando os equipamentos, mostrando a intenção de seguir. Ao conferir o mapa viu que ao final do teto, possivelmente a parede se aliviava, e que em algum ponto poderia encontrar algum lugar para descansar. Ainda sem uma palavra, o menino olhou para o mestre para que ele preparasse sua segurança. Com tudo pronto ele se soltou da parada e seguiu.

A respiração do menino mudara, uma respiração forte e lenta se iniciou. Os movimentos dos primeiros 15 metros foram precisos, guardando energia para o que estava por vir. À base do teto, o menino colou uma proteção o mais longe que pôde, encontrou a posição mais confortável que conseguiu e ficou observando suas possibilidades para entrar na movimentação do teto. Viu que no final da fenda havia alguns frisos com pouco menos de meio centímetro cada. Pensou que poderiam ser usados para apoiar os pés. Porém antes disso ele teria de usar uma técnica que somente havia ouvido seu mestre comentar a respeito. Chaparia seus pés contra a parede e com as mãos puxaria a fenda para fazer pressão sob seus pés, a fim de que estes não escorregassem da parede vertical. Descansou o máximo que pôde e foi. Se moveu rapidamente, pois sabia que não aguentaria naquela posição por muito tempo. Deu cerca de 3 ou 4 braçadas, até que sentiu na ponta de seus dedos que a textura de dentro da fenda ficara mais lisa, dificultando a movimentação. Deu mais duas braçadas na esperança de que a textura melhorasse, mas não foi o que ocorreu. O menino viu que estava ficando longe da última proteção que havia colocado antes de entrar no teto. Sua respiração acelerou. Seus braços começaram a latejar. Olhou para o final do teto para ver se conseguiria chegar antes que seus dedos abrissem, mas ele estava muito longe ainda. Decidiu então tentar colocar uma outra peça na fenda para que a queda não fosse grande. Porém assim que o menino soltou uma mão do teto para pegar a peça presa a sua cintura, sua força se esgotou e a outra mão abriu de exaustão. Em um impulso instintivo, chutou a parede para se afastar dela. Sentiu seu corpo alçar voo, sentiu a firmeza da rocha dando espaço para instabilidade do ar. Mas em uma fração de segundos já sabia exatamente onde ia aterrissar e antes que seus pés tocassem a rocha novamente, percebeu seu mestre o freando pela corda. Uma forte adrenalina percorreu seu corpo se transformando em grito.

- Uhul!!!

Assim que se acalmou. O menino olhou para cima e viu que havia caído cerca de 7 metros. Olhou para a peça que o segurara para ver se continuava firme, porém do lugar onde estava não podia vê-la, rapidamente escalou até chegar na peça e pediu para que seu mestre travasse a corda para ele descansar. Ele colocou outra proteção junto a essa para redobrar a segurança, e respirou aliviado.

- *Que quedão! - Disse o mestre. Está bem?*

- *Acho que sim.*

O mestre riu.

- *Descanse e tente de novo.*

A escalada é uma atividade complexa. Assim como diz Paul:

Ela nunca vai poder ser uma única coisa, ela é muito ampla. É o estilo de vida, são as pessoas que você conhece, é a luta que você tem na parede quando ela é realmente grande [...] acho que essas experiências, todas essas experiências extremas, dessa grande e amável comunidade que você pode encontrar um grupo, ou ficar preso na parede e a única coisa que você pode pensar é: eu não vejo a hora de pisar em solo plano. Ou beber água porque você não levou água suficiente, ou ter somente uma coisa para comer [...] (Depoimento de Paul, Cochamó, 2019).

Ao pedir para os escaladores descreverem o que é a escalada, nenhum pôde descrevê-la somente como o momento ascensional. Assim como diz Paul, ela é muito ampla, e nenhuma descrição simplista daria conta da complexa relação de imagens que inspiram o escalador. Alguns traduziam isso em: “Ela não é só um esporte” (Depoimento de David, Bariloche, 2019), ou “Ela é muito mais do que o físico e o técnico” (Depoimento de Hannah, Bariloche, 2019). Outros diziam “Eu não estou aqui só pela escalada, é toda vida na montanha” (Depoimento de Jean, Cochamó, 2019). Reduzir a escalada ao momento ascensional é um erro que os escaladores entrevistados frisaram com ênfase que não deve ser feito.

Ao que parece a escalada ressignifica símbolos que alteram a existência no mundo, que inspiram e valorizam certas demandas e não outras. E esses símbolos são atribuídos a todo o contexto, a todo um estilo de vida que não se resume ao momento ascensional. Apesar do momento ascensional ser o ponto culminante, e que define grande parte das imagens da comunidade, como pretendemos demonstrar, a escalada tradicional é mais ampla do que a ascensão de paredes rochosas.

Dito isso, focaremos por um instante nesse momento específico. Quais imagens reben- tam dessa experiência ascensional? Do chão ao cume? Com a dureza da rocha a frente e o vazio às suas costas? Adentrando ao estudo de campo, tive uma grande dificuldade de obter descri- ções detalhadas sobre esse momento. Nas entrevistas, nas histórias contadas ao pé da montanha, pouco se fala sobre o momento ascensional. Longas descrições sobre a paisagem, sobre os ami- gos, sobre a união com o lugar, e a ascensão é quase sempre reduzida a poucas palavras. Não por ser uma experiência pouco significativa, mas por duas razões que consigo vislumbrar neste momento. A primeira é que assim como disse, ela não é o todo. A segunda é que esse momento ocorre em uma relação com o mundo que extrapola as possibilidades que a palavra oferece. Assim como dizem Zimmermann e Saura nos estudos sobre os esportes de aventura:

Percebemos facilmente que, antes da linguagem, exercitamos uma espécie de apre- ensão primitiva do mundo que demonstra nossa pré-existência da linguagem. [...] Portanto nossa experiência não é submissa ao discurso que podemos elaborar sobre isso (ZIMMERMANN; SAURA, 2017, p. 160, tradução nossa).

O momento ascensional (Imagens 30 e 31) é descrito como: você sabe! Como vou dizer? Como descrever esse lugar? Não há palavras para descrevê-lo. Talvez porque as palavras não deem conta da intensidade da experiência. Portanto o exercício que aqui farei se dará na busca pelos vestígios das palavras. No sentido explicitado por Ricoeur (2011): aquilo que se releva pela sua falta. Naquilo que em sua ausência releva uma presença. A descrição minuciosa não se mostra, mas existe essa falta de palavras com um certo direcionamento. E seguindo esses rastros, podemos vislumbrar seus significados. Ângela ao tentar descrever a escalada diz: “Para mim, a escalada é uma maneira de se conectar com as paisagens, é também como se fosse uma maneira de viver, é algo que eu faço que parece uma meditação, às vezes não se parece com isso, às vezes é difícil e apavorante” (Depoimento de Ângela, Cochamó, 2019). Em uma pequena frase Ângela traz aspectos importantes para trabalharmos.

Iniciemos com a maneira de se conectar com as paisagens. Diversos aprofundamentos podem surgir dessa frase, e trabalharemos outros no capítulo “O corpo íntimo”. Porém foca- remos aqui na conexão provocada por esse momento específico da escalada ampla. A conexão com a paisagem no momento ascensional. Arthur também descreve isso quando fala sobre a sensação de chegar no Frey pela primeira vez:

Lembro que pensei, é a melhor vista que já vi na minha vida. Quando subimos e vimos as agulhas era o melhor. E já fui para os Alpes na Europa, Yosemite, são super lindos, me encantaram, mas creio que quando subimos aqui e vimos tudo, não sei, não pude dizer nada. Creio que porque pensamos: podemos escalar isso. Quando está nos Alpes ou no Yosemite é um pouco distante, pode-se ver, mas não pensamos que podemos fazer isso. Um sonho. Mas aqui quando subimos, vi a torre principal, a Agulha Frey e pensei: eu vou escalar isso. É mais bonito porque posso estar aí. Não é só uma vista, é um lugar. E posso interagir. É legal quando você vê uma montanha e diz: uau isso é

bonito, e você ainda está na base, e nada mais. É em duas dimensões, porque está lá, a vista é só uma vista porque você não vai mais longe. Quando nós subimos aqui, nós sabíamos que não era só uma vista: nós vamos subir lá. Nós vamos lá, explorar tudo, e vamos interagir com todas as partes dela. Eu estava tão excitado (Depoimento de Arthur, Bariloche, 2019).

Assim como diz Jean: “Por um longo tempo foi uma coisa que só estava lá, e eu aprendi que eu podia ir dentro dela, não era um muro, era um convite” (Depoimento de Jean, Cochamó, 2019). Em um determinado momento do campo, observei um grupo de escaladores que estavam com um binóculo olhando para a montanha. Eles estavam procurando novas possibilidades de rotas para serem escaladas. Estavam fascinados, olhando cada dobra da parede rochosa, cada trecho de fenda. Em meio às observações uma escaladora solta um grito: “É aberta! Aquele diedro tem uma fenda aberta! Eu vi, tem um mato crescendo”. A escaladora se referia a um arco de rocha de cerca de 100 metros de extensão, onde na junção entre duas paredes havia uma possibilidade para se encaixar e se proteger, ou seja, era possível de escalar. Se conectar com as paisagens é essa possibilidade de penetração. É poder se relacionar com a montanha em uma nova dimensão perceptiva. Não é uma imagem somente em duas dimensões. O momento ascensional traz uma nova dimensão à contemplação da paisagem. É um convite ao interior.

Essa dimensão da imersão que os escaladores trazem é um aprofundamento essencial para se compreender as imagens da experiência ascensional. A montanha vista pelos olhos daqueles que escalam, que veem para além dos contornos fáceis da paisagem bonita. Os olhos distinguem os caminhos, as possibilidades. Ver é sentir com os olhos. A experiência do corpo-próprio (MERLEAU-PONTY, 2011) guia a vista e os sentidos. A paisagem vista como possibilidade de relação é uma paisagem que excita o corpo, como disse Arthur, porém que também o estremece, como diz Simone:

Como descrever esse lugar? Não há palavras para descrever, é uma coisa natural e é maravilhoso, não posso imaginar um lugar mais bonito que isso. E esse é o mesmo sentimento quando fui a Cochamó pela primeira vez, como “uau!” Porém igual eu tinha um pouco de medo, eu vou escalar isso? Não, não, não (Depoimento de Simone, Bariloche, 2019).

A vista das montanhas não é a mesma para aqueles que já experienciaram os deleites ou os pavores que a montanha pode nos proporcionar. A experiência do corpo próprio influi diretamente nas imagens vividas pelos escaladores, pois as imagens estão no corpo. Assim como Bachelard (2013b) intui ao escrever sobre a psicologia da gravidade. Em uma bela descrição ele conta de seu medo quando subiu com seus vinte anos a lanterna da flecha da catedral de Estrasburgo. Diz ele ao final:

Subir e descer, duas vezes alguns minutos de uma vertigem absoluta, e eis um psiquismo marcado para o resto da vida.... Nunca mais poderei amar a montanha e as torres! O engrama de uma queda imensa está em mim. Quando volta essa lembrança, quando essa imagem revive em minhas noites, em meus próprios devaneios acordados, um mal-estar indefinível desce em meu ser profundo (BACHELARD, 2013b, p. 273).

Os escaladores que já romperam a dualidade dimensional de uma paisagem estática, também encontraram as marcas deixadas em seu ser profundo, e são essas marcas que adicionam uma nova dimensão à imagem vista. São engramas permanentes nos corpos dos escaladores. A paisagem bidimensional ganha textura, profundidade e simbolismo. Porém não é só o engrama da queda que marca a experiência ascensional. O medo que Simone sentiu ao adentrar Cochamó pode ter uma isomorfia com o engrama de Bachelard, porém a excitação de Arthur ao ver as agulhas no Frey não cabe nesse engrama. São diversas as imagens que existem no corpo do escalador. Assim como diz Ângela ao descrever a escalada como um estado de meditação, mas por vezes difícil e apavorante. Essa aparente contradição nas imagens é uma descrição recorrente. Paixão e ódio. Medo e desejo. São descrições que ampliam ainda mais a compreensão da fala de Paul: ela nunca vai ser uma única coisa.

Tentaremos então esmiuçar os pormenores da relação do momento ascensional, com as considerações de Bachelard (2010) sobre os instantes que citamos no início dessa segunda parte. Lembrando: a duração é composta de instantes sem duração. Assim buscaremos as imagens instante a instante, para aprofundar a compreensão sobre o momento ascensional.

Durante a escalada vamos prendendo as proteções para que no caso de uma queda, esta não seja grande. Quanto mais nos afastamos dessa proteção colocada, maior a queda caso um pé escorregue ou nossas forças se esgotem. Por vezes quando a exigência da rocha se torna menor referente ao meu corpo próprio, minhas experiências, minhas condições físicas, posso escalar longos trechos sem colocar uma única proteção, pois a experiência de meu corpo garante a segurança. Por vezes quero colocar muitas proteções, pois as exigências do trajeto aumentam a chance de queda. Assim ao me afastar da última proteção, aumento a tensão exponencialmente a depender da dificuldade que a rocha me apresenta. E sempre o colocar de uma nova proteção é um aliviar de uma tensão. Exemplifico.

Em uma das escaladas no campo, fui com Arthur e Paulo escalar a via Imagine na agulha Campanile no Frey. Dividimos igualmente as cordadas de acordo com as facilidades de cada um. A cordada que ficara sob minha responsabilidade era a terceira. Um arco de rocha de aproximadamente 40 metros. Senti-me empolgado, pois a formação era exuberante. Organizei meus equipamentos e fui. Logo nos primeiros metros coloquei uma peça na fenda do arco, porém, ao olhar para cima, vi que a fenda se alargava e que não conseguiria colocar nenhuma peça durante quase todo o restante da fenda. Uma tensão tomou conta de mim. Segui com muita cautela, mas com uma certa agilidade para não cansar muito. Aproximadamente na metade do caminho, a

formação começou a dificultar e a tensão aumentou. A fenda continuava larga demais para qualquer peça móvel que eu tinha. E o caminho ficava difícil demais para eu arriscar escalar sem proteção. Se uma queda ocorresse, bateria com força nas dobras da rocha abaixo.

Olhei com atenção os meus arredores e encontrei um pequeno buraco que traspassava uma laca de pedra¹⁹. Lembrei de uma técnica de proteção alternativa que havia visto um amigo usar uma vez. Ao colocar a peça, um aliviar tomou conta de meu corpo. Era como um novo corpo que escalava. Segui pela laca, ainda com muita cautela, mas já aliviado pela proteção que colocara. Quando comecei a me afastar da proteção, senti que dentro da larga fenda que me inseria, havia uma pequena cavidade, onde minhas mãos se encaixavam perfeitamente. Olhei para rocha abaixo da fenda e vi diversos frisos suficientemente bons para colocar os pés. Senti o corpo fluir, e, apesar da tensão que tomava meu corpo pela distância com a última proteção, aquela pequena cavidade dentro da fenda aliviou a pressão o suficiente para que eu chegasse ao final da cordada tranquilamente.

A escalada acontece em um constante revezamento de tensões e relaxamentos, entre sístoles e diástoles, em um constante pulsar rítmico que garante a dinamicidade da experiência ascensional. A forma da parede, como vimos no capítulo “A sedução”, é uma das coisas que atraem os escaladores: a forma possibilita uma relação. Os mínimos detalhes alteram toda uma gama de imagens que traspassam o escalador no momento ascensional. As concavidades, as texturas e até a temperatura da rocha demarcam o ritmo da pulsação. O gélido frio patagônico deixa a pele sem tato, por vezes escalar é como segurar um bloco de gelo, os dedos perdem a sensibilidade e não se sabe se irá cair ou não. Porém o calor do sol a pino faz as mãos suarem e perderem a aderência. Faz também o corpo se desidratar e padecer de cansaço. Ao encontrar com dois escaladores brasileiros em Cochamó, eles relataram que desceram da via *Al Centro y Adentro* a duas cordadas do cume, pois estavam tontos de calor. A sístole é sempre uma compressão do ser. É se sentir tensionado, contraído.

A possibilidade de queda é uma sístole. Faz o corpo contrair. Contudo temos de tomar uma precaução, por conta de um imaginário social sobre a queda e o abismo (DURAND, 2012). A escalada por vezes é descrita por não escaladores como uma luta contra a morte, porém essa é uma imagem recorrente somente aos olhos leigos. Na experiência do escalador de escalada tradicional, essa imagem é pouco representativa. A imagem da queda existe e é sim um dos tensionamentos do escalador que assume a ponta da corda, porém toma aspectos diferentes do imaginário do abismo e da morte, dependendo do instante em que se encontra. Essa escalada apavorante é um extremo, e que apesar de significativa, não deve ser tomada como o habitual na vida do escalador. Isso por conta de um elemento dinamizador da experiência: a corda e a

19 Laca é um termo usado na escalada para se referir a uma lamina de rocha descolada parcialmente da parede rochosa.

experiência que provem dela. Se a corda não existisse na experiência do escalador, todo aprendizado seria mortal. Qualquer queda no momento de aprendizado levaria a uma fatalidade. Por sua existência a corda dinamiza as imagens.

Durante o aprendizado da escalada, a corda possibilita o desenvolvimento de técnicas e da corporalidade específica que a montanha exige para escalar suas faces rochosas. Assim mesmo que em algum momento o escalador decida, por exemplo, solar uma montanha, ou seja, escalá-la sem corda, ele já adquiriu a corporalidade específica para dinamizar a experiência ascensional a ponto de que a imagem mortífera da possibilidade da queda se dissipe. A corda é esse dinamizador da experiência ascensional. A queda do imaginário social é a queda fatal, geralmente representada por um abismo terrível.

São inúmeros os exemplos na história humana dos símbolos atribuídos ao abismo mortal: “A expressão habitual em assírio para o verbo ‘morrer’ é ‘pendurar-se à montanha’. Da mesma forma, em egípcio, mymy, ‘pendurar-se’, é um eufemismo para ‘morrer’” (ELIADE, 1996, p. 45). E essa imagem é a de mais fácil isomorfismo ao ver uma pessoa pendurada em uma parede rochosa, por exemplo. Porém apesar do imaginário social influenciar no imaginário específico do escalador, essa imagem se dissipa pela corporalidade sentida no momento ascensional. Retomando, o imaginário está no corpo e a corda dinamiza a experiência.

Em uma oportunidade fui escalar com Ângela, uma das entrevistadas, uma escaladora muito acostumada com fendas e paredes grandes. A via que escalamos se chama *No Hay Hoyes*, ela pediu para guiar a parte mais difícil da via que ficava na última cordada. Na ocasião ela caiu três vezes antes de conseguir passar o lance. Ela não estava aflita, temerosa, nem abalada com as quedas. Caía, olhava por alguns instantes o trecho, passava magnésio nas mãos e tentava novamente.

A queda mortífera é comumente representada pelo ser heroico caindo de costas no abismo tenebroso. Na mitologia mexicana “Mictlantécutli, o deus do inferno do norte (Mictlan), é chamado Tzontemoc, ‘aquele que cai de cabeça’ como sol poente, o sol negro” (DURAND, 2012, p. 113). A queda na escalada dinamizada pela corda tem duas diferenças essenciais. Cair na escalada, quando estamos no limite de nossa força física ou de nosso equilíbrio ou quando protegidos pela corda, é uma queda direcionada, sabemos que vamos cair. Muitas vezes o escalador, ao cair, olha para o seu ponto de aterrissagem e prepara seu corpo para o pouso. A queda aqui assume a postura de salto. Ela não adquire os valores negativos do catamorfismo ascensional. O corpo experiente que cai não vê a morte, ele se estrutura e aterrissa sob o frear prudente da corda que o liga ao seu parceiro.

Porém assim como demonstra Durand a queda que se associa ao psiquismo terrível da morte por vezes assume a estrutura de uma morte moral:

O abismo, leitmotiv da punição apocalíptica, teria por protótipo, segundo Lagton, o episódio do Bundehesh, onde se vê Ariman precipitado na Terra, por ter tentando tomar de assalto os céus, e a sua queda cava um abismo que, no futuro, o Príncipe das Trevas habitará (DURAND, 2012, p. 114).

No caso específico da queda protegida, dependendo da postura daquele que escala, pode se assumir uma tensão do valor negativo de uma queda moral. Muitas vezes ao se considerarem heróis, conquistando suas glórias na montanha, os escaladores atribuem à “cadena”, a ascensão sem quedas, a glória heroica. A conquista. A superação. Uma queda simboliza nesse contexto o fracasso. Se o escalador tiver para si a imagem heroica, a queda adquire o dinamismo da queda do herói. A queda simbolizará o fracasso do seu caminho à glória. Quanto maior a altura que se imagina estar, maiores as proporções negativas que a queda assume. Não em um sentido literal, mas quanto mais heroico imagino que sou, maior será a negatividade da queda. Mas se pelo contrário, o escalador não assumir a postura heroica conquistadora, a queda é suavizada. A queda vira voo e salto. Não que ela em algum momento passe a ser agradável, mas não tendo os pesos morais, nem os riscos de lesão física, passa-se magnésio nas mãos e tenta-se de novo.

Porém a escalada, principalmente a escalada tradicional, tem um aspecto que Ângela chamou de difícil e apavorante. Apesar de não estar presente a todo momento, existe e é um fator importante na relação. Retomando a relação das proteções: como dissemos, na ascensão, o escalador vai prendendo a corda à montanha para que, caso caia, a queda não seja grande. Mas algumas situações específicas fazem com que a existência da corda se torne irrelevante para evitar um acidente. Esse momento é conhecido como o esticão de corda, quando a distância entre o escalador e a última proteção colocada é tão grande que a queda proporciona grandes riscos de lesões. Por vezes ele é intencional, quando o escalador está tranquilo, ou seja, sente que sua corporeidade está adaptada e é suficiente por si só para evitar uma queda, assim não sente a necessidade de quebrar a exposição com outra colocação. Porém por vezes ele é obrigatório e se dá quando não há possibilidade de colocação de peças móveis nem há proteções fixas na via, ou quando a quantidade de peças que o escalador tem consigo não é suficiente para o trecho. Assim sendo o escalador fica mais exposto a uma queda maior. E em um limite extremo a um acidente.

Uma variação dessa exposição é quando o escalador não se sente confiante nas peças colocadas. Há lugares onde a pedra é quebradiça ou muito irregular, dificultando a colocação precisa da peça móvel. Isso, para que no caso de uma queda, a peça possa se soltar da parede. Somente nessas situações que o significado catamórfico da estrutura diurna do imaginário mostra sua força: as quedas mortais, os abismos infinitos. Mas essas imagens só se atualizam no corpo do escalador experiente, quando as condições do corpo vibrarem na mesma ressonância experiencial. A corda, o aprendizado de se mover nas montanhas e as técnicas de segurança que os escaladores utilizam, dinamizam a experiência e minimizam essa corporeidade mortífera, pois como vimos, cair não é necessariamente morrer, cair com a corda pode se torna voar, saltar.

Para o corpo habituado à altura, é somente no esticão da corda ou quando as técnicas de escalada não forem suficientes para garantir firmeza na rocha, que a imagem da queda traz a tensão catamórfica do morrer. Nesse instante as histórias de acidente ouvidas no pé da montanha perpassam o corpo e atualizam a imagem ancestral. Desse ponto Ângela quebra sua frase e fala que: “[...] não, às vezes ela é difícil e apavorante”.

Um outro tensionamento do ser é o tempo cronológico em sua manifestação mais ancestral. O tempo do sol. Dia e noite. Apesar da escalada noturna ser possível, ela exponencializa o risco, pois dificulta a visualização dos caminhos e das proteções. Em geral ao escalar de noite, são escolhidas vias já conhecidas ou que notoriamente sejam fáceis para a experiência. Estar em uma via difícil ao anoitecer é sempre uma tensão exponencial. A possibilidade de se perder e se acidentar aumenta. Por esse motivo iniciamos uma via cedo, para aproveitar o máximo de tempo possível de luz, a fim de minimizar os riscos. A luta que Paul relata no início desse texto, é “[...] a luta quando a parede é realmente grande”. A luta não é em relação à parede, é luta com Cronos, o tempo que limita a vida. Quanto maior a parede, mais rápido deve ser a passagem dos lances para evitar estar nela quando anoitecer. Assim o tempo do sol demarca o tempo seguro. A luta é para se manter no tempo seguro. A tensão exercida pelo tempo é a tensão labiríntica, o medo de ficar preso na montanha²⁰.

A terceira e última tensão que irei descrever²¹ é a tensão do clima. Calor, frio e chuva. As nuvens no céu ditam a intensidade do tensionamento. Ver uma nuvem carregada se aproximar sempre altera o estado de ânimo, e uma dúvida se instaura: subir ou descer? Não é preciso dizer que a pedra molhada torna a rocha escorregadia, além de, em locais frios, provocarem hipotermia no corpo. Por vezes nem a possibilidade de chuva é necessária para o desconforto. A depender do local que se encontra, as fortes rajadas de vento gélido pressionam os escaladores. Ou como Ângela diz:

A montanha, como eu disse, é minha maior professora, às vezes ela te derruba, e sua relação é frustrante. Por que está chovendo? Ou por que está tão frio? Você amaldiçoa a montanha, mas eu acho que te aproxima com o senso de pedir permissão para as montanhas para estar lá, e estar aberto para todas as experiências que vierem (Depoimento de Ângela, Cochamó, 2019).

Porém, como relatamos, tampouco o calor é completamente prazeroso. Nos dias quentes o calor drena a energia corporal. O cansaço se multiplica, aquilo que poderia ser fácil, em um dia nublado toma outras proporções. Por esse motivo, para diminuir as tensões, os escaladores

20 Abordaremos mais o tema no capítulo “Da imensidão da montanha à imensidão íntima”.

21 Não são somente essas tensões que existem, mas deixo as demais para trabalhos futuros.

sempre que possível acompanham as previsões meteorológicas. Em Cochamó uma previsão é conseguida via rádio e é fixada em uma lousa no acampamento. Os olhares à previsão do tempo ditam os caminhares na montanha.

Porém não só de sístole é feita escalada, se a escalada fosse só sofrimento ninguém aguentaria vidas inteiras nesses ambientes. Para o funcionamento do coração humano a diástole é tão importante como a sístole, assim como na escalada. Por vezes também as diástoles são dadas por algumas formações específicas da formação rochosa. Em meio à agulha *Campanile* no Frey, há o que os escaladores chamam de *la cueva* (Imagem 32), um buraco arredondado em meio à parede vertical, suficientemente grande para caber duas pessoas deitadas. Pela agulha se encontrar em um dos pontos mais altos do vale, a vista de quando se está sentado na *cueva* é deslumbrante. Simone, descrevendo de onde veio sua vontade de ir ao Frey, conta: “Eu o vi do Trinidad”.

Simone estava escalando a via *Ez Does It* em Cochamó, Chile. A via em específico, depois de duas cordadas crux, ou seja, a parte mais difícil da via, passa por uma caverna que se abre também em meio a uma enorme parede vertical. Ao adentrar em seu interior, o chão é plano e sua formação oferece abrigo do vento gelado que contorna a montanha. Sentado e abrigado se vê os vulcões Tronador e Pontigudo destacando-se sobre as cadeias de montanhas, e no limite do horizonte, o contorno das agulhas do Frey delimitam a paisagem. Em uma das histórias ao pé da montanha ouvi Diego, um escalador mineiro, contando sobre um platô de pedra em meio a uma montanha de 700 metros, que de tão grande fizeram um churrasco em certa ocasião. Encontrar esses pequenos refúgios escondidos na montanha é sempre uma diástole, é sempre um relaxar das tensões, é uma expansão da consciência dos minimalismos verticais da via presentes na sístole, para a uma imersão na imensidão do horizonte.

Mas a diástole não é somente os momentos do repouso completo, Ângela ao descrever a prática diz, entre outras coisas, que é uma meditação. Arthur também aborda esse sentimento quando descreve sua felicidade na escalada.

Para mim, primeiro era a coisa técnica, me encantou o movimento e ainda me encanta, aprender a se mover na rocha como quebra cabeças. Mas com mais tempo isso mudou um pouco, esse movimento mais amplo, não estou pensando como vou fazer esta parte pequena, agora é mais como escalar puro, sem pensar, é como o movimento no total, quando não tem que pensar, só está escalando, é como caminhar, isso é o que é mais importante para mim quando estou escalando, puro, puro. [...] Em parte eu quero escalar duro, às vezes eu gosto de escalar o máximo que eu posso, outras vezes eu gosto de escalar como caminhar [...]. Quando estou mais feliz é quando escalo como caminho. É como perfeito puro, você não pensa, é como olhar uma parte da rocha e não pensar como vai passar essa parte, só passar. E em lugares muito duros também, você pensa: não sei o que vou fazer. Mas seus pés e suas mãos sabem o que fazer. É super estranho, porque você não entende, e quando está mais acima pensa: não sei

como passei, mas agora estou aqui. E nesse tempo é quando estou mais feliz. Porque não pensa em nada e escala perfeitamente. Como uma dança (Depoimento de Arthur, Bariloche, 2019).

Assim como Ângela, Arthur também se refere a esses momentos nos quais o corpo encontra fluidez nos movimentos. Quando a escalada se aparenta a um confortável bailar. Não se pensa em fazer, só se faz. Se a rocha mostra um diedro com uma fissura lateral, nos opomos em contraposição, se ela mostra uma fenda frontal nos entalamos dentro dela. Nesses momentos o corpo se encontra com a rocha em perfeita sintonia. A corporeidade do escalador responde em contato com as constantes mudanças que a parede traz. O respirar é leve, se sente com tranquilidade o vento passar pelo corpo, o calor do sol. Por vezes até se consegue olhar a paisagem. É realmente um caminhar vertical.

Trazendo um outro exemplo para aproximar a experiência daqueles que nunca estiveram em uma parede rochosa, a sístole pode ser comparada à sensação de uma corrida de 100 metros rasos. Não é possível contemplar o som dos pássaros com essa pressão. A diástole é um caminhar no parque. Se contempla a paisagem e a atenção vai para além do movimento do corpo. Com a diferença que a vista de uma caminhada vertical tem a verticalidade na paisagem. Tem a altura que favorece a amplitude do horizonte visual²².

Mas há de se frisar que nunca é a mesma dança para diferentes escaladores. Se o tamanho de minha mão se encaixa com facilidade em uma fenda larga, a mão de Ângela, por exemplo, pode não caber tão bem. Mas se, como a ouvi comentar algumas vezes no campo: no teto da via *Todo Cambia*, enquanto a maioria dos escaladores só conseguiam colocar a ponta dos dedos na fenda, Ângela podia colocar a mão por inteiro, deixando a escalada mais cômoda. Também não só sobre facilidade morfológica, mas de costume. Paulo, escalador brasileiro, relatou durante o campo uma certa dificuldade para encontrar conforto nas fendas chilenas, porém, em trechos de escalada de face, considerados difíceis para alguns escaladores acostumados com fendas, passava tranquilamente, pois se aparentava mais com o estilo de escalada brasileiro. Sístole ou diástole não depende só da geometria da parede rochosa, mas da corporeidade do escalador que passa sobre a rocha. São minhas experiências passadas atualizadas no presente instante, sob determinadas situações que dão o pulsar do instante ascensional.

Uma pergunta que me fiz diversas vezes durante o processo de pesquisa foi: e se não houvesse tensão? O que seria da escalada? Ou: e se só houvesse tensão? Nenhuma das perguntas podem ser respondidas sem que o resultado não elimine o significado da experiência ascensional. Se a escalada fosse um constante martírio, ninguém ficaria na montanha. Tampouco se ela fosse só prazer e desfrute, não teria o mesmo significado. Escalar é estar sempre em um trânsito entre polaridades, entre aquilo que tenciona o ser, que contrai os músculos, que nos faz

22 A diástole será aprofundada no capítulo “Devaneios sobre o silêncio”.

sentir medo. E é aquilo que nos alivia, que nos acalanta e nos dá abrigo. Porém essas não são imagens opostas, mas complementares. Assim como na música, as pausas e os silêncios são essenciais à boa composição tanto quanto as notas estridentes.

A mesma tensão do tempo seguro ao escalar grandes paredes, que nos faz acelerar os corpos, é o que alegra Martin, por exemplo, por poder se desligar do chão por um longo período (Depoimento de Martin, Cochamó, 2019). Também, nas gélidas paredes sombrias, encontrar um feixe de sol é um acalanto apreciado. No calor intenso, ao encontrar uma sombra em uma laca de pedra, sente-se um alívio na ardência da pele. O calor potencializa o frio assim como o frio potencializa o calor. A tensão da altura e da queda dão a verticalidade na contemplação, quanto mais se sobe mais longe se vê. Porém a grandiosidade da paisagem também faz o ser se sentir pequeno e impotente, aumentado ainda mais a tensão no ser. O movimento exigente que contrai os músculos amplia o êxtase do relaxamento. A força ascensional dinamiza a experiência, e o prazer no cume se torna o gozo de um coito intenso e ofegante. O momento ascensional é esse constante pulsar entre sístole e diástole, entre tensões e relaxamentos, sempre em um ciclo rítmico que estabelece essa beleza contrastante das imagens ascensionais.

Hans Florine, renomado escalador, no prefácio do livro de Schmid diz: “Os escaladores sempre clamam, e quase sempre é verdade, que é sobre a jornada e não sobre o cume” (SCHIMID, 2010, tradução nossa). A escalada é sobre toda a jornada, sobre todas as experiências advindas do momento ascensional e fora dele. Falar que a escalada é sobre a luta contra a morte, ou que ela é só sobre o cume, é uma redução da complexidade desse fenômeno. A escalada não é sobre a morte, é sobre a intensificação da vida, e como tal, é sempre reconhecida em uma estrutura dramática (DURAND, 2012), dinâmica e variável. A escalada não é só luta, mas também o é, a escalada não é só aconchego, mas também o é, a escalada não é só desafios, mas também o é. Nise coloca: “[...] minha relação com estar com a montanha e estar nesse ambiente é poder ser você e viver seu presente, viver a ti e tudo que está ao seu redor. Senti-los, sentir-se. Sentir-se vivo. É onde mais se sente que está vivo” (Depoimento de Nise, Bariloche, 2019). A escalada em sua complexidade é uma intensificação da vida, é para os escaladores onde mais se sente que está vivo. Assim como a vida, a escalada faz o escalador feliz, triste, angustiado, apaixonado, com medo, exaltado, excitado, emocionado, carente, cansado, completo. Assim como a vida, em uma única via, nascemos aprendendo a nos movimentar, ganhamos confiança, perdemos a confiança, estremeçemos, renascemos e quando chegamos ao cume com o corpo já cansado e sem tantas forças ao final do dia, descemos, nos recuperamos e partimos novamente para viver outro ciclo. Vivemos uma vida em um dia. Sentir-se vivo é sentir a vida em toda sua complexidade, entre sístoles e diástoles, entre alegrias e tristezas, entre pausas e movimentos.

Depois de descansar o menino tomou um novo fôlego, pediu para o mestre liberar a corda e foi novamente. Segurou firmemente, posicionou seus pés, e seguiu se movendo, ao chegar no ponto onde caíra, deu dois movimentos a mais e sentiu novamente que a textura de dentro da fenda melhorara. De lá conseguiu colocar uma outra peça. Seguiu rapidamente até chegar nos pequenos pés que havia visto, o que possibilitou que descansasse levemente. Respirou fundo, estava novamente no limite de suas forças, mas em um impulso único se moveu até sair de baixo do teto e poder finalmente respirar aliviado.



Imagem 30 – Escaladores: Ângela acima, Judith e Walter abaixo. Via: Doña Devora Dedos (Arquivo pessoal da documentação de campo)



Imagem 31 – Escalador Thomas na via Nhaca Nhaca Crunch Crunch – Aguja Abuelo
(Arquivo pessoal da documentação de campo)



*Imagem 32 – Escalador Arthur na “cueva” em meio a via Imagnate – Aguja Campanile
(Arquivo pessoal da documentação de campo)*

DEVANEIOS SOBRE O SILÊNCIO:

Vislumbres a-pronominiais

O menino seguiu mais alguns metros, já em uma face mais positiva da parede. Sua respiração já se acalmava um pouco, mas ainda sem saber o que haveria pela frente, seguiu cauteloso. Lembrava-se que no mapa dizia que em algum ponto haveria um lugar para descansar. Foi subindo pela fenda até que ela acabou e a única opção de continuar era uma outra fenda que seguia na horizontal, e o levava à esquerda do paredão rochoso. Seguiu por alguns metros até que a pedra acabou, e à sua frente só havia um precipício, viu que a fenda continuava dobrando a rocha, mas em uma face muito mais vertical. Se estremeceu um pouco e novamente sua respiração acelerou. Porém ao tatear a fenda viu que ela era confortável, e que alguns frisos na pedra ajudavam o movimentar dos pés. Mesmo vertical o garoto não teve dificuldades em se movimentar naquela face.

Quando o garoto estava se acostumando com aquela movimentação horizontal, a pedra novamente acabou, porém uma gruta em meio a montanha se abriu. Lá, a cerca de 400 metros do solo, em meio à parede completamente vertical havia uma gruta do tamanho de uma sala. O menino não podia crer aonde estava. Aquilo realmente existia? Uma gruta em meio à montanha! Lá o menino encontrou o ponto de ancoragem e deu segurança para que seu mestre chegasse até ele. Enquanto seu mestre subia, o menino não parava de olhar aquele lugar. Dentro da gruta, diversas pedras estavam empilhadas, algumas até soltas. Algumas menores se encontravam fazendo um chão de rochas sobrepostas, outras maiores se empilhavam formando alguns degraus, e no fundo da gruta um feixe de luz mostrava uma abertura pelo teto.

Assim que seu mestre chegou e viu aquele lugar, não conteve o sorriso. Sentaram juntos olhando a vista. Até onde seus olhos podiam alcançar, havia montanhas. As mais próximas eram puro granito, cinza esbranquiçadas com quebras bem marcadas e pouca vegetação. Após a primeira cadeia de montanhas, um mar verde de vegetação cobria as montanhas mais baixas que se estendiam interminavelmente. Porém em meio a elas um enorme vulcão com sua base larga e seu cume branco de neve se destacava na paisagem. Ao fundo, na cadeia mais longe de montanhas, se podia ver umas agulhas pontiagudas, que o mestre logo reconheceu como sendo um outro local onde ele já havia estado. Ficaram ali observando sem palavras aquilo que se mostrava. Como se não bastasse, em um determinado instante, um condor cortou os céus em um mergulho rasante do alto da montanha. Naquele momento o menino sentiu seu corpo desmontar. Estava extasiado. Toda tensão da escalada se dissipara, deixando espaço somente para um profundo relaxamento.

A escalada pressupõe movimento, ação, ímpeto e energia. Porém, como vimos, não só de sístoles é feita a escalada. Toda sístole precede uma diástole e todo movimento ascensional precede o repouso, a pausa, o silêncio. E quando os corpos silenciam, uma nova relação se estabelece. Ao se ancorar em uma parada, ao encontrar uma gruta, ao chegar a um platô de pedra, os corpos param, o ritmo dos batimentos diminui e o diálogo com o mundo muda, assim como Zimmermann e Morgan colocam:

O silêncio traz um momento de recuperação da demanda constante de expressão, mas também é um momento para viver um mistério, sem a necessidade de formulações imediatas. O silêncio também resguarda a inconsistência e a imprevisibilidade e permite a experimentação. Habitar o silêncio pode se tornar uma experiência de solidão que preserva a autonomia. Pode levar à contemplação e à reflexão (ZIMMERMANN; MORGAN, 2016, p. 406, tradução nossa).

Assim como bem demonstram, o silêncio, apesar de adquirir por vezes uma conotação negativa, é parte fundamental do diálogo. Nesse caso específico, os autores abordam prioritariamente o silêncio como potência. Dialogar com os outros, assim como vimos ao discutir o encordamento, não se dá somente por meio da fala, mas de uma relação intercorporal. Assim como dialogar com o mundo não é só uma relação de ação. Todo movimento prescinde uma pausa, como nos esclarece Zimmermann em uma outra oportunidade: “O movimento e um suposto não-movimento fazem parte do mesmo projeto, da mesma forma que silêncio faz parte da música: como potência, como elemento de ritmo” (ZIMMERMANN, 2010, p. 120). E a pausa, assim como o silêncio, não são necessariamente uma ausência. É importante entender o silêncio, quando não imposto de forma opressiva, como espaço do não-saber, como possibilidade que se anuncia. Este silêncio abre espaço para o contemplar, o aprender (ZIMMERMANN; MORGAN, 2016).

Perceber a potência do silêncio se torna fundamental para compreensão da escalada. Quando Hannah diz que a escalada é muito mais que o físico e o técnico, muito mais que o “passito”, que o grau, Hannah fala sobre a complexidade do fenômeno. Dentre essa complexidade está a potência do silêncio. Os vales de paisagens deslumbrantes, em que na sua presença, não se pode fazer nada além de suspirar. Ou como Simone diz: “Não há palavras para descrever, é uma coisa natural e é maravilhoso, não posso imaginar um lugar mais bonito que isso” (Depoimento de Simone, Bariloche, 2019). Diante da magnitude do mundo, por vezes, o silêncio é necessário. Silêncio das palavras e também dos corpos.

No Frey, ao observar o píer à beira do lago que dá vista para as montanhas (Imagem 33), percebi um movimento recorrente. As pessoas que ali passavam se sentavam em silêncio olhando a paisagem. As cadeiras improvisadas que ali se encontravam sempre estavam viradas para o horizonte, e nunca de forma concêntrica, como se faz em uma roda de conversa, por exemplo. Aquele local inspirava uma outra forma de comunicação com o mundo. Em

meio à parede alguns momentos se distinguem dos demais. Que escalador não encontra felicidade ao se deparar com um repouso horizontal no meio da parede vertical? Ou mesmo uma ancoragem segura para o repouso. Assim como abordamos nas discussões sobre o momento ascensional, quando a tensão vertical diminui, o horizonte se abre a outras possibilidades de relação com o mundo. Ângela diz:

Eu sinto que as melhores experiências que eu tive na montanha foram quando eu estava realmente presente com a pessoa que eu confiava, ou experienciar essas coisas maravilhosas como o condor passando, ou o pôr do sol que eu podia ver o Frey na paisagem. Você sabe, esses pequenos momentos que realmente fazem valer a pena (Depoimento de Ângela, Cochamó, 2019).

Sob o silêncio a paisagem é experienciada de uma forma distinta. Estar na presença de um condor com mais de dois metros de envergadura, com seu voo lento e controlado, faz com que ritmemos nossos corpos. Para além disso o olhar que persegue o condor desfoca o horizonte, e naquele instante contemplativo, nosso corpo é envolvido por aquela imagem, ele vibra em ressonância a ela e de certa maneira naquele instante nos sentimos ganhando os ares. A imagem vista se torna a imagem vivida. No instante contemplativo somos condor, montanha, cosmos. Porém antes que qualquer leitor, demasiado objetivo, possa me julgar, não se trata de uma interpretação literal, mas de um rompimento de uma rígida estrutura linguística de compreensão do mundo que o silêncio é capaz de realizar. Voar com o condor é romper uma estrutura pronominal da existência humana. Eu, tu ele, meu, comigo, estruturam o pensamento humano. O silêncio tem a potência de romper com as estruturas linguísticas do pensamento objetivo. Como explicitar o voo do condor sem distinguir *eu* e *aquilo*? A linguagem prescinde a distinção, e o pensamento objetivo depende da estrutura da linguagem. Talvez nos milésimos de segundos silenciosos, deixo de me entender como eu, para ser o todo, tal e qual como as antigas filosofias orientais explicitam. O pôr do sol que colore as montanhas longínquas dá cores também ao íntimo do ser, não por uma relação causal, mas por uma compressão não dicotômica sujeito-mundo. Zimmermann e Morgan trazem a reflexão de Picard:

Onde o silêncio se espalha, o indivíduo não percebe oposição entre ele e a comunidade, o indivíduo e a comunidade não se enfrentam, mas ambos estão diante do silêncio; a diferença entre o indivíduo e a comunidade deixa de ser importante diante do poder do silêncio (2016, p. 406).

As diferenças entre indivíduo e comunidade ou entre indivíduo e mundo se dissolvem perante essa experiência silenciosa. Entre *eu* e *ele*, entre *você* e *aquilo* não há diferença que importe no momento do silêncio. Para compreender o silêncio é preciso abstrair do mundo as amarras das palavras, é preciso conceber uma existência sem os pronomes ou seus correlativos. Existir no mundo sem essa mediação traz entre outras coisas a liberdade de uma existência a-pronominal que se evidencia nos vestígios: “não há palavras para descrever”.

Porém a dinâmica corporal determina em parte essa relação. A contemplação não é descrita sob uma atitude energética do meu corpo sobre o mundo. Não é, por exemplo, a relação que Bachelard coloca com as matérias da dureza, onde o dinamismo das imagens me impulsiona a querer agir, moldar, lutar contra (BACHELARD, 2013). É uma experiência sentida sob um corpo tranquilo. Martin é um escalador que mora nas montanhas chilenas e que escolhe passar o inverno sozinho em meio à gélida paisagem montanhosa. Diz ele:

Bom, no verão é como você vê agora, no inverno é muito solitário, pois não tem mais pessoas aqui. E se sente muito mais imponente tudo. O rio, a rocha, se sente mais a energia do lugar, agora eu sinto que meio que se dispersa tudo, com tanta gente que não está tão conectado. Depois estando sozinho e aí sim sabe-se o que é o que se sente. Bom, no inverno, imagina isso nevado com lua cheia. Você vê a pampa e ... (Depoimento de Martin, Cochamó, 2019).

Martin nesse momento fechou os olhos e se manteve em silêncio alguns segundos. Assim que os abriu novamente, um grande sorriso surgiu em sua face. Ao se encontrar fisicamente solitário no mundo, Martin diz sentir a energia do lugar, diz também sobre um sentimento de conexão. A energia, a conexão com o lugar que os escaladores relatam é sentida também com esse toque silencioso do olhar que repousa sobre a superfície da paisagem exuberante. Mas é sob esse corpo tranquilo que vivemos essas imagens: o condor ganhando os ares, o pôr do sol na paisagem ou a montanha nevada sob a lua cheia. Nenhuma destas imagens são descritas sob um corpo impositivo, não é em uma ação do corpo sobre o mundo, é em uma suposta receptividade, um não protagonismo. Zimmermann e Morgan exploram esta questão:

No silêncio contemplativo, por exemplo, nos retiramos de nossa posição egocêntrica de decidir o que o mundo significa. Tal experiência suprime nossa supremacia como sujeito constitutivo e nos mostra que o mundo também tem algo a dizer que ainda não entendemos claramente (ZIMMERMANN; MORGAN, 2016, p. 403, tradução nossa).

Talvez encontremos caminhos em uma imagem ancestral para dirigir nossos estudos sobre esse estado silencioso e receptivo. Em todas as partes do mundo surgem imagens opostas e complementares, como Yin e Yang, Animus e Anima, Pássaro e Serpente. Ao refletir sobre o imaginário, tanto a psicologia junguiana como os estudos de Robert Desoille, atraíram a atenção de Bachelard ao proporem ideias como da equilíbrio. Bachelard diz que Desoille chega a propor em seus tratamentos terapêuticos a vivência de imagens ascensionais ou de descida, dependendo do estado a ser equilibrado (BACHELARD, 2013).

Na teoria junguiana “As partes consciente e inconsciente do sistema psíquico trabalham juntas numa interação equilibrada e harmoniosa, e isso ocorre em parte entre anima/animus e a persona” (STEIN, 2006, p. 121). Ambos se referem a estruturas pessoais, em uma relação consciente e inconsciente, por isso essas teorias são somente inspiração para um outro desen-

volvimento. Ao abstrair a dicotomia sujeito-mundo, é possível pensar em uma equilibração não no próprio sujeito, mas na união dele com o mundo. Yin, Animus e Serpente, são os símbolos viris de energia. Anima, Yang e Pássaro identificam-se ao matriarcal. Se meu ser se equilibra ao mundo, a minha ação viril se completa com um mundo anímico. Se meu ser é anímico, o mundo se torna ativo, energético, imponente. Nos estados silenciosos do ser, nos estados anímicos, o mundo se equilibra e ganha a imponentia que fala Martin, uma imponentia talvez imperceptível em um estado de ser combativo, por exemplo. O estado silencioso de ser se equilibraria ao mundo e nos mostraria um outro vigor.

Assim, ao pensarmos a relação de complementaridade, podemos voltar às reflexões de Zimmermann e Morgan:

É necessário algum silêncio para criar uma condição dialógica. [...] No diálogo genuíno, orador e ouvinte são apanhados na mesma experiência. Falar e ouvir não são operações distintas e, falando e ouvindo, estabelecemos um vínculo através do qual a palavra do outro têm um impacto (ZIMMERMANN; MORGAN, 2016, p. 404).

Aquele que fala e aquele que ouve são partes de um mesmo todo, assim como Yin e Yang, Animus e Anima. E nessa relação também é possível compreender um impacto, uma mudança. Nesses momentos a-pronominais receptivos, a vista se incorpora ao ser e passa a constitui-lo. Observar o voo do condor é sentir o prazer do voo e incorporar este estado aéreo no fundo de si. Essas paisagens profundas, aéreas ou terrestres, passam a habitar a intimidade. Ser um escalador também é ter no fundo de suas imagens-memórias constituintes o horizonte infinito de uma paisagem imponente e exuberante. Essas imagens constituintes mediam nossa relação com o mundo, são nossas potências que pulsionam nossa singularidade. Assim como diz Bachelard: “[...] a imagem inicial se revelará como um impulso para um sonho poético bem definido, para uma vida imaginária que terá verdadeiras leis de imagens sucessivas, um verdadeiro sentido vital” (BACHELARD, 2001, p. 4). As imagens silenciosas constituem o infinito dos escaladores no sentido dado por Bachelard: “Diz-me qual o teu infinito que saberei o sentido do seu universo” (BACHELARD, 2001, p. 6). Assim a contemplação silenciosa que os escaladores vivenciam e narram em suas descrições são, antes de mais nada, imagens axiais de uma cosmologia própria, que permeiam a relação do ser com o mundo para além de uma dicotomização pronominal. Essas imagens impregnadas no ser se tornam essenciais à existência da pessoa. Eu e mundo se misturam dando novas perspectivas de sua própria compreensão existencial. Ou como Martin diz sobre sua relação com as montanhas: “Uff é minha vida completa, [...] não poderia viver sem a montanha [...]” (Depoimento de Martin, Cochamó, 2019).

No condor contemplado em silêncio, posso imergir no prazer do voo, na poética das asas e da altura. No pôr do sol das paisagens longínquas, o colorir da rocha é um colorir de si, é o toque aveludado do calor poente sob o corpo tranquilo. O silêncio contemplativo traz essa potência. É a potência de nos conectarmos às imagens diretamente, sem os

pressupostos necessários à ação e à palavra. Essas imagens contempladas em silêncio não são passadas despercebidas, mesmo que às vezes sejam impronunciáveis, a importância desses momentos para a experiência do escalador é sentida e explicitada com sorrisos, com suspiros, com gestos. Pois ser escalador é ser constituído por essas imagens. As imagens imponentes de um silêncio contemplativo.

Lá ficaram por alguns minutos dilatados. Comeram, repousaram e seguiram.



Imagem 33 – Pier - Frey (Arquivo pessoal da documentação de campo)

DA IMENSIDÃO DA MONTANHA À IMENSIDÃO ÍNTIMA:

Os caminhos labirínticos e o complexo de Jonas

A via seguia por uma chaminé no fundo da caverna que revelava um feixe de sol que traspassava o lugar. Para ascender, era necessária uma movimentação de oposição em grandes lacas de pedra apoiadas umas sobre as outras. Era a última cordada da via, depois só precisavam pegar uma trilha de acesso. O menino se animou com a formação, gostava dessas movimentações diferentes. Pediu então para guiar esta parte também. E assim foi. Pegou os equipamentos e partiu. Apesar de descobrir, ao tocar na laca, que ela era extremamente afiada, não teve dificuldades em sair pelo teto da caverna.

Porém a via, assim que deixava a caverna, se tornava levemente confusa. O menino saiu em um platô de terra, provavelmente a parte de cima do teto da caverna. No entanto a parede que estava à sua frente era extremamente fendada. Dezenas de trincos e canaletas se entrecruzavam na continuação do sólido granito branco. Por onde seguir? Se tomasse o caminho errado era possível cair em um lugar sem saída. Por um instante foi tomado pela história que ouvira sobre um amigo de seu mestre, que ao tomar o caminho errado caiu dentro de uma chaminé e o sangue lhe escorreu pela face. Sentiu uma leve angústia no peito. O menino pegou então o mapa que sempre carregava em seu bolso e tentou identificar o trajeto. O mapa estava confuso, aparentava apontar à uma canaleta à direita, mas ela estava cheia de pedras soltas e encoberta por musgos. Tentou gritar para falar com o mestre, porém o som de sua voz não o alcançava mais. Olhou atentamente a sequência de cada possibilidade, e viu que a rota da direita ia para um pedaço encoberto que parecia úmido. Estremeceu com a possibilidade de escorregar entre as quinas daquela canaleta. Encontrou então uma sequência de fendas que chegava a um platô de pedra. Naquele momento ele reparou que essa mesma fenda estava mais esbranquiçada que as demais. Possivelmente um local com maior atrito. Ou seja, com maiores chances de várias pessoas já terem passado por ali. Encheu-se de coragem e decidiu que seguiria por aquele caminho.

A movimentação se deu de maneira fluida, as fendas já se mostravam grandes amigas do menino. Após alguns metros ele teve certeza: 'é muito perfeito para não ser por aqui'. Cerca de 30 metros depois encontrou o ponto de ancoragem. Puxou seu mestre, e foram em direção ao cume.

O caminho que se seguia era de uma sequência de blocos sobrepostos. Não se podia ter uma visão de todo o trajeto, a cada bloco trasposto uma nova imensidão de blocos surgia. O menino acelerou o ritmo na ânsia de chegar ao cume, mas após a terceira decepção de encontrar uma nova imensidão de pedra, sentiu o cansaço do corpo.

- Não chega nunca! Exclamou o menino.

O mestre riu.

Mas após algumas decepções a mais, o terreno começou a aplanar, e a paisagem foi se mostrando pouco a pouco. Ao chegar na ponta mais alta da montanha, a primeira reação do menino foi abraçar seu mestre. Olhou em volta, em toda volta, a vista de 360° de todo horizonte chileno deixou o menino sem fôlego. Montanhas e mais montanhas se mostravam no horizonte em meio aos vales intermináveis. Os rios e lagos tingiam o azul cintilante da paisagem. Os cumes nevados longínquos destacavam a altitude dos montes. E em meio a tanta imensidão o menino sentiu-se pequeno e grande ao mesmo tempo.

“tu és a profundidade de todos os picos”
(Nietzsche apud BACHELARD, 2001, p.162)

Estar atado a um maciço rochoso é estar na constante presença da imensidão. Ao pé da montanha olhamos para cima e vemos uma imensidão rochosa. Em meio à parede nos sentimos engolidos por um mar de rocha presente onde quer que olhemos. E ao alcançar o cume, nos damos conta de que a rota que escolhemos para percorrer é só uma em centenas de possibilidades na mesma montanha. E ainda essa montanha em que estamos é só uma na vasta paisagem pontiaguda (Imagem 34). Ascender aos picos rochosos é estar sempre na imponente presença da imensidão do mundo.

E diante da imensidão não há aquele que não suspire, que não contemple, ou que minimamente não altere, mesmo que momentaneamente, seu estado de ser. Bachelard diz: “[...] a contemplação da grandeza determina uma atitude tão especial, um estado de alma tão particular, que o devaneio põe o sonhador fora do mundo mais próximo, diante de um mundo que traz a marca do infinito” (BACHELARD, 1978, p.316). Sob a presença da imensidão não permanecemos somente sob domínio do mundo visível, do mundo geométrico. Como diz Bachelard, a imensidão traz a marca do infinito. E o infinito não pertence ao mundo geométrico, pois este é finito, sabemos racionalmente onde começa e onde termina cada coisa. Ao analisar a geometria das montanhas sabemos que elas têm fim, sabemos que elas terminam onde se inicia a planície ou o mar. O mundo geométrico é um espaço esquadrinhado e objetivo. Mas a relação do ser com o mundo não é somente uma relação de objetividade, é também - assim como Bachelard (2018) diz - um estado de alma.

A imensidão é sentida no corpo e é uma medida do próprio corpo. Não uma medida em escalas físicas, mas em profundidade íntima. Aquilo que é imponderável à medida de mim mesmo, me leva a esse estado de infinito. Assim aquilo que é imenso traz em mim a marca do infinito, pois como diz Bachelard (1978, p. 317): “A imensidão está em nós”. E completa: “O

espetáculo exterior vem ajudar a revelar a grandeza íntima” (BACHELARD, 1978, p. 322). Estar na presença de um gigante rochoso com o horizonte do mundo às suas costas é uma provocação ao infinito de si. É ser levado pela imensidão do mundo à imensidão própria. E nesse contato do exterior com interior, assim como diz Bachelard, há uma troca de intensidades:

A imensidão íntima é uma intensidade, uma intensidade do ser, a intensidade de um ser que se revela numa vasta perspectiva de imensidão íntima. Em seu princípio, as “correspondências” acolhem a imensidão do mundo e as transformam em uma intensidade de nosso ser íntimo. Elas instituem transações entre dois tipos de grandeza (BACHELARD, 1978, p. 322).

Estar diante da imensidão do mundo é ao mesmo tempo um mergulho na paisagem e um mergulho para dentro de si. Perante a magnitude do paredão rochoso não permaneço o mesmo, estremeço, e encontro aquilo que de mais profundo me habita. Simone conta que certa vez seu parceiro precisou levar a corda para realizar uma manobra de segurança e isso a deixou sozinha por alguns instantes na parede.

[...] eu me lembro, estava lá na ancoragem e não tinha minha corda, estava presa lá, sem nada [...] Agora a corda estava balançando abaixo dele 70 metros horizontal a mim. Estávamos bem, mas não sabia se ele havia morrido ou o que aconteceu, e foi a primeira vez que senti, como se diz? Helpless, desamparada. Que grande esse lugar que estamos, são fortes, são monstros essas montanhas, há que respeitá-los (Depoimento de Simone, Bariloche, 2019, tradução nossa).

Esse grande lugar nos faz sentir pequenos em nossa finitude, ínfimos, pois entre outras coisas revela o que de mais humano habita em nós. Nossos medos, nossas angústias. Há escadadores que, por assumirem uma sensibilidade mais guerreira, combaterão seus medos, assim como Durand (2012) aponta sobre os arquétipos do cetro e do gládio. Irão combater a montanha. Irão se armar e desafiar-la. Irão conquistá-la. Estes escreverão livros sobre seus grandes feitos para assim transformá-los em monumentos (RICOEUR, 2011), imortalizando-os sob a glória do herói solar. Porém há aqueles que, confrontados com a intensidade da imensidão interior, não se opõem a ela e invertem os valores negativos do medo e da angústia.

Durand (2012, p. 217) explica: “É essa inversão que vamos ver em funcionamento, metamorfoseando os grandes arquétipos do medo e transformando-os, como que do interior, por integração pudente dos valores benéficos”. Para boa parte dos entrevistados, a montanha assume o papel de Mestra. Assim como diz Hannah “É como uma grande mestra. Que não fala, mas bom, você tem que entendê-la e saber [...] é uma relação com um mestre, com muito respeito” (Depoimento de Hannah, Bariloche, 2019, tradução nossa). Sobre essa relação também nos fala Jean:

No final do dia eu tento ser um bom aluno, ouvir o que a montanha diz. De qualquer maneira, é só rocha. Que muda muito devagar, mas que sempre esteve lá. E você a conhece em um lugar diferente cada vez que você vai. Então a relação muda porque você muda. E eu acho que aquilo que eu disse sobre encontrar o presente no momento. De só estar nesse único momento, você encontra consigo mesmo nesse momento (Depoimento de Jean, Cochamó, 2019, tradução nossa).

E também Ângela:

Eu sou uma pessoa que pensa muito o tempo todo, e eu sou muito perfeccionista, [...] e escalar é um dos poucos tempos na minha vida que eu estou totalmente no momento, e eu posso realmente prestar atenção com quem estou e o que está acontecendo, o único momento que eu posso desligar outras partes do meu cérebro e realmente estar aqui. Então a escalada é como uma meditação para mim e já faz um tempo que eu estou podendo aprender mais sobre mim mesma, eu acho que todas as suas piores qualidades, as coisas que você tem medo, tudo isso vem à tona quando eu escalo, e quando eu me supero ou fico frustrada, quando eu aprendo a ser resiliente, eu aprendo como eu sou estressada, e é sempre como uma professora pra mim, toda vez que eu vou escalar, mesmo se eu não escalo uma coisa difícil ou se vou bem, toda vez que eu escalo, aprendo algo. Então, para mim, é uma professora, uma meditação (Depoimento de Ângela, Cochamó, 2019, tradução nossa).

Aqueles que diante da imensidão não se opõe ao medo e à angústia, as transformam em valores da intimidade. A montanha, com seus difíceis e tortuosos caminhos, não se torna oponente, mas mestra. Eu não sou um herói a combatê-la, mas um aprendiz de seus caminhos. E ser aprendiz implica em transformar-se, em passar de um estado de ser a outro. Quando Simone diz: “são monstros essas montanhas”, podemos ir além: são monstros que nos devoram e nos levam para dentro de nós, de lá saímos transformados. A esse processo digestivo, tanto Bachelard (2019) como Durand (2012) irão nomear como Complexo de Jonas. Sendo ele uma inversão de valores teratológicos.

A imagem do monstro com dentes horripilantes é transformada em um caminho ao interior através de um engolimento. Ou como diz Durand “Já não é o aspecto terrificante da teratologia que aqui é focado, mas sim o caráter maravilhoso do conjunto monstruoso” (2012, p.313). Na literatura, como mostram os autores, diversas imagens aparecem como a eufemização desse engolimento monstruoso. Jonas é tragado pela baleia e habita seu ventre por 3 dias e 3 noites, lá ele se encontraria consigo e seria então cuspidado, renascido.

Lanza del Vasto apud Bachelard, falando sobre um deus Hindu escreve: “Como os elefantes, ele possui a gravidade da substância terrestre e a escuridão dos poderes subterrâneos. Seu ventre é grande: é um globo real, é um fruto onde amadurecem todos os tesouros ocultos no mundo” (2003, p.131). A montanha monstruosa agregada com a imagem da mestra, evidencia o caráter digestivo transformador de estar imerso na imensidão da montanha. Esse processo

digestivo que vem do interior de si mesmo é o que Jean traz na transformação de si: “É só rocha, mas a relação muda porque você muda”. Estar imerso na imensidão da montanha o provoca a ir para dentro de si, lá no centro de nós mesmos nos digerimos, nos transformamos.

Tentaremos aprofundar a imagem dessa mestra digestiva. Assim como sugere Bachelard: “Uma mesma narrativa pode justapor, por exemplo, as imagens de um labirinto e as imagens de um Jonas” (BACHELARD, 2019, p. 182). Aqueles que se propõe a ascender aos paredões rochosos não estão passivos diante do caminho, pois é o próprio caminho que provoca a digestão. São os momentos de medo, contemplação, exaustão e tranquilidade que instigam a inversão para intimidade. E é percorrendo esses caminhos que a montanha se torna mestra. Esses caminhos são cheios de incertezas, de inseguranças, pois habitar a imensidão é também perder-se nela. Desse modo o engolimento teratológico da montanha exige o percorrer labiríntico pelas bifurcações de suas fissuras. Estar imerso na montanha demanda que aceitemos a possibilidade de nos perder em sua imensidão.

Segundo Bachelard a imagem do labirinto é um arquétipo:

Vincular sistematicamente o sentido de estar perdido a todo caminhar inconsciente é encontrar o arquétipo do labirinto. [...] Partindo de um simplíssimo elemento de um caminho difícil, faz-se uma síntese dos infortúnios. Se fizermos uma análise perspicaz sentiremos que estamos perdidos ao dobrar qualquer esquina, que nos angustiamos ao menor estreitamento (BACHELARD, 2019, p. 163).

Diante de um caminho difícil de esquinas e estreitamentos, vivemos o drama mítico que atravessa a todos nós. Guénon estudando os simbolismos da ciência sagrada ainda coloca:

O ser que percorre o labirinto, ou qualquer outra figuração equivalente, chega assim finalmente a encontrar o ‘lugar central’, isto é, do ponto de vista da realização iniciática, o seu próprio centro; o percurso em si, por sua vez, com todas suas complicações, significa evidentemente uma representação da multiplicidade de estados ou modalidades da existência manifestada, nos quais o ser deve ‘errar’ inicialmente antes de poder se estabelecer no centro (GUÉNON, 2017, p. 401).

Podemos presumir facilmente que os primeiros labirintos experienciados pelo ser humano não foram os criados pelo homem, mas são aquele que fazem parte da paisagem natural. As cavernas com seus múltiplos caminhos, as florestas densas de caminhos tortuosos, e até mesmo os caminhos pela montanha com suas possibilidades e seus abismos. Imergir na imensidão da paisagem é de certo modo voltar às provocações dos labirintos ancestrais, e consequentemente atualizar o simbolismo arquetípico do caminho a um centro de si.

Focaremos por um instante nos labirintos visíveis da experiência ascensional. Se a montanha é uma imensidão, as vias por onde seguimos são os caminhos desse labirinto. Para percorrer o labirinto vertical temos de fazer escolhas. Escalar é a todo momento escolher caminhos.

Seguimos pela fenda da direita ou da esquerda? Entramos na chaminé ou passamos por fora? Cada escolha possui seus desafios. Ser engolido pela montanha é ter de passar pelos desafios da trajetória para chegar ao cume. Sejam eles dificuldades técnicas ou pedaços expostos da montanha. Arthur descreve esse labirinto que pode se tornar a montanha:

Nós escalamos algo como 9 ou 10 horas até o cume, nós escalamos em simultâneo algumas cordadas, e eventualmente chegamos ao cume. E nós estávamos completamente errados. Porque basicamente essa área era composta por muitos caminhos, e tinham muitas canaletas que se cruzavam. Então era muito fácil pegar a canaleta errada e ir parar em um outro caminho. Nós perdemos a rota depois de algumas horas, e quando chegamos na parte alta, perto do cume, nós pudemos ver o outro pico que deveríamos estar. Pensamos ok, é hora de descer. Isso está indo longe demais. Então na primeira descida a corda já ficou presa. Meu parceiro teve que prussicar²³ a corda, desenroscar, e fazer outro rapel. Nós rapelamos por mais ou menos 6 horas. Desescalávamos umas partes, não conseguíamos encontrar o platô de bivaque, escalávamos de novo por outra via, descíamos, escalávamos em simultâneo em travessias. Estávamos ficando sem luz, já era 9 ou 10 horas da noite, meu parceiro tinha uma lanterna funcionando, mas só tínhamos essa lanterna. Nós descemos mais e pensamos que eventualmente deveríamos encontrar um lugar para dormir. Nós estávamos perdidos, só tínhamos uma lanterna, começamos a escalar às 6 da manhã e isso era perto da meia noite. E estivemos escalando constantemente. [...] por acaso encontramos uma pequena caverna [...] ficamos lá da uma da manhã até o primeiro indício de sol. Então de manhã nós escalamos por mais umas horas, não conseguimos achar nada. Eventualmente nós dissemos: ‘nós sabemos onde a via começa, vamos voltar para o começo da rota’. [...] descemos tudo, fizemos uma grande travessia, escalamos de novo as primeiras 4 ou 5 cordadas da via, achamos o platô bivaque, rapelamos tudo e andamos de volta por mais 6 horas (Depoimento de Arthur, Bariloche, 2019).

Essa sensação já era sentida em 1353 quando Petrarca sobe até o cume do monte Ventoux na Itália:

Enquanto meu irmão se dirigia às alturas por um certo atalho que atravessava a parte de cima da mesma montanha, eu mais solto, descia pelo flanco mais baixo, e quando ele me chamou, indicando um caminho mais reto, lhe respondi que esperava que o acesso da outra ladeira seria mais fácil e que não me assustava que a trilha fosse mais larga se me permitia ir mais suavemente. Pretendia assim minha preguiça, pois quando os demais já haviam alcançado o alto, eu estava pelos vales sem que se abrisse de antes de mim uma via de acesso mais fácil, pelo contrário, o caminho se alargava e o esforço inútil ficava mais pesado. Entretanto, esgotado de cansaço e inquieto pelas confusas voltas do caminho, decidi tentar atacar diretamente o cume. Quando exausto e impaciente, me reuni com meu “industrioso” irmão o qual havia se reestabelecido deitando-se um bom momento, e, subimos juntos durante um trecho. Apenas havíamos deixado aquela colina, e eu esquecendo o tortuoso acontecimento anterior, me

23 Procedimento de segurança para se subir por uma corda fixa.

precipitei de novo caminho abaixo, vagando outra vez no vale em busca de caminhos abertos e fáceis, e acabei dando com um caminho largo e difícil. Ele adiou, claro, o esforço da subida, porém a natureza não se curva ao gênio humano, nem é possível que alguém de carne e osso, alcance as alturas descendo. Para que descer mais? Não sem as risadas de meu irmão e a minha raiva, isso me aconteceu três vezes em poucas horas (MORRÁS, 2000, p. 29, tradução nossa).

A imensidão da montanha é um grande labirinto vertical. Cheio de caminhos e possibilidades. A corda poderia ser descrita como nosso fio de Ariadne, assim como na mitologia grega nas aventuras de Teseu. Porém, assim como vimos no capítulo “o momento ascensional”, a corda em alguns momentos deixa de oferecer a segurança, e seguir por um caminho errado pode significar ter de aumentar a exposição ao risco de maneira abrupta. Diversos acidentes, como o aqui já relatado por Mauricio, são decorrentes de erros no caminho. E isso perpassa o escalador na hora da decisão: direita ou esquerda, por exemplo. Estar em meio à montanha é estar constantemente em dúvida com os caminhos. Não só sobre esquerda ou direita, mas sobre o que é necessário para percorrer o próprio caminho.

Em uma das escaladas no campo, vi o escalador brasileiro, Paulo colocar sua única peça de tamanho extra grande em uma fenda. Poucos metros depois, assim que ele pôde ver o resto do caminho, foi tomado de um nervosismo, pois se deu conta que a próxima parte que iria entrar precisaria dessa peça para lhe trazer a segurança da corda. Ele permaneceu entre pequenos movimentos de ida e volta, sem conseguir se decidir se arriscava desescalar para pegar a peça ou se arriscaria mais ainda indo sem ela. O conflito interno sob os caminhos visíveis é sempre presente na escalada tradicional.

Porém, para além daquilo que é visível, há em nós um drama interior. O labirinto visível desperta em nós nossos labirintos invisíveis, pois como vimos, a imensidão está em nós. Ser digerido pela imensidão da montanha é digerir a si mesmo nos meandros do caminho labiríntico. Se perder fisicamente também pode nos levar a nos perdermos na imensidão de nós mesmos. Que inseguranças se escondem nas bifurcações de nosso ser? Arthur diz que na noite em que passou perdido na montanha, pensou:

[...] de noite eu ficava acordando de meia em meia hora, com crises de pânico com pensamentos do tipo: O que eu estou fazendo? Eu estou escalando pelo motivo certo? Fiquei muito existencial. O que eu estou fazendo? Eu me coloquei em perigo? Eu coloquei uma outra pessoa em perigo? Eu estou fazendo isso porque eu quero escalar uma grande rocha e é algo grandioso a ser feito? Isto é sobre meu ego? Por que eu escalo? Eu coloquei minha escalada em questão naquela noite, e pensei: isso é ridículo, algo está muito errado aqui (Depoimento de Arthur, Bariloche, 2019)

Também Petrarca em 1353 na sequência de seu estado labiríntico diz:

Enganado assim várias vezes, me sentei em um dos vales. Ali, passando em um voo mental das coisas corpóreas e incorpóreas, dizia a mim mesmo palavras similares a esta: há de saber que o que experimentei hoje em várias ocasiões, na subida deste monte, é o que acontece a você e a muitos, quando se aproxima da vida beata; porém não é tão fácil que os homens o percebam, pois, os movimentos do corpo são visíveis, mas os do espírito permanecem invisíveis e ocultos. Na verdade, a vida que chamamos de beata está situada em um lugar externo, e como dizes, é estreita a vida que conduz a ela. Assim mesmo, se interpõe muitas colinas e é necessário avançar de virtude em virtude, por difíceis degraus. O topo é o final de tudo e o término do caminho que nossa peregrinação se orienta. Ali, todos desejam chegar, porém como disse Nasón: “Querer é pouca coisa, é necessário desejar algo ardentemente para conseguir”. Tu, certamente - a menos que também se engane com isso, como em muitas outras coisas -, não somente quer, mas também anseia. Então o que te prende? Nada, evidentemente, exceto o caminho que atravessa os baixos desejos terrenos e que a primeira vista parece mais simples e livre de obstáculos. No entanto, quando você tiver vagado por um longo tempo, você ascenderá ao topo da vida beata sob o peso de um esforço inoportuno adiado ou você escorregará indolentemente no vale de seus pecados. E se ali te encontrarem - me horrorizo com tal pressentimento - a escuridão e a sombra da morte, sofreria na noite eterna nos tormentos perpétuos (MORRÁS, 2000, p. 30, tradução nossa).

Adentrar aos labirintos de nós mesmos nos obriga a nos digerir, a chegar em nosso centro, assim como disse Guénon na citação já mencionada. Lembremos de nossa herança mítica, exposta no capítulo “A montanha sagrada”. Os antigos representavam de maneira unida o microcosmo e o macrocosmo, assim como podemos ver na representação do cosmos Jainista: Manusyaloka (Imagem 13). A montanha central, Monte Meru, morada dos deuses, é o eixo do mundo e só é ascendida aos puros de coração, em seu cume mora Brahma, que possui um equivalente simbólico, Âtma, que habita o centro do ser humano (GUÉNON, 2017). No conto persa do século XII, os pássaros aprendem no trajeto à montanha sagrada que ao passarem por esse caminho eles próprios haviam se tornado o pássaro lendário que perseguiram (ATTAR, 1991).

Os caminhos dos labirintos que levam ao centro, que aborda Guénon, e a imagem da montanha sagrada, são imagens isomorfas, pois assim como Bachelard diz: “As grandes imagens que expressam as profundezas humanas, as profundezas que o homem sente em si mesmo, nas coisas ou no universo, são imagens isomorfas. Por isso servem tão naturalmente de metáforas umas das outras” (BACHELARD, 2019, p. 133). A montanha representada como centro, ascendida só aos puros de coração, nos diz sobre esse caminho possivelmente labiríntico de erros e acertos, de dúvidas e tensões que os antigos vivenciavam na presença da imensidão da montanha.

Esses mitos são atualizados nos escaladores a cada desencontro, a cada sensação estranha de não encontrar o caminho correto. Não por coincidência, os caminhos até às vias de escalada repetem um ato ancestral. Ao longo das trilhas, para se acessar as vias na montanha, ou para que, uma vez estando no cume, se encontre o ponto de descida da montanha, os escaladores deixam montes de

pedra indicando o caminho: os totens. Aqueles que antes passaram deixam esses totens para os que vem depois não se perderem. Hermes é o deus grego protetor dos viajantes: “Deus da pedra sepulcral, do umbral, do *hérmaion* e das ‘hermas’, guardião dos caminhos, protetor dos viajantes – cada transeunte lançava uma pedra, formando um *hérmaion*, literalmente, lucro inesperado, descoberta feliz proporcionada por Hermes [...]” (BRANDÃO, 2015, p. 77). Assim como sentido pelos gregos, encontrar um totem de pedra na montanha ou um *hérmaion* é realmente uma descoberta feliz, pois nos toma a alegria de estar no caminho correto.

A montanha, esse imenso labirinto natural, nos faz percorrer os labirintos dentro de nós. Lá encontramos com nossos medos, angústias e digerimos a nós mesmos. As respostas que damos aos desafios dos caminhos visíveis são sempre similares, apertamos com mais força as agarras, pressionamos mais nossos pés. Mas as respostas aos caminhos invisíveis do interior são pessoais e distintas. Escalar é tanto um caminho para cima quanto um caminho para dentro. Daí a frase de Nietzsche que usamos em nossa epígrafe ser tão assertiva. “Nós somos a profundidade de todos os picos” (apud BACHELARD, 2001, p. 162).

A montanha, como diz Jean, é só rocha, mas nós nos transformamos em meio à sua imensidão. Escalar a montanha, assim como os simbolismos ancestrais nos mostram, pode se tornar um caminho tortuoso ao centro de si. Desse encontro no caminho podemos buscar a compreensão da imagem da mestra. Essa mestra hermesiana, labiríntica, digestiva e imensa. Finalizo com a frase de Jean: “Tem um ditado que diz: ‘a montanha lhe dá o que você precisa’. Não tenho pistas do que seja, mas você pode não se dar conta por um longo tempo, *mas ela te dá o que você precisa*”. (Depoimento de Jean, Cochamó, 2019, grifo nosso).

Se o caminho para chegar ao cume é interminável, imagina para descer, cansado no final do dia? Claro que se perderam, mas depois de 2 horas perdidos na imensidão do cume rochoso encontraram o ponto de descida e depois de mais 4 horas rapelando, chegaram finalmente ao chão.



Imagem 34 – Escalador no cume do Anfiteatro (Arquivo pessoal de documentação de campo)

O CORPO ÍNTIMO:

Do caos ao cosmos

Os dias que seguiram se revezavam entre repousos nas cascatas cristalinas, escaladas de outras vias, mais repousos, mais dias de chuvas à beira da fogueira, mais escaladas. Tudo regado por muitas histórias e inspirações.

Com o passar do tempo, aquelas montanhas ríspidas e amedrontadoras passaram a lhe trazer aconchego, as trilhas antes dilacerantes passavam agora em um instante. Até a pele de seus dedos, que demoravam dias para renascer depois de uma longa escalada, se recuperava agora em um único dia de descanso. Seu corpo começou a mudar; emagreceu, mas estava nitidamente mais forte. As costas que doíam ao dormir no chão duro já se acomodavam com suavidade sobre o contorno irregular do solo.

Aos poucos até as escaladas ficaram mais fáceis. As movimentações que antes eram novidade já eram feitas com naturalidade, as vias passaram a se tornar conhecidas, e ambos não mais se perdiam ao descer de uma montanha. E mesmo se algo acontecesse, e tivessem de voltar no escuro e cansados, o corpo reconhecia o trajeto e deixava o retorno à barraca sem as aflições de caminhar em terreno incerto.

As pessoas, uma de cada país, cada qual com uma língua diferente, se tornaram grandes amigos. E mesmo sem falar bem qualquer outra língua que não fosse a sua, trocavam incríveis histórias em um dialeto próprio daqueles que tem generosidade na escuta. Com o tempo, aquele lugar amedrontador se tornou sua casa, seu ninho, seu aconchego.

A primeira vez que fui a Cochamó não fui como pesquisador, mas como um jovem, quase um adolescente, sedento por experienciar o mundo da escalada tradicional que recém se apresentava a mim. Subimos o vale com comida para 20 dias com altas expectativas sobre as vias, queríamos fazer render o máximo de escaladas possíveis. Em pouco menos de uma semana desci desesperado. Lembro de ligar para minha companheira e relatar que a montanha queria me matar. As trilhas eram exigentes e as escaladas apavorantes. Queria voltar para casa. Senti-me expulso pela montanha. Lembro de um rapaz que estava em uma barraca ao lado da minha, ele já estava há um mês acampado e pretendia ficar por mais três meses. Ficava me perguntando como ele conseguia passar tanto tempo em um lugar tão assustador. Conheci outras tantas pessoas que já estavam em sua terceira ou quarta vez indo para lá, sempre com estadias

superiores a um mês. Sendo que em muitas delas pegaram chuva constante em todo o período. Não entendia. Como podem passar tanto tempo em um lugar assim? E mesmo voltando depois para o restante dos dias fiquei em dúvida se gostaria de voltar para lá.

Dessa vez voltei como pesquisador, e por cerca de um mês e meio habitei as montanhas chilenas e argentinas, comi sua comida, dormi em suas grutas, bebi a água de seus rios, escalei suas encostas e, o mais importante, convivi intensamente com aqueles que chamam esse lugar de lar. São pessoas que vivem em seus vales permanentemente ou que o frequentam por um longo período repetidamente. Como vimos, a pulsação do vale é algo de grande importância para instigar o desejo do escalador de procurar por lugares tão remotos. Mas para ajustar as pulsações internas e externas é preciso tempo. É preciso uma intensa vivência para se deixar ajustar pelos metrônimos da paisagem. Porém o tempo, essa longa estadia, não é necessário só a um nível rítmico, mas de certo modo fisiológico.

Em uma das oportunidades de escalar na pesquisa de campo, fui com Arthur na via *Todo Cambia*, ambos estávamos nos adaptando com muito custo. Para nós, as montanhas eram muito altas e muito difíceis. Por conta disso acordamos muito cedo para escalar, algo em torno das 4 da manhã, pois deveríamos terminar a via e encontrar os pontos de rapel antes de anoitecer. Assim que o primeiro raio de sol tocou a pedra, começamos a escalar. Depois de aproximadamente duas horas, uma dupla de americanos, Leo e Tim, chegaram a passos calmos. Eles se sentaram em um bloco de pedra do outro lado do cânion e ficaram esperando até que nós subíssemos mais. Assim que julgaram ter uma boa distância, eles iniciaram sua escalada. Três cordadas depois eles já tinham nos alcançado, logo após a passagem de dois grandes tetos de rocha. Eu e Arthur estávamos desfalecendo de cansaço. E ainda estávamos em menos da metade da via.

Arthur estava guiando a próxima parte e eu me encontrava em um platô de pedra lhe dando segurança. Ao chegarem onde estávamos, nos cumprimentamos e me desculpei por estarmos demorando muito. Eles disseram para não se preocupar, pois estavam se divertindo. Cerca de dois minutos depois, um deles visualizou uma possibilidade de fenda para esquerda de onde estávamos. Não era uma via e aparentemente não dava em lugar algum. Mas um deles disse que gostaria de experimentar aquele trecho. Então o outro lhe fez a segurança e ele escalou e desescalou. Disse que era muito bonito, mas que ficava muito difícil depois. Olhou em volta e viu que para baixo, à direita de onde estávamos, havia uma fenda que ele não sabia de onde vinha. Pediu então para que o parceiro o descesse até o começo daquela fenda, para poder escalar aquele trecho. Ele subiu animado, pois tinha achado muito divertido aquele trecho, e este possivelmente se ligava a uma outra via que ele conhecia. Enquanto isso eu lutava para me manter em pé. Assim que Arthur chegou ao final do trecho e preparou minha segurança, eu comecei a escalar. Logo atrás veio um deles, guiando a parte que eu estava passando de

segundo²⁴. Em alguns momentos pude ver o seu movimentar na rocha. Era ágil, porém leve e tranquilo. Ao passo que eu estava me estropiando a cada metro ascendido. Lembro de pensar: parece que eles estão em um parquinho. Certamente não estão escalando a mesma via que eu.

Leo e Tim, que já estavam pela terceira vez no vale, são climb-ranges nas montanhas de um parque nacional nos Estados Unidos. Eles passam o dia monitorando montanhas que possuem alta frequência de escaladores, para assim cuidar tanto do bem-estar humano quanto do ambiente. Nota-se em marcas no próprio corpo a adaptação à vida nesses ambientes. Suas mãos têm a pele grossa, suas passadas e seus movimentos não mostram o peso de um corpo de aprendiz, mas a destreza de um nativo habituado às condições da vida na montanha. Com o tempo pude também sentir parte dessa mudança em meu próprio corpo. Chegar pela primeira vez ao vale do anfiteatro me custou muito, chegava com as pernas tremulas, porém na última vez não senti esse desgaste. Percebi que meu corpo já se movia com agilidade e as passadas pelos terrenos incertos, lodosos ou escorregadios, passaram a ter precisão e acuidade.

Nenhuma imagem de lar é construída sobre um espaço hostil. É natural que aqueles que sofrem com os corpos nitidamente pertencentes à cidade se sintam expulsos ou em uma constante batalha no ambiente de montanha. Porém aqueles que por longos períodos adaptam sua fisiologia à fisiologia do ambiente, dão um primeiro passo para transmutar imagens de batalha em imagens de acalanto. Para pertencer às montanhas é necessário, entre outras coisas, que seu corpo não seja de um estrangeiro, mas transforme-se gradativamente no corpo de um nativo. Porém não confundamos o corpo nativo somente com um corpo forte. Não é somente sobre a força muscular que falo, mas sobre uma *incorporação* do ambiente. O corpo assim como diz Merleau-Ponty “[...]é um nó de significações vivas, e não a lei de um certo número de co-variantes” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.210). O corpo nativo é um corpo moldado por um contato intenso com o ambiente. Como exemplo, Tuan diz: “Um marinheiro tem um modo peculiar de andar porque sua postura está adaptada ao movimento do navio em alto-mar” (TUAN, 2013, p.224). É além de uma força muscular instigada pelos relevos da terra, um entendimento corporal do toque, da vista, do olfato em sensações próximas e conhecidas, discretas e confortáveis, assim como a sensação de calçar um velho par de chinelos (TUAN, 2013).

Incorporar o ambiente é trazer o ambiente para dentro de si, modificar-se, é uma transmutação física, de sentidos. Aos poucos, deixando-se transformar por esse ambiente, o escalador não o reconhece mais como uma vista bonita a qual ele é um ser externo. Ele se reconhece no ambiente e reconhece o ambiente em si. Seu corpo, sua gestualidade, suas ações não demonstram confronto, mas pertencimento (Imagem 35). Para isso ele deixa a perspectiva de um visitante:

24 O escalador que vai de segundo não está exposto a queda, pois sua segurança está sendo realizada pelo escalador que se encontra acima de sua posição.

Em geral, podemos dizer que somente o visitante (e especialmente o turista) tem um ponto de vista; sua percepção frequentemente se reduz a usar seus olhos para compor quadros. Ao contrário, o nativo tem uma atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade de seu meio ambiente. (TUAN, 1980, p. 72)

O escalador por vezes não é um nativo genuíno²⁵, mas no convívio intenso com o ambiente e com aqueles que lá vivem, aproxima sua existência à do local. Porém há de se fazer um adendo: o corpo do escalador estrangeiro nunca será o corpo de um nativo genuíno, que herda os traços da terra em seu próprio corpo, seus traços culturais de uma herança genética. Porém tampouco são corpos de visitantes, pois tem uma relação complexa de pertencimento ao lugar. Assim sendo passarei a chamá-lo de *corpo íntimo*. Justifico: no dicionário da língua portuguesa, íntimo é um adjetivo que significa:

Relativo a ou que compõe a essência de algo; que se origina ou existe no âmago de uma pessoa; relativo a ou que tem lugar nos recantos da mente ou da alma; a quem se é estreitamente unido por afeição e confiança. [...] Diz-se de ambiente que proporciona aconchego e proximidade física (ÍNTIMO, 2020).

Uma pessoa íntima é aquela cujo corpo não lhe é estranho. Não é, todavia, o mesmo corpo, é um corpo distinto, mas cuja ausência lhe é sentida como uma falta. O toque da pessoa que lhe é íntima não lhe é adverso, é uma confortável sensação de união. O corpo íntimo é aquele que a essência é transformada, é um corpo unido ao local por afeição e confiança. É um corpo que sente o ambiente como aconchegante, acolhedor. Para as imagens de lar se constituírem é necessário que o corpo do escalador seja um corpo íntimo com a montanha. Entre outras coisas, é importante ressaltar que por esse ponto de vista, um corpo não nasce íntimo, ele se torna íntimo. É como a imagem de Antoine de Saint-Exupéry, um pouco gasta, mas ainda potente: é preciso que primeiro catives para que a beleza se distinga entre todas as belezas (SAINT-EXUPÉRY, 2009).

Porém nem todos escaladores são assim, alguns se aproximam do que Tuan chamou de visitantes, não por considerarem o local só uma vista, mas por um outro aspecto do corpo íntimo que iremos agora abordar. Paul coloca:

Escalar é uma das coisas que podem ser muito focado na pessoa. Nos meus anos de experiência de trabalhar aqui, chegam todos os tipos de escaladores. E tem alguns que são perdidos, que tem um grande ego, são maníacos, eles perdem a ideia de responsabilidade (Depoimento de Paul, Cochamó, 2019).

Porém ele próprio identifica uma possível mudança.

25 Há os escaladores locais que nasceram na terra onde escalam.

Há muitos anos atrás eu estava: eu preciso ficar mais forte, eu preciso fazer essa via, eu, eu, eu. Acho que é parte de crescer, se você cresce, você começa a perceber a evolução, tem que ser mais. Mais do que algo focado no círculo de si mesmo (Depoimento de Paul, Cochamó, 2019).

Evoluir para Paul é sair do circo de si. A tradição ocidental influenciada por uma visão eurocêntrica de mundo deixa marcas nas inspirações humanas. Assim como vimos ao discutir o marco axial, a escalada foi por um longo período palco de um pensamento colonizador. As pessoas iam para as montanhas para conquistá-las. E a conquista é sempre sobre um território estrangeiro. É ir para terras que não são minhas e dominá-las não só fisicamente, mas com meus ideais de mundo²⁶. Desse pensamento vemos os escaladores irem para realizar suas conquistas pessoais, ou como diz Paul “eu, eu, eu”. Esses entrarão em batalha com um ambiente hostil e adverso à sua vontade. Se fundam sobre o mito de narciso, que passa dias a reverenciar sua própria imagem. Eles já chegam na montanha obstinados, o seu objetivo já foi traçado antes mesmo de chegarem ao local. Chegam com pensamentos colonizadores de conquista e poder. Porém assim como diz Paul: tem que ser mais, se você crescer, começa a perceber a evolução. Ângela e Paul relatam que devido à alta frequência do local, alguns escaladores construíram um banheiro para que os caminhantes não contaminassem o leito dos rios. “[...] foram quatro ou cinco escaladores que levaram grandes e pesadas ferramentas lá pra cima para fazer um enorme e profundo buraco, e eles estavam em uma viagem de férias para escalar, e estavam contribuindo com o ambiente” (Depoimento de Paul, Cochamó, 2019). Ângela foi uma das escaladoras que participou da construção, logo depois, os moradores da região estavam fazendo um churrasco e os convidaram para celebrar juntos o cuidado com a terra. Não se trata aqui de um moralismo ecológico. É como coloca Ferreira Santos: “O sentimento de pertença faz com que deixe de ser apenas um ‘ocupador’ do espaço-tempo para ser, a própria pessoa, parte da natureza ambiente em sua fusão cognoscente e simbólica” (FERREIRA SANTOS, 2015, p. 199). A fusão cognoscente com o ambiente possibilitada pelo corpo íntimo, o torna parte do ambiente e o ambiente parte de si, levando naturalmente a um instinto de auto preservação. Pois assim como os povos antigos compreendiam, a terra é parte de si. Ferir a terra é ferir a si próprio.

Ângela relata esse momento de mudança em sua última viagem a Cochamó:

Acho que mudou minha perspectiva sobre a escalada, eu era obcecada com graus e fazer coisas difíceis o tempo todo, escalar as mais longas vias, mas agora é mais sobre as pessoas que eu passo um tempo junto, se conectar com esse lugar, a história desse lugar, as pessoas que vivem aqui, foi uma viagem especial (Depoimento de Ângela, Cochamó, 2019).

26 Terras estrangeiras não são somente terras de um outro país, mas terras estrangeiras a minha experiência. Nesta visão posso ter uma terra estrangeira em meu território nacional.

Incorporar o ambiente, transformar o corpo estrangeiro em um corpo íntimo, não é somente sobre as alterações físicas no corpo, mas de inspirações para viver. À medida que vamos nos familiarizando com o ambiente, com a cultura e com as marcas simbólicas, vamos os trazendo para dentro de nós, por uma vivência mítica. Ou como coloca Ferreira Santos:

Quanto mais intensa a fruição na arquitetura simbólica dos espaços (suas disposições, símbolos, grafias, usos, marcas e superfícies gastas) mais o tempo se profundiza no diálogo de ressonâncias míticas, em sua arché-tessitura. Quanto mais profunda a experiência do singular, mais nos aproximamos do universal” (FERREIRA SANTOS, 2015, p. 214).

Quanto mais nos abrimos às experiências, mais nos deixamos transformar para além da fisiologia, dos desejos, das imagens inspiradoras. As preocupações egóicas e individuais se dissolvem. Assim como coloca Arthur: “Quando você está na montanha, todo mundo aqui esquece todo o resto e tudo se torna mais profundo, todos param de pensar, ainda tem ego, mas muito parece que se dissolve e as pessoas ficam muito abertas umas com as outras” (Depoimento de Arthur, Bariloche, 2019).

Ao caminhar as longas trilhas que marcam um isolamento, ao se sentir ritmado com a pulsação do local, ao ouvir as histórias no pé da montanha, ao se sentir impotente perante aos deuses do tempo, ao vivenciar o medo da queda e os silêncios contemplativos, o escalador passa por uma experiência mítica, e como tal é um transformador de energia psíquica, assim como explica Ferreira Santos:

[...] por se tratar de um transformador de energia psíquica, é que o mito (ou complexo de cultura na concepção bachelardiana) necessita da fruição no conjunto arquitetônico do patrimônio histórico-ambiental, ou arqueológico, ou psíquico-social. O seu passado alarga ainda mais o presente na medida em que nos insere nos meandros e centros subterrâneos da produção de sentidos. O tempo dilata-se e ao mesmo tempo, condensa-se, pois que o espaço se abre. O mesmo se aplica à paisagem arquetípica de nossa subjetividade. (FERREIRA SANTOS, 2015, p. 214)

Fazer parte do ambiente é deixar que as experiências míticas o atravessem e o transformem, aprofundando a experiência através dos tempos. O corpo íntimo é o corpo transformado por essas experiências, que ao longo de toda existência humana, levaram pessoas a se apaixonar por esses lugares, em uma paixão tamanha que fazem da montanha seu lar. Por vezes mesmo aqueles que chegam com ideais colonialistas para conquistar território estrangeiro, acabam se transformando na relação. Assim como relata Ângela.

Acho que muda. Acho que é fácil você vir pra esses lugares e só procurar algo para escalar, algo para tirar desses lugares, para mim, eu comecei a sentir um grande senso de cuidado com a montanha, esses lugares que eu viajo, esses lugares que eu conheço,

o lugar, as pessoas, não só escalar e ir embora, mas realmente passar um tempo para conhecer o lugar e poder sentir um senso de responsabilidade (Depoimento de Ângela, Cochamó, 2019).

Susanoo no xintoísmo, Poseidon na cultura grega, são os deuses dos mares e das tempestades. São aqueles a quem devemos pedir permissão. As montanhas para os povos antigos são locais sagrados assim como nos mostram as oferendas e as revelações divinas em meio à elas, conforme mencionado no capítulo “a montanha sagrada”. Mesmo sem conhecer as narrativas antigas, os escaladores que se permitem transformar pelo ambiente repetem os ritos, os discursos e os diálogos de povos que viviam nas montanhas durante toda existência humana. Não por uma coincidência, mas pela experiência existencial no ambiente provocar uma vivência mítica transformadora. Estar em contato intenso com o ambiente transforma as imagens inspiradoras. O instigar deixa de ser ‘adentrar um ambiente hostil para conquistá-lo’, mas para ‘adentrar no território sagrado e aprender com ele’. Assim vemos surgir as imagens de lar e de mestra, atreladas ao arquétipo da grande mãe, tal e qual Pachamama, “[...] a mãe telúrica que, cotidianamente, abriga e desafia seus filhos na tarefa diária de existir” (FERREIRA SANTOS, 2015, p. 198).

Os antigos não conquistam os deuses, não dominam as montanhas, mas se sentem pertencentes a ela. Pois as montanhas fazem parte de seu cosmos. Eliade estudando os povos tradicionais põe que:

O que caracteriza as sociedades tradicionais é a oposição que elas subentendem entre o seu território habitado e o espaço desconhecido e indeterminado que o cerca: o primeiro é o ‘mundo’, mais precisamente ‘o nosso mundo’, o cosmos; o restante já não é um Cosmos, mas uma espécie de ‘outro mundo’, um espaço estrangeiro, caótico, povoado de espectros, demônios, ‘estranhos’ (ELIADE, 2018, p. 32).

A transformação ocorre, se aquilo que for o espaço de espectros e demônios se transformar em cosmos, ou seja, pertencer ao seu interior sagrado. No capítulo sobre a infância e a montanha, observamos que os escaladores identificam a montanha como sua origem cosmogônica. A montanha, ou seus equivalentes simbólicos, habitam as imagens de infância. Isso não significa que eles viveram efetivamente nas montanhas, mas que identificam a montanha como origem daquilo que são. Essa diferença se torna fundamental para o entendimento da vontade dos escaladores de permanecerem em ambiente inóspito. Para os escaladores que invertem as imagens guerreiras nas imagens de mestra ou lar, a imagem do inóspito perde sentido. O inóspito só habita os olhos daqueles que reconhecem o lugar como território estrangeiro.

Na primeira vez indo para Cochamó, eu era um estrangeiro com desejos estrangeiros. Escalar o máximo, o mais longo e o mais difícil, não importando quem lá vivesse, qual o clima, ou quais as características do lugar. Permanecer por meses e regressar todos os anos parecia ser inconcebível. Mas para aqueles que encontram no vale “[...] as imagens bem simples, as ima-

gens do espaço feliz” (BACHELARD, 1978, p. 196), cosmicizam o espaço, o tornam um lugar (BACHELARD, 1978; FERREIRA SANTOS, 2015; TUAN, 1980, 2013), assim como vimos ao estudar os mecanismos topofílicos, no capítulo “a infância e a montanha”.

Dessa compreensão podemos identificar uma inversão de imagens. Da conquista ao pertencimento, do inóspito ao lar. No filme “El mono de Cochamó”, a epígrafe inicial é uma frase de Martin: “Me escape de la ciudad y me da miedo de volver” (PASTENE, 2015), escapei da cidade e me dá medo voltar. Também vemos essa inversão nos relatos de Bell aqui já citados:

[...] é terrível quando você volta para cidade e se engancha em voltas. É como: você tem um período de paz e tranquilidade, vem com toda energia da montanha, calmo e de repente ui, tudo está girando muito rápido. Não sei o que passou. Isso não está bom. (Depoimento de Bell, Bariloche, 2019).

A cidade muitas vezes é vista como espaço do caos, povoado de seres estranhos e espectros. Meu anfitrião em Bariloche disse que me levaria para conhecer qualquer montanha ou lago da região, somente “à mitre”, principal rua de comércio turístico da cidade, que não iria de maneira alguma. Para alguns escaladores a inversão é tamanha que a cidade passa a ser o ambiente caótico e hostil.

Essa inversão topofílica, amar o lugar, é tão potente que por vezes muda efetivamente a vida dos escaladores: Mauricio é biólogo, mas abandona a carreira e se torna guia de escalada no Brasil, morando como ele mesmo define “na roça de Minas Gerais”. Judith e Walter são guias no Alaska, passam três meses em um refúgio nas montanhas e um na cidade. Thomas, apesar de ter diploma em engenharia, é guarda-parque no Alaska. Martin trabalha como faz-tudo no camping em Cochamó. Jean e Ângela são professores de esportes outdoor nos Estados Unidos. David deixou a carreira em tecnologia e Bell em engenharia química e foram trabalhar como professores de escalada. Paul abriu um camping em Cochamó para viver próximo das montanhas. Tim e Sam são climb-rangers na Califórnia. Simone estudou agricultura orgânica na graduação e assim que se formou partiu sozinha em uma viagem para os locais de escalada dos Estados Unidos, mas parou no primeiro, e lá começou a trabalhar com turismo, para ficar próxima às montanhas. Hannah está na África do Sul estudando conservação ambiental²⁷. George vive em uma van rodando pelos pontos de escalada nos Estados Unidos, trabalha de três a seis meses por ano e, assim que junta dinheiro suficiente, vai para as montanhas e só volta para cidade quando o dinheiro acabar. Estes, entre outros exemplos, daqueles que, instigados pelas imagens de lar vinculadas à montanha, mudaram suas vidas para transformar a montanha em um lar efetivo.

27 Judith, Walter, Leo, Tim não foram entrevistados, mas estavam nos locais da pesquisa de campo. Também utilizamos nomes fictícios para preservar suas identidades.

A montanha deixa de ser um espaço estrangeiro de conquista, e passa a ter potência íntima do ninho. Diz Bachelard: “O ninho, como toda imagem de descanso, de tranquilidade, associa-se imediatamente à imagem da casa simples. Da imagem do ninho a imagem da casa ou vice-versa, as passagens só se podem fazer sob signo da simplicidade” (BACHELARD, 1978, p.261). Viver nos vales remotos dentro da barraca ou embaixo de um bloco rochoso é viver sob signo da simplicidade. A vida na montanha é o retorno à vida simples. Isso não quer dizer sem conflitos, sem desafios. Mas viver na montanha é sempre um retorno aos espaços felizes da simplicidade. Ou como diz Simone:

É uma vida que me agrada mais, é uma vida mais simples, tem que se alimentar, tem que se proteger do sol, tem que dormir e isso é tudo. Não há multas, não há dramas com as pessoas [...]. As relações entre as pessoas, e as responsabilidades das pessoas são muito mais claras aqui [...]. (Depoimento de Simone, Bariloche, 2019)

A escalada permite acessar esses lugares, ser um escalador é, segundo os entrevistados, fazer parte de uma comunidade com interesses parecidos, e esses interesses muitas vezes se associam à simplicidade do ambiente. A montanha não é sinônimo de luxúria, de extravagância, há de se carregar tudo que for comer, vestir e se abrigar, por isso não há exageros. Se os escaladores fazem uma construção, não será de uma mansão, e sim de um abrigo. Não há energia elétrica, a força do trabalho é o contato direto do esforço humano sobre a matéria. É a pedra carregada de dia que servirá de barreira do vento pela noite. É como o velho ditado, que instaura o símbolo da felicidade simples: ter só o que se pode carregar. Para encontrar o lar nas montanhas é necessário encontrar o ninho dentro de si, que faz da simplicidade, a origem das felicidades.

Estar em profundo contato com o ambiente de montanha, com suas marcas simbólicas, faz um corpo estrangeiro se tornar um corpo íntimo, um corpo com uma corporalidade distinta, com desejos distintos, com alegrias associadas à vida simples na montanha. Um corpo que encontra correspondências no ambiente em que se insere. A vida intensa no ambiente altera as imagens axiais dos escaladores. Se o espaço de conquista se tornar um lugar de pertencimento, o arquétipo do cetro e do gládio (DURAND, 2012) se transmutarão em ninho e mestra, a montanha deixa de ser inóspita, deixa de ser território estrangeiro para ser parte do que se é.

Quando a temporada chegou ao fim, os dois combinaram de se encontrar em determinado horário para partirem para casa. Porém na hora marcada o menino apareceu sem suas mochilas. Vendo a cena, o mestre conteve um sorriso:

- Pois então?

- Mestre, não voltarei contigo. Disse o menino com um semblante preocupado.

- É mesmo?

- Conversei com as pessoas do camping, disseram que posso ficar e trabalhar aqui.

- E por quê queres ficar?

- Não sei, sinto que aprendo aqui, quando olho para essas montanhas, para esse vale, não sei explicar, é como se pertencesse a este lugar. É estranho, parece que já estou aqui por muito mais tempo.

- Não é estranho. O mestre abriu finalmente o sorriso na face enrugada pelo tempo.

- Me entendes?

- Sim.

- Achas que é boa decisão?

- Por que não seria?

O menino sorriu, deu um grande abraço em seu mestre, e o viu partir com a certeza de que se encontrariam novamente.



Imagem 35 – Escalador Paulo caminhando. (Arquivo pessoal da documentação de campo)

EPÍLOGO:

Amor, a-mors, não morte

A meu grande amigo, Amaral.

Por que aquilo que mais amamos é aquilo que também tira da gente as pessoas mais queridas?

Que motivação eu terei pra embarcar novamente nessas grandes escaladas e nas exposições da montanha? Será que vale me arriscar?

Eu não quero trazer mais notícias tristes pra casa. Essas perguntas me martelaram a cabeça depois de sua perda,

‘MANIN’.

Perdi momentaneamente a gana de escalar. As paredes já não me encantavam, sentia a exposição, e a falta de motivação, sentia uma estranha sensação que aquilo não era meu lugar (pelo menos no momento).

Ao baixar e desabafar com uns escaladores, um escalador americano me disse algo simples mas que me fez pensar muito sobre este turbilhão de emoções que eu, você, Amaral e muitos outros escaladores sentem.

Ele disse mais ou menos : “Isso é amar. É no nosso amor que vivenciamos nossas maiores alegrias e nossas maiores dores. O amor oferece essa discrepância de sentimentos.”

De fato, essas palavras me tocaram.

O que eu, o que você Amaral, o que o Mr. Bean, e o que tantos outros amigos escaladores fazem é amar profundamente. Somos grandes românticos, sem dúvida. Vemos a escalada de uma montanha como uma grande odisseia, onde enfrentamos, digna de mitologias. Criamos uma aventura onde nós somos o protagonista, e temos de enfrentar nossas emoções mais frágeis como o medo, e o amor. Por isso sofremos, choramos, vibramos, sorrimos, desesperamos pra ir embora, desesperamos pra voltar. Assim como um adolescente apaixonado, somos, de novo, esses eternos românticos da linha vertical.

Afinal, o que nessa vida faz sentido? De que vale tudo isso?

Minha resposta A essas perguntas, Amaral é: A vida faz muito sentido pra aqueles que se entregam. Tudo vale quando a pulsação do coração é verdadeira. No final o que conta é isso, quanto amor você deu a aquilo que você acreditou, para se tornar esta pessoa genuína e verdadeira.

Obrigado, manin, my hero, Amaral!

(Publicado em rede social pelo Escalador João Marcos Siqueira Silva.)

Após concluir a primeira parte da pesquisa de campo em Bariloche, tenho a notícia de que dois brasileiros haviam desaparecido nas montanhas de El Chaltén, entre eles um conhecido de montanha. Eles estavam tentando escalar o Monte Fritz Roy, uma escalada alpina. Na cidade mais próxima ao povoado de Cochamó, encontro um amigo escalador, parceiro de escalada de um dos desaparecidos. Ele não estava mais querendo escalar e assim expôs seu dilema: “Como a coisa que eu mais gosto na vida mata meu amigo?”. Entre o turbilhão de emoções que sentia, escreveu o texto desta epígrafe e gentilmente permitiu sua publicação neste trabalho.

E como seria possível finalizar este trabalho sem trazer essas palavras tão potentes? As estruturas antropológicas do imaginário propostas por Durand (2012) são estruturadas como respostas à angústia existencial, os regimes diurno ou noturno, segundo o autor, são posturas diante da consciência da finitude humana. E essa consciência pode se dar “[...] *quando um ser querido morre*, quando um inimigo falece sob sua arma, quando ela própria experimenta a proximidade dessa finitude ao ter parte do corpo gravemente ferida ou quando acometida de uma doença” (FERREIRA SANTOS; ALMEIDA, 2012, p. 64, grifo nosso). A morte daqueles que em nada me significam viram estatísticas, viram números, não me dizem respeito. Ao contrário, a morte do ser amado não pode jamais ser esquecida. E como bem lembrou Ferreira Santos em minha banca da qualificação, por esse motivo o rito funerário aparece com grande importância em todas as civilizações do mundo. O rito funerário, entre outras coisas, ameniza para os vivos a dor da perda de um ente querido.

Aqueles que já vivenciaram a morte do ser amado, sabem o peso que tem o engrama do amor cravado em sua essência. Nunca essa perda se tornará uma imagem qualquer. Ela sempre terá o peso do amor que existiu. Só existe dor porque se amou. O amor é uma pulsão primordial. O ninho, o refúgio, a queda, a perda e a morte só adquirem as proporções que expomos neste trabalho, se há amor. E do latim, amor, a-mors, não-morte. Bem disse o poeta escalador: “Assim como um adolescente somos de novo esses eternos românticos da linha vertical”. Escalar nada mais é do que esse eterno apaixonar-se. É uma paixão pelas montanhas, pelos amigos, pela natureza, é apaixonar-se pela vida. E para amar verdadeiramente é preciso arriscar-se. Aquele que não se permite estar vulnerável perante ao ser amado, não ama verdadeiramente. Para amar, no mais profundo de seu significado, é necessário pôr-se a nu. É necessário despir-se da segurança de não se machucar, todo amante corre o risco da dor da perda. Segundo João: “isso é amar verdadeiramente”.

Ao que parece, não é a morte que inspira os escaladores, ou uma busca pelos riscos, é a não-morte, o amor. É a vida em toda sua plenitude, com tudo que se deriva dela. Viver intensamente é sofrer, é chorar, é sorrir e admirar. É encontrar potência nas alegrias simples. Beber a água do rio, dormir embaixo de uma pedra, estremecer perante à imensidão da montanha. Escalar é amar a vida em todos os seus sentidos e não negar as dificuldades como parte da existência. É existir em plenitude. Com suas faces positivas ou negativas. E assim, por vezes, a morte aparece. A escalada adquire essa estrutura dramática, pois é uma intensificação da vida. Como toda vida em plenitude adquire tal estrutura de sensibilidade. O drama pulsiona a vida. Todo poeta o sabe. O amor ressoa na perda, o calor ressoa no frio, a vida ressoa na dor.

Por esse motivo que as imagens como: os escritórios, as grandes metrópoles e os centros comerciais, são constantemente lembrados pelos escaladores por suas cargas negativas. A escalada é uma negação da morte simbólica da falta de amor pelo mundo. É não abster-se dos prazeres do amor, pela segurança do previsível. Nesse direcionamento podemos entender a aceitação do risco. Não uma busca por ele, mas aceitá-lo como parte do todo. No sentido do ensinamento Sufi, trazido por Rubira (2015, p. 107):

Um dia, andando na selva, um homem encontrou um tigre feroz. Ele correu para salvar sua vida, perseguido pelo tigre.

O homem chegou à beira de um precipício, e o tigre estava quase o alcançando. Sem opção, ele se agarrou a uma parreira com suas duas mãos, e desceu.

No meio do precipício, olhou para cima e viu o tigre no topo, arreganhando os dentes. Ele olhou para baixo, e viu outro tigre, rugindo e esperando sua chegada. E ficou preso entre os dois.

Em seguida, apareceram dois ratos sobre o precipício, um branco e outro preto. Como se não tivesse com preocupações suficientes, os ratos começaram a roer a parreira.

Sabia que se os ratos continuassem a roer, chegaria um ponto em que a parreira não poderia suportar seu peso, causando sua queda. Tentou espantar os ratos, mas eles voltavam e continuavam a roer.

Neste momento, ele observou um morangueiro crescendo na parede do precipício, não muito longe dele. Os morangos pareciam grandes e maduros. Segurando-se na parreira com apenas uma das mãos, com a outra colheu um morango.

Com um tigre acima, outro abaixo, e com os ratos continuando a roer a parreira, o homem comeu o morango e achou-o absolutamente delicioso.

Os vales montanhosos passam a abrigar esse romântico modo de existência, é encontrar Shangri-lá, Shambhala, ou qualquer outro espaço mítico significativo do resguardo de uma felicidade. Esses lugares remotos, na experiência do escalador, delimitam o espaço protegido para se romantizar o mundo sem as agonias da morte simbólica, a perda do amor. São os vales montanhosos que provocam o ser, onde os escaladores vivem os romances verticais. Nesses vales uma outra dimensão da vida é protegida e conservada pelas histórias ao pé da montanha e pelas vivências míticas em suas encostas. São nesses vales que os escaladores se deparam com os significados dos deuses do tempo, sentindo na pele o ritmo das imagens. Também é pendurado nas delicadas fissuras em meio à imensidão rochosa que o pulsar ascensional, entre sístoles e diástoles, entre movimentos tensionadores e os silêncios a-pronominais, ganham potência. E tudo isso é sempre regado de boas companhias que são partes constituintes dessa experiência. E assim, vivendo esses lugares romanticamente, eles podem se modificar física e simbolicamente, e com um corpo íntimo da montanha, os escaladores transformam esses vales em lar, no lugar protegido e resguardado das agonias da temporalidade. Escalar é, na visão desse trabalho, viver as imagens da montanha, se agarrando às poéticas do espaço, e não sucumbindo à morte, não a morte física, mas à morte simbólica, a falta de amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação pretendeu descrever as imagens presentes na experiência do escalador, tentando responder a seguinte questão: Quais imagens presentes na experiência do escalador, de escalada tradicional, o inspiram na relação com o mundo?

Para responder essa questão adotamos um olhar fenomenológico de pesquisa. Através de uma densa descrição do fenômeno, buscamos compreender tais imagens. Para isso, nos debruçamos arduamente no referencial teórico da fenomenologia da imagem bachelardiana, assim como na imaginação simbólica de Gilbert Durand. Estabelecemos os primeiros passos do trajeto de pesquisa com base nesses referenciais e nas pesquisas exploratórias de relatos publicados. Entretanto não perdemos de vista que tal construção se daria ao longo do processo, assim como explicitamos no capítulo dos trajetos metodológicos. Para estruturar o nosso entendimento sobre o fenômeno, construímos no capítulo “aprendendo a se encondar” todos os delineamos necessários para apurarmos nosso olhar. Primeiramente sobre nosso entendimento da teoria do imaginário. Depois, com a leitura da literatura sobre a escalada, contestamos algumas formulações históricas sobre o marco axial da escalada, adicionando reflexões da hermenêutica de Paul Ricoeur, assim como noções da teoria do imaginário. Desse modo pudemos ampliar o entendimento sobre a escalada dando abertura para a interpretação simbólica das montanhas sagradas. Para isso, nos amparamos nos estudiosos da religião: René Guénon, Mircea Eliade e Heinrich Zimmer. Ainda definindo os contornos da pesquisa, estipulamos o que estávamos compreendendo sobre a escalada tradicional, recorte realizado para dar profundidade às reflexões. E por fim delimitamos nessa primeira parte, que os desejos ascensionais não estão restritos à idade ou maturidade técnica, e que as vivências do escalador propiciam uma cosmogonia própria estruturantes do ser.

Mas o caminho que escolhemos percorrer não teria o desenvolvimento aqui apresentado sem a vivência intensa com os escaladores no ambiente de montanha. Somente com este longo e profundo contato pudemos vislumbrar tais reflexões. Foi compartilhando um desejo em comum com os escaladores que pude refletir sobre a sedução pelas montanhas. Foi abrigado sob o teto de amigos, que senti a potência da cultura da escalada, o conhecido dentro do desconhecido. Foi no arder de minhas pernas, e no suor dos rostos de meus companheiros que comecei a vislumbrar a força dos portais simbólicos que delimitam um espaço protegido. E ao contemplar a paisagem e ouvir os relatos dos entrevistados, fui me dando conta do ritmo das imagens. Quando a chuva caiu e pude sentir o movimentar dos corpos no *fogón*, entendi um pouco mais sobre os deuses do tempo ancestrais e sua imponente sobre o fluir da vida.

Ao ouvir histórias e mais histórias, nas entrevistas ou nas rodas de conversa, senti meu corpo alterar, senti a força da narração e só então pude ligar os pontos entre a transmissão oral de saberes e a cultura da escalada tradicional. Ouvindo o discurso e sentindo a intercorporei-

dade entre os parceiros de longa data, ou sentindo o pavor em meu corpo por um amigo que se expunha aos desafios da montanha, compreendi melhor a magnitude desta relação. Também, vivenciando a ascensão das paredes verticais junto aos companheiros de jornada, pude precisar o pulsar dinâmico das imagens, revezadas entre sístoles e diástoles, que transpassam o corpo no momento ascensional. E, sentado na imponente presença da imensidão da montanha e do mundo, pude compreender melhor essa potência na fala e no silêncio dos escaladores.

Apurei também minha compreensão sobre a montanha mestra, como nunca em minha vida de escalador havia sido capaz. E foi entendendo a imagem da mestra, que pude começar perceber a relação do corpo com as imagens de confronto ou de pertença aos vales montanhosos. E por fim foi permitindo apaixonar-me que entendi o amor dos escaladores pela montanha. De certo essas compreensões não foram tão simples, mas foi nesse emaranhado vivo entre as teorias acadêmicas e as vivências na montanha, que esse texto foi construído. Para isso, os entrevistados deixaram de ser um outro, um ser estranho a ser desvendado, para serem reais companheiros de jornada. Desse modo os significados expostos neste trabalho não pretendem-se isentos. Foram sim constituídos por mim e minha singularidade, mas só foram possíveis porque essa singularidade encontrou ressonâncias nos corpos daqueles que viveram juntos a experiência. Tal e qual pretende-se a jornada interpretativa que nos propusemos percorrer.

Lembramos que apesar de poder haver similaridades, essas imagens foram resultado de uma pesquisa específica da escalada tradicional, e, como tal, não podemos prever desdobramentos para as outras modalidades da escalada. Este pode ser um campo a ser pesquisado por aqueles que quiserem se aventurar nessa jornada. Aprofundamentos na própria escalada tradicional são também possíveis e necessários para a ampliação do conhecimento. Essa pesquisa, como abordamos nos trajetos metodológicos, é impregnada da temporalidade em que foi escrita e de minha própria personalidade como pesquisador.

Assim finalizo esse trabalho, que pretendeu-se a uma descrição fenomenológica da experiência do escalador de escalada tradicional, evidenciando suas imagens inspiradoras. Esperamos ter contribuído para uma maior compreensão da motivação desses seres apaixonados, que se lançam à uma aventura. E que encontram significados profundos e atemporais na experiência mítica da vida nos vales montanhosos.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. A poética do Espaço. In: PESSANHA, J. A. M. (comp.). **Bachelard**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 185-354. (Os Pensadores).
- BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BACHELARD, G. **A psicanálise do fogo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BACHELARD, G. **A intuição do instante**. 2. ed. Campinas: Verus, 2010.
- BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013a.
- BACHELARD, G. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013b.
- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.
- BACHELARD, G. **A terra e os devaneios do repouso**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.
- BECK, S. **Com unhas e dentes**: O mundo da escalada. São Paulo, 1995.
- BEEDIE, P. A history of mountaineering tourism. In: MUSA, G.; HIGHAM, J.; THOMPSON-CARR, A. (ed.). **Mountaineering Tourism**. New York: Routledge, 2015. p. 40-54.
- BONI, V.; QUARESMA, J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.
- BRANDÃO, J. de S. **Mitologia Grega**. 26a ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- CABER, M.; ALBAYRAK, T. Push or pull? Identifying rock climbing tourists' motivations. **Tourism Management**, [s. l.], v. 55, p. 74-84, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.tourman.2016.02.003>. Acesso em: 13 fev. 2020.
- CERUTI, M. C. Elegidos de los dioses: identidad y estatus en las víctimas sacrificiales del volcán Lullailaco = Chosen of the gods: Identify and status in the sacrificial victims from the Lullailaco volcano. **Boletín de Arqueología PUCP**, [s. l.], n. 7, p. 263-275, 2003.
- CHISHOLM, D. Climbing like a Girl: An Exemplary Adventure in Feminist Phenomenology. **Hypatia: A Journal of Feminist Philosophy**, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 9-40, 2008.

COSTA, V. L. M. O sagrado nos esportes de aventura e risco na natureza. In: VOTRE, S. (org.). **Imaginário e representações sociais em educação física, esporte e lazer**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2001. p. 163-171.

DAFLON, F.; DAFLON, C. **Escale melhor e com mais segurança**: Manual de técnicas de escalada. 4. ed. Rio de Janeiro: Companhia da Escalada, 2016.

DELL, C. **Mitologia**: um guia dos mundos imaginários. São Paulo: Edições SESC, 2016.

DUIITS, R. Mountaineering, Myth and the Meaning of Life: psychoanalysing alpinism. **Journal of the Philosophy of Sport**, [s. l.], v. 47, n. 1, p. 33-48, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00948705.2020.1715227>. Acesso em: 21 mar. 2020.

DURAND, G. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

DURAND, G. **A Fé do Sapateiro**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

DURAND, G. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 2014.

ELIADE, M. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1996.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

FARIA, P. **A escalada brasileira**. Rio de Janeiro: Companhia da Escalada, 2017.

FELIPE Camargo conquista a mítica via ‘Gancho Perfecto’ (9a+!!), na Espanha. **Go Outside-O melhor da vida outdoor**, 29 ago. 2018. Disponível em: <http://gooutside.com.br/felipe-camargo-conquista-a-mitica-via-gancho-perfecto-9a-na-espanha/>. Acesso em: 20 jun. 2019.

FERREIRA SANTOS, M. O ancestral: entre o singular e o universal. In: AMARAL, M. Do; CARRIL, L. (org.). **O hip-hop e as diásporas africanas na modernidade**. São Paulo: Alameda, 2015.

FERREIRA SANTOS, M.; ALMEIDA, R. **Aproximações ao imaginário**: Bussola de investigação poética. São Paulo: Képos, 2012.

FORTES, L. R. S. **O iluminismo e os reis filósofos**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

HARMATAN: Escaladas brasileiras no Sahel. Direção: Eliseu Frechou. Imagens: Eliseu Frechou; Marcio Bruno de Oliveira; Edemilson Padilha; Fernando Leal. Trilha sonora: Walbert Almeida da Cruz; Omar Cissé. Brasil; Mali, 1996-2012. 1 vídeo (20 min). Disponível em: <https://vimeo.com/48478986>. Acesso em: 002 abr. 2018.

- FRISON-ROCHE, R.; JOUTY, S. **Histoire de l'alpinisme**. Paris: Arthaud, 2017.
- GIANNOTTI, S. **Dar forma é formar-se: processos criativos da arte para infância**. Orientadora: Marina Célia Morais Dias. 2008. 235 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- GUÉNON, R. **Símbolos Fundamentais da Ciência Sagrada**. São Paulo: IRGET, 2017.
- GUÉNON, R. **El simbolismo de la cruz**. Barcelona: Obelisco, 1987.
- HACKEROTT, M. A. **Devaneio e Movimento na Experiência de Velejar**. Orientadora: Soraia Chung Saura. 2018. 116 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Socioculturais e Comportamentais em Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esportes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- HERZOG, M. **La Montaña**. Barcelona: Labor, 1956.
- HEYWOOD, I. Urgent dreams: Climbing, rationalization and ambivalence. **Leisure Studies**, [s. l.], v. 13, n. 3, p. 179-194, 1994.
- HEYWOOD, I. Climbing monsters: Excess and restraint in contemporary rock climbing. **Leisure Studies**, [s. l.], v. 25, n. 4, p. 455-467, 2006.
- HOBBSAWM, E. J. E. **A era das revoluções: 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- HOWE, L. A. Remote Sport: Risk and Self- Knowledge in Wilder Spaces. **Journal of the Philosophy of Sport**, [s. l.], v. 35, n. 1, p. 1-16, 2008.
- ÍNTIMO. In: MICHAELIS: Dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2020.
- JAHN, A. Excursionismo y Alpinismo: historia de su evolución. **Boletín de la Sociedad Venezolana de Ciencias Naturales**, [s. l.], v. 39, 1939.
- KIEWA, J. Rewriting the heroic script: Relationship in rockclimbing. **World Leisure Journal**, [s. l.], v. 43, n. 4, p. 30-43, 2001.
- KIEWA, J. Traditional climbing : metaphor of resistance or metanarrative of oppression ? **Leisure Studies**, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 145-161, 2002.
- KOWNACKI, M. L. **Between two souls: Conversation with Ryokan**. Michingan: Eerdman Pub Co, 2004.
- LOST Horizon. Direção: Frank Capra. Estados Unidos: Sony Pictures, 1937. 1 vídeo (132 min). Disponível em: <https://www.microsoft.com/pt-br/p/horizonte-perdido/8d6kgwz15f40?activetab=pivot%3aoverviewtab>. Acesso em: 17 out. 2019.

MAFFESOLI, M. **O Instante Eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. 1. ed. São Paulo: Zouk, 2003.

MAFFESOLI, M. Perspectivas tribais ou a mudança do paradigma social. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 23, p. 23-29, 2004.

MARINHO, A. Lazer, Aventura e Risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Movimento Revista de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, 2008.

MERLEAU-PONTY, M. **A Prosa do Mundo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **Visível e Invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

MISHKA Ishi, 13, Becomes Youngest Ever to Send V15!. **Rock and Ice**, [s. l.], 30 maio 2019. Disponível em: <https://rockandice.com/climbing-news/mishka-ishi-13-becomes-youngest-ever-to-send-v15/>. Acesso em: 20 jun 2019

MORRÁS, M. **Manifiestos del humanismo**. Barcelona: Península, 2000.

PEREIRA, D. W. **Escalada**. São Paulo: Odisseus, 2007.

PITTA, D. P. R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. 2. ed. Curitiba: CRV, 2017.

REMOTO. In: DICIO: Dicionário online de português. Porto: 7graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/remoto/>. Acesso em: 18 abr. 2020.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**: O tempo Narrado. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

ROCHA, R. **Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1976.

RUBIRA, F. de P. **Dançando com o Minotauro nas Noites**: Narração de estórias e formação humana. Orientador: Marcos Ferreira-Santos. 2015. 296 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SAURA, S. C. O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 163-175, 2014.

SAURA, S. C.; ECKSCHMIDT, S.; ZIMMERMANN, A. C. Ensaio sobre um princípio fenomenológico da imagem : as árvores e as crianças. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s. l.], v. 33, p. 9-13, 2019.

SAURA, S. C.; MEIRELLES, R. Brincantes e Goleiros: considerações sobre o brincar e o jogo a partir da fenomenologia da imagem. In: CORREIRA, W.R; MUGLIA-RODRIGUES, B. (org.). **Educação Física no Ensino Fundamental**: da inspiração à ação. São Paulo: Fontoura, 2015. p. 51-61.

SCHIMID, S. E. **Climbing**: Philosophy for everyone. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2010.

SEGANFREDO, C. **Mitologia Japonesa**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2011.

SILVA, R. A. A. **Viola caipira e seus ponteios no imaginário popular**. Orientadora: Soraia Chung Saura. 2019. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

TUAN, Y. **Topofilia**: Um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar**. Londrina: Eduel, 2013.

WIDE Boyz Charm the “Black Mamba” (5.14b), Possibly Their Hardest Roof Crack Yet. **Rock and Ice**, [s. l.], 15 abr. 2019. Disponível em: <https://rockandice.com/climbing-news/wide-boyz-charm-the-black-mamba-5-14b-possibly-their-hardest-roof-crack-yet/>. Acesso em: 20 jun. 2019.

WUNENBURGER, J.-J. **O imaginário**. São Paulo: Loyola, 2007.

WUNENBURGER, J.-J. Da Imaginação Material à Geopoética em Gaston Bachelard. In: RIBEIRO, S. M. P.; ARAÚJO, A. F. (org.). **Paisagem, Imaginário e Narratividade**. 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2015.

ZIMMER, H. **Mitos e Símbolos na Arte e Civilização da Índia**. São Paulo: Palas Athena, 1989.

ZIMMERMANN, A. C. **Ensaio sobre o movimento humano**: Jogo e Expressividade. Orientadora: Ida Mara Freire. Co-orientador: Marcos José Müller-Granzotto. 2010. 199 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

ZIMMERMANN, A. C.; SAURA, S. C. Corpo e espanto na filosofia de Merleau-Ponty. In: NÓBREGA, T. P. Da; CAMINHA, I. de O. (org.). **Merleau Ponty e a Educação Física**. São Paulo: LiberArs, 2019. p. 119-132.

ZIMMERMANN, A.; SAURA, S. Body, environment and adventure: experience and spatiality. **Sport, Ethics and Philosophy**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 155-168, 2017.

ZNAMENSKI, A. **Red Shambhala**: magic, prophecy, and geopolitics in the heart of asia. Wheaton: Quest books, 2011.

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL

1. DADOS DO INDIVÍDUO

Nome completo _____

Sexo Masculino
 Feminino

RG _____

Data de nascimento _____

Endereço completo _____

CEP _____

Fone _____

e-mail _____

2. RESPONSÁVEL LEGAL

Nome completo _____

Natureza (grau de parentesco, tutor, curador, etc.) _____

Sexo Masculino
 Feminino

RG _____

Data de nascimento _____

Endereço completo _____

CEP _____

Fone _____

e-mail _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. Título do Projeto de Pesquisa

Escalada e Imaginário: Investigações Filosóficas a partir da Fenomenologia da Imagem

2. Pesquisador Responsável

Ana Cristina Zimmermann

3. Cargo/Função

Professora

4. Avaliação do risco da pesquisa:

RISCO MÍNIMO RISCO BAIXO RISCO MÉDIO RISCO MAIOR
(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

5. Duração da Pesquisa

1 (um) ano

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO INDIVÍDUO OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA, DE FORMA CLARA E SIMPLES, CONSIGNANDO:

1. Você participará de uma pesquisa que tem por objetivo identificar o imaginário do escalador de escalada tradicional através de sua vivência na montanha. Este estudo irá auxiliar no melhor entendimento das questões filosóficas das motivações do escalador na montanha.

2. Você responderá a uma entrevista com perguntas abertas descrevendo sua experiência na escalada. Caso autorize, sua imagem e voz serão captados por uma câmera pequena para registro de seu depoimento, que será posteriormente transcrito para análise. Você receberá a transcrição de seu depoimento podendo solicitar alteração ou retirada de trechos de sua fala antes das análises.

3. Esta pesquisa possui risco mínimo e o único desconforto que você pode sentir está associado a possíveis recordações indesejadas oriundas de suas memórias na escalada.
4. Você não terá despesas nem receberá qualquer tipo de recompensa financeira pela sua participação nesta pesquisa, contudo receberá um relatório com os principais resultados decorrentes do estudo.
5. Ao participar da pesquisa não há procedimentos alternativos que possam ser vantajosos para você.

IV - ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA:

1. Você terá acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas;
2. Você tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade da assistência;
3. Você tem assegurada a salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade de suas informações pessoais fornecidas durante a pesquisa. Os registros estarão disponíveis apenas para os pesquisadores envolvidos no estudo. Os resultados obtidos nesta pesquisa poderão ser publicados com fins científicos e acadêmicos, mas sua identidade será mantida em sigilo.
4. Você será acompanhado para assistência no HU, HCFMUSP ou hospital público mais próximo por eventuais danos à saúde, decorrentes da pesquisa.

V - INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS.

Pesquisador Responsável

Ana Cristina Zimmermman
Av. Prof. Mello Moraes, 65 - Cidade Universitária
CEP: 05508-030 - São Paulo – SP
Telefone +55 (11) 3091-8785
e-mail: ana.zimmermman@usp.br

Pesquisador Co-Responsável

Eric Sioji Ito
Av. Engenheiro Heitor Antônio Eiras Garcia, 79 apto83D – Jd. Bonifiliori.
CEP:05588-000 São Paulo – SP – Brasil.
Telefone +55 (11) 99627-2839
e-mail: eric.ito@usp.br

VI. - OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – USP
Escola de Educação Física e Esporte- USP
Cidade Universitária, São Paulo-SP
CEP 05508-030
Telefone: (11) 3091-3097

VII - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.

São Paulo, ____/____/____

Assinatura do sujeito da pesquisa
ou responsável legal

Assinatura do pesquisador
(carimbo ou nome legível)